

The background of the cover is a photograph of a castle perched on a rocky cliff overlooking a large body of water. The sky is filled with colorful, dramatic clouds in shades of blue, purple, and orange, suggesting a sunset or sunrise. The castle has multiple towers with conical roofs and flags. The water reflects the colors of the sky.

UMA  
CARGA  
DE  
VALOR

LIVRO #6 DA SÉRIE: O ANEL DO FEITICEIRO

MORGAN RICE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Uma **C a R G a** de **V A L O R**

(LIVRO #6 DA SÉRIE: O ANEL DO FEITICEIRO)

Morgan Rice





## Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

## **Crítica aclamada sobre Morgan Rice**

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"Rice faz um trabalho magnífico ao atrair você para a história desde o início, utilizando uma grande qualidade descritiva que transcende a mera imagem do cenário... Muito bem escrito e de uma leitura extremamente rápida."

--*Black Lagoon Reviews* (referindo-se a *Turned*)

"Uma história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um bom trabalho, dando uma interessante reviravolta na trama... Refrescante e original. As séries giram em torno de uma garota... Uma jovem extraordinária!... Fácil de ler, mas com um ritmo de leitura extremamente acelerado... Classificação 10 pelo MJ/DEJUS."

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Turned*)

"Captou a minha atenção desde o início e eu não pude soltá-lo... Esta é uma história de aventura incrível que combina agilidade e ação desde o início. Você não encontrará nela nenhum momento maçante."

--*Paranormal Romance Guild* (referindo-se a *Turned*)

"Carregado de ação, romance, aventura e suspense. Ponha suas mãos nele e apaixone-se novamente."

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

"Uma ótima trama, este é especialmente o tipo de livro que lhe dará trabalho soltar à noite. O final é tão intrigante e espetacular que fará com que você queira comprar imediatamente o livro seguinte, só para ver o que acontecerá."

--*The Dallas Examiner* (referindo-se a *Loved*)

“Um livro que é um rival digno de CREPÚSCULO (TWILIGHT) e AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS (VAMPIRE DIARIES) e que fará com que você deseje continuar lendo sem parar até a última página! Se você curte aventura, amor e vampiros este é o livro ideal para você!”

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

“Morgan Rice mais uma vez mostra ser uma narradora extremamente talentosa... Esta narrativa atrairá uma grande variedade de público, incluindo os fãs mais jovens do gênero vampiro/fantasia. Terminou com uma situação de suspense tão inesperada que o deixará chocado.”

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Loved*)





Livros de Morgan Rice

**O ANEL DO FEITICEIRO**

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

**TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA**

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

**DIÁRIOS DE UM VAMPIRO**

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)





[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Amazon !](#)









[Ouça](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)  
[Audible](#)  
[iTunes](#)





Copyright © Morgan Rice 2014

Todos os direitos reservados. Exceto os permitidos, sujeitos à Lei de direitos autorais dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida; distribuída; ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio; ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a prévia autorização da autora.

Este e-book é licenciado unicamente para seu usufruto pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Caso você deseje compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia extra para cada uma delas. Se você estiver lendo este livro sem o haver comprado, ou o mesmo não foi adquirido para seu uso exclusivo, por gentileza, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigada por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação da autora ou são utilizados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A imagem da capa é de Sergii Votit e usada sob licença da Shutterstock.com.





# CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)





“Muito antes de morrer, morre o covarde;  
só uma vez o homem forte prova a morte.”

--William Shakespeare

*Júlio César*



## CAPÍTULO UM

Gwendolyn estava de bruços na grama, sentindo a fria brisa do inverno roçar sua pele nua e quando seus olhos se abriram gradualmente, o mundo distante voltou a estar em foco. Ela tinha estado em algum lugar longínquo em um campo radiante, banhado pela luz do sol e coberto de flores. Thor e seu pai estavam ao lado dela, todos eles riam e estavam felizes. Tudo era perfeito no mundo.

Mas agora, enquanto ela abria os olhos lentamente, o mundo diante dela não poderia ser mais diferente. O chão era duro e frio e ali, de pé, acima dela, incorporando-se lentamente, não era o seu pai quem estava, nem tampouco Thor, mas sim um monstro: McCloud. Depois de ter se saciado com ela, ele se levantou lentamente, abotoou sua calça e olhou-a com um olhar satisfeito.

Tudo voltou à mente de Gwendolyn com a rapidez de um raio. Sua rendição a Andronicus. A traição dele. Ela sendo atacada por McCloud. As bochechas de Gwen ficaram vermelhas quando ela percebeu como tinha sido ingênua.

Gwen ficou ali deitada, seu corpo estava todo dolorido, seu coração estava despedaçado; nunca em sua vida ela desejou tanto morrer, como naquele momento.

Gwendolyn abriu os olhos ainda mais e viu o exército de Andronicus, dezenas de soldados, todos eles assistindo à cena, sua vergonha aumentou ainda mais. Ela nunca deveria ter se rendido àquela criatura; ela desejou que, em vez disso, ela tivesse morrido lutando. Ela deveria ter escutado Kendrick e os outros. Andronicus tinha apelado à sua vocação de sacrifício e ela tinha se deixado enganar por ele. Ela desejou ter se encontrado com ele durante uma batalha; mesmo que ela morresse; então pelo menos, ela poderia morrer com a sua dignidade e sua honra, intactas.

Gwendolyn sabia com toda a certeza, pela primeira vez em sua vida, que ela estava prestes a morrer. Mas de alguma forma, isso já não a incomodava. Ela não se importava em morrer, ela só se

importava com *sua maneira* de morrer — ela não estava pronta para morrer ainda.

Enquanto Gwendolyn estava deitada lá, de bruços, ela estendeu furtivamente o braço e recolheu um punhado de terra em sua mão.

“Você pode se levantar agora, mulher.” McCloud ordenou rispidamente. “Eu já terminei com você. Agora é a vez dos outros.”

Gwen segurava o punhado de terra com tanta força que seus dedos ficaram brancos, ela rezou para que sua ideia funcionasse.

Em um movimento rápido, ela virou-se e jogou o punhado de terra nos olhos de McCloud.

McCloud não esperava por isso, ele gritou e cambaleou para trás, levantando as mãos para tentar limpar a terra de seus olhos.

Gwen aproveitou o momento. Ela tinha sido treinada pelos guerreiros reais durante sua infância no Castelo do Rei e eles sempre tinham lhe ensinado a atacar uma segunda vez, antes que seu inimigo tivesse uma chance de se recuperar. Eles também tinham lhe ensinado uma lição que ela nunca tinha esquecido: mesmo que ela não estivesse carregando uma arma, ela estava sempre armada. Ela sempre poderia usar a arma do inimigo.

Gwen estendeu a mão, extraiu o punhal do cinto de McCloud, levantou-o bem alto e enfiou-o entre as pernas dele.

McCloud gritou ainda mais alto enquanto tirava as mãos dos olhos e agarrava sua virilha. O sangue escorria entre suas pernas quando ele se abaixou e puxou o punhal, ofegando.

Gwen estava feliz consigo mesma por conseguir desferir o golpe, feliz por ter obtido, pelo menos, aquela pequena vingança. Mas, para sua surpresa, o ferimento que teria derrubado qualquer outra pessoa, não o deteve. Aquele monstro era imparável. Ela o havia ferido gravemente, bem onde ele merecia, mas não o havia matado. Ela não tinha sequer feito com que ele caísse de joelhos.

Em vez disso, McCloud extraiu o punhal, o qual ainda estava pingando sangue e zombou dela lançando-lhe um olhar mortal. Ele começou a descer sobre ela, segurando o punhal com as mãos trêmulas e Gwendolyn sabia que sua hora havia chegado. Pelo menos ela iria morrer com uma pequena satisfação.

“Agora eu vou arrancar o seu coração e alimentar você com ele.” Disse ele. “... Prepare-se para aprender o que a dor realmente significa.”

Gwendolyn preparou-se para o golpe do punhal, preparou-se para sofrer uma morte dolorosa.

Um grito ecoou e depois de um momento chocante, Gwendolyn ficou surpresa ao perceber que o grito não era o dela própria. Era de McCloud; ele estava gritando em agonia.

Gwen baixou as mãos e olhou para cima, confusa. McCloud tinha deixado cair o punhal. Ela piscou várias vezes, tentando entender a visão diante de si.

McCloud ficou ali com uma flecha alojada em seu olho. Ele gritava enquanto o sangue escorria de sua órbita. Ele levantou a mão e agarrou a flecha. Gwen não conseguia entender. Ele havia sido atingido. Mas como? Por quem?

Gwen virou-se na direção de onde a flecha tinha vindo e seu coração disparou ao ver Steffen, ali de pé, segurando um arco, escondendo-se no meio de um enorme grupo de soldados. Antes que alguém pudesse descobrir o que estava acontecendo, Steffen disparou mais seis flechas. Os seis soldados que estavam ao lado de McCloud foram caindo, um por um, as flechas atravessaram a garganta de todos eles.

Steffen se inclinou de volta para continuar disparando, mas finalmente ele foi descoberto e derrubado por um grande grupo de soldados. Eles o sujeitaram e o esmurraram contra o chão.

McCloud, ainda gritando, virou-se e saiu correndo no meio da multidão. Surpreendentemente, ele ainda não estava morto. Ela esperava que ele sangrasse até a morte.

O coração de Gwen se encheu de gratidão por Steffen, mais do que ele jamais saberia. Ela sabia que morreria naquele mesmo dia, às mãos de outra pessoa, mas pelo menos já não seria às mãos de McCloud.

O acampamento de soldados acalmou-se quando Andronicus levantou-se e marchou lentamente até Gwendolyn. Ela ficou ali, observando enquanto ele se aproximava, Andronicus era incrivelmente alto; era como uma montanha em movimento, vindo

em sua direção. Os soldados vinham logo atrás dele enquanto ele chegava mais perto. O campo de batalha estava mortalmente silencioso, o único som que se ouvia era o do vento chicoteando.

Andronicus parou e ficou a alguns metros de distância, avultando-se sobre Gwen e olhando para baixo, sem nenhuma expressão em seu rosto. Ele estendeu a mão e passou os dedos lentamente sobre as cabeças encolhidas de seu colar, um som estranho provinha das entranhas do seu peito e garganta, era como um ronronar. Ele parecia estar irritado e ao mesmo tempo intrigado.

“Você desafiou o grande Andronicus.” Ele disse lentamente, todo o campo escutava cada palavra sua dita com sua voz antiga e profunda. Sua voz ressoou com autoridade e estrondou através das planícies. “Teria sido mais fácil se você tivesse se submetido ao seu castigo. Agora você vai ter de aprender o que é sentir dor de verdade.”

Andronicus se abaixou e desembainhou a maior espada que Gwen já tinha visto. A espada deveria ter mais de dois metros de comprimento, seu ruído metálico característico ecoou por todo o campo de batalha. Andronicus segurou a espada bem alto e girou-a contra a luz, o reflexo era tão forte que encandeou Gwen. Ele examinava a espada enquanto a girava em suas mãos, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

“Você é uma mulher de origem nobre.” Disse ele. “É apropriado que você morra ferida por uma espada nobre.”

Andronicus deu dois passos para a frente, agarrou o punho da espada com ambas as mãos e levantou a espada ainda mais alto.

Gwendolyn fechou os olhos. Ela ouvia o assobio do vento e o movimento de cada folha de grama, então começaram a desfilar por sua mente lembranças aleatórias de sua vida. Ela sentia a conclusão de sua vida, sentia tudo o que ela tinha feito, todo mundo que ela amava. Em suas considerações finais, Gwen pensou em Thor. Ela levou a mão até seu pescoço e apertou o amuleto que ele tinha lhe dado, segurando-o firmemente em seu punho. Ela podia sentir um poder cálido irradiando através dele, daquela antiga pedra vermelha, então ela se lembrou das palavras ditas por Thor quando ele tinha

dado o amuleto para ela: este amuleto pode salvar sua vida. Uma vez.

Ela apertou o amuleto com mais força, ele pulsava na palma da mão dela, Gwen orou a Deus com cada fibra do seu ser.

*Deus, por favor, faze que este amuleto funcione. Por favor, salva-me, Só por esta vez. Permite-me ver Thor novamente.*

Gwendolyn abriu os olhos, esperando ver a espada de Andronicus brilhando sobre ela. No entanto o que ela viu a surpreendeu. Andronicus estava ali, paralisado, olhando por cima do ombro, como se estivesse observando alguém se aproximar. Ele parecia estar surpreso; até mesmo confuso. A expressão do seu rosto era incrivelmente diferente daquela que as pessoas estavam acostumadas a ver.

“Você vai baixar sua arma agora.” Uma voz soou atrás de Gwendolyn.

Gwendolyn ficou eletrizada com o som daquela voz. Era uma voz que ela conhecia. Ela se virou e ficou surpresa ao ver ali, de pé, uma pessoa que ela conhecia tão bem quanto o seu próprio pai.

Argon.

Ali estava ele, de pé, vestido com suas vestes brancas e seu capuz, seus olhos brilhavam com uma intensidade jamais vista, enquanto ele fitava Andronicus. Ela e Steffen jaziam no chão entre aqueles dois titãs. Eram duas criaturas de uma força incrível, uma provinha da escuridão e a outra da luz, de pé uma contra a outra. Gwen quase podia sentir a violenta guerra espiritual acima de sua cabeça.

“É mesmo?” Andronicus respondeu com um sorriso zombeteiro.

Mas Gwen podia ver os lábios de Andronicus tremarem enquanto ele sorria, ela podia ver pela primeira vez, algo semelhante ao medo nos olhos dele. Ela nunca tinha pensado que veria isso. Andronicus devia conhecer bem Argon. E o que ele poderia saber sobre Argon seria suficiente para atemorizar o homem mais poderoso do mundo.

“Você não causará mais nenhum dano à garota.” Disse Argon calmamente. “Você vai aceitar sua rendição.” Disse ele, dando um passo para mais perto, com seus olhos hipnotizantes brilhando.

“Você vai deixá-la se retirar para o seu povo. E você vai permitir que

o seu povo se renda, se eles desejar. Eu só vou dizer isto uma vez. Seria sábio da sua parte aceitar.”

Andronicus encarou Argon e piscou várias vezes, como se estivesse indeciso.

Então, finalmente, ele inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Foi o riso mais alto e mais sinistro que Gwen tinha ouvido, ele preencheu todo o campo, parecia que havia chegado ao mais alto dos céus.

“Os seus truques de feiticeiro não vão funcionar comigo, meu velho.” Disse Andronicus. “Eu sei bem do Grande Argon. Houve um tempo em que você era poderoso. Mais poderoso do que o homem, do que os dragões, que o próprio céu; ou pelo menos isso é o que dizem. Mas o seu tempo já passou. Agora vivemos um novo tempo. Agora estamos na era do grande Andronicus. Agora, você não passa de uma relíquia, um remanescente de outros tempos, de quando os MacGils governavam, de quando a magia era forte, de quando o Anel era imbatível. Mas seu destino está ligado ao Anel. E agora, o Anel é vulnerável. Tal como você.

“Você é um tolo por me confrontar, velho. Agora você vai sofrer. Agora você vai conhecer a força do Grande Andronicus.”

Andronicus fez um gesto de desprezo e levantou novamente sua espada para Gwendolyn, desta vez olhando diretamente para Argon.

“Eu vou matar a garota lentamente, diante de seus olhos.” Disse Andronicus. “Logo depois eu vou matar o corcunda. Em seguida, eu vou mutilar você, mas vou deixá-lo vivo como um símbolo ambulante do poder da minha grandeza.”

Gwendolyn se preparou e se encolheu quando Andronicus baixou a espada sobre a sua cabeça.

De repente, algo aconteceu. Ela ouviu um som, semelhante ao de mil fogos cortando o ar, seguido pelo grito de Andronicus.

Ela abriu os olhos em total descrença para ver Andronicus com o rosto contorcido de dor, soltar sua espada e ajoelhar-se no chão. Ela observou Argon dar um passo adiante e logo depois outro, enquanto mantinha a palma de sua mão voltada para cima, dela emanava uma bola de luz violeta. A bola ficava cada vez maior e envolvia Andronicus enquanto Argon continuava caminhando para a frente

sem nenhuma expressão em seu rosto; ele se aproximava cada vez mais de Andronicus com a palma de sua mão estendida.

Andronicus se enrolou em uma bola no chão, quando a luz o envolveu.

Um suspiro irrompeu entre seus homens, mas nenhum se atreveu a aproximar. Ou eles estavam com medo, ou Argon tinha lançado-lhes algum tipo de feitiço para torná-los impotentes.

“FAÇA COM QUE PARE!” Andronicus gritou, levando as mãos até as orelhas e cobrindo-as. “EU IMPLORO!”

“Você não fará mais nenhum mal à jovem.” Argon disse lentamente.

“Eu não farei mais nenhum mal à jovem!” Andronicus repetia como se estivesse em transe.

“Você vai libertá-la agora e permitir que ela volte ao seu povo.”

“Eu vou libertá-la agora e permitir que ela volte ao seu povo!”

“Você dará ao povo dela a chance de se render.”

“Eu vou dar ao seu povo uma chance de se render!” Andronicus gritou. “Por favor! Eu farei qualquer coisa!”

Argon respirou fundo, e então, finalmente parou. A luz desapareceu de sua mão quando ele baixou lentamente o braço.

Gwen olhou para ele em estado de choque; ela nunca tinha visto Argon em ação, ela mal podia compreender o seu poder. Era como ver os céus se abrirem.

“Se nos encontrarmos de novo, grande Andronicus...” Disse Argon lentamente, olhando para baixo enquanto Andronicus jazia ali no chão choramingando. “... Será no seu caminho para os reinos mais escuros da morte.”



## CAPÍTULO DOIS

Thor lutava no chão enquanto era fortemente imobilizado pelos soldados do Império. Ele assistia impotente enquanto Durs, o homem que ele uma vez havia tido como um irmão levantava sua espada para matá-lo.

Thor fechou os olhos e se preparou, sabendo que sua hora tinha chegado. Ele estava furioso consigo mesmo por ter sido tão estúpido, tão confiante. Seus irmãos o haviam estado enganando o tempo todo, como um cordeiro levado ao matadouro. Pior ainda, como Thor era o líder, os outros rapazes tinham seguido sua orientação. Ele não tinha decepcionado apenas a si mesmo, ele tinha decepcionado todos os outros também. Sua ingenuidade e sua natureza confiante, haviam posto todos eles em perigo.

Enquanto Thorgrin lutava, ele tentou com toda sua alma invocar seu poder, derivar de algum lugar dentro de si, apenas o poder suficiente para se libertar de suas amarras e poder defender-se.

No entanto, por mais que ele tentasse, o poder não surgia. Sua própria força não era suficiente para ajudá-lo a se libertar de todos os soldados que o mantinham preso ao chão.

Thor sentiu o vento acariciar seu rosto enquanto Durs baixava a espada. Ele se preparou para o impacto iminente do aço. Ele ainda não estava pronto para morrer. Em sua mente, ele viu Gwendolyn no Anel esperando por ele. Ele sentiu que a havia decepcionado também.

Thor ouviu um barulho repentino de corpos que se chocavam entre si, ele abriu os olhos e ficou surpreso ao sentir que ainda estava vivo. O braço de Durs estava congelado ali, no ar, seu pulso estava sujeito pela mão de um enorme soldado do império, o qual superava Durs em altura, o que era bastante inusual, tomando em conta a altura de Durs. Ele segurava o pulso de Durs a apenas alguns centímetros de distância de Thor, impedindo que ele o traspassasse.

Durs virou-se para o soldado do Império, com uma expressão de surpresa em seu rosto.

“Nosso líder não quer vê-los mortos.” O soldado murmurou sombriamente para Durs. “Ele os quer vivos. Como prisioneiros.”

“Ninguém nos disse isso.” Durs protestou.

“O acordo era que teríamos de matá-los!” Dross acrescentou.

“Os termos do acordo mudaram.” O soldado respondeu.

“Vocês não podem fazer isso!” Drake exclamou.

“Ah, não podemos?” Ele respondeu sombriamente, voltando-se para ele. “Nós podemos fazer o que quisermos. Na verdade, vocês agora são nossos prisioneiros, também.” O soldado sorriu. “Quanto mais membros da Legião nós tivermos para o resgate, melhor será.”

Durs olhou para o soldado, seu rosto refletia sua indignação, um momento depois, o caos explodiu quando os três irmãos se lançaram contra dezenas de soldados do Império, os quais logo derrubaram e imobilizaram os três irmãos no chão e em seguida amarraram seus pulsos.

Thor aproveitou o caos, virou-se e procurou Krohn. Logo ele o viu a apenas alguns metros de distância, à espreita nas sombras, Krohn permanecia, lealmente, sempre por perto.

“Krohn, ajude-me!” Thor gritou. “AGORA!”

Krohn entrou em ação com um grunhido, voando pelo ar e pousando suas presas na garganta do soldado do Império que estava segurando o pulso de Thor. Thor conseguiu soltar-se enquanto Krohn pulava de um soldado para outro, mordendo e arranhando-os até que Thor pudesse libertar-se e pegar sua espada. Então Thor virou-se e com um único golpe, decepou a cabeça de três deles.

Thor correu para Reece, quem se encontrava mais próximo e apunhalou seu captor no coração, libertando-o e permitindo-lhe desembainhar sua espada e juntar-se à luta. Os dois se espalharam e correram para os seus irmãos da Legião, atacando seus captores e liberando Elden, O’Connor, Conval e Conven.

Os outros soldados estavam distraídos detendo Drake, Durs e Dross e quando eles se viraram e descobriram o que estava acontecendo, já era tarde demais. Thor, Reece, O’Connor, Elden,

Conval e Conven estavam livres e todos com armas nas mãos. Eles ainda estavam amplamente superados em número e Thor sabia que a luta não seria fácil. Mas pelo menos ele sabia que todos tinham uma chance de lutar. Destemidos, todos eles avançaram contra o inimigo, com total entrega.

Os cem soldados do Império atacaram e de repente, Thor ouviu um grito lá no alto do céu, ele olhou para cima e viu Estopheles. Seu falcão desceu voando em picada e arranhou os olhos do soldado líder do Império, o qual caiu no chão debatendo-se. Então Estopheles voltou sua atenção para vários outros soldados, arranhando-os e derrubando-os, um de cada vez.

Enquanto eles avançavam, Thor colocou uma pedra em sua funda e atirou, ele acertou um soldado na têmpora e derrubou-o antes que ele pudesse alcançá-los; O'Connor conseguiu disparar duas flechas e ambas acertaram o alvo com precisão mortal, Elden arremessou uma lança, atravessando dois soldados, os quais caíram aos seus pés. Era um bom começo, mas ainda restava uma centena de soldados para matar.

Eles se encontraram no meio com um grande grito de guerra. Tal como tinha sido ensinado, Thor enfocou-se em um soldado em particular, ele escolheu o maior e mais cruel que poderia encontrar, enquanto erguia sua espada, bem alto. Houve um grande estrondo de metal quando a espada de Thor foi bloqueada pelo escudo do homem, que imediatamente desceu um martelo em direção à cabeça de Thor.

Thor se esquivou e o martelo despencou no solo, então Thor puxou o punhal da cintura e apunhalou o soldado; imediatamente ele caiu morto.

Thor levantou o escudo a tempo de bloquear os golpes de espada de dois atacantes, então ele defendeu-se com sua própria espada, matando um deles. Ele estava prestes a atacar o outro, quando vislumbrou uma espada vindo por trás dele; ele teve de girar ao redor e bloqueá-la com seu escudo.

Thor estava sendo atacado por todos os lados e se encontrava em franca desvantagem numérica. Tudo o que ele conseguia fazer era aparar os golpes que choviam sobre ele. Ele não tinha tempo nem

energia para atacar, somente para defender-se. Os soldados continuavam vindo por ele, cada vez mais.

Thor olhou e viu que os seus irmãos da Legião estavam na mesma situação: cada um deles tinha conseguido matar um ou dois soldados, mas estavam amplamente superados em número, eles tinham pagado um alto preço por isso, já que todos tinham sofrido pequenos ferimentos por todos os lados. Thor poderia dizer que eles estavam perdendo terreno, mesmo com Krohn saltando e atacando e mesmo com a ajuda de Indra, ela pegava pedras e as jogava no grupo de soldados. Seria apenas uma questão de tempo até que todos eles fossem cercados e liquidados.

“Libertem-nos!” Ouviu-se uma voz.

Thor se virou para ver Drake atado com cordas, junto com seus irmãos, a poucos metros de distância.

“Libertem-nos!” Drake repetiu. “E nós vamos ajudá-los a lutar contra eles! Nós lutamos pela mesma causa!”

Thor levantou o escudo para bloquear mais um grande golpe, o qual provinha de um machado de guerra, então ele percebeu que ter mais três pares de mãos ajudaria muito. Sem elas, eles claramente não tinham nenhuma chance de derrotar todos aqueles soldados. Thor não sentia que podia voltar a confiar nos três irmãos, mas naquele momento ele pensou que não tinha nada a perder tentando. Afinal, os três irmãos também tinham motivação para lutar.

Thor bloqueou mais um golpe de espada, em seguida, dobrou os joelhos e rolou por vários metros no meio da multidão, até chegar aos três irmãos. Ele levantou-se e cortou as cordas, uma de cada vez, protegendo-os ao mesmo tempo contra os golpes, enquanto cada um sacava sua espada e metia-se na luta.

Drake, Dross e Durs avançaram contra a multidão espessa de soldados do Império e atacaram desferindo golpes, empurrando e apontando. Cada um deles era grande e habilidoso. Eles pegaram os soldados do Império desprevenidos, matando vários deles imediatamente e incrementando suas probabilidades de êxito. Thor tinha sentimentos encontrados por libertá-los depois do que tinham feito, mas dadas as circunstâncias, parecia ter sido a escolha mais sábia. Havia sido melhor do que a morte.

Agora, havia nove deles contra os oitenta ou mais soldados restantes. As chances ainda eram escassas, mas pelo menos agora eram melhores do que antes.

Os irmãos da Legião recorreram as suas habilidades de treinamento, às práticas inculcadas neles durante a Centena, eles recordaram as inúmeras vezes que haviam sido treinados para lutar enquanto estivessem cercados e em menor número. Eles fizeram tal como Kolk e Brom os tinham treinado: eles recuaram e formaram um círculo apertado e de costas um para o outro, lutavam contra os soldados invasores do Império como uma unidade. Eles foram encorajados pela chegada dos três lutadores extras, cada um recobrou forças e lutou com mais vigor do que antes.

Conval extraiu seu mangual e o fez girar com toda sua extensão golpeando o inimigo vez após vez e conseguindo abater três soldados do Império antes que a corrente fosse arrancada dele. Seu irmão Conven usava uma maça regular, ele apontava para baixo e golpeava as pernas dos soldados com a bola de metal cheia de puas. O'Connor não podia usar seu arco a uma distância tão curta, mas ele conseguiu extrair duas adagas de arremesso de sua cintura e as atirou no meio da multidão, matando dois soldados. Elden empunhou seu martelo de guerra de duas mãos ferozmente, fazendo chover grandes golpes a sua volta. Enquanto isso, Thor e Reece bloqueavam golpes e se defendiam habilmente com suas espadas. Por um momento, Thor estava se sentindo otimista.

Em seguida, Thor detectou com o canto do olho algo que o perturbou. Ele viu um dos três irmãos dar a volta e cruzar todo o círculo da Legião; Thor se virou e viu Durs. Ele estava investindo, mas não investia contra um soldado do Império, Durs avançava diretamente contra ele. Contra Thor. Ele vinha diretamente para suas costas.

Tudo aconteceu muito rapidamente e Thor, quem se achava lutando contra dois soldados do Império diante dele, não pôde virar-se a tempo.

Thor sabia que estava prestes a morrer. Prestes a ser apunhalado pelas costas por um rapaz a quem ele tinha uma vez considerado

como um irmão, por um garoto em quem ele, ingenuamente, confiou duas vezes.

De repente, Conval apareceu na frente de Thor, para protegê-lo.

E quando Durs baixou sua espada, ao invés de encontrar um alvo nas costas de Thor, ele encontrou o peito de Conval. Thor virou-se e gritou: "CONVAL!"

Conval ficou ali, paralisado, seus olhos se arregalaram em um olhar mortal quando ele olhou para a espada mergulhada em seu coração. O sangue jorrava pelo torso dele.

Durs ficou ali, olhando também, igualmente surpreso.

Conval caiu de joelhos, o sangue jorrava de seu peito. Thor assistiu em câmera lenta, quando Conval, um querido irmão da Legião, um garoto a quem ele amava como um irmão, caiu de cara no chão, morto. Tudo isso para salvar a vida de Thor.

Durs ficou de pé por cima dele, olhando para baixo, parecendo chocado com o que tinha acabado de fazer.

Thor avançou para matar Durs, mas Conven chegou primeiro. O irmão gêmeo de Conval correu e brandiu sua longa espada, decapitando Durs, cujo corpo mole caiu no solo.

Thor ficou parado ali, sentindo um enorme vazio por dentro, totalmente destroçado pela culpa. Ele tinha cometido demasiados erros de julgamento. Se ele não tivesse libertado Durs, Conval poderia estar vivo naquele momento.

Com suas costas voltadas para os soldados do Império, os membros da Legião deram-lhes uma oportunidade para atacar. Todos eles irromperam pelo círculo aberto, foi quando Thor sentiu um martelo de guerra golpeá-lo na parte de trás do ombro; a força do golpe o derrubou de cara, no chão.

Antes que ele pudesse levantar-se, vários soldados se lançaram sobre ele; Thor sentia os pés deles chutando suas costas; em seguida, ele sentiu um soldado aproximar-se, agarrar seu cabelo e inclinar-se sobre ele com um punhal.

"Diga adeus, jovem." O soldado disse.

Thor fechou os olhos e ao fazer isso ele sentiu-se transportado para outro mundo.

*Por favor, Deus... Thor disse para si mesmo. Permite-me viver o dia de hoje. Simplesmente dá-me a força para matar esses soldados. Permite que eu possa morrer outro dia, em algum outro lugar, com honra. Permite que eu viva o suficiente para vingar essas mortes. Permite que eu veja Gwendolyn uma última vez.*

Enquanto Thor estava deitado ali, vendo a adaga descer, ele sentia o tempo ficar devagar até praticamente parar. Ele sentiu uma onda repentina de calor subir por suas pernas, torso e braços; a onda percorreu todo o caminho até chegar às palmas das mãos e alcançar as pontas dos dedos, produzindo um formigamento tão intenso que Thor não conseguia nem sequer fechar os dedos. A incrível onda de calor e energia estava pronta para irromper através dele.

Thor girou ao redor, sentindo-se carregado com uma nova força, então ele apontou com a palma da mão para seu atacante. Uma esfera de luz branca emanou da palma da mão e mandou o atacante voando pelo campo de batalha, derrubando vários outros soldados junto com ele.

Thor estava transbordando de energia, ele apontava com as palmas das mãos, para todas as direções no campo de batalha. Enquanto ele o fazia, fochos de luz brancos irradiavam por toda parte, criando ondas de destruição tão rápidas e intensas, que em poucos minutos, todos os soldados do Império jaziam em uma grande pilha, mortos.

Quando o calor do momento arrefeceu, Thor fez um balanço da situação. Ele, Reece, O'Connor, Elden e Conven estavam vivos. Perto dele estavam Krohn e Indra, também vivos. Krohn respirava com dificuldade. Todos os soldados do Império estavam mortos e aos seus pés jazia Conval, sem vida.

Dross estava morto também, a espada de um soldado do Império estava atravessada em seu coração.

O único que restava vivo era Drake. Ele ficou ali, gemendo no chão, com um ferimento no estômago causado pelo punhal de um soldado do Império. Thor marchou até ele quando Reece, O'Connor e Elden o fizeram levantar-se gemendo de dor.

Drake, encolhendo-se de dor, zombou deles com insolência, em seu estado semi-consciente.

“Você deveria ter nos matado desde o início.” Drake disse, enquanto o sangue escorria de sua boca, suas palavras foram cortadas por uma longa tosse. “Você sempre foi muito ingênuo. Muito estúpido.”

Thor sentiu seu rosto corar, ele ficou ainda mais furioso consigo mesmo por acreditar neles. Ele estava furioso, acima de tudo, porque a sua ingenuidade havia resultado na morte de Conval.

“Eu só vou perguntar para você uma vez.” Thor rosnou. “Responda-me com sinceridade, e nós vamos deixá-lo viver. Minta para nós, e você vai seguir o caminho de seus dois irmãos. A escolha é sua.”

Drake tossiu várias vezes.

“Onde está a espada?” Thor exigiu. “Diga a verdade desta vez.”

Drake tossiu vez após vez, então, finalmente, levantou a cabeça. Ele olhou para cima e encontrou os olhos de Thor e seu olhar estava cheio de ódio.

“Neversink.” Drake finalmente respondeu.

Thor olhou para os outros, os quais olharam de volta para ele, confusos.

“Neversink?” Thor perguntou.

“É um lago sem fundo.” Indra interferiu na conversa, dando um passo à frente. “Do outro lado do Grande Deserto. É o lago de maior profundidade que existe.”

Thor franziu o cenho de volta para Drake.

“Por quê?” Ele perguntou.

Drake tossiu, ele estava cada vez mais fraco.

“Ordens de Gareth.” Drake disse. “Ele queria que ela fosse lançada em um lugar do qual nunca pudesse ser recuperada.”

“Mas por quê?” Thor insistiu confuso. “Por que destruir a espada?”

Drake olhou para cima e encontrou os olhos dele.

“Se ele não conseguiu erguê-la...” Drake disse. “Então ninguém mais poderia.”

Thor olhou longa e duramente para ele e finalmente, sentiu-se convencido de que ele estava dizendo a verdade.

“Então o nosso tempo é curto.” Thor disse, preparando-se para ir embora.

Drake abanou a cabeça.

“Você nunca vai chegar lá a tempo.” Drake Disse. “Eles estão vários dias a sua frente. A espada já está perdida para sempre. Desistam e voltem para o Anel e poupem vocês mesmos de tanto sacrifício.”

Thor abanou sua cabeça.

“Nós não pensamos como você.” Ele replicou. “Nós não vivemos apenas para salvar nossas vidas. Vivemos por nossos valores, por nossos códigos. E nós iremos até onde isso nos conduzir.”

“Veja até onde os seus valores trouxeram você até agora.” Disse Drake. “Mesmo com os seus valores, você é um tolo, assim como o resto deles. Seus valores de nada servem.”

Thor olhou com desprezo para ele. Ele mal podia acreditar que tinha sido criado na mesma casa e passado toda a sua infância com aquela criatura.

Os nós dos dedos de Thor ficaram brancos quando ele apertou o punho da espada, querendo mais do que nunca matar o rapaz. Os olhos de Drake seguiam suas mãos.

“Faça isso.” Drake disse. “Vamos, mate-me. Faça isso de uma vez por todas.”

Thor olhou longa e duramente para ele, louco de vontade de matá-lo. Mas ele tinha dado sua palavra. Se Drake contasse a verdade, ele não iria matá-lo. E Thor sempre era fiel a sua palavra.

“Eu não vou matá-lo.” Thor disse finalmente. “Por mais que você mereça. Você não vai morrer por minhas mãos, se eu agisse assim, eu seria tão baixo como você.”

Quando Thor começou a virar-se, Conven correu e gritou:

“Isto é por meu irmão!”

Antes que qualquer um deles pudesse reagir, Conven levantou a espada e traspassou o coração de Drake. Os olhos de Conven se iluminaram com loucura e com pesar, enquanto ele segurava Drake

em um abraço mortal e assistia a queda do corpo inerte de Drake no chão, já sem vida.

Thor olhou para baixo e sabia que a morte de Drake seria de pouco consolo para a perda de Conven. Por toda a sua perda. Mas, pelo menos, era algo.

Thor olhou para a vasta extensão do deserto diante deles e sabia que a espada estava em algum lugar além de suas fronteiras. Ela parecia estar a um planeta de distância. Justo quando Thor pensou que sua jornada estava completa, ele percebeu que ela ainda não tinha nem sequer começado.



## CAPÍTULO TRÊS

Erec estava sentado entre as dezenas de cavaleiros do Duque, no salão de armas dentro do castelo, seguros atrás dos portões de Savária. Todos eles estavam machucados e surrados de seu encontro com aqueles monstros. Ao seu lado estava sentado seu amigo Brandt, o qual segurava a cabeça entre as mãos, tal como faziam muitos outros. O ambiente na sala era triste.

Erec sentia isso também. Cada músculo de seu corpo doía devido àquele dia de batalha contra aqueles monstros, junto com os homens do lorde. Tinha sido um dos dias de batalha mais difíceis que Erec podia lembrar e o Duque tinha perdido muitos homens. Enquanto Erec refletia, ele percebeu que se não fosse por Alistair, ele, Brandt e os outros já estariam mortos.

Erec estava cheio de gratidão a ela, além disso, ele sentia seu amor renovado. Ele também estava intrigado por ela, mais do que já tinha estado. Ele sempre tinha sentido que ela era especial, até mesmo poderosa. Mas os acontecimentos daquele dia tinham lhe confirmado isso. Ele tinha um ardente desejo de saber mais sobre quem ela realmente era e sobre o segredo de sua linhagem. Mas ele havia prometido não intrometer-se e ele sempre mantinha a sua palavra.

Erec mal podia esperar que aquela reunião terminasse, para que ele pudesse vê-la novamente.

Os cavaleiros do Duque tinham estado sentados ali por horas, se recuperando, tentando descobrir o que tinha acontecido e discutindo sobre o que fazer a seguir. O escudo estava inativo e Erec ainda estava tentando concluir quais seriam as derivações que isso poderia ter. Isso significava que Savária agora estava sujeita a ataques; pior ainda, mensageiros haviam chegado e transmitido as notícias da invasão de Andronicus e do que tinha acontecido na Corte do Rei em Silésia. O coração de Erec estava apertado. Seu coração o impelia a estar com seus irmãos do Exército Prata, para defender as suas cidades de origem. Mas ali estava ele, em Savária, onde o destino o

havia colocado. Sua presença era necessária ali também, afinal a cidade e o povo do Duque eram uma parte estratégica do império MacGil e eles também precisavam defender-se.

Mas novos relatórios chegavam constantemente informando que Andronicus enviaria um de seus batalhões ali, para atacar Savária. Erec sabia que os milhões de homens do exército dele logo se espalhariam por cada canto do Anel. Quando isso fosse feito, Andronicus não deixaria nada em pé. Erec tinha ouvido histórias das conquistas dele durante toda sua vida; ele sabia que Andronicus era um homem cruel, sem igual. Pelas simples leis matemáticas, algumas centenas de homens do Duque seriam incapazes de levantar-se contra eles. Savária era uma cidade condenada.

“Eu digo que nos rendamos.” Disse o conselheiro do Duque, um velho guerreiro grisalho que estava sentado meio arriado sobre uma longa mesa retangular de madeira e perdido em uma caneca de cerveja. Ele bateu sua luva de metal contra a madeira e todos os outros soldados se acalmaram e olharam para ele.

“Que escolha nós temos?” Acrescentou. “Nós não somos mais do que apenas algumas centenas, contra um milhão deles.”

“Talvez nós possamos defender, ou pelo menos manter a cidade.” Disse outro soldado.

“Mas por quanto tempo?” Perguntou outro.

“Tempo suficiente para que MacGil envie reforços, se é que podemos aguentar o tempo suficiente.”

“MacGil está morto.” Respondeu outro guerreiro. “Ninguém virá nos ajudar.”

“Mas sua filha vive.” Outro rebateu. “E seus homens também. Eles não nos abandonariam aqui!”

“Eles mal podem defender a si mesmos!” Protestou outro.

Os homens irromperam em murmúrios agitados, todos discutindo entre si, falando uns para os outros, dando voltas e voltas em círculos.

Erec ficou sentado ali observando tudo, sentindo-se esgotado. Um mensageiro havia chegado há algumas horas e tinha dado a terrível notícia sobre a invasão de Andronicus. Além disso, ele recebia naquele exato momento, uma notícia ainda pior: o Rei MacGil havia

sido assassinado. Erec tinha estado longe da Corte do Rei por tanto tempo, aquela era primeira vez que ele recebia notícias. Ao recebê-las, ele sentiu como se um punhal tivesse atravessado seu coração. Ele tinha amado MacGil como um pai e sua perda deixou-o sentindo-se mais vazio do que ele jamais poderia expressar.

A sala ficou em silêncio, o Duque pigarreou e todos os olhos se voltaram para ele.

“Nós podemos defender nossa cidade contra um ataque.” Disse o Duque lentamente. “Com nossas habilidades e a força dessas paredes, podemos aguentar um exército até cinco vezes superior a nós em número, talvez um exército até dez vezes maior que o nosso. E temos provisões suficientes para resistir a um cerco por semanas. Se estivéssemos lutando contra um exército comum, com certeza nós ganharíamos.”

Ele suspirou.

“Mas o Império se jacta de não ser um exército qualquer.” Acrescentou. “Nós não podemos nos defender de um milhão de homens. Seria inútil.”

Ele fez uma pausa.

“Tudo menos render-se. Todos nós sabemos o que Andronicus faz com seus prisioneiros. Eu sei que todos nós vamos morrer de um jeito ou de outro. A questão é se nós morreremos de pé, lutando, ou se morreremos derrotados sobre nossas costas. Eu digo que nós morramos de pé, lutando!”

A sala explodiu em um grito de aprovação. Erec concordava totalmente com aquelas palavras.

“Então só nos resta uma coisa a fazer.” Continuou o Duque. “Nós vamos defender Savária. Nós nunca nos renderemos. Pode ser que morramos, mas todos nós morreremos juntos.”

A sala foi mergulhada em um silêncio pesado enquanto todos acenavam solenemente uns para os outros. Parecia que todos buscavam outra resposta.

“Há outra possibilidade.” Finalmente Erec disse em voz alta.

Ele podia sentir todos os olhos se virarem e olhar para ele.

O Duque assentiu, concedendo-lhe a palavra.

“Nós podemos atacar.” Disse Erec.

“Atacar? ” Os soldados exclamaram surpresos. “Apenas algumas centenas de nós, atacando um milhão de homens? Erec, eu sei que você é destemido, mas você está louco?”

Erec abanou sua cabeça, ele falava sério, muito sério.

“O que vocês não estão levando em conta é que os homens de Andronicus jamais esperariam um ataque. Nós teríamos o fator surpresa a nosso favor. Como vocês bem disseram, sentados aqui, apenas nos defendendo, nós todos morreremos. Se atacarmos, nós poderemos abater muitos mais deles; o mais importante, se atacarmos da maneira certa e no lugar certo, poderemos fazer mais do que simplesmente resistir: nós poderemos até mesmo vencer.”

“Vencer?!” Todos eles exclamaram, olhando para Erec, completamente desnorteados.

“O que você quer dizer?” Perguntou o Duque.

“Andronicus esperará que estejamos aqui, que nós permaneçamos aqui e defendamos a nossa cidade.” Explicou Erec. “Seus homens nunca esperarão que mantenhamos um eventual bloqueio fora dos portões da nossa cidade. Aqui na cidade, temos a vantagem das muralhas fortes, mas lá fora, no campo, nós temos a vantagem da surpresa. E a surpresa é sempre superior à força. Se conseguirmos manter um bloqueio natural, nós poderemos canalizar todos eles para um ponto e, a partir daí, podemos atacar. Eu me refiro à Ravina Oriental.”

“A Ravina Oriental?” Perguntou um soldado.

Erec assentiu com um movimento de cabeça.

“É uma brecha íngreme entre dois penhascos, a única passagem nas montanhas Kavônia, a um bom dia de viagem daqui. Se os homens de Andronicus vierem até nós, a maneira mais direta será através da ravina. Caso contrário, eles vão ter de escalar as montanhas. A estrada do Norte é muito estreita e muito barrenta nesta época do ano, ele perderia semanas. E a partir do Sul, ele teria de atravessar o Rio Fiorde.”

O Duque olhava com admiração para Erec, esfregando sua barba enquanto pensava.

“Você pode estar certo. Andronicus poderia simplesmente levar seus homens através da ravina. Para qualquer outro exército seria

um ato de arrogância suprema. Mas Andronicus com seus milhões de homens, seria muito bem capaz de fazer isso.”

Erec assentiu com um movimento de cabeça.

“Se conseguirmos chegar lá, se é que podemos induzi-los a isso, poderemos surpreendê-los e emboscá-los. Em uma posição como essa, uns poucos homens são capazes de conter milhares.”

Todos os outros soldados olharam para Erec, com algo parecido com esperança e reverência em seus olhos, logo depois, a sala mergulhou em um silêncio espesso.

“Um plano ousado, meu amigo.” Disse o Duque. “Podemos ver que você é um guerreiro corajoso. Você sempre foi.” O Duque fez um gesto para um atendente. “Traga-me um mapa!”

Um rapaz saiu correndo da sala e voltou por outra porta, segurando um grande rolo de pergaminho. Ele o desenrolou em cima da mesa e os soldados se reuniram em torno dele estudando-o.

Erec estendeu a mão e encontrou Savária no mapa, ele traçou uma linha para o Leste com o dedo, parando na Ravina Oriental. Um passo estreito que se encontra rodeado de montanhas, até onde a vista alcança.

“É perfeito.” Disse um soldado.

Os outros concordaram, esfregando a barba.

“Já ouvi histórias de algumas dezenas de homens que detiveram milhares na ravina.” Disse um soldado.

“Isso é história da carochinha.” Outro soldado disse, cinicamente. “Sim, nós contamos com o elemento surpresa. Mas com o que mais? Não vamos ter a proteção de nossas muralhas.”

“Nós teremos a proteção das paredes da natureza.” Outro soldado respondeu. “A dessas montanhas, a centenas de metros de um sólido precipício.”

“Nada é seguro.” Erec acrescentou. “Como o Duque disse, nós podemos morrer aqui, ou morrer lá fora. Eu digo que devemos morrer lá fora. A vitória favorece os audazes.”

O Duque, depois de ficar um longo tempo esfregando sua barba, finalmente balançou a cabeça, recostou-se e enrolou o mapa.

“Preparem suas armas!” Exclamou ele. “Nós partimos esta noite!”

\*

Erec marchava pelo corredor do castelo do Duque, vestido novamente com sua armadura, sua espada balançava em sua cintura, ele dirigia-se para o lado oposto aos demais homens. Ele tinha uma tarefa importante para cumprir, antes de partir para o que poderia ser sua última batalha.

Ele devia ver Alistair.

Desde que havia retornado daquele dia de batalha, Alistair tinha estado aguardando no castelo, ao fundo do corredor em seu próprio quarto, esperando que Erec fosse até ela. Ela estava esperando por um reencontro feliz e o coração de Erec ficou apertado quando ele percebeu que teria de partilhar com ela a má notícia de que ele estaria saindo novamente. Ele sentia uma certa sensação de paz, sabendo que pelo menos ali ela estaria segura, dentro das muralhas daquele castelo. Ele se sentia mais determinado do que nunca a mantê-la segura, a protegê-la do Império. Seu coração doía com a ideia de deixá-la; tudo o que ele desejava era passar o tempo com ela, desde que os dois haviam se comprometido para casar. Mas isso, simplesmente, não parecia estar destinado a ocorrer.

Erec virou a esquina, suas esporas tilintavam e suas botas ecoavam nos corredores vazios do castelo; ele se preparava para o adeus, o qual ele sabia que seria doloroso. Ele finalmente chegou até uma antiga porta arqueada de madeira e bateu suavemente com sua luva.

Ouviu-se o som de passos atravessando a sala e um momento depois a porta se abriu. O coração de Erec se revigorou tal como fazia cada vez que ele via Alistair. Lá estava ela, na porta, com seu cabelo longo e loiro esvoaçante e seus olhos grandes de cristal olhando para ele como uma aparição. Ela parecia ficar mais bonita cada vez que ele a via.

Erec entrou e abraçou-a e ela o abraçou de volta. Ela o abraçou com força por um longo tempo, não querendo soltá-lo. Ele tampouco queria soltá-la. Ele queria mais do que qualquer coisa simplesmente poder fechar a porta atrás dele e ficar ali com ela, durante o tempo que pudesse. Mas isso não era possível.

A calidez e o aconchego dos braços dela davam a ele a sensação de que tudo estava em paz no mundo e ele estava relutante em

soltá-la. Finalmente, ele se afastou e olhou nos olhos dela, eles estavam brilhando. Ela olhou para sua armadura, para suas armas e seu semblante caiu quando ela percebeu que ele não iria permanecer com ela.

“Vai partir novamente, meu senhor?” Perguntou ela.

Erec baixou sua cabeça.

“Parto contra meu desejo, minha senhora.” Ele replicou. “O Império se aproxima. Se eu ficar aqui, vamos todos morrer.”

“E se você morrer?” Perguntou ela.

“Eu certamente morrerei algum dia, de uma maneira ou de outra.” Admitiu ele. “Mas isso pelo menos vai dar a todos nós uma chance. Uma pequena chance, mas uma chance enfim.”

Alistair virou-se e caminhou até a janela, olhando para o pátio do Duque banhado pelo pôr-do-sol, o rosto dela estava iluminado pela luz suave. Erec podia ver a tristeza gravada nele, ele foi até ela, afastou o cabelo de seu pescoço e a acariciou.

“Não fique triste, minha amada.” Disse. “Se eu sobreviver, eu voltarei para você. E então nós estaremos juntos para sempre, livre de todos os perigos e ameaças. Estaremos livres para finalmente viver nossas vidas juntos.”

Ela balançou a cabeça tristemente.

“Eu tenho medo.” Disse ela.

“Do exército que se aproxima?” Ele perguntou.

“Não.” Ela disse voltando-se para ele. “Eu tenho medo de você.”

Erec olhou para ela, confuso.

“Eu tenho medo do que você possa pensar de mim agora.” Disse ela. “Depois que você viu o que aconteceu no campo de batalha.”

Erec abanou sua cabeça.

“Eu não penso em você de forma diferente, de modo algum.” Disse ele. “Você salvou a minha vida e eu estou muito grato por isso.”

Ela balançou a cabeça.

“Mas você também viu um lado diferente de mim.” Disse ela. “Você viu que eu não sou normal. Eu não sou como todo mundo. Eu tenho um poder dentro de mim que eu não entendo. E agora eu

temo que você me considere como uma espécie de monstro. Uma mulher que você já não quer como esposa.”

O coração de Erec ficou partido ao ouvir as palavras dela. Ele deu um passo à frente, tomou as mãos dela firmemente entre as suas e olhou nos olhos dela com toda a seriedade que ele pôde conseguir reunir.

“Alistair.” Disse ele. “Eu a amo com toda a minha alma. Nunca houve uma mulher que eu amasse mais. E nunca haverá. Eu a amo por tudo o que você é. Eu não vejo você de maneira diferente de nenhuma outra pessoa. Seja qual for o poder que você tiver, seja você quem for — mesmo que eu não entenda, eu aceito tudo isso. Sou grato por tudo isso. Eu jurei não me intrometer e vou manter essa promessa. Eu nunca vou lhe perguntar nada. “Seja quem você for, eu a aceitarei tal como você é.”

Ela o fitou por um longo tempo, então lentamente abriu um sorriso e seus olhos se encheram de lágrimas de alívio e alegria. Ela virou-se e abraçou-o, abraçou fortemente, abraçou-o com toda a força que ela tinha.

Ela sussurrou no ouvido dele: “Volte para mim.”



## CAPÍTULO QUATRO

Gareth estava à beira da caverna, observando o sol se pôr enquanto esperava. Ele lambeu os lábios secos e tentou se concentrar, os efeitos do ópio finalmente estavam passando. Ele estava tonto e não tinha bebido ou comido por dias. Gareth pensou novamente em sua ousada fuga do castelo, quando ele se esgueirou pela passagem secreta atrás da lareira e escapou bem antes que Lord Kultin tentasse emboscá-lo, ele sorriu. Kultin tinha sido inteligente em seu golpe, mas Gareth tinha sido mais esperto. Como todo mundo, ele tinha subestimado Gareth; ele não tinha percebido que os espiões de Gareth estavam por toda parte e que ele tinha sido informado sobre sua trama, quase que instantaneamente.

Gareth tinha escapado a tempo, bem antes que Kultin o emboscasse e antes que Andronicus invadissem a Corte do Rei e a devastasse. Lorde Kultin tinha lhe feito um enorme favor.

Gareth tinha seguido as antigas passagens secretas que levavam ao exterior do castelo, elas davam várias voltas abaixo do solo e finalmente o conduziram para fora, para o campo. Ele emergiu em uma vila remota a quilômetros da Corte do Rei. Ele tinha saído perto daquela caverna e tinha se derrubado logo depois de chegar a ela. Ele dormiu durante todo o dia, encolhido e tremendo de frio no ar implacável do inverno. Ele desejou ter trazido mais camadas de roupas.

Desperto, Gareth agachou-se e viu ao longe, uma pequena aldeia agrícola; Havia um punhado de choupanas e a fumaça subia de suas chaminés. Havia soldados de Andronicus por todas as partes, marchando através da aldeia e do campo. Gareth esperou pacientemente até que eles se dispersassem. Seu estômago doía de fome e ele sabia que precisava chegar até uma daquelas casas. Ele podia sentir o cheiro da comida cozinhando, ali mesmo onde estava.

Gareth correu para fora da caverna, olhando para todos os lados, respirando com dificuldade, agitado e com medo. Ele não tinha se exercitado nos últimos anos e estava ofegante com o esforço; isso o

fez perceber o quão magro e doente ele tinha se tornado. O ferimento em sua cabeça, onde sua mãe o tinha atingido com o busto, latejava. Se ele sobrevivesse a tudo aquilo, ele jurou que a mataria com suas próprias mãos.

Gareth correu para a aldeia, ele teve a sorte de escapar de ser detectado pelos poucos soldados do Império, os quais estavam com as costas viradas para ele. Ele correu para a primeira casa que viu, uma casa simples, de um só cômodo, idêntica as demais, um brilho cálido provinha do seu interior. Ele viu uma jovem adolescente, talvez de sua idade, caminhando através da porta aberta com uns pedaços de carne empilhados em um prato. Ela sorria e estava acompanhada por uma menina mais nova que talvez fosse sua irmã e tivesse uns dez anos. Ele decidiu que aquele era o lugar.

Gareth irrompeu pela porta junto com elas, acompanhando-as e batendo a porta atrás de si. Ele agarrou a menina mais nova por trás e passou o braço em volta do pescoço dela. A menina gritou quando Gareth puxou um punhal da cintura e segurou-o contra a garganta dela. A garota mais velha deixou cair o prato de comida.

Ela gritou e exclamou.

“PAPAI!”

Gareth virou-se e olhou ao redor da casa aconchegante, iluminada pela luz de velas e envolta no cheiro da comida. Então ele viu, além da adolescente, a mãe e o pai, de pé ao lado de uma mesa, olhando para ele com os olhos arregalados de medo e raiva.

“Permaneçam atrás e assim eu não a matarei!” Gareth gritou desesperado, afastando-se deles e segurando a jovem firmemente.

“Quem é você?” A jovem adolescente perguntou. “Meu nome é Sarka. O nome de minha irmã é Larka. Nós somos uma família pacífica. O que você quer com minha irmã? Deixe-a em paz!”

“Eu sei quem você é.” O pai olhou para ele em sinal de desaprovação. “Você é o ex-rei. O filho de MacGil.”

“Eu *ainda* sou Rei.” Gareth gritou. “E vocês são meus súditos. Vocês vão fazer o que eu disser!”

O pai franziu o cenho para ele.

“Se você é o rei, onde está seu exército?” Ele perguntou. “E se você é o rei, qual é o seu interesse ao tomar como refém uma jovem

menina inocente, com um punhal real? Talvez o mesmo punhal real que usou para matar o seu próprio pai?” O homem disse com desprezo. “Eu ouvi os rumores.”

“Você tem uma língua afiada.” Gareth disse. “Continue falando e eu mato sua filha.”

O pai engoliu em seco, arregalando os olhos com medo, logo ele ficou em silêncio.

“O que quer de nós?” A mãe gritou.

“Comida.” Gareth disse. “E abrigo. Alertem os soldados de minha presença e eu prometo que matarei a menina. Nada de truques, vocês entendem? Vocês me deixam ficar e ela viverá. Eu quero passar a noite aqui. Você, Sarka, traga-me aquele prato de carne. E você, mulher, atice o fogo e traga-me um manto para cobrir meus ombros. Movam-se devagar!” Alertou ele.

Gareth viu quando o pai acenou com a cabeça para a mãe. Sarka colocou a carne de volta no seu prato, enquanto a mãe se aproximou com um manto grosso e o colocou sobre os ombros dele. Gareth, ainda tremendo, retrocedeu lentamente em direção à lareira, logo o calor do fogo aqueceu suas costas quando ele se sentou no chão ao lado dela, agarrando Larka com força. A menina ainda estava chorando. Sarka aproximou-se com o prato.

“Sente-se no chão ao meu lado!” Gareth ordenou. “Lentamente!”

Sarka fez o que ele pediu com uma expressão carrancuda, ela olhou para sua irmã com preocupação e colocou bruscamente o prato no chão ao lado dele.

Gareth foi dominado pelo cheiro. Ele se abaixou e pegou um pedaço de carne com a mão livre, enquanto segurava o punhal contra a garganta de Larka com a outra mão; ele mastigava e mastigava, fechando os olhos, saboreando cada mordida. Ele mastigava mais rápido do que podia engolir, os pedaços de comida pendiam de sua boca.

“Vinho!” Ele exclamou.

A mãe trouxe-lhe um odre de vinho e Gareth o espremeu em sua boca cheia, sorvendo-o. Ele respirou fundo, mastigando e bebendo, ele estava começando a sentir-se normal de novo.

“Agora solte a menina!” O pai disse.

“De jeito nenhum.” Gareth respondeu. “Eu vou dormir a noite aqui, assim, com ela em meus braços. Ela vai estar segura se eu também estiver. Você quer ser um herói? Ou você quer que sua filha viva?”

Todos os membros da família se entreolharam hesitantes, sem palavras.

“Posso lhe fazer uma pergunta?” Sarka perguntou para ele. “Se você é um rei tão bom, por que você trata seus súditos dessa maneira?”

Gareth olhou de volta para ela, perplexo, então finalmente ele se inclinou para trás e caiu na gargalhada.

“Quem disse que eu era um bom rei?”



## CAPÍTULO CINCO

Gwendolyn abriu os olhos, sentindo o mundo se mover ao seu redor, ela se esforçou para descobrir onde estava. Ela viu-se passando pelos enormes portões de pedra vermelha e arqueados de Silésia, ela viu milhares de soldados do Império que a olhavam com admiração. Ela viu Steffen, caminhando ao lado dela e ela viu como o céu se movia para cima e para baixo. Ela percebeu que estava sendo carregada. Ela percebeu que estava nos braços de alguém.

Ela esticou o pescoço e viu os brilhantes e intensos olhos de Argon. Ela percebeu que estava sendo levada por Argon, Steffen seguia ao seu lado, os três ingressavam livremente pelos portões de Silésia, passavam por milhares de soldados do Império, os quais abriam caminho para eles e os observavam. Eles estavam rodeados por um brilho branco e Gwendolyn podia sentir-se imersa em uma espécie de escudo de energia protetora nos braços de Argon. Ela percebeu que ele estava lançando algum tipo de feitiço para manter todos os soldados sob controle.

Gwen se sentiu confortada, protegida nos braços de Argon. Cada músculo em seu corpo doía, ela estava exausta e não sabia se poderia andar caso tentasse. Seus olhos tremulavam enquanto andavam e ela via o mundo passar por ela em pequenos fragmentos. Ela viu um pedaço de um muro em ruínas; um parapeito desmoronado; uma casa incendiada; uma pilha de escombros; ela via tudo isso enquanto eles atravessavam o pátio e chegavam aos portões mais distantes na borda do Canyon; ela viu-se passando por aqueles portões também e viu os soldados se afastando.

Eles chegaram à beira do Canyon, até a plataforma coberta de puas de metal. Argon aguardou ali e logo a plataforma foi baixada, levando-os de volta para as profundezas da baixa Silésia.

Ao entrarem na cidade baixa, Gwendolyn viu dezenas de rostos, os rostos preocupados e amáveis dos cidadãos de Silésia. Eles assistiam a sua passagem como se fosse um espetáculo. Todos

olhavam para ela com olhares de admiração e preocupação, enquanto ela continuava descendo até a praça principal da cidade.

Quando chegaram ali, centenas de pessoas se aglomeraram ao redor deles. Ela olhou ao redor e viu os rostos familiares de Kendrick, Srog, Godfrey, Brom, Kolk, Atme e de dezenas de homens do Exército Prata e da Legião a quem ela reconheceu. Eles se reuniram em torno dela, via-se a angústia em seus rostos no sol da manhã, a névoa serpenteava pelo Canyon e uma brisa fria a espetou. Ela fechou os olhos, tentando fazer com que tudo desaparecesse. Ela se sentia como um objeto em exibição, sentia que havia sido esmagada até o mais íntimo de seu ser. Ela sentia-se humilhada. Ela sentia que havia decepcionado todos eles.

Eles continuaram passando por todo o povo, pelas ruelas estreitas da cidade baixa, atravessaram outra entrada em arco e, finalmente, chegaram ao palacete da baixa Silésia. Gwen perdeu e recobrou a consciência várias vezes, enquanto entravam em um magnífico castelo vermelho, subiam até um conjunto de escadas, percorriam um longo corredor e atravessaram outra entrada alta e arqueada. Finalmente, uma pequena porta se abriu e eles entraram num quarto.

O quarto estava escuro. Parecia ser um quarto grande, com uma antiga cama de dossel em seu centro. O fogo crepitava em uma antiga lareira de mármore, não muito longe da cama. Vários servos se encontravam na sala e Gwendolyn sentiu quando Argon a levou para a cama, colocando-a suavemente sobre ela. Quando ele fez isso, várias pessoas a rodearam e a olharam com preocupação.

Argon retirou-se, ele deu alguns passos para trás e desapareceu no meio da multidão. Ela o procurou, piscando várias vezes, mas não conseguia mais encontrá-lo. Ele se havia ido. Ela sentiu a ausência de sua energia protetora, a qual havia estado envolvendo-a como um escudo. Ela sentia mais frio, sentia-se menos protegida, sem ele por perto.

Gwen lambeu os lábios rachados e um momento depois sentiu que sua cabeça estava sendo apoiada sobre um travesseiro, logo uma jarra com água foi levada aos seus lábios. Ela bebeu e bebeu,

percebendo o quanto estava com sede. Ela olhou para cima e viu uma mulher cujo rosto era familiar.

Illepra, a curandeira real. Illepra tinha a vista baixa, seus olhos castanhos e suaves estavam cheios de preocupação enquanto ela dava água a Gwendolyn, passava um pano quente sobre sua testa e afastava o cabelo seu rosto. Ela pousou a mão sobre sua testa e Gwen sentiu uma energia curativa fluir através dela. Ela sentiu seus olhos ficarem pesados, logo ela sentiu que eles se fechavam contra sua vontade.

\*

Gwendolyn não sabia quanto tempo tinha passado, até que ela abriu os olhos novamente. Ela ainda se sentia exausta, desorientada. Em seus sonhos, ela tinha ouvido uma voz e agora ela a ouvia novamente.

“Gwendolyn.” Disse a voz. Ela a ouviu ecoar em sua mente e se perguntou quantas vezes haviam chamado o nome dela.

Ela olhou para cima e reconheceu Kendrick, olhando para ela. De pé ao lado dele estava seu irmão Godfrey, junto com Srog, Brom, Kolk e vários outros. Do outro lado dela estava Steffen. Gwen odiava as expressões de seus rostos. Eles olhavam para ela como se ela fosse uma pobre coitada, como se ela tivesse retornado do mundo dos mortos.

“Minha irmã.” Kendrick disse, sorrindo. Ela podia ouvir a preocupação em sua voz. “Diga-nos o que aconteceu.”

Gwen balançou a cabeça, cansada demais para contar tudo.

“Andronicus.” Ela disse, com voz rouca, sua voz não era mais que um sussurro. Ela limpou a garganta. “Eu tentei... render-me... em troca da cidade... eu confiava nele. Estúpida...”

Ela balançou a cabeça vez após vez, uma lágrima rolou pelo seu rosto.

“Não, você é *nobre*.” Kendrick corrigiu apertando-lhe a mão. “Você é a pessoa mais corajosa de todos nós.”

“Você fez o que todo grande líder teria feito.” Godfrey disse dando um passo adiante.

Gwen balançou a cabeça.

“Ele nos enganou...” Gwendolyn disse. “... Ele me atacou. Ele mandou McCloud me atacar.”

Gwen não pôde mais aguentar: ela começou a chorar enquanto falava as palavras, incapaz de conter-se. Ela sabia que isso não era próprio de um líder, mas ela não podia controlar-se.

Kendrick tomou a mão dela entre as suas e a apertou suavemente.

“Eles iam me matar...” Disse ela. “... Mas Steffen salvou-me...”

Todos os homens olharam para Steffen com um novo respeito, ele estava, como sempre, lealmente ao lado de Gwen, com sua cabeça inclinada.

“O que fiz foi muito pouco e muito tarde.” Ele respondeu humildemente. “Eu era um só homem contra muitos.”

“Mesmo assim, você salvou nossa irmã e por isso, estaremos sempre em dívida com você.” Disse Kendrick.

Steffen abanou sua cabeça.

“Eu tenho uma dívida muito maior para com ela.” Respondeu ele. Gwen chorava.

“Argon nos salvou a ambos.” Concluiu ela.

O rosto de Kendrick ficou sombrio.

“Nós vingaremos você.” Disse ele.

“Não é por mim que eu que estou preocupada.” Disse ela. “É pela cidade... pelo nosso povo... Silésia... Andronicus... ele vai atacar...”

Godfrey deu um tapinha na mão dela.

“Não se preocupe com isso agora.” Disse ele, dando um passo à frente. “Descanse. Deixe que nós discutamos essas coisas. Você está segura agora, aqui.”

Gwen sentiu os olhos dela se fechando. Ela não sabia se estava acordada ou sonhando.

“Ela necessita dormir.” Illepra disse, dando um passo à frente com atitude protetora.

Gwendolyn ouvia tudo isso vagamente enquanto se sentia cada vez mais sonolenta. Ela entrava e saía do estado de inconsciência. Por sua mente passavam as imagens de Thor e logo as de seu pai. Ela estava tendo dificuldades para discernir o que era real e o que

era um sonho e ouvia apenas trechos da conversa acima de sua cabeça.

“Que tão sérias são as suas feridas?” Disse uma voz, talvez fosse a voz de Kendrick.

Ela sentiu Illepra pousar a palma da mão em sua testa. E foram dela as últimas palavras que Gwen ouviu, antes que seus olhos se fechassem:

“As feridas do corpo são leves, meu senhor. São as feridas do seu espírito, as mais profundas.”

\*

Quando Gwen acordou novamente, foi ao som de um fogo crepitante. Ela não podia dizer quanto tempo tinha passado. Ela piscou várias vezes enquanto olhava ao redor do quarto escuro. Ela viu que a multidão havia se dispersado. As únicas pessoas que permaneceram foram Steffen, sentado em uma cadeira ao lado da cama; Illepra, que estava sobre ela, aplicando uma pomada no seu pulso e apenas mais outra pessoa. Era um homem idoso e gentil que a olhava com preocupação. Ela quase o reconheceu, mas tinha dificuldade em identificá-lo. Ela sentia-se tão cansada, muito cansada, como se não tivesse dormido há anos.

“Minha senhora?” O homem idoso disse, inclinando-se. Ele segurava algo grande em ambas as mãos, ela olhou para baixo e percebeu que era um livro com uma capa de couro.

“Sou eu Aberthol.” Disse ele. “Seu antigo professor. Está me ouvindo?”

Gwen engoliu saliva e assentiu lentamente, abrindo um pouco os olhos.

“Eu estive esperando horas para vê-la.” Disse ele. “Eu a vi mexer-se inquieta.”

Gwen assentiu lentamente, lembrando-se dele, grata por sua presença.

Aberthol inclinou-se e abriu o grande livro, Gwen podia sentir o peso dele em seu colo. Ela ouviu o farfalhar de suas páginas pesadas enquanto ele as folheava.

“É um dos poucos livros que eu salvei.” Ele disse. “... Antes do incêndio da Casa dos Eruditos. É o quarto volume dos anais dos

MacGils. Você o leu antes. Dentro dele há histórias de conquistas, vitórias e derrotas é claro, mas há também outras histórias. Histórias de grandes líderes feridos. De feridas do corpo e feridas do espírito. Todos os tipos de lesões que possamos imaginar, minha senhora. E eu vim aqui para dizer-lhe isto: até mesmo os melhores homens e mulheres sofreram as formas mais inimagináveis de tratamento, lesões e tortura. A senhora não está sozinha. A senhora é apenas uma partícula da roda do tempo. Há inúmeros outros que sofreram coisas muito piores do que a senhora; muitos que sobreviveram, prosseguiram e se tornaram grandes líderes.

“Não se sinta envergonhada.” Disse ele, agarrando-lhe o pulso. “É isso o que eu quero dizer-lhe. Nunca se envergonhe. Não deve haver nenhuma vergonha em sua pessoa, somente honra e coragem pelo que tem feito. A senhora é tão grande quanto qualquer líder que o Anel já viu. E isso em nada a diminui, de forma alguma.”

Gwen, tocada por suas palavras, sentiu uma lágrima rolar pelo seu rosto. Suas palavras eram exatamente o que ela precisava ouvir e ela se sentia muito grata por elas. Naturalmente, ela sabia e entendia que ele estava certo.

No entanto, ela ainda estava muito afetada emocionalmente e tinha dificuldades para sentir o que ele dizia. Uma parte dela não poderia deixar de sentir que de alguma forma, ela tinha sido afetada para sempre. Ela sabia que isso não era verdade, mas era assim como ela se sentia.

Aberthol sorria enquanto ele segurava um livro menor.

“Lembra-se deste aqui?” Perguntou ele, virando sua capa de couro vermelho. “Era o seu livro favorito de toda a infância. As lendas de nossos pais. Há uma história em particular aqui que eu gostaria de ler para você, para ajudá-la a passar o tempo.”

Gwen estava comovida pelo gesto, mas ela não aguentava mais. Ela balançou a cabeça tristemente.

“Obrigada.” Ela disse, com voz rouca, outra lágrima rolou pelo seu rosto. “Mas eu não posso ouvi-lo agora.”

O rosto dele refletiu sua decepção e em seguida, ele assentiu, entendendo.

“Em outra ocasião.” Disse ela, sentindo-se deprimida. “Eu preciso ficar sozinha. Eu gostaria, por favor, que me deixassem sozinha. Todos vocês.” Disse ela, virando-se e olhando para Steffen e Illepra.

Todos eles se levantaram e fizeram uma pequena reverência, em seguida, se viraram e saíram da sala apressadamente.

Gwen se sentiu culpada, mas ela não podia evitar isso; ela queria enroscar seu corpo como se fosse uma bola e morrer. Ela ouvia os passos de todos atravessando a sala, ouviu a porta fechar-se atrás deles e olhou ao redor para assegurar-se de que o quarto estivesse vazio.

Mas ela se surpreendeu ao ver que não estava: ali estava uma figura solitária, de pé na soleira, ereta, com sua postura perfeita, como sempre. Ela caminhou bem devagar, com seu andar imponente até Gwen, parou a poucos metros de sua cama e olhou para ela, com seu rosto totalmente inexpressivo.

Era sua mãe.

Gwen ficou surpresa ao vê-la parada ali, a ex-rainha, tão imponente e orgulhosa como de costume, olhando para ela com uma expressão mais fria do que nunca. Não havia nenhuma compaixão em seus olhos, nada sequer comparável à compaixão que Gwen encontrou nos olhos de outros visitantes.

“Por que está aqui?” Perguntou Gwen.

“Eu vim aqui para vê-la.”

“Mas eu não desejo vê-la.” Disse Gwen. “Eu não quero ver ninguém.”

“Eu não me importo o que você quer.” Disse sua mãe, indiferente e confiante. “Eu sou sua mãe e eu tenho o direito de vê-la quando eu quiser.”

Gwen sentiu a velha raiva contra sua mãe arder; ela era a última pessoa que ela queria ver naquele momento. Mas ela conhecia bem sua mãe e sabia que ela não iria embora antes de dizer tudo o que tinha em mente.

“Então diga o que quer.” Disse Gwendolyn. “Fale e me deixe em paz de uma vez por todas.”

Sua mãe suspirou.

“Você não sabe disso.” Disse a mãe. “Mas quando eu era jovem e tinha sua idade, eu fui atacada da mesma forma que você.”

Gwen olhou-a chocada; ela não tinha ideia.

“Seu pai sabia disso...” Sua mãe continuou. “... E ele não se importou. Ele se casou comigo mesmo assim. Na época, era como se meu mundo tivesse acabado. Mas não acabou.”

Gwen fechou os olhos, sentindo outra lágrima rolar pelo seu rosto, enquanto tentava bloquear aquele assunto. Ela não queria ouvir a história de sua mãe. Era um pouco tarde demais para que sua mãe demonstrasse ter qualquer compaixão real para com ela. Será que ela simplesmente pensava que poderia entrar ali, depois de tantos anos de tratamento cruel, oferecer uma história empática e pretender que em troca, todo o dano fosse reparado?

“A senhora já acabou?” Perguntou Gwendolyn.

Sua mãe deu um passo à frente. “Não, Eu *não* acabei.” Disse ela, com voz firme. “Você é a rainha agora, então já é hora de que você aja como uma.” Disse sua mãe, com uma voz tão dura como o aço. Gwen percebeu uma força na voz dela jamais sentida antes. “Você se lamenta. Mas as mulheres todos os dias, em todos os lugares, sofrem destinos muito piores do que você. O que aconteceu com você não é nada no esquema da vida. Você me entende? *Nada.*”

Sua mãe suspirou.

“Se você quiser sobreviver e sentir-se à vontade neste mundo, você deve ser forte. Mais forte do que os homens. Os homens terão você, de uma forma ou de outra. A vida não se trata apenas do que acontece com você — trata-se de como você *percebe* isso. Como você *reage* a isso. É sobre isso que você exerce o controle. Você pode se acovardar e morrer. Ou você pode ser forte. “Isso é o que separa as garotas das mulheres.”

Gwen sabia que sua mãe estava tentando ajudar, mas ela se ressentia da falta de compaixão de sua abordagem. E ela odiava receber um sermão.

“Eu odeio você.” Gwendolyn disse para a mãe. “Eu sempre odiei.”

“Eu sei disso.” Disse sua mãe. “E eu odeio você também. Mas isso não significa que não possamos nos entender. Eu não quero o seu amor, o que eu quero é que você seja forte. Este mundo não é

governado pelos fracos e assustadiços, ele é governado por aqueles que levantam a cabeça diante da adversidade, como se ela não fosse nada. Você pode entrar em colapso e morrer, se quiser. Há tempo de sobra para isso. Mas isso seria tedioso, chato. Seja forte e viva. *Verdadeiramente* viva. Seja um exemplo para os outros. Porque um dia, eu lhe garanto, você vai morrer de qualquer jeito. E enquanto você estiver viva, você pode muito bem viver de verdade.”

“Deixe-me em paz!” Gwendolyn gritou incapaz de ouvir outra palavra.

Sua mãe olhou para ela friamente, então, finalmente, depois de um silêncio interminável, ela virou-se e saiu caminhando pomposamente do quarto como um pavão, batendo a porta atrás de si.

No silêncio vazio, Gwen começou a chorar, ela chorou por um longo tempo. Mais do que nunca, ela desejava que tudo aquilo acabasse.



## CAPÍTULO SEIS

Kendrick estava ali no amplo patamar da borda do Canyon, observando através da névoa serpenteante. Enquanto ele olhava, seu coração estava partindo-se por dentro. Ele se sentia arrasado ao ver sua irmã daquele jeito, se sentia destroçado, como se ele próprio tivesse sido atacado. Ele podia ver nos rostos de todos os silesianos que eles consideravam Gwen como mais do que apenas um líder, todos eles a viam como parte de sua família. Eles estavam desanimados, também. Era como se Andronicus tivesse ferido a todos.

Kendrick sentia-se culpado. Ele deveria ter calculado que sua irmã mais nova faria algo assim, já que ele sabia o quanto ela era corajosa; o quanto ela era orgulhosa. Ele deveria ter previsto que ela iria tentar entregar-se antes que qualquer um deles tivesse a chance de detê-la. Ele deveria ter encontrado uma maneira de impedi-la de fazer isso. Ele conhecia a natureza dela, sabia como ela era confiável, conhecia seu bom coração e ele, como um guerreiro também sabia, melhor do que ela, da brutalidade de certos líderes. Ele era mais velho e mais sábio do que ela e ele sentia que a havia decepcionado.

Kendrick também se sentia culpado por tudo aquilo, aquela situação terrível era uma carga pesada demais para ser colocada na cabeça de uma única pessoa: um governante recém-coroadado, uma garota de dezesseis anos de idade. Ela não devia ter suportado o peso daquela situação sozinha. Tal decisão de peso teria sido difícil até mesmo para sua própria cabeça, até mesmo para a cabeça de seu pai. Gwendolyn fez o melhor que podia ser feito naquelas circunstâncias, e, talvez melhor do que qualquer um deles teria feito. O próprio Kendrick não tinha tido a menor ideia de como lidar com Andronicus. Nenhum deles tinha.

Kendrick pensou em Andronicus e seu rosto ficou vermelho de raiva. Ele era um líder sem moral, sem princípios, sem humanidade. Estava claro para Kendrick que se eles se rendessem naquele

momento, todos iriam ter o mesmo destino: Andronicus iria matar ou escravizar todos e cada um deles.

Algo havia mudado no ar. Kendrick podia ver nos olhos de todos os homens e podia senti-lo em si mesmo. Os silesianos já não tinham apenas a intenção de sobreviver; de simplesmente defender-se. Agora eles queriam vingança.

“SILESIANOS!” Gritou uma voz.

A multidão se acalmou e olhou para cima. Ali, na cidade alta, na borda do Canyon, olhando para eles, estava Andronicus, cercado por seus capangas.

“Dou-lhes uma alternativa!” Ele trovejou. “Devolvam Gwendolyn e eu permitirei que vocês vivam! Senão, a partir do pôr-do-sol eu vou fazer chover fogo sobre vocês, um fogo tão intenso que nenhum de vocês sobreviverá a ele.”

Ele fez uma pausa, sorrindo.

“É uma oferta muito generosa. Não demorem muito para ponderá-la.”

Com isso, Andronicus virou-se e foi embora.

Todos os silesianos se viraram e se entreolharam gradualmente.

Srog deu um passo adiante.

“Companheiros silesianos!” Trovejou Srog para uma enorme e crescente multidão de guerreiros, com uma seriedade que Kendrick jamais tinha visto nele. “Andronicus atacou o nosso melhor e mais estimado líder. A filha do nosso amado rei MacGil, uma grande rainha em seu pleno direito. Ele atacou todos e cada um de nós. Ele tentou colocar uma mancha em nossa honra, mas ele simplesmente manchou a sua própria!”

“APOIADO!” Gritava a multidão, os homens se mexiam inquietos; cada um segurava os punhos de suas espadas, um fogo ardia em seus olhos.

“Kendrick.” Srog disse, virando-se para ele. “O que propõe que façamos?”

Kendrick lentamente olhou nos olhos de todos os homens diante de si.

“NÓS ATACAREMOS!” Kendrick gritou, um fogo percorria suas veias.

A multidão gritou de volta em aprovação, uma multidão que se espessava cada vez mais, via-se o destemor em seus olhos. Kendrick via que todas e cada uma daquelas pessoas, estavam prontas para lutar até a morte.

“VAMOS MORRER COMO HOMENS E NÃO COMO CÃES!” Kendrick gritou novamente.

“APOIADO!” Gritou a multidão, em resposta.

“NÓS LUTAREMOS POR GWENDOLYN! LUTAREMOS POR NOSSAS MÃES, IRMÃS E ESPOSAS!”

“APOIADO!”

“POR GWENDOLYN!” Kendrick gritou.

“POR GWENDOLYN!” Gritou a multidão, em resposta.

A multidão gritou em êxtase, ela aumentava a cada momento.

Com um grito final, eles seguiram Kendrick e Srog e prosseguiram pelo caminho até chegar ao estreito patamar, subindo cada vez mais até a parte alta de Silésia. Havia chegado a hora de mostrar a Andronicus de que o Exército Prata estava feito.



## CAPÍTULO SETE

Thor estava de pé ali com Reece, O'Connor, Elden, Conven, Indra e Krohn, na foz do rio, todos eles olhavam para o cadáver de Conval. O clima no ar era sombrio. O próprio Thor sentia o peso disso sobre seu peito esmagando-o enquanto ele olhava para seu irmão da Legião: Conval, ali, morto. Tudo parecia irreal. Desde que Thor conseguia se lembrar, sempre houve seis deles, juntos naquela jornada. Ele nunca tinha imaginado que haveria apenas cinco. Isso o fez sentir sua mortalidade.

Thor pensou em todas as vezes que Conval o havia apoiado, lembrou-se de como ele sempre esteve ao seu lado, a cada passo de sua jornada, desde o primeiro dia em que Thor se juntou à Legião. Conval era como um irmão para ele. Conval sempre havia defendido Thor, sempre tivera uma palavra amável para ele; ao contrário de alguns, ele tinha aceitado Thor como um amigo desde o início. Vê-lo ali morto — e especialmente como resultado de seus erros — fazia com que Thor ficasse com o estômago embrulhado. Se ele nunca tivesse confiado nos três irmãos, talvez Conval estivesse vivo hoje.

Thor não conseguia pensar em Conval sem Conven, os dois gêmeos idênticos, inseparáveis, sempre completando os pensamentos um do outro. Ele não podia imaginar a dor que Conven estava sentindo. Conven parecia não estar mais em seu juízo perfeito; aquele Conven feliz e despreocupado que ele uma vez havia conhecido parecia ter desaparecido em um piscar de olhos.

Todos eles ainda permaneciam na beira do campo de batalha, onde tudo havia ocorrido. Os cadáveres dos soldados do Império estavam empilhados ao seu redor. Todos ficaram ali, grudados ao chão, olhando para Conval, nenhum deles estava disposto a seguir em frente, antes que pudessem dar a Conval um enterro digno. Eles tinham encontrado algumas peles de excelente qualidade vestindo alguns oficiais do Império, então eles os despojaram delas e com elas envolveram o cadáver de Conval. Eles o haviam colocado em um pequeno barco, o mesmo que eles tinham usado para chegar até

aquele lugar, seu corpo jazia ali, longo e rijo, de frente para o céu. O enterro de um guerreiro. Conval parecia estar tão enrijecido, seu corpo estava rígido e azul, eram como se ele nunca tivesse vivido.

Eles haviam estado ali, Thor não sabia por quanto tempo, cada um deles perdido em suas próprias dores, nenhum querendo ver o corpo do seu amigo ir-se. Indra, com seus olhos fechados, fazia movimentos circulares com a palma da mão sobre a cabeça de Conval, enquanto cantava algo em uma língua que Thor não entendia. Ele podia perceber o quanto ela gostava dele, pela forma solene com que ela conduzia o funeral. Thor sentia uma sensação de paz ao ouvir o som da voz dela. Nenhum dos rapazes sabia o que dizer e todos permaneciam ali, imersos em um profundo pesar, em silêncio, deixando Indra prosseguir com o ritual.

Finalmente, Indra terminou e deu um passo para trás. Conven deu um passo à frente, as lágrimas escorriam pelo seu rosto, ele se ajoelhou ao lado de Conval, estendeu a mão, colocou-a sobre a mão dele e inclinou a cabeça.

Conven estendeu a mão e empurrou o barco. Ele balançou nas águas plácidas do rio, e então de repente, a correnteza começou a levá-lo, arrastando-o para longe bem devagar, suavemente, como se entendesse do que se tratava. O barco foi afastando-se cada vez mais, ficando mais longe do grupo. Krohn choramingava enquanto ele se distanciava. Uma névoa surgiu repentinamente, do nada, ela envolveu o barco e logo ele desapareceu.

Thor sentia que seu corpo também havia sido sugado para o interior de um mundo subterrâneo.

Aos poucos, os rapazes se voltaram e olharam ao redor, seus olhos percorriam o campo de batalha e os terrenos além dele. Atrás deles estava o mundo subterrâneo por onde eles tinham vindo; de um lado havia uma vasta planície coberta pela relva; do outro lado havia um deserto vazio, um deserto escaldante. Eles estavam em uma encruzilhada.

Thor virou-se para Indra.

“Para chegar a Neversink, é preciso atravessar esse deserto?” Thor perguntou.

Ela assentiu com a cabeça.

“Não há outro caminho?” Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

“Há outros caminhos, mas menos diretos. Você perderia semanas. Se você espera vencer os ladrões, esse é o único caminho.”

Os outros olhavam longa e duramente para o deserto, com seus sóis abrasadores, tremulando em ondas de calor.

“Parece implacável.” Reece disse ao aproximar-se de Thor.

“Não conheço ninguém que tenha alguma vez cruzado e sobrevivido.” Disse Indra. “É vasto e está repleto de criaturas hostis.”

“Não temos provisões suficientes.” O’Connor disse. “Nós não conseguiremos cruzá-lo.”

“No entanto, é o caminho que conduz até a espada.” Disse Thor.

“Supondo que a espada ainda exista.” Disse Elden.

“Se os ladrões já tiverem chegado a Neversink...” Disse Indra. “... Então a sua preciosa espada está perdida para sempre. Vocês estariam arriscando sua vida por um sonho. A melhor coisa que vocês podem fazer agora é voltar para o Anel.”

“Nós não vamos dar a volta.” Thor disse determinado.

“Muito menos agora.” Conven acrescentou dando um passo à frente, seus olhos estavam brilhando com fogo e tristeza.

“Nós vamos encontrar essa espada ou morreremos tentando.” Disse Reece.

Indra abanou a cabeça e suspirou.

“Eu não esperava nenhuma outra resposta de vocês.” Disse ela. “Imprudentes até o fim.”

\*

Thor marchava lado a lado com os outros através do deserto, com os olhos entrecerrados devido ao sol forte, ele estava ofegante sob o calor implacável. Ele pensou que ficaria feliz de se livrar do mundo subterrâneo e de sua melancolia sempre presente, pensou que se alegraria ao poder ver novamente os sóis. Mas ele tinha ido de um extremo para o outro. Ali, naquele deserto, não havia nada além do sol: sol amarelo e céu amarelo, tudo irradiando sobre ele e ele sem nenhum lugar para onde ir. Sua cabeça doía e ele estava ficando tonto. Ele estava arrastando os pés e parecia que havia estado

marchando durante toda a vida. Ao olhar ao redor, ele viu que os outros também se sentiam iguais a ele.

Eles tinham estado caminhando durante metade de um dia e ele não sabia como eles poderiam continuar mantendo o ritmo. Ele olhou para Indra, ela cobria sua cabeça com um capuz, Thor se perguntava se ela não teria razão. Talvez eles tivessem sido imprudentes ao tentar prosseguir. Mas ele prometeu encontrar a espada — então que alternativa eles tinham?

Enquanto eles seguiam, seus pés levantavam nuvens de poeira que giravam em todas as direções, tornando ainda mais difícil respirar. No horizonte não se via mais que terras esquadas pelo sol, tudo era plano, até onde a vista alcançava. Não havia o menor vislumbre de construções; de estradas; de montanhas, ou de qualquer coisa. Nada além do deserto. Thor sentia que era como se tivessem chegado ao fim do mundo.

Enquanto eles avançavam, Thor encontrou consolo em uma coisa: pelo menos agora, pela primeira vez, ele tinha certeza de para onde eles estavam indo. Eles não estavam mais obrigados a ouvir seus três irmãos e seguir seu mapa estúpido; agora eles ouviam Indra e ele confiava nela mais do que ele jamais tinha confiado neles. Ele tinha certeza de que eles estavam sendo conduzidos na direção certa; ele apenas não se sentia seguro de que sobreviveria à viagem.

Thor começou a ouvir um som sibilante suave, então ele olhou para baixo e viu a areia ao redor dele girando em círculos. Os outros viram isso também. Thor ficava confuso enquanto olhava a areia lentamente se juntar e os círculos ficarem maiores e mais intensos aos seus pés para em seguida, levantar-se em direção ao céu. Logo uma nuvem de pó se levantou, ela começou a elevar-se do chão do deserto, subindo cada vez mais.

De repente, Thor sentiu todo o seu corpo ficar mais seco. Parecia que cada gota de água estava sendo sugada de seu corpo, ele ansiava por água; ele nunca tinha estado tão sedento em sua vida.

Ele estendeu a mão em pânico, tentando encontrar seu odre de água, ele levantou-o e esguichou a água em sua boca. Mas, quando

ele fez isso, a água voltou-se para cima, subiu para o céu, ela nunca atingiu os lábios dele.

“O que está acontecendo?” Thor gritou para Indra, ofegante.

Ela observava o céu com medo, retirando o capuz da cabeça.

“Uma chuva inversa!” Gritou ela.

“O que é isso?” Elden gritou ofegante, enquanto cobria sua garganta com as mãos.

“Está chovendo para cima!” Gritou ela. “Toda a umidade está sendo sugada pelo céu!”

Thor viu quando o resto de sua água saiu jorrando do odre, em direção aos céus, logo depois, ele viu o odre estalar e secar totalmente, caindo ao chão como uma folha seca.

Thor caiu de joelhos, agarrando a garganta, mal conseguindo respirar. Ao redor dele, os outros faziam exatamente o mesmo.

“Água!” Implorou Elden ao lado dele.

Houve um grande estrondo, como o som de mil trovões, Thor olhou para cima e viu o céu escurecer. Uma única nuvem de tempestade apareceu, correndo em direção a eles a uma velocidade incrível.

“ABAIXEM-SE!” Indra gritou. “O céu está revertendo!”

Ela mal tinha terminado de falar quando o céu se abriu e uma parede de água jorrou para baixo, derrubando Thor e os outros com a força de um maremoto.

Thor saiu rolando mais e mais na onda de água, dando tombos sem saber por quanto tempo. Finalmente, ele voltou à tona no chão do deserto, a onda rolou e passou diretamente por eles. Logo a onda foi seguida por pancadas de chuva grossa. Thor jogou a cabeça para trás e assim como os outros, ele bebeu a água da chuva por um bom tempo, até que finalmente se sentiu hidratado novamente.

Aos poucos, cada um deles foi ficando de pé. Eles respiravam com dificuldade, parecia que haviam sido espancados. Eles se voltaram um para o outro. Eles haviam sobrevivido. Depois que o choque e o medo começaram a diminuir lentamente, eles caíram na gargalhada.

“Nós estamos vivos!” O’Connor gritou bem alto.

“Isso é o pior que este deserto pode nos dar?” Reece perguntou cheio de alegria por estar vivo.

Indra abanou a cabeça, sombria.

“Você comemora antes do tempo.” Ela disse, parecendo muito preocupada. “Após as chuvas, os animais do deserto saem para beber.”

Um barulho horrível se ouviu, Thor olhou para baixo e viu com horror quando um exército de pequenas criaturas surgiu da areia e correu em direção a eles. Thor olhou por cima do ombro e viu o lago que a água das chuvas tinha deixado, então ele percebeu que eles estavam exatamente no caminho das criaturas sedentas.

Dezenas de criaturas, sobre as quais Thor nunca havia posto os olhos em cima antes, corriam no caminho dele. Eram animais amarelos e enormes, semelhantes a um búfalo, porém duas vezes maiores. Eles possuíam quatro braços e quatro chifres e corriam sobre duas patas, em direção a eles. Eles avançavam de forma divertida, de vez em quando marchavam abaixados, apoiados sobre as patas e braços e logo depois eles saltavam sobre as duas patas de novo. Eles rugiam enquanto vinham até eles, suas vibrações faziam o chão tremer.

Thor desembainhou a espada, assim como os outros e preparou-se para defender-se. Quando o primeiro dos animais se aproximou, Thor rolou para o lado e saiu do caminho sem golpear o animal, com a esperança de que ele simplesmente passasse correndo por eles e fosse direto para a água.

A criatura abaixou a cabeça para golpear Thor, mas falhou por pouco quando Thor rolou. Para o pavor de Thor, ela não estava contente. A criatura enraivecida deu a volta e investiu direto contra ele. Parecia que ao invés de água, o que ela realmente queria era ver Thor morto.

Ela atacou novamente, baixando seus chifres, Thor pulou bem alto no ar, brandiu sua espada e decepou um dos chifres da criatura quando ela passou correndo por ele. O animal gritou, pulou sobre as duas patas, virou-se e golpeou Thor, derrubando-o no chão.

A criatura levantou suas patas e tentou pisotear Thor, mas ele rolou para fora do caminho dela, as patas da criatura deixaram uma

marca impressa na areia e levantaram uma nuvem de poeira. A criatura levantou suas patas novamente, mas dessa vez Thor levantou a espada e enterrou-a no peito da criatura.

A criatura gritou mais uma vez quando a espada penetrou nela até o punho. Thor rolou para o lado e saiu de debaixo dela, justo antes que ela desabasse sobre ele, morta. Ele teve sorte ao fazer isso, já que o peso dela o teria esmagado contra a terra.

Quando Thor ficou de pé, outra criatura avançou contra ele, então ele pulou para fora do caminho, mas não antes que o chifre da criatura roçasse o braço dele, cortando-o e fazendo-o gritar de dor. Ele deixou cair sua espada. Thor, sem sua espada, extraiu sua funda, colocou uma pedra nela e atirou na besta.

A criatura cambaleou e gritou quando a pedra perfurou seu olho — mas mesmo assim, ela seguiu atacando.

Thor corria para a esquerda e para a direita, tentando ziguezaguear para fora do caminho, mas a criatura era muito rápida. Não havia para onde correr, ele sabia que em momentos ele seria despedaçado. Enquanto corria, ele olhava para seus irmãos da Legião e via que eles não estavam se saindo muito melhor; cada um deles estava sendo perseguido por uma daquelas criaturas.

O animal se aproximava e estava a apenas alguns centímetros de distância, seu cheiro era terrível e seu bufar feria os ouvidos de Thor, então ele baixou seus chifres. Thor preparou-se para o impacto.

De repente, o animal gritou, então, Thor se virou e viu sendo erguido no ar. Thor olhou para cima perplexo, sem entender o que estava acontecendo, foi quando ele viu atrás de si um enorme monstro verde-limão, do tamanho de um dinossauro, com cerca de trinta metros de altura e fileiras de dentes afiados. O monstro sujeitava a criatura em sua mandíbula, como se ela não fosse nada, então ele se inclinou e abocanhou-a. O monstro mantinha a criatura ali, contorcendo-se, logo depois ele mastigou-a e devorou-a em três mordidas enormes, engolindo e lambendo os lábios.

Todas as criaturas amarelas em torno de Thor se viraram e saíram correndo, fugindo do monstro verde. O monstro correu atrás delas, deslizando e chicoteando sua cauda enorme, enquanto ele corria; a cauda golpeou Thor por trás e derrubou-o com força no chão, o

mesmo sucedeu com os outros. Mas o monstro passou por eles enquanto seguia atacando, ele estava mais interessado nas criaturas amarelas do que neles.

Thor se virou e olhou para os outros, todos estavam ali, sentados, estupefatos. Todos olhavam para ele.

Indra ficou ali balançando a cabeça.

“Não se preocupe.” Disse ela. “Isso vai ficar ainda pior.”



## CAPÍTULO OITO

Kendrick caminhava lentamente pelo pátio incendiado da parte alta de Silésia; ao seu lado marchavam Srog, Brom, Kolk, Atme, Godfrey e vários homens do Exército Prata. Todos eles marchavam lenta e deliberadamente, suas mãos estavam entrelaçadas atrás das suas cabeças em um mostra de rendição.

O pequeno grupo percorria seu caminho, passando pelos milhares de atentos soldados do Império e dirigindo-se à figura expectante de Andronicus, no distante portão da cidade. Kendrick sentia todos os olhos sobre eles enquanto prosseguiam e a tensão no ar era espessa. O pátio, apesar de estar ocupado por milhares de soldados, estava silencioso o suficiente para poder ouvir a queda de um alfinete.

Uma hora antes, Kendrick tinha gritado e declarado sua rendição a Andronicus. Então, aquele grupo havia subido, todos juntos, eles faziam questão de demonstrar que não portavam armas consigo enquanto marchavam e abriam seu caminho entre a multidão dos soldados do Império, para se ajoelhar formalmente diante de Andronicus. O coração de Kendrick estava batendo forte enquanto todos prosseguiam, sua garganta ficou seca quando ele viu os milhares de inimigos hostis o rodeavam.

Kendrick e os outros tinham ensaiado um plano para ser executado quando eles se aproximassem de Andronicus. Kendrick agora via em primeira mão como Andronicus era grande e selvagem. Kendrick rezava para que o plano funcionasse. Do contrário, suas vidas estariam liquidadas.

Eles marchavam fazendo tilintar suas esporas, até que finalmente um dos generais de Andronicus deu um passo à frente, ele era uma criatura imponente, com uma carranca profunda, ele colocou a palma áspera da mão contra o peito de Kendrick. Eles foram detidos a cerca de vinte metros de distância de Andronicus, o que, presumivelmente, seria uma medida de cautela. Seus soldados eram mais sábios do que Kendrick havia previsto; ele esperava poder

marchar até Andronicus, mas era evidente que isso não estava permitido. O coração de Kendrick bateu mais rápido, ele não esperava que a distância obstaculizasse seu plano.

Todos eles permaneceram ali, em silêncio, encarando uns aos outros, Kendrick pigarreou.

“Viemos para nos render diante do Grande Andronicus.” Kendrick anunciou impostando sua voz, tentando usar seu tom mais convincente enquanto permanecia de pé, imóvel, ali junto com os outros, olhando nos olhos de Andronicus.

Andronicus estendeu a mão e passou os dedos pelas cabeças encolhidas de seu colar então olhou para eles e emitiu um som parecido com um grunhido, ou talvez um riso.

“Nós aceitamos os seus termos.” Kendrick continuou. “Nós admitimos a derrota.”

Andronicus, o qual estava sentado em um enorme assento de pedra, se debruçou ligeiramente e olhou para eles com algo parecido com um sorriso em seu rosto.

“Eu sei que vocês aceitarão.” Ele disse, sua voz retumbou por todo o pátio. “Onde está a jovem?”

Kendrick estava preparado para isso.

“Nós viemos como um contingente de nossos oficiais mais experientes e condecorados.” Kendrick respondeu. “Viemos em primeiro lugar, para professar nossa rendição a você. Quando nós terminarmos, os outros, com a sua permissão, virão.”

Kendrick pensou que adicionar a frase ‘com a sua permissão’ tinha sido um bom toque, isso iria ajudar a rendição a parecer ainda mais plausível. Ele tinha aprendido uma grande lição há muito tempo, com um de seus conselheiros militares: quando se lida com um comandante narcisista, sempre é útil apelar para o seu ego. Não há limite para os erros que um comandante pode cometer quando você o lisonjeia, quando você infla a sua mania de grandeza.

Andronicus inclinou-se ligeiramente para trás, mal reagindo.

“É claro que eles vão.” Disse Andronicus. “Do contrário, o grupo de vocês seria muito estúpido para aparecer aqui.”

Andronicus ficou ali sentado, olhando para eles, como se estivesse tentando decidir-se. Parecia que ele sentia que algo estava

errado. O coração de Kendrick acelerou.

Finalmente, depois de uma longa espera, Andronicus pareceu decidir-se.

“Deem um passo à frente e ajoelhem-se.” Disse ele. “Todos vocês.”

Todos olharam para Kendrick e ele assentiu.

Todos eles deram um passo à frente e se ajoelharam diante de Andronicus.

“Repitam depois de mim.” Disse o comandante. “Nós, representantes de Silésia...”

“Nós, representantes de Silésia...”

“Com este ato, nos entregamos ao Grande Andronicus...”

“Com este ato, nos entregamos ao Grande Andronicus...”

“juramos lealdade a ele pelo resto de nossos dias e para sempre...”

“juramos lealdade a ele pelo resto de nossos dias e para sempre...”

“e serviremos como escravos a ele enquanto os nossos dias puderem suportar.”

As palavras finais eram difíceis para Kendrick pronunciar e ele engoliu em seco, até que finalmente as repetiu, uma por uma:

“E serviremos como escravos a ele enquanto os nossos dias puderem suportar.”

Ao pronunciar aquelas palavras ele sentiu náuseas, seu coração estava martelando em seus ouvidos. Finalmente, toda a dor causada por tudo aquilo passou.

Um silêncio tenso sobreveio a todos, então Andronicus finalmente sorriu.

“Vocês MacGils são mais fracos do que eu pensava.” Ele rousou. “Eu vou ter muito prazer em escravizar vocês e em fazer vocês aprenderem como são as coisas no Império. Agora vão buscar a jovem, antes que eu mude de ideia e mate todos vocês na hora.”

Enquanto Kendrick estava ajoelhado, ele viu toda a sua vida passar diante dos seus olhos. Ele sabia que aquele era um dos momentos decisivos em sua vida. Se tudo corresse como ele esperava, ele iria viver para contar a história daquele dia para seus

netos; senão, em apenas alguns instantes, ele estaria deitado ali como um cadáver. Ele sabia que as chances estavam contra ele, mas era um risco que ele tinha de correr. Em nome de si mesmo; em nome dos MacGils e em nome de Gwendolyn. Era agora ou nunca. Em um movimento rápido, Kendrick levou as mãos às costas e agarrou uma pequena espada escondida sob a camisa, ele levantou-se e gritou quando a atirou com toda a força.

“SILESIANOS ATAQUEM!”

A espada de Kendrick deu várias voltas sobre si, enquanto seguia sua trajetória, direto para o peito de Andronicus. Foi um arremesso poderoso, feito com uma pontaria certa, um arremesso ousado o suficiente para matar qualquer guerreiro.

Mas Andronicus não era um guerreiro qualquer. Kendrick estava uns poucos metros mais distante e Andronicus foi apenas um pouco mais rápido; ele conseguiu esquivar-se com um momento de vantagem. Andronicus ainda gritou de dor quando a lâmina roçou seu braço, tirando sangue. A espada continuou sua trajetória, para em seguida, alojar-se no ventre de um general que estava de pé ao lado dele. O general caiu morto, em lugar de Andronicus.

Ao soar o grito de Kendrick, o caos irrompeu. Todos os que o acompanhavam levaram as mãos até as costas, sacaram suas espadas ocultas e com elas decapitaram os soldados que estavam de pé no meio deles. Brom puxou uma adaga do cinto, deu um passo para o lado e cortou a garganta de um soldado que estava por perto. Kolk retirou uma pequena funda de sua cintura, colocou uma pedra nela e atirou, ele abateu um soldado distante, o qual empunhava um arco antes de ser atingido na cabeça, bem antes que pudesse atirar. Godfrey lançou um punhal; sua pontaria não era tão certa quanto a dos outros e o punhal não atingiu o alvo, em vez disso, ele atingiu a perna de um jovem soldado.

Ao redor deles, se ouviram os gritos dos soldados do Império que haviam sido feridos, nenhum deles esperava o ataque surpresa.

A um sinal, naquele mesmo instante, começaram a surgir repentinamente, de todos os lados do pátio os soldados de Silésia eles surgiam do chão e das paredes. Eles surgiram com um grande grito de guerra, disparando suas flechas e escurecendo o ambiente

com elas. Milhares de flechas atravessaram o pátio derrubando os soldados do Império por todas as partes. Eles foram atacados por todos os lados e estavam perdidos, sem saber que caminho tomar; muitos deles, em seu pânico, acabavam atacando uns aos outros.

Kendrick ficou emocionado ao ver que seu plano estava funcionando perfeitamente. Srog o havia informado sobre os túneis escondidos que conectavam a baixa Silésia com a cidade alta; os túneis haviam sido construídos para o caso de um cerco, como um último recurso, um elemento surpresa. Todos os soldados haviam esperado pacientemente em seus lugares, enquanto aguardavam um sinal de Kendrick.

Milhares de silesianos surgiam agora, disparando com tal velocidade e pontaria que os soldados do Império não tiveram tempo para reagir. Kendrick avançou e entrou na briga, ele agarrou a espada de um soldado do Império já morto e com ela ele atacou os soldados mais próximos dele. Seu amigo Atme e os outros se uniram a ele. Os soldados do Império, em pânico e em meio ao caos, se viravam e corriam para todos os lados, sem ter sequer certeza de qual caminho seguir.

Os silesianos estavam ganhando vantagem. Kendrick derrubou uma dúzia de homens antes mesmo que precisasse levantar o seu escudo em defesa. Atme lutava de volta, costas com costas com Kendrick, tal como ele sempre fazia, enquanto causava danos em igual proporção. Com cada golpe, Kendrick pensava em Gwendolyn, pensava em vingança.

Os milhares de soldados do Império estavam tão aturdidos que todos eles deram a volta e correram, dirigindo-se para o conjunto de portões, para o pátio exterior. A multidão arrastou Andronicus e os seus homens em uma estampida, eles tentavam manter-se firmes, mas eram forçados a voltar pelos numerosos homens em fuga. Todos eles foram conduzidos como o gado até o portão, todos tentando desesperadamente fugir das flechas, que continuavam a chover de todas as direções. Os soldados de Silésia ficaram sem flechas, então todos eles sacaram suas espadas e atacaram junto com os seus irmãos da Legião.

O número de soldados do Império era grande, mas eles não eram guerreiros bem treinados, a maioria deles eram apenas pessoas escravizadas e a serviço da Andronicus. Por outro lado, os silesianos, poderiam até ser poucos em número, porém, cada um deles era um guerreiro de elite, um soldado aguerrido, bem treinado, cada um deles valia por dez homens do Império. Eles também tinham o fator surpresa — e acima de tudo, eles tinham fogo nas veias. Eles estavam entre a cruz e a espada. Tinham uma enorme vontade de viver. Uma enorme vontade de proteger seus entes queridos. Eles estavam furiosos pelo que haviam feito a Gwendolyn. Afinal, aquela era a *sua* cidade. E eles sabiam que, se não ganhassem, suas mortes ocorreriam ali.

Dezenas de silesianos tocaram as trombetas, o ruído aterrador soou como o som de um exército sem limites, mais e mais deles surgiam dos túneis. Todos eles avançavam como se suas vidas dependessem disso, milhares deles estavam indo ao encontro dos milhares de soldados do Império.

A luta era dura, árdua, o sangue cobria o pátio à medida que espada encontrava espada e punhal encontrava punhal. Os homens se engalfinhavam e lutavam, olhando uns nos olhos do outros lutando corpo a corpo e matando-se entre si, cara a cara. Rapidamente, a maré favoreceu os silesianos.

Outra trombeta soou e logo a Legião irrompeu pelos portões da parte baixa. Centenas de fortes soldados avançaram, gritando o seu grito de batalha feroz. Eles levantavam fundas, flechas, lanças e espadas e partiram para a briga, matando os soldados do Império a torto e à direita, ajudando a contra-arrestar a maré. Os guerreiros da Legião já eram veteranos, mesmo para sua pouca idade e enquanto corriam, todos eles gritavam por Gwendolyn e por Thor.

A Legião fez tanto dano quanto os outros, todos eles se uniram de forma integrada, forçando o império a ir cada vez mais longe, de volta para os portões exteriores. Logo a maré da batalha virou a seu favor, já que os cadáveres dos soldados do Império caíam em todas as direções e os soldados que permaneciam estavam cada vez mais dominados pelo pânico e fugiam. Um milhão de soldados do Império

aguardava além dos portões, mas havia um verdadeiro engarrafamento de soldados que fugiam e eles não podiam entrar.

Andronicus se levantou em um acesso de raiva e pulou no meio de tudo, lutando e metendo-se na briga de soldados, avançando e atacando seu próprio povo. Ele agarrava os soldados com as próprias mãos e golpeava suas cabeças uma contra a outra, torcia o pescoço deles e os matava ali, na hora.

“NÓS NÃO RETROCEDEREMOS!” Ele gritou.

Ele arrancava as espadas das mãos dos soldados e com elas, ele perfurava os corações deles. Ele sozinho era uma verdadeira máquina de destruição, que ironicamente, estava ajudando os silesianos.

Alguns de seus generais mais próximos também lutavam com tanta crueldade como ele.

Mas não havia nada que eles pudessem fazer contra a debandada, a enxurrada interminável de soldados que corria contra eles. Apesar de seus esforços, eles foram forçados para trás e empurrados por todo o caminho até o portão externo.

Logo já não restava nem sequer um dos soldados do Império dentro do pátio interno. A Legião correu para o portão, lutando bravamente e quando chegaram até ele, puxaram as cordas pesadas com todas as forças. Mais de um membro da Legião ali exposto, morreu enquanto eles puxavam as cordas, mas eles não recuaram. Finalmente, o grande portão de ferro desceu e foi totalmente fechado, bloqueando a cidade contra o exército do Império.

Ele caiu com um baque e logo depois da pancada sobreveio um silêncio momentâneo. Era um silêncio de choque. Um silêncio pela surpresa da vitória. Os silesianos tinham ganhado de volta sua cidade.

Todos eles explodiram em um grito de triunfo. Kendrick abraçou os outros, os quais estavam em êxtase, quase sem poder acreditar. Eles haviam vencido a batalha. Eles tinham realmente ganhado.

\*

Ao ver o portão de ferro fechado, Kendrick virou-se para os outros; ele tinha lutado com eles durante tantas conquistas e batalhas, no entanto, ele jamais tinha visto aqueles bravos

guerreiros tão eufóricos como naquele dia. Todos agora podiam dar um suspiro coletivo de alívio. Contra todas as probabilidades, eles tinham feito retroceder os homens de Andronicus. Seu plano arriscado tinha funcionado.

Pela primeira vez desde que Kendrick conseguia se lembrar, ele realmente se sentia otimista. Talvez, ele pensou, eles pudessem manter aquela cidade depois de tudo; talvez eles realmente pudessem resistir a Andronicus. Ali estavam eles, na última porção livre do Império. Naquele momento ela ainda era deles. E sem importar o que acontecesse no futuro, Andronicus jamais poderia anular a vitória que eles tinham conseguido naquele dia.

Os homens se espalharam por todo o pátio, baixaram a guarda, começaram a recolher os feridos, a celebrar e a abraçar-se, enquanto cada vez mais cidadãos da parte baixa de Silésia subiam para ver com seus próprios olhos a vitória que tinha sido alcançada. De repente, algo aconteceu. Seu mundo foi abalado por um impacto tremendo, um impacto forte o suficiente para fazer o chão tremer debaixo deles. Era o som de metal chocando metal, seguido pelo grito enfurecido de um animal.

Kendrick virou-se e ficou horrorizado ao ver que o Império não havia perdido tempo em reagrupar-se e dessa vez atacava com um grande aríete de ferro. Eles estavam golpeando-o contra os portões, a única barreira que restava para defender a cidade das massas. O portão dobrou-se ao meio e o aríete o golpeou vez após vez, dobrando-o até que o portão cedeu diante de seus olhos.

Os soldados do Império deram um grito de alegria.

Mas eles não avançaram completamente. Em vez disso, o que era ainda mais preocupante, eles se afastaram. Eles abriram caminho e logo se ouviu outro grito animal.

Kendrick ficou boquiaberto ao ver um elefante avançar pelos portões. O animal levantava suas patas enormes e pisoteava os silesianos enquanto passava, abalando o chão.

Seus homens estavam atordoados, mas rapidamente se reagruparam e deram o seu melhor na luta; eles disparavam flechas e arremessavam lanças. Mas todas elas ricocheteavam inutilmente

na pele do animal. Os silesianos caíam mortos pelas esquerdas e direitas.

Logo nos calcanhares do elefante, vinham os soldados do Império, correndo pelos portões abertos.

“ATAQUEM!” Kendrick gritou para seus homens, tentando reuni-los para encarar os homens do Império antes que eles penetrassem mais fundo no pátio, ao mesmo tempo, ele esquivou o elefante que corria.

Foi um esforço inútil. Dessa vez, os homens de Andronicus se espalharam com rapidez e estavam ainda mais furiosos. Já os homens de Kendrick estavam muito ocupados desviando-se do animal. Em poucos instantes, os soldados do Império espalharam-se pelo pátio, matando silesianos por toda parte.

Cada vez mais os soldados do Império continuaram a derramar-se em uma enxurrada interminável, imparável.

Kendrick levantou a espada quando um soldado do Império desceu outra em direção ao seu rosto, ele bloqueou o golpe, girou e feriu o soldado no estômago. Kendrick deu um passo para frente e bloqueou mais dois golpes, mas depois ele sentiu um chute forte nas costas, logo debaixo da cintura. Ele caiu de cara no chão.

Kendrick se virou e viu quando um soldado levantou sua bota para baixá-la sobre o seu rosto. A bota já estava chegando bem perto do rosto dele quando Atme, seu amigo, chegou e cravou uma lança no estômago do soldado, impedindo-o de esmagar o rosto de Kendrick com a bota.

Kendrick conseguiu levantar-se, pegou sua espada, virou-se e enfrentou mais dois soldados. Mas antes que ele pudesse sequer desferir um golpe, ele foi abordado por trás por um terceiro soldado e logo depois por um quarto. Os homens do Império vinham de todos os lugares, descendo sobre ele como um enxame de gafanhotos. Ao estar tão superados em número, era muito pouco o que Kendrick e os outros poderiam fazer. Atme também caiu ao lado dele. Kendrick viu que todos os homens ao seu redor compartilhavam um destino semelhante.

Kendrick não sucumbiria facilmente: ele lutou violentamente, matando dois dos quatro homens que o estavam prendendo-o

contra o chão. Mas assim mesmo, outro soldado levantou sua luva e golpeou-a fortemente contra a têmpora de Kendrick. Ele sentiu um zumbido metálico em seu ouvido enquanto caía no chão, batendo a cabeça. O soldado veio pronto para desferir-lhe outro golpe, mas Kendrick pegou uma maça do chão e a girou ao redor conseguindo impactar a cabeça do soldado e derrubá-lo de costas no chão.

Mas assim que terminou de aplicar o golpe, Kendrick sentiu um golpe duro em suas costelas e caiu de cara novamente. Ele olhou para cima e viu-se preso por um soldado que parecia diferente dos outros, era um soldado da elite de Andronicus.

O homem pisava suas costelas e estava praticamente esmagando-o, tirando a vida dele, ele apertava um objeto de metal pontiagudo contra sua nuca. Kendrick estendeu a mão, conseguiu agarrar seu punhal e o elevou apenas o suficiente para apunhalar o seu atacante no pé. O homem gritou de dor e saiu de cima dele.

Mas assim que ele se livrou do homem, ele viu com o canto do olho que outro soldado vinha em sua direção com um martelo. Kendrick foi lento demais e não pôde evitá-lo, o martelo golpeou duramente o capacete dele, derrubou-o de costas com um estrondo metálico que retumbou em seus ouvidos. Sua cabeça bateu no chão e desta vez ele sabia que era o fim.



## CAPÍTULO NOVE

Thor e os demais cambaleavam, à beira da exaustão, à medida que avançam pelo deserto, suas pernas pesavam uma tonelada. Ele estava coberto de suor e respirava com dificuldade, o calor de ambos os sóis irradiava sobre eles com uma força que Thor jamais pensou ser possível. Ele ouvia todos os seus companheiros da Legião respirando ofegantes, todos lutando com seus pés, parecia que ficava cada vez mais difícil tirá-los do chão. Ele não podia evitar sentir que todos eles estavam se arrastando diretamente para o nada, diretamente para a morte.

Até mesmo para Indra, que era oriunda daquela região, cada passo era uma luta. Krohn, ao lado dele, finalmente havia parado de se lamentar; ele já estava muito cansado para isso naquele momento. Ele apenas arfava com a boca aberta e a língua de fora, seus olhos estavam entrecerrados e sua cabeça baixa. Isso não augurava nada de bom para nenhum deles.

Thor esquadrinhou o horizonte, erguendo o queixo com um último esforço, olhando para o nada, para a luz ofuscante e forte, esperando pela milionésima vez que ele pudesse detectar algo, qualquer coisa, em qualquer direção. Mas não havia nada além de vazio. O chão do deserto estava se tornando cada vez mais duro, mais rachado e mais escaldado. A advertência de Indra soava em sua cabeça. Ela tinha estado certa o tempo todo. Não havia nenhuma maneira de atravessar aquele deserto. Eles tinham sido muito tolos em tentar. Ele estava conduzindo todos para a morte.

Thor sentia-se mais fraco e sedento do que nunca, ele ergueu o seu odre vazio, abriu a boca e apertou-o pela milionésima vez. E é claro, não saiu nada. Ele já tinha secado há muito tempo. Thor não sabia por que ele ainda continuava tentando; alguma parte de seu cérebro ainda tinha esperanças de que talvez houvesse uma última gota.

A única pessoa que ainda tinha um pouco de água àquela altura era Indra. Apesar de si mesmo, Thor não podia deixar de se virar e

olhar para ela, permitindo que seus olhos vagassem até o odre pendurado na cintura dela. Ele lambeu os lábios secos, mas em seguida, forçou-se a se virar e olhar para longe imediatamente. A água era de Indra. Ela tinha racionado melhor do que o resto deles e sendo ela menor e mais leve, não precisava dela tanto quanto eles. Ela também conhecia aquelas terras muito melhor. Ele se perguntava se não seria ela a única do grupo capaz de sobreviver.

De repente ouviu-se um som alto, como o de um tronco caindo, Thor e os outros se viraram e viram que Elden havia caído. Ele era o maior deles e caiu com força no chão, sobre seu ombro, levantando poeira com sua queda. Então, ele ficou simplesmente ali, de costas, imóvel.

Os outros se reuniram em torno dele e olhavam para baixo aletargados, como se estivessem olhando para si mesmos. Não havia surpresa em seus olhos. Thor estava apenas surpreso ao ver que nenhum deles havia caído mais cedo.

“Elden!” Indra gritou ajoelhando-se ao lado dele. Ela sempre havia sido tão obstinada, sempre havia estado tão à defensiva, sempre havia tratado de dar impressão de que ela não se importava; agora grande era a surpresa de Thor ao ver a ansiedade e a preocupação no rosto dela.

Ela estendeu a mão e enxugou o suor da testa de Elden e acariciou os seus cabelos. Os olhos de Elden estavam semicerrados e ele lambia os lábios ressecados vez após vez. Indra retirou o odre de água de sua cintura e em um ato de suprema generosidade, levantou a cabeça de Elden e deu-lhe toda a sua água restante. Ele bebeu avidamente, lambendo os lábios, a água escorria pelo seu rosto, enquanto ele bebia e bebia. Dentro de instantes, o odre estava vazio.

Ela baixou a cabeça e Elden recostou-se, tossindo e ofegando.

Thor viu pela primeira vez o quanto ela gostava de Elden; ele também podia ver o quanto ele a havia subestimado. Eles a tinham tomado apenas como mais uma escrava, um ladra, mas ela resultou ser a pessoa mais engenhosa e mais generosa de todos eles. Sem ela, certamente Elden estaria morto.

“Você é motivo de grande honra para sua raça.” Thor disse para ela.

Ela balançou a cabeça humildemente, olhando para Elden.

“Não é nenhuma honra.” Disse ela. “Em breve, todos voltaremos ao pó. O que eu fiz não terá nenhuma incidência na roda do tempo.”

Indra estendeu a mão para levantar Elden e os outros se agacharam para ajudá-la. Ela e Reece o puseram de pé, em seguida, Thor veio e os ajudou passando os braços de Elden sobre seus ombros.

Thor e Reece caminhavam e arrastavam Elden, enquanto continuavam sua marcha através do deserto, o peso imenso de Elden os puxava para baixo. Elden estava semi-consciente e mal andava, simplesmente arrastava os pés. Se antes a marcha já havia sido difícil, agora com Elden, ela havia ficado insuportável. Thor não sabia como ele conseguiria continuar.

Mas todos eles arrastavam-se, marchando juntos, um passo após o outro, avançando cada vez mais até o nada. A cada passo, o sol parecia ficar mais forte.

Por fim, as pernas de Reece cederam. Ele desmoronou e arrastou Elden e Thor com ele. As pernas de Thor estavam muito fracas para resistir. Ele ficou ali, impotente. Ele olhou em volta para ver se os outros viriam em seu socorro.

Mas Thor ficou surpreso ao perceber que os outros já tinham caído. Já fazia algum tempo que todos eles se encontravam de bruços, no chão do deserto em vários pontos, muito mais atrás dele. Ele tinha estado tão exausto e delirante que nem sequer tinha percebido que havia sido o último a cair.

Agora todos eles estavam deitados ali, imóveis no chão do deserto, sob os sóis de um céu hostil, à espera de nada, a não ser da morte.

\*

Thor se encontrava sozinho, em um pequeno barco à deriva no mar, no meio de um oceano vasto e vazio. Ele via à distância, penhascos altíssimos, no topo de um deles, exatamente à beira dele, havia um castelo. Parecia um castelo mágico, um lugar fantástico, empoleirado na borda do mundo, no alto das nuvens. Parecia um

lugar protegido de todos os perigos do mundo, um lugar no qual tudo era possível. Thor podia sentir a tremenda energia que irradiava dele, mesmo desde aquela grande distância e ele desejou mais que tudo na vida, poder estar lá, no interior do castelo.

Acima de tudo, Thor percebia que lá em cima, no alto daquele lugar mágico, no topo do penhasco, vivia sua mãe. Ele sabia que estava se aproximando da Terra dos Druidas.

O barco de Thor foi subitamente puxado por uma forte corrente que o arrastou para a costa rochosa e coberta com pedras pretas e irregulares da própria base do penhasco. O barco atracou ali e Thor cambaleou para fora dele, caindo de cara contra as pedras, exausto demais para levantar a cabeça. Ele sabia que em algum lugar, no alto daquelas falésias, lá em cima, estava sua mãe. Mas ele não tinha a energia para chegar lá.

“Meu Thorgrin.” Ouvia-se uma voz.

Era uma voz feminina, a voz mais doce e reconfortante que ele já tinha ouvido em sua vida.

Thor sabia que era a voz de sua mãe. Ele sabia que ela estava de pé, ao lado dele naquele momento, ele podia sentir a intensa luz e energia que emanava dela. Ele sabia que só precisava levantar a cabeça para vê-la. Mas ele estava muito cansado para fazer até mesmo aquele pequeno gesto.

“Mãe.” Ele disse com a voz cortada que saiu como um sussurro.

“Meu filho.” Acrescentou ela. “Eu tenho estado velando por você. Eu estive esperando você. É hora de você voltar para casa. É tempo de que nos encontremos.”

“Eu quero.” Disse ele. “Mas eu não posso chegar até você. Eu não posso cruzar o deserto. Eu não consigo encontrar a espada.”

“Você pode.” Ela disse, sua voz retumbava com confiança. “E você *vai encontrá-la*. Ainda não é hora de você morrer, bravo guerreiro. A morte chegará para você em breve. Mas não agora. Agora, é hora de você viver. Levante-se e conheça o seu destino.”

Thor sentiu uma mão tocar o seu queixo, era o toque mais suave de sua vida, ele sentiu a mão erguendo lentamente o seu rosto, em direção à sua mãe. Ele queria desesperadamente ver o rosto, dela,

mas a luz azul que irradiava dele era tão intensa que Thor foi cegado por ela. Era como olhar para um sol.

“Eu estou com você, Thorgrin.” Disse ela. “Levante-se e me faça sentir orgulhosa.”

Thor abriu os olhos de repente e viu-se olhando para o chão do deserto. Ele piscou os olhos várias vezes, virou-se e olhou para os outros. Mas não havia ninguém à vista. Ele estava lá, sozinho, confuso.

Thor sentiu uma nova fonte de energia dentro de si, ele levantou-se lentamente, apoiando-se sobre suas mãos e joelhos. Thor sentia a presença de alguém sobre ele, bloqueando os sóis, ele olhou para cima e ficou surpreso ao ver Argon. Ele estava ali, segurando seu bastão e olhando para Thor com uma intensidade que ofuscava até mesmo os sóis.

Thor se levantou sentindo-se renovado, ele olhou para trás perguntando-se onde estaria o resto do grupo.

“Você passou por muitas provações.” Argon disse lentamente. “No entanto, sempre haverá mais provações. A missão mais importante exige a maior labuta. E por trás de cada missão, haverá sempre outra reservada para o guerreiro.”

“Onde estão meus amigos?” Thor perguntou.

Argon abanou sua cabeça.

“Eles se encontram em algum lugar entre a terra da vida e da morte. É a terra em que você caminha agora. Você não morreu. Mas você não está vivo. Você teria morrido hoje se não fosse pela graça de sua mãe. Você conta com seres poderosos cuidando de você e você foi favorecido com muitas oportunidades na vida.”

Argon virou-se e olhou para o deserto.

“Antes que você regresse com os outros.” Disse Argon. “... Você deve continuar com o seu treinamento. Você não poderá ir mais longe nessa busca, a menos que a sua formação seja aprofundada. O deserto é vasto e profundo e apenas um guerreiro espiritual e habilidoso pode atravessá-lo. Você está pronto para alcançar o próximo nível?”

Thor acenou com a cabeça fervorosamente.

“Não há nada que eu deseje mais do que isso. Diga-me o que eu devo fazer.”

“Acompanhe-me.” Disse Argon.

Thor caminhava lado a lado com Argon, avançando cada vez mais profundamente no deserto, ele se perguntava para onde eles estariam indo. Ele sentia uma intensa energia irradiando de seu corpo a cada passo, sentia como se estivesse voltando lentamente a si. Ele também se sentia mais poderoso do que nunca.

Quando estavam andando, Thor olhou para baixo e parou, ele ficou chocado com o que viu. O chão desabou e ele se viu de pé na beira do Canyon.

Thor olhou para baixo, impressionado com a profundidade e o alcance do mesmo. Ele parecia estender-se para sempre. Sua estranha névoa girava ao redor dele. Logo ele olhou para o lado e viu Argon de pé ao lado dele, olhando para a imensidão também.

“Como nós chegamos até aqui?” Thor perguntou. “Como foi que regressamos ao Anel?”

“Nós estamos em todos os lugares e em nenhum lugar.” Argon respondeu. “Nós viajamos através da brecha entre os reinos. Como você vê, lugares e tempo são apenas uma ilusão. Nós agora transcendemos essas ilusões. Eu quero que você olhe para a Canyon, para sua névoa. O que você vê?”

Thor olhava com esforço para a expansão, mas não via nada além da névoa serpenteante, iluminada por todas as cores.

“Eu não vejo nada.” Thor respondeu.

“Isso é porque você olha com seus olhos e não com a sua mente.” Argon respondeu. “Agora feche os olhos.” Ele disse com firmeza. “... E olhe.”

*Fechar os meus olhos e olhar?* Thor se perguntava. Ele não conseguia entender.

Mas ele fez o que lhe foi dito: ele fechou os olhos, voltou-se para o Canyon e sentiu a névoa serpenteando e golpeando o seu rosto. A sensação úmida dela era tão agradável naquele calor.

“Veja com os olhos de sua mente.” Disse Argon. “Permita que tudo venha até você.”

Thor respirou fundo e concentrou-se, tentando entender. Ele permaneceu ali, sem saber por quanto tempo, até que lentamente, ele começou a ver.

Abaixo dele, Thor via uma cidade vermelha, construída à beira do Canyon. Sua estrutura de pedra vermelha brilhava, ela estava dividida em duas partes, uma cidade inferior e uma superior.

“Eu vejo uma cidade vermelha.” Disse Thor.

“Muito bem. O que mais?”

O coração de Thor começou martelar quando ele viu violentos incêndios através da cidade. Destruição. Derramamento de sangue. Pessoas morrendo.

“Eu vejo um exército.” Disse Thor. “... Rápido como um raio, cobrindo o Anel. Invadindo as cidades. Destruindo-as.”

“Sim. Que mais?”

Thor deu de ombros. No começo tudo estava obscurecido, mas logo depois tudo entrou em foco.

Seu coração desabou quando ele viu uma última coisa. Era muito horrível e ele queria desviar o olhar. Mas ele não podia. Ele viu Gwendolyn, doente, deitada em um leito. Ela estava perto da morte. Ele a viu rodeada pelos vários anjos negros da morte, os quais a esperavam pacientemente, como se estivessem prontos para levá-la.

Thor abriu os olhos, virou-se e encarou Argon.

“É verdade?” Ele perguntou. “Gwendolyn? Ela está morta?”

“Há muitas maneiras de morrer.” Disse Argon.

“Ela me necessita. Eu devo regressar até ela.”

“Não.” Argon disse com firmeza. “Ela deve enfrentar o seu destino.”

“Eu devo regressar até ela!” Thor insistiu.

“Esse não é o momento.” Disse Argon. “Você deve cumprir sua missão. Você deve cumprir seu treinamento. Se você voltasse para ela agora, ela morreria e o mesmo ocorreria com você.”

“O que eu devo fazer?” Thor perguntou desesperado.

“Até agora, você lutou principalmente com as mãos, às vezes com o coração e por vezes, com o seu espírito. Mas você ainda é inconsistente. Isso é porque você ainda está preso à natureza humana. Você ainda se apega a este mundo, a todas as coisas

físicas em torno de você, como se elas fossem reais. Por um lado, elas são reais. Mas por outro, elas não são. Elas são apenas formas de energia. Até você entender isso, seus poderes nunca estarão completos.”

Argon virou-se.

“Ali.” Ele indicou com um movimento de cabeça. “Você está vendo?”

Thor ouviu um chiado e virou para encontrar-se de pé, de volta no deserto. Correndo em direção a ele vinha uma enorme serpente, ela possuía três cabeças e as elevava enquanto lançava suas línguas para fora. A serpente estava deslizando diretamente para ele.

“Detenha-a!” Disse Argon.

Thor levou sua mão ao punho da sua espada.

“Não!” Argon ordenou. “Não com sua espada! Use sua mente. Apele para sua força interior.”

O coração de Thor batia forte enquanto a serpente se aproximava muito rapidamente; uma parte dele queria contar com o seu lado humano, para pegar a espada e cortá-la ao meio. Foi preciso que ele usasse toda a sua força de vontade para obrigar-se a tirar a mão do punho da espada e ficar ali, com as mãos ao lado do corpo e logo estender a palma da mão e apontá-la para a serpente.

Thor tentou direcionar a energia para ela, mas nada acontecia. A serpente estava se aproximando cada vez mais.

“Argon!” Thor gritou assustado.

“Pare de tentar direcionar sua força.” Disse Argon calmamente. “É preciso compreender que a força para parar esta criatura não vem de dentro de você; ela vem de dentro da própria criatura. Deixe-se levar. Torne-se um com a criatura. Sinta seus músculos, suas três cabeças, sua cauda, suas línguas, seu veneno. Sinta-se como ela se move no chão. Sinta o quanto ela quer matá-lo. Sinta o seu ódio. Aprecie seu ódio.”

Thor fechou os olhos, baixou a mão e tentou fazer tudo o que Argon tinha lhe dito. À medida que ele se concentrava, que o assobio ficava mais alto e a criatura ficava mais perto, Thor começou a sentir alguma coisa; no início a sensação era suave, mas depois foi ficando mais e mais forte. Era a energia daquele animal rápido e

habilidoso, cheio de veneno e ódio. Era a intenção de destruir Thor. Thor sentia tudo claramente, como se ele próprio fosse o animal.

“Muito bem.” Disse Argon. “Agora você é a serpente, também. Mude sua natureza. Altere a natureza da serpente.”

Em sua mente, Thor ordenou a serpente que se detivesse.

Thor abriu os olhos e olhou para baixo para ver a serpente, com seus seis metros de comprimento. Ela parou diante dele, suas três cabeças sibilavam, mas eram incapazes de alcançá-lo, era como se ela estivesse congelada. Cada uma das três cabeças arremetia contra Thor.

“Você parou a criatura.” Disse Argon. “Mas você não mudou sua natureza.”

Thor podia sentir a energia do animal percorrendo-o e por mais que ele tentasse ordenar-lhe que desse a volta, ele não conseguia. Ele estava conseguindo detê-la, mas era só isso, e ainda assim, com um tremendo esforço. Todo o seu corpo tremia com isso e ele sentia que não poderia controlá-la por muito mais tempo.

De repente, a criatura estendeu uma de sua três cabeças e afundou suas presas no braço de Thor.

Thor gritou de dor quando o veneno passou através dele, queimando-o; as duas longas presas permaneciam alojadas em seu antebraço, era a coisa mais dolorosa que ele já tinha experimentado. Ele sentia como se todo o seu braço estivesse em chamas.

“Seu poder está fraquejando.” Disse Argon.

“Ajude-me!” Thor engasgou, em agonia.

“Não até que você mande embora a fera.” Disse Argon. “Pare de se opor a ela. Você ainda está se opondo a ela, mesmo quando ela está mordendo você.”

Thor fechou os olhos, sentindo uma dor extrema, ele estava coberto de suor e fazia tudo o que podia para concentrar-se nas palavras de Argon. Ele tentou concentrar-se e ficar calmo, mesmo em meio a tanta dor, mesmo no meio de um ataque.

Finalmente, algo dentro dele mudou; ele parou de resistir à criatura. Ele permitiu-lhe ser o que era. E então ele quis que a fera levantasse os dentes de sua pele.

A fera deu-lhe ouvidos e quando ela fez isso, Thor sentiu a dor terrível das presas deixando sua pele e em seguida, o alívio do ardor. E então, de repente, a fera virou-se e saiu correndo pelo chão do deserto quando Thor se derrubou.

De repente, Thor compreendeu. Ele havia estado resistindo à fera. Resistindo com todas as forças ao seu redor. Ele não conseguia ver que ambos eram um só. Uma enorme força de vida. Ele só tinha estado vendo a separação entre eles e era a separação o que o estava debilitando.

“Excelente.” Disse Argon.

Thor abriu os olhos e viu Argon de pé acima dele, estendendo o seu cajado e com a ponta de ouro dele, tocava a ferida de Thor. Um momento depois, a ferida cicatrizou, sua carne voltou ao normal, como se nunca tivesse sido mordida.

“Você é um aprendiz rápido.” Disse Argon. “Como o seu pai.”

“Meu pai?” Thor perguntou. “Você o conhece? Quem é ele?”

“É claro que eu o conheço.” Disse Argon. “Eu o treinei.”

“O treinou?” Thor perguntou. “Diga-me.” Ele implorou. “Quem é ele?”

Argon abanou sua cabeça.

“Tudo será revelado quando for a hora certa. A pergunta que você deve fazer agora é se você quer viver. Você opta por cumprir esta missão? Opta por salvar Gwendolyn?”

“Sim!” Thor exclamou de volta com entusiasmo.

“Seu destino é grandioso.” Disse Argon. “... Mas também é um destino escuro. Coisas grandiosas vêm acompanhadas pela luz e pelas trevas. Você deve estar preparado para aceitar ambas.”

“Eu estou!” Thor exclamou de volta.

Argon olhou para ele por um longo tempo, como se o estivesse esquadrinhando então, finalmente, ele acenou de volta em aprovação.

“Levante-se, bravo guerreiro.” Disse Argon. “É tempo de viver.”

Thor piscou várias vezes e abriu os olhos para encontrar-se deitado, de cara, no chão do deserto. Ao seu redor estavam todos os seus irmãos da Legião, deitados no chão também, perto dele, tal como ele os havia deixado. Todos eles estavam deitados ali

enquanto o segundo sol subia e o calor do dia, começava a esfriar, tudo estava exatamente como antes.

Thor se levantou lentamente, apoiando-se em suas mãos e joelhos, sentindo uma nova energia, uma nova força, percorrendo seu corpo. Ele se sentia diferente com cada fibra do seu ser. Ele coçava a cabeça e se perguntava: Teria sido tudo um sonho? Quanto dele tinha sido real? Sua mãe? Argon?

E quem era o seu pai?

Thor se levantou, apoiando-se em suas mãos e joelhos, ele percebeu que era o único que estava acordado. Todos os outros estavam inconscientes ou mortos, ele só não tinha certeza de qual das duas possibilidades.

Thor ouviu um arrastar de pés, então ele olhou para cima e viu uma pessoa de pé por cima dele. Ela usava uma túnica marrom e amarela, com uma grande faixa branca e olhava para Thor com olhos curiosos e gentis. Era um homem de uma raça antes nunca vista por Thor: ele tinha a pele verde, um nariz muito estreito, lábios largos e olhos enormes, desproporcionalmente grandes para o seu rosto.

Ele puxou o capuz para trás e olhou para baixo para Thor, como se examinasse uma curiosidade. Atrás dele, apareceram vários outros, assim como ele. Eram pessoas baixas e cada uma delas tinha um longo cajado rubi.

“Ajude-os.” Disse o líder.

Os homens se moveram, cada um correu até um membro da Legião, até Indra e Krohn e os levantaram do chão. Thor sentiu alguém passar os braços dele sobre um par de ombros estranhos e deixou que o arrastassem.

“Quem são vocês?” Thor perguntou.

“Residentes do deserto.” Respondeu o homem. Thor sentiu uma energia positiva fluir dele, então ele não resistiu.

“Para onde nós estamos indo?” Thor inquiriu.

“Jovem guerreiro...” Disse o homem. “Agora é tempo de que você se recupere.”

Thor sentia que o arrastavam, ele não sabia dizer por quanto tempo, já que ele perdia e recobrava a consciência enquanto

prosseguiam. O sol ficou mais escuro, até que finalmente o solo debaixo dele, para sua surpresa, havia mudado para uma relva macia e viçosa.

Chegou até eles, o som de água borbulhando, o som de uma nascente que fluía, então Thor abriu completamente os olhos, para o seu deleite absoluto, ele viu que todos estavam em um oásis no deserto. Havia um grande perímetro com talvez uns cem metros, formando um círculo que estava coberto com a grama mais verdejante, cheio de palmeiras com as frutas mais exuberantes que Thor já tinha visto. No centro havia um lago azul de águas cristalinas. Thor e os seus irmãos foram todos juntos tropeçando em direção a ele, eles dobraram os joelhos e caíram de cara na beira da água.

Todos beberam e beberam e a cada gole, Thor sentia sua força de vida retornando.

Quando Thor bebeu até não poder mais, ele rolou e ficou deitado de costas, a água refrescava sua nuca. Ele olhou para o céu, para as palmeiras balançando acima dele, lançando sombra e ele se perguntava se tinha chegado ao paraíso.

“Quem são vocês?” Thor perguntou novamente, enquanto o homem sorria.

“Nós temos estado observando-o por um longo tempo, bravo guerreiro.” Disse ele. “E nós decidimos que não vamos deixar você morrer.”



## CAPÍTULO DEZ

Andronicus entrou triunfalmente pela cidade saqueada de Silésia, deleitando-se com a sua vitória. Esparramados, de cada lado dele, estavam centenas de corpos do exército de MacGil e os corpos dos soldados de Silésia, todos empilhados aos montes, onde eles tinham sido mortos. Em meio a eles havia ainda milhares de silesianos cativos, amarrados uns aos outros em longas filas, sendo chicoteados e conduzidos por toda a cidade. Ouvia-se o som onipresente dos martelos golpeando as estacas e por todo o redor, ele via enormes cruces sendo erguidas, elas eram altas o suficiente para manter até mesmo os maiores guerreiros de Silésia. Eles estavam se preparando para crucificar os líderes.

Vários soldados já gritavam enquanto as estacas eram cravadas em seus pulsos e tornozelos, pregando-os nas cruces. Muitos já tinham morrido. Aqueles que tinham sobrevivido gritavam e gemiam. Andronicus sorria. Aquela era sempre sua parte favorita: deleitar-se com o sofrimento daqueles a quem ele esmagava, fazê-los sentir a picada do longo braço do Grande Andronicus.

Alguns cativos aprendiam a lição rapidamente; outros levavam mais tempo. Os silesianos eram pessoas orgulhosas, teimosas, eles tinham surpreendido Andronicus ao resistir por muito mais tempo do que outros povos que ele tinha dominado. Por isso, ele os admirava e ainda por isso, ele também teria de fazê-los pagar.

Aquele era um povo que não parecia quebrar-se facilmente. Sem importar o quanto ele os escravizasse ou torturasse, nenhum deles iria jurar lealdade a ele. Desde a sua artimanha, desde sua falsa promessa inicial, eles haviam permanecido em silêncio, mesmo diante da tortura e da morte. Mas todos tinham um ponto fraco e ele iria encontrar uma maneira de quebrá-los, não importava como, ou quanto tempo fosse necessário.

Enquanto Andronicus andava pela cidade, uma tempestade fria de inverno a atravessou, ele respirou fundo, finalmente satisfeito, finalmente ele tinha conquistado todo o Anel. Todo o Império.

Finalmente, não restava mais nenhum lugar no mundo que seus pés não tivessem pisado. Finalmente, ele era o mestre supremo do universo.

Andronicus passou por fileiras de mulheres e crianças, todas acorrentadas umas às outras, elas já estavam sendo levadas para os novos acampamentos que estavam sendo montados ao redor. Já estavam sendo colocadas para trabalhar na reconstrução da cidade, moldando a cidade de uma nova maneira. À maneira de Andronicus. Dezenas de escravos já estavam trabalhando duro erguendo o emblema do reino de Andronicus: um leão com um pássaro em sua boca. Outro grupo estava trabalhando duramente, erigindo uma estátua do próprio Andronicus. Seria uma estátua de grande altura e largura e ela seria colocada bem no centro da praça da cidade, ela teria quinze metros em sua base e se elevaria por trinta metros. Seria revestida de ouro quando estivesse pronta, seria um lembrete reluzente para todos, sobre a quem eles agora serviam.

Andronicus deleitava-se ao ver um prisioneiro após outro, tantos oficiais de Silésia, tantos MacGils, todos sendo liderados por ele. Ele iria descobrir quem era quem, um de cada vez e ele mesmo torturaria cada um. Toda a cidade ao seu redor estava em chamas, incêndios eram desatados nas casas restantes, acendendo o resto da cidade. Tudo o que Silésia uma vez tinha sido, agora seria destruído e substituído pela nova cidade.

A parte mais urgente e definitiva dos seus assuntos seria a sua descida para a cidade baixa, para lidar pessoalmente com aquela garota MacGil. Gwendolyn. Seu povo já tinha varrido praticamente todos os silesianos da parte baixa, tinha levado todos para o cativeiro; faltava apenas encontrar aquela jovem Gwendolyn, a qual estava bem escondida. Seus homens haviam descoberto onde ela estava. Ela se ocultava em um castelo dentro das muralhas e em questão de horas, eles iriam encontrá-la e levá-la até ele. Dessa vez, ela não escaparia. Dessa vez, ele faria um espetáculo público dela, ele se certificaria de que todos os homens abusassem dela e ele faria com que todo mundo assistisse ao espetáculo. E então, quando ele se fartasse dela, ele mesmo a mataria.

Andronicus sorriu e respirou fundo ao pensar em tudo isso.

Seu cavalo marchava em direção ao portão exterior, em direção à vasta expansão do Canyon, a descida para a parte baixa de Silésia estava a apenas alguns metros. Com cada passo que dava, ele ficava mais perto de encontrar Gwendolyn e completar sua vitória. Aquele era um dos grandes momentos de sua vida e torturar Gwendolyn era tudo que ele precisava para torná-la completa.

\*

Kendrick esforçava-se para abrir os olhos, eles estavam pesados devido ao cansaço, às lesões e a perda de sangue. Ele sentiu as cordas pesadas atando seus braços firmemente por trás das costas e puxando os ombros até o ponto de causar-lhe agonia. Ele sentiu-se que o arrastavam pelos cabelos e enquanto faziam isso, ele sentia todas as dores infligidas ao seu corpo durante a batalha.

Kendrick havia matado muitos soldados do Império, mas tinha sofrido inúmeros chutes, socos e cotoveladas por todo o corpo, além de um golpe de espada em um braço e outro e sua coxa e vergões no rosto e na cabeça. Seu cabelo caía sobre o rosto, manchado com o sangue de alguém que ele não tinha certeza de conhecer. Um de seus olhos estava inchado e semicerrado, porém ele conseguia enxergar mesmo com muita dificuldade. No entanto, ele realmente não desejava ver mais nada.

Ele via a sua volta, seus companheiros, membros do exército de MacGil, mortos. Os membros do Exército Prata; as pessoas com quem ele havia crescido; com quem ele havia lutado em inúmeras batalhas, estavam todas mortas. E o que mais o afligia, o que o fez fechar os olhos e tentar esquecer tudo foi a visão de centenas de membros da Legião, todos mortos. Eles haviam sido mortos em sua primeira corrida de glória, eram apenas garotos, suas vidas foram tomadas prematuramente.

Diante daquela visão, Kendrick desejou ter morrido junto com eles. Ter sobrevivido era uma maldição para ele.

Enquanto Kendrick era levado, sendo mais um dos inúmeros prisioneiros que eram arrastados pelo pátio, ele via os incêndios, via as mulheres sendo atacadas. Até mesmo as crianças estavam amarradas. Os soldados do Império estavam por toda parte e a cidade tinha sido completamente saqueada. Os homens de

Andronicus já estavam começando a reconstruí-la como uma cidade de escravos, como outro monumento às conquistas do Grande Andronicus. Alguns feitores já estavam chicoteando os prisioneiros, colocando-os para trabalhar em pilhas de escombros. O estalar dos chicotes enchiam a cidade.

Kendrick foi chutado por trás e arrastou-se para a frente com os outros. Ele queria apenas fechar os olhos e entrar em colapso. Mas ele viu outro prisioneiro derrubar-se a poucos metros de distância e assim que ele caiu no chão, um soldado do Império levantou a espada e perfurou o seu coração. O prisioneiro — ou estava cansado demais, ou não se importava o suficiente para gritar— quando ele encontrou a morte em silêncio, era mais um cadáver sem nome.

Kendrick queria morrer. Mas ele estava determinado a viver. Aquele não era o seu credo. Ele era um lutador que ia até o final da luta, ele iria viver, do jeito que fosse.

Kendrick foi conduzido até uma enorme cruz, juntamente com vários outros, ele entrava e saía do estado de consciência. Ele sentiu que estava sendo erguido e abriu os olhos para ver os soldados do Império elevando-o sobre suas cabeças, segurando-o contra uma cruz de madeira toda torcida. Kendrick ouviu um grito terrível e quando ele olhou ao redor, ele viu um membro do Exército Prata sendo crucificado ao seu lado, um soldado do Império cravou um cravo nos pulsos e tornozelos dele. Kendrick lutou, querendo ajudar o amigo, mas ele não podia se mover.

Kendrick olhou para o outro lado e seu coração afundou quando ele viu na outra cruz, ao lado dele, um de seus amados companheiros: Kolk. Ele havia sido crucificado há muito tempo, sua cabeça pendia, ele mal podia aferrar-se à vida.

Na cruz, ao lado de Kolk, estava Atme, pendurado. Kendrick ficou aliviado ao ver que ele ainda estava vivo e por perto. Embora parecesse que Atme estivesse se agarrando à vida, seu corpo estava coberto de hematomas e feridas.

Enquanto Kendrick era içado, ele se preparava para o mesmo destino horrível. Mas os soldados do Império começaram a discutir entre si. Ele estava amarrado e preso à cruz, mas pela discussão dos soldados, ele pôde deduzir que eles haviam ficado sem cravos. Para

sorte dele, os soldados não poderiam martelar nenhum cravo em sua pele.

Em vez disso, eles apertaram ainda mais as cordas que o atavam à cruz. Isso era ainda mais horrível e doloroso, Kendrick sentia todos os seus membros estirando, eles estavam prestes a arrebentar.

Kendrick fechou os olhos e pensou em tudo o que ele amava na vida. Pensou naqueles mais achegados a ele. Ele orou em silêncio para que cada um sobrevivesse. Ele balançava sua cabeça enquanto fechava os olhos com força e orava, acima de tudo, por sua irmã mais nova: Gwendolyn.

*Por favor, Deus. Orou ele. De todos nós, permita que ela sobreviva.*

\*

Gwendolyn percorria o chão de seu quarto, na penumbra, caminhando até a janela pela milionésima vez naquele dia, ela presenciava o caos em curso na parte baixa de Silésia. Ali desde seu esconderijo, ela podia olhar para baixo, para a praça inferior e testemunhar a devastação que estava sendo causada pelos soldados do Império. Eles estavam descendo como cabras para o lado mais baixo do penhasco, havia centenas deles aterrorizando seu povo. Agora restavam poucas pessoas, a maioria delas já estavam atadas como prisioneiros e sendo levadas pelos soldados do Império, para a cidade alta.

Tudo o que restava nas ruas vazias eram os ecos vagos de seus gritos que ecoavam nas paredes do Canyon e logo eram levados pelos ventos uivantes. O Império tinha chegado até ali e isso só podia significar uma coisa: a última tentativa de Kendrick tinha falhado. Não havia ninguém para lutar contra Andronicus. Era assim que se podia descrever a derrota. A derrota que todos tinham conhecido era inevitável.

Gwendolyn observou as tropas do Império vasculhando a cidade baixa e ela sabia que eles estavam procurando por ela. Ela foi alojada em um esconderijo naquele castelo secreto, construído nos penhascos, mas ela sabia que seria apenas uma questão de tempo até que a encontrassem; até que a levassem de volta lá em cima,

para as mãos de Andronicus. Ela estremeceu com aquele pensamento.

Gwen sabia que Argon não estaria ali para salvá-la, ele não interferiria nos assuntos humanos uma segunda vez; seu amuleto tampouco seria capaz de salvá-la de novo. Ela sabia que era o fim. Thor havia partido para longe, para uma terra que ela nem sequer sabia onde ficava. Não havia mais ninguém para ajudá-la naquele momento. Agora, ela iria enfrentar a morte sozinha.

Gwen observou um grupo de soldados do Império encaminhando-se em sua direção e ela sabia que tinha ainda menos tempo do que pensava.

Enquanto olhava para fora, Gwen não sentia pena de si mesma, ela estava apenada por todas as pessoas que ela tinha decepcionado. Ela fechou os olhos e uma lágrima caiu enquanto ela ponderava que tragédias poderiam ter sobrevivido a eles. Kendrick, Godfrey, Srog, Brom, Kolk, Atme e os outros, todos lá em cima, provavelmente já mortos agora. Uma dor enorme alojou-se no peito dela.

Gwen pensou em Thor e seu coração afundou. Ela o amava mais do que jamais poderia expressar e não podia imaginar a vida sem ele. Uma parte dela não queria viver sem ele. Ela também não podia imaginar a vida como escrava de Andronicus, como seu brinquedo. Ela sentia que se ela tivesse de morrer, seria melhor morrer com dignidade.

Gwen tomou uma decisão.

Ela se virou e gritou para o servo que estava de pé junto à porta.

“Diga a Illepra que venha — agora!” Exclamou ela.

“Sim, Majestade.” Ele disse e logo saiu correndo da sala. Ela ouviu seus passos ecoando à distância.

Gwen passeava pelo quarto, agitada, seu coração batia acelerado no peito. Em poucos instantes, a porta se abriu e Illepra irrompeu por ela, segurando sua cesta nos braços.

“Majestade, eu estou contente de vê-la levantada e caminhando! A cor voltou a suas bochechas. Vossa Majestade está se recuperando bem.”

“Bem demais, eu receio.” Gwendolyn replicou.

“Majestade?”

“Eu preciso de um frasco especial.” Disse Gwen. “É um frasco do qual nenhuma pessoa deve querer tomar. Mas que alguns devem tomar quando nenhuma outra erva é suficiente.”

Illepra olhou para ela com cuidado e olhos sempre tão perceptivos se arregalaram.

Ela balançou a cabeça lentamente.

“Está me pedindo um veneno?” Perguntou ela.

Gwen assentiu com a cabeça.

“O frasco escolhido por reis e rainhas.” Disse ela.

Illepra balançou a cabeça vigorosamente.

“Eu não vou fazer isso, minha senhora. Eu pratico a arte de curar e eu fiz um juramento.”

Gwendolyn estava determinada.

“Eu sou sua rainha e eu *ordeno* a você!” Ela disse com voz firme.

Illepra olhou para ela, sem poder se mover, Gwendolyn deu um passo à frente e agarrou as mãos dela.

“Eu lhe imploro.” Acrescentou ela. “Dê-me o frasco.”

Gwendolyn sentiu as lágrimas escorrendo de seu rosto.

“Os homens de Andronicus virão por mim.” Acrescentou. “Você imagina que vida eu teria com eles? Tudo e todos que nós conhecemos e amamos foram eliminados. Eu não quero viver assim.”

Illepra olhou para ela fixamente, em silêncio, por um longo tempo, finalmente ela baixou o queixo, uma lágrima rolou por seu rosto. Então ela meteu a mão no fundo de sua cesta, por entre todas as ervas, ela vasculhou ao redor até que encontrou e tirou um pequeno frasco com um líquido preto. Ela segurou-a contra a luz.

“Raiz Negra.” Disse ela. “Beba isso e não mais existirá. Tenha cuidado, Majestade. Não deixe que o líquido toque os seus lábios, a menos que realmente queira que ele seja a última bebida a tomar.”

Illepra virou as costas e correu da sala, batendo a porta atrás de si.

Gwendolyn observou-a ir-se, então ela segurou o frasco e examinou seu líquido contra a luz. Ela viu o líquido viscoso e negro movendo-se enquanto ela virava o frasco em forma de ampulheta. Era tão sinistro e bonito. Gwen lembrou-se de seus livros de

histórias, de todas as histórias que havia lido sobre reis e rainhas que haviam tomado o líquido. Ela nunca tinha imaginado que um dia estaria segurando o mesmo frasco.

“A bebida dos reis e rainhas.” Ouviu-se uma voz.

O coração de Gwendolyn acelerou quando ela reconheceu a voz.

Ela se virou e viu Argon ali, de pé, olhando para ela, com os olhos brilhando. Ele parecia ver através dela, parecia penetrar em seus pensamentos mais sombrios. Ela sentiu-se envergonhada e escondeu imediatamente o frasco no bolso.

Ela baixou a cabeça e corou.

“Você salvou minha vida hoje.” Disse ela. “No campo de batalha. Não sei como agradecer-lhe.”

Ele permaneceu ali, inexpressivo.

“No entanto, pelo frasco que você está carregando consigo, parece que você estará morta em breve.” Ele respondeu friamente, com desaprovação em sua voz. “Então, foi tudo em vão?”

Gwendolyn corou, sentindo-se culpada.

“Nunca será em vão.” Disse ela. “Seja nesta vida ou na próxima, eu tenho uma grande dívida para com você.”

“A dívida que você tem para comigo é viver.” Respondeu ele.

Gwen franziu a testa.

“Eu ainda não entendo.” Disse ela. “Como você fez isso? Eu pensei que você nunca poderia intervir nos assuntos humanos. Pensei que os feiticeiros estivessem proibidos.”

“Você está certa.” Disse ele, caminhando lentamente até a janela. Ele parecia cansado, enquanto andava. “O que eu fiz é proibido. Eu quebrei o voto sagrado de um feiticeiro. Foi a primeira e única vez que eu fiz isso, a primeira e única vez em mil anos que eu intervi nos assuntos humanos. Eu violei o nosso código e devo pagar um preço muito alto por isso. O que eu fiz minou minhas forças e eu vou ter de dormir por muito tempo. Você não vai me ver de novo por um longo período. Pelo menos, não da maneira como você me via antes.”

Gwendolyn sentiu-se invadida pela emoção.

“Eu lamento muito que você tenha feito isso por minha causa...” Disse ela. “... E estou comovida por você ter feito isso logo por mim,

considerando todos os reis e rainhas que você já conheceu.”

“Você é diferente de todos eles.” Disse ele. “Você tem um coração mais valente. Você é mais pura. Mais corajosa. Você é nobre. Você é um líder. E é por tais razões que eu sei que você não vai beber daquele frasco que está no seu bolso.”

Gwen ficou vermelha.

“Você me deixaria à mercê de Andronicus, então?” Ela perguntou indignada.

“Mesmo na morte, você deve dar o exemplo.” Disse ele. “Não se trata de se você vai morrer ou não. Trata-se de *como* você morre. Isso é o que você deixa para os outros.”

“Como eu poderia viver depois do que ele fez comigo?” Ela perguntou, aflita. “Mesmo que nada mais acontecesse?”

“Você pode viver tão facilmente como qualquer outro.” Disse ele. “Não há nenhuma vergonha no que aconteceu com você. Só há vergonha em ser demasiado covarde para continuar. Em não perceber que o *que aconteceu* com você não é *você*. *O que aconteceu* não é exatamente *quem você é*. Seu corpo, alma e espírito são distintos dos eventos que lhe acontecem. Você está olhando para o mundo agora através de uma lente muito estreita, física. Mas o mundo não é só físico — é também espiritual. Olhar apenas fisicamente para as coisas é a forma mais inferior de todas.

“Você acha que entrou neste mundo unicamente através do físico? Você também foi concebida espiritualmente. Esse é o nível mais alto em que todos nós vivemos. E é por isso que as ocorrências físicas do corpo não significam nada. Elas não tocam e não podem chegar ao nosso espírito, à nossa essência. Seria a mesma coisa se você arranhasse um cotovelo, ou perdesse um dedo. Você, Gwendolyn, não mudou.”

Ela corou, envergonhada. Ela sabia que havia verdade no que ele estava dizendo, mas era difícil processar tudo aquilo naquele momento. Ela se encontrava à defensiva.

“Eu não sou uma covarde.” Ela disse fechando os punhos.

“Eu sei que você não é.” Disse ele. “E também sei que você paga suas dívidas.”

“Dívidas?” Ela perguntou confusa.

“Você não se lembra daquele dia, quando você me pediu para salvar a vida de Thor? Eu disse que não era possível, mas você insistiu, disse que daria qualquer coisa. Eu lhe disse que você iria pagar uma dívida, que você sofreria uma pequena morte. Você já pagou essa dívida. Essa foi a sua pequena morte. Uma pequena morte do espírito. Mas não do corpo. E não da alma.”

Gwen lembrava-se de tudo e ouvir aquelas palavras proporcionou-lhe conforto. Isso dava significado aos horrores que ela tinha sofrido. Agora, pelo menos tudo fazia sentido.

“Você deveria estar agradecida.” Continuou Argon. “Você ainda está viva. Você tem a sua saúde. Você tem um filho de Thor dentro de você. Você sacrificaria a criança para se matar? Só por covardia? Você é assim tão egoísta?”

“Eu não sou egoísta.” Ela disse de maneira desafiante, sabendo que ele estava certo.

“Agora, desde a posição em que você se encontra, se vê em seus olhos que o futuro só vai lhe trazer mais dor, mais tristeza.” Disse Argon. “Se vê em seus olhos que você sofreu uma humilhação da qual você talvez nunca mais se recupere. Mas sua visão é limitada; você olha para o tempo desde uma única perspectiva e ela é muito estreita. Essa é a lente de todos os que já passaram pelo sofrimento. E é uma lente distorcida. O futuro irá surpreendê-la; só ele pode ser brilhante, mais brilhante do que você jamais imaginou. E o que aconteceu com você hoje vai desaparecer de sua mente, desaparecerá ao ponto de que você possa até nunca mais lembrar-se disso, como se isso nunca tivesse acontecido. Esta vida não é apenas uma vida: ela é feita de muitas vidas. E sua nova vida vai lavar qualquer dor e pesar que havia nas vidas antigas. Quando as tragédias ocorrem em nossa vida, ficamos presos, como se estivéssemos atolados na lama. Quando estamos atolados na lama, parece que nunca seremos capazes de sair. Mas as tragédias vêm a nós como grandes lições de vida: cabe a nós sair da lama. Não apenas uma vez, mas uma e outra vez. Este é o seu momento de sair dela. O momento de mostrar para a vida que você é maior do que seus medos. A menos que você esteja com muito medo.”

“Eu *não* estou com medo.” Ela respondeu com determinação.

Argon sorriu de volta, era primeira vez que ela o tinha visto sorrir. "Não é a mim a quem você deve convencer." Disse ele. "É a você mesma."

Gwen virou-se e começou a passear, ela caminhou lentamente de volta para a janela enquanto respirava profundamente, sentindo-se melhor. Ela sentia que talvez tudo o que ele tinha dito fosse certo. Mas ainda havia uma coisa que a incomodava.

"E o que vai ser de Thor?" Perguntou ela. "Depois do que aconteceu comigo, Thor não me amará mais. Eu serei rebaixada aos seus olhos."

"Você tem um conceito tão baixo assim de Thorgrin?" Perguntou Argon. "É provável que ele ame você ainda mais"

Gwen não havia pensado nessa possibilidade.

"Ele até pode..." Disse ela. "... Mas no fundo, ele pode se sentir diferente. Eu não quero colocar esse peso sobre ele. Eu não quero que ele *sinta-se obrigado* a estar comigo. Eu quero que ele *deseje* ficar comigo."

Argon abanou sua cabeça lentamente.

"Você subestima Thor imensamente." Disse ele. "Ele a ama como a si mesmo."

Gwendolyn baixou o rosto e sentiu uma lágrima rolar por sua face. Enquanto ele pronunciava as palavras, Gwen sentia que elas eram verdadeiras.

"E agora, então?" Perguntou ela. "Eu não posso ficar aqui. Eu serei capturada. Eu devo simplesmente me render?"

Argon suspirou.

"Você é muito culta." Disse ele. "Você se lembra do que as mulheres faziam em tempos antigos, se elas fossem atacadas? Para onde elas iriam?"

"Ir?" Ela perguntou perplexa. Quando ele perguntou isso, ela começou a rememorar vagamente e então tudo ficou claro para ela.

"A Torre de Refúgio." Disse Argon.

Quando ele disse isso, ela começou a se lembrar.

"No extremo Sul do Anel." Disse ela, lembrando-se. "Um lugar para onde as mulheres vão para se curar. Um mosteiro. Elas fazem um voto de silêncio. Algumas retornam à sociedade, outras não."

“É um lugar sagrado.” Argon acrescentou. “Um lugar onde você não pode ser tocada por qualquer pessoa. Nem mesmo por Andronicus. Tome um tempo para curar-se, para refletir. E depois tome uma decisão. É melhor ir para lá e retirar-se do mundo, do que morrer.”

Enquanto Gwendolyn ponderava as palavras dele, ela olhava pela janela e via as tropas de Andronicus aproximando-se. Lentamente, vieram à sua mente as histórias que ela tinha lido sobre a Torre de Refúgio, o lugar para onde as mulheres fugiam nos tempos antigos para se recompor e se curar. Quanto mais ela pensava sobre isso, mais parecia a coisa certa a fazer. Seu povo não precisava dela agora. O que eles precisavam era que ela sobrevivesse.

“Mas e o que aconteceria se...” Gwen se virou para falar com Argon, mas ele já se havia ido.

Ela o procurou pela sala, perplexa. Mas ele estava longe de ser visto.

Gwen sabia que era apenas uma questão de minutos agora. Ela pegou o frasco e examinou-o mais uma vez, lutando consigo mesma.

De repente, ela tomou uma decisão. Argon tinha razão: ela era mais forte do que isso. Ela nunca cederia à covardia. *Nunca.*

Gwen inclinou-se para trás e atirou o frasco, quebrando-o contra a parede. O líquido aderiu à parede com um chiado, então começou a escorrer lentamente como o alcatrão.

“Steffen!” Chamou Gwen, correndo em direção à porta.

Em poucos instantes, Steffen entrou correndo na sala, olhando para ela com pânico em seus olhos.

“Os túneis secretos dos quais você me falou. Você os conhece?”

“Sim, Majestade.” Ele disse apressado. “Srog me deu instruções. Ele me mandou ficar ao seu lado e se Vossa Majestade alguma vez precisasse deles, eu deveria mostrar-lhe o caminho.”

“Mostre-me agora.” Disse ela.

Olhos dele brilharam de emoção.

“Mas Majestade, para onde pensa ir?”

“Eu vou atravessar o Anel, vou para o Sul, para a Torre de Refúgio.”

“Majestade, eu devo acompanhá-la. Essa não é uma viagem que deva fazer sozinha.”

Ela balançou a cabeça ansiosa, já ouvindo os passos dos soldados, do lado de fora dos portões.

“Você é um verdadeiro amigo.” Disse ela. “Mas essa será uma viagem perigosa e eu não desejo colocá-lo em perigo.”

Ele abanou sua cabeça, totalmente determinado.

“Eu não vou mostrar-lhe o caminho a menos que permita que eu a acompanhe. Minha honra me proíbe de fazer o contrário.”

Gwendolyn ouviu os passos distantes dos homens que se aproximavam e ela sabia que não tinha escolha. E ela estava, como sempre, agradecida pela lealdade de Steffen.

“Está bem.” Disse ela. “Vamos.”

Steffen virou-se e saiu rapidamente do quarto e Gwen o seguiu por um corredor após outro, dando várias voltas e serpenteando, até chegar a uma porta escondida no final de um corredor, camuflada na pedra. Steffen abriu a porta, Gwen se ajoelhou ao lado dele e olhou para dentro.

Era um túnel de escuridão, frio e úmido, os insetos rastejavam por dentro dele. Um arrepio percorreu o corpo de Gwen ao sentir a corrente de ar fria. Eles trocaram um olhar preocupado e ela engoliu em seco ao pensar no que a esperava. Mas ela não tinha escolha. Era isso ou a morte.

Quando o ruído dos passos dos soldados foi ficando cada vez mais alto, os dois correram para dentro do túnel e começaram a longa e difícil jornada, rastejando em direção à liberdade.



## CAPÍTULO ONZE

Thor abriu os olhos e sentiu uma sensação de paz e contentamento que ele não tinha sentido há muito tempo. Ele sentia-se descansado, rejuvenescido e estava deitado de costas na grama macia e verdejante, a brisa fresca acariciava seu rosto. Ele se sentou e olhou ao redor, perguntando a si mesmo se tudo aquilo não seria um sonho.

A luz da manhã se derramava ao longo do deserto, iluminando o oásis em que Thor se encontrava. Aos poucos, tudo foi voltando à sua mente. Seu sonho, sua mãe, Argon e logo seu despertar e encontro com aquele homem, o residente do deserto que os havia levado até ali. Thor havia perdido e recobrado a consciência muitas vezes, ele imediatamente olhou em volta, certificando-se de que os outros estivessem ali com ele.

Ele deu um suspiro de alívio ao ver que todos eles estavam ali. Todos eles estavam deitados confortavelmente na grama, à beira do lago dormindo, contentes e sua aparência era a melhor vista em muito tempo. Ao redor deles havia palmeiras carregadas com frutas, balançando levemente na brisa fresca da manhã.

Thor percebeu que eles tinham sido salvos por aqueles habitantes do deserto. Então ele se virou e procurou por eles para agradecer-lhes. Ele avistou o grupo deles, sentado ao lado das águas, com as palmas das mãos estendidas, de olhos fechados, cantando em algum tipo de ritual. Sua imagem, refletida nas águas tranquilas, proporcionava uma vista agradável. O som suave do seu canto se elevava e ecoava pelo ar, fazendo com que o lugar parecesse ainda mais surreal.

Além do perímetro do oásis, em todas as direções, havia deserto. Um deserto amarelo e escaldante que se alastrava infinitamente, cruelmente para as bordas do horizonte. Naquela hora do dia, ainda era muito cedo para que o calor se elevasse em ondas, mas Thor sabia que seria assim em breve.

“Você despertou.” Disse uma voz.

Thor se virou e viu um dos habitantes do deserto, aquele que o havia salvado, de pé ao lado dele, olhando para baixo com olhos amáveis e compassivos.

“Você desfrutou de um sono longo e reparador.”

Thor quebrava a cabeça, tentando lembrar. Ele olhou em volta e viu seus irmãos despertando.

“Eu tenho uma enorme dívida para com você.” Disse Thor. “Nós todos temos. Vocês salvaram nossas vidas.”

O homem abanou sua cabeça.

“Você não me deve nada.” Disse ele. “A dívida é nossa.”

Thor olhou para ele, confuso.

“Veja bem...” Disse o homem. “... Nossa lenda fala sobre você. Ela nos falou sobre este dia. O dia em que você passaria por aqui. Nós temos estado esperando você há várias gerações, esperando por esse momento para ajudá-lo em sua jornada. Sua missão não afeta apenas você, ela é a missão que vai libertar a todos, até mesmo os daqui do Império.”

“Esperando por mim?” Thor perguntou confuso. “Eu não entendo. Você deve ter me confundido com outra pessoa.”

Mas eles balançaram suas cabeças.

Os outros se aglomeraram ao redor e Thor sentiu Krohn esfregando-se contra sua perna, ele estendeu a mão e acariciou a cabeça do animal.

“Onde estamos?” Perguntou O’Connor.

“Vocês estão no coração do Grande Deserto.” Respondeu o homem, enquanto seu povo finalmente se levantava e se juntava a eles. “Bem no centro. Nenhum ser humano jamais chegou até aqui. Aqueles de nós que vivem aqui sabem da existência desse oásis. O deserto é um lugar implacável. Vocês têm sorte de estar vivos.”

“Eu avisei vocês.” Indra disse, balançando a cabeça.

“Estamos em uma busca.” Reece respondeu.

“Em busca da espada roubada.” O’Connor interferiu.

“Nós disseram que ela foi levada para Neversink.” Elden acrescentou.

Os habitantes do deserto se viraram e se olharam, seus olhos estavam arregalados de surpresa.

“Exatamente com as profecias predisseram.” Disse o líder deles, virando-se e olhando para Thor.

“Você pode nos levar até lá?” Thor perguntou.

“Claro que posso.” Respondeu o líder. “Nós devemos levá-lo. É nosso dever. Sigam-nos bem de perto e peguem tantas frutas quanto puderem carregar.” Disse ele. Logo, todos eles baixaram seus capuzes, levantaram seus bastões e começaram a caminhar. “As frutas serão sua única fonte de vida.”

Thor e os outros se viraram e examinaram as grandes frutas amarelas que pendiam das palmeiras e balançavam ao vento. Cada um deles pegou todas as frutas que podia carregar, em seguida, todos se viraram e se apressaram para seguir os habitantes do deserto, os quais se deslocavam surpreendentemente rápido. Sua silhueta já estava obscurecida pela névoa da manhã.

Todos formaram uma fila, Thor marchava rapidamente ao lado de seus irmãos para manter o ritmo. Thor pegou uma das frutas amarelas e por curiosidade ele mordeu-a. Quando ele fez isso a fruta estourou e a água jorrou pelo seu rosto, ela foi derramando-se por seu queixo e pescoço até chegar ao chão do deserto. Ele tentou pegar o máximo que podia com palma da mão, mas ficou chateado por ter desperdiçado tanto.

“Você deve ter mais cuidado.” Disse Indra. “Frutas aquosas são delicadas. Eles são em sua maioria água e apenas um pouquinho de casca. Dentro não delas não há água comum, mas uma água especial, que lhe dá energia. Mais energia que alimento.”

Thor bebeu a água, ela era doce e deu-lhe uma carga de energia. A água também tinha um gostinho azedo. Agora, ele olhava para a fruta com mais respeito.

“Você deve mordê-la lentamente e com muito cuidado.” Acrescentou Indra. “Você já desperdiçou uma.”

Thor se inclinou e colocou o restante da fruta nos lábios de Krohn, deixando que ele sorvesse dela. Ele bebeu avidamente, ansioso por mais.

Thor e os outros caminhavam logo atrás dos habitantes do deserto, enquanto eles iam seguindo uma espécie de caminho inescrutável que Thor não conseguia detectar. À medida que eles

caminhavam, o sol ficava mais alto e mais quente no céu, logo Thor encontrou a si mesmo respirando pesadamente. Não ajudava muito o fato de que uma nuvem de poeira soprava de vez em quando; Thor cobriu os olhos com as mãos tentando protegê-los da areia. Os habitantes do deserto simplesmente baixaram seus longos capuzes, eles pareciam imunes àqueles inconvenientes.

Quando Thor teve sede, ele mordeu lentamente outra fruta aquosa, dessa vez ele ficou muito agradecido pelo líquido, o qual ele compartilhou com Krohn. Todos os seus irmãos, ao seu redor, estavam fazendo o mesmo. Esta vez era diferente de sua primeira caminhada do deserto, aquele fruto dava-lhe a energia para ajudá-lo a prosseguir. A princípio, quando Thor recolheu as frutas, ele se ressentia do peso extra, porém agora, ele estava muito feliz por tê-las consigo. Na verdade, ele agora estava preocupado porque sua carga ficava mais leve, enquanto ele comia mais e mais delas.

“Ei, mais frutas!” O’Connor gritou.

Thor se virou e viu ao seu lado, uma única palmeira que balançava no meio do deserto, cheia de frutas vermelhas que penduravam bem baixo. O’Connor foi até dela, quando de repente, um dos habitantes do deserto agarrou-o bruscamente pela camisa e puxou-o para trás.

Thor e os outros trocaram olhares de surpresa, sem entender.

“Solte-me!” O’Connor gritou.

Mas de repente, a terra abriu-se debaixo da árvore em uma espécie de poço enorme que ia se ampliando e engolindo a árvore e tudo ao seu redor.

O’Connor ficou ali parado enquanto olhava para o poço com os olhos arregalados; se ele tivesse dado apenas mais um passo, já estaria morto.

“O deserto está cheio de suas próprias armadilhas sedutoras.” O habitante do deserto disse para O’Connor. “Como eu disse antes, sigam bem de perto a nossa trilha.”

Eles continuaram caminhando, O’Connor estava abalado. Todos eles sentiam mais respeito por aquele lugar, todos seguiam o rastro dos habitantes do deserto, tão de perto quanto possível.

Eles marchavam continuamente, em silêncio, enquanto se metiam cada vez mais fundo no deserto até que suas pernas e pés se cansaram. Sua marcha se assemelhava cada vez mais a uma peregrinação.

As horas foram passando e Thor precisava de uma pausa na monotonia; ele caminhou e colocou-se ao lado do líder dos habitantes do deserto.

“Por que vocês moram aqui?” Thor perguntou.

“Assim como você, nós queremos ser livres. Livres do longo alcance do braço de Andronicus. Nossa liberdade é mais preciosa para nós do que o lugar onde vivemos.”

Esse parecia ser um assunto recorrente, o qual Thor sempre estava ouvindo por todo o Império.

“Se vocês puderem derrotar Andronicus, vocês liberarão, não só a vocês mesmos, mas a todos nós.” Acrescentou ele.

“Mas este deserto parece ser um lugar tão hostil e implacável.” Disse Thor.

O homem sorriu.

“O Império está repleto de lugares hostis e implacáveis.” Ele replicou. “Ele também está repleto de locais de beleza inimaginável, locais de abundância e prosperidade. Cidades oceano. Cidades de ouro. Faixas de terras verdes que se estendem até onde os olhos podem ver. Cachoeiras sem fundo. Rios repletos de peixes. Esses foram os lugares dos quais Andronicus se apoderou. Um dia, eles ainda poderão voltar a ser nossos.”

Eles caminhavam sem parar e os pés de Thor latejavam, então o segundo sol começou a se pôr no céu. As frutas haviam acabado há muito tempo e Thor não sabia se ele poderia prosseguir por mais tempo. Justo quando ele ia dizer isso, lá na frente, entre as tremulantes ondas de calor, ele viu o contorno de algo. Ele piscou várias vezes, pensando que era outra miragem. Mas quando eles se aproximaram, ele percebeu que não era.

“Neversink.” Indra exclamou.

O coração de Thor se encheu de alívio.

“Sim.” Disse o líder. “O lago faz fronteira com o deserto. É onde um território termina e outro começa.”

Todos marchavam agora rejuvenescidos, a areia aos poucos foi dando lugar à grama, eles chegaram à beira do deserto e a grama se tornou mais grossa e mais verde. Ali, talvez a uma centena de metros de distância, rodeado pela relva estava Neversink. Uma de suas margens estava emoldurada por um bosque de árvores altas, enquanto a outra margem estava emoldurada por colinas verdes.

“É aqui onde nós nos separamos.” Disse o líder dos habitantes do deserto, parando e encarando Thor.

“Eu não sei se nós poderemos algum dia, recompensá-lo.” Disse Thor.

“Encontre sua espada.” Respondeu ele. “Derrote Andronicus. Isso será recompensa suficiente.”

Ele se inclinou e abraçou Thor e Thor abraçou-o de volta.

“Lembre-se de nós.” Disse o homem.

Com isso, todos os habitantes do deserto se viraram, cobriram os rostos com seus capuzes e voltaram para o deserto. Thor e os outros os observavam enquanto eles iam embora; eles não tinham chegado muito longe quando uma tempestade do deserto agitou a areia, envolvendo-os e fazendo-os desaparecer.

Thor e os outros trocaram um olhar maravilhado, logo todos eles se viraram e examinaram o lago sem fundo diante deles. Neversink. Ele era maior do que Thor tinha imaginado e parecia esticar-se por quilômetros, em cada direção. O lago irradiava uma luz azul e Thor podia sentir uma energia intensa provindo dele. Aquele não parecia ser um lago comum.

Thor olhou para todos os lados em busca de qualquer sinal da Espada, ou dos ladrões. Ele estava alerta, assim como os outros, todos agarravam o punho de suas espadas, preparando-se para um confronto. Se eles tivessem chegado ali primeiro, os ladrões poderiam chegar a qualquer momento.

Mas por mais que Thor vasculhasse as margens, ele não conseguia ver nada, não havia nenhuma evidência de que eles estivessem ali. Ele apenas rezava para que eles não estivessem atrasados demais.

“Talvez seja tarde demais.” Disse O’Connor. “Talvez eles já tenham jogado a espada no lago e ido embora.”

“Ou talvez eles não tenham chegado ainda.” Disse Reece.

“Se eles já vieram e lançaram a espada, não há maneira de que possamos verificar as águas.” Disse Elden.

“Se a espada estiver aí...” Disse Indra. “... Então ela já dever ter afundado nas entranhas do mundo. A única esperança é que vocês tenham chegado aqui antes e possam detê-los antes que eles a lancem no lago.”

“Temos de descobrir se eles estiveram aqui.” Disse Thor. “Se eles tivessem estado aqui, teriam deixado um rastro. Precisamos encontrá-lo. Temos de saber ao certo o que aconteceu. Vamos verificar as margens.”

Todos eles se dispersaram simultaneamente e começaram a caminhar ao longo das margens de areia branca do lago, vasculhando a costa em busca de algum rastro, de alguma marca diferente. Thor tirou as botas e caminhou com os pés descalços na grama, depois ele caminhou ao longo da areia e molhou os pés nas águas geladas; elas eram agradáveis e ele se sentiu refrescado, especialmente sob a sombra das árvores altas. Todos os outros fizeram o mesmo.

Eles andaram por horas até aproximar-se da margem oposta do lago, suas águas cintilavam, então, de repente, Reece gritou: “por aqui!”

Todos se viraram animadamente e seguiram Reece enquanto ele apontava para as pegadas na areia; eram as marcas de um grande grupo de pessoas. Todos eles ficaram ali, estudando as pegadas.

“Eles vieram do bosque.” Disse Reece.

“Isso significa que eles chegaram primeiro do que nós.” Disse Elden.

O coração de Thor encolheu quando ele olhou e viu a trilha de pegadas na areia. Ela não augurava nada de bom.

Todos eles seguiram as marcas ao longo das areias brancas que contornavam o lago. De repente, elas acabaram abruptamente.

Todos eles ficaram ali, coçando a cabeça, olhando para a areia e depois para as águas.

“A água é mais escura aqui.” Disse Reece.

“Esta deve ser a parte mais funda do lago.” Disse O’Connor.

“É verdade.” Indra disse dando um passo a frente e olhando para a água. “Se eles fossem escolher um lugar para lançar a espada, o lugar seria este aqui.”

Thor engoliu em seco. Ela estava certa. Seria possível que a espada estivesse perdida para sempre?

“Mas porque as pegadas terminaram?” Thor perguntou.

Todos eles olharam para as águas tranquilas, perguntando-se o mesmo. O único som que se ouvia era o do vento chicoteando a água, enquanto todos a observavam. Thor foi invadido por um sentimento opressor.

“Será que nós fizemos todo esse caminho...” Perguntou O’Connor. “... Apenas para descobrir que a espada está perdida para sempre?”

Eles sondavam as águas, mas elas eram impenetráveis.

“Se ela estiver aí, não haverá maneira de recuperá-la.” Disse Elden.

“E agora, o que faremos?” Perguntou Reece. “Regressaremos ao Anel como fracassados?”

Indra virou as costas para eles e começou a vagar até a borda do bosque.

“Eu não estou tão segura disso.” Ela finalmente disse.

Todos se viraram e olharam para ela; ela estava ajoelhada, examinando uns ramos.

“Vocês estão vendo essas árvores?” Disse ela. “Olhem para os galhos. Vejam o ângulo deles. Parece que alguém teve de retirar-se para o bosque, justo a partir deste ponto.”

Thor virou-se junto com os outros e seguiu Indra, afastando-se do lago e metendo-se entre os pinheiros gigantes. Todos eles já conheciam Indra o suficiente para não duvidar mais dela, eles a seguiram sem fazer perguntas, enquanto ela os guiava pela floresta. Enquanto eles avançavam, Thor começou a ver também; no início, ainda não se via muito claro, mas logo depois tudo ficou visível. Havia um caminho sutil, uma série de galhos quebrados. Um padrão. Ele estava começando a se parecer com uma trilha. Ela tinha razão.

A trilha serpenteava pela floresta, então finalmente se abriu de volta para as praias de areia, em uma parte diferente do lago. Aquela parte da costa estava obscurecida, coberta de sombra, os

galhos longos e pesados dos pinheiros se curvavam sobre ela. Thor teve de olhar atentamente para ver que havia algo na areia, escondido entre as sombras.

Quando eles se aproximaram, tanto Thor como os outros pararam de repente e ficaram congelados no lugar, todos ficaram chocados com o que viram diante de si.

Ali, deitados na areia, à beira do lago, estavam os corpos dos ladrões que haviam roubado a Espada do Anel. O grupo inteiro estava ali, todos os seus homens estavam deitados na areia, mortos.

O sangue escorria de seus corpos, ele ainda estava úmido e manchava de vermelho a areia. Ali, deitados em meio a eles, também estavam os corpos de vários soldados do Império, todos mortos.

Thor e os outros ficaram ali, perplexos, tentando encontrar uma explicação para o que viam. Era evidente que um grande conflito havia tido lugar ali. Mas por quê? Como? E o que tinha acontecido com a espada? Não havia nenhum sinal dela em nenhum lugar. Teriam os ladrões lançado a Espada na água antes de serem mortos? Será que algum soldado do Império tinha sobrevivido e fugido com a espada após o conflito?

“Parece que eles mataram uns aos outros.” Disse Elden.

Todos começaram a caminhar devagar pelo meio da carnificina, tentando entender.

“Não.” Disse Indra finalmente, ela estava ajoelhada e examinava as marcas nos corpos. “Eles foram atacados. Todos eles. Por outra coisa.”

“Atacados?” Elden perguntou. “Pelo quê?”

Indra passou a mão pelo peito de um dos soldados e depois olhou para eles sombriamente:

“Dragões.”



## CAPÍTULO DOZE

Godfrey lentamente piscou e abriu os olhos, sua cabeça latejava. Ele estava mais dolorido do que podia lembrar, parecia que seu corpo suportava todo o peso do mundo. Todos os músculos doíam e latejavam e enquanto ele estava ali, deitado com a cara contra a grama, ele testava lentamente seus membros, tentando mover cada um. Parecia que o *rigor mortis* tinha se instalado em seu corpo.

Ele mexia sua cabeça e tentava lembrar. Onde ele estava? O que tinha acontecido?

Godfrey olhou e viu não muito longe dele, o rosto de um cadáver com os olhos bem abertos como se estivesse olhando diretamente para ele. Ele abriu os olhos com um sobressalto, recostou-se e olhou ao redor: havia centenas de cadáveres esparramados no campo de batalha ao redor dele. Ele girava o pescoço e via sempre o mesmo panorama em todas as direções.

Então ele se lembrou. A batalha contra Andronicus. No princípio, a vitória; logo depois, a derrota. A carnificina.

Godfrey estava admirado de estar vivo. Ele também não podia deixar de se sentir orgulhoso de si mesmo por realmente ter tido a coragem de lutar, de estar lado a lado com seu irmão Kendrick e os outros. Ele não tinha as habilidades deles, mas, ironicamente, talvez tivesse sido isso o que o tinha salvado. Godfrey havia se lançado desajeitadamente no meio da batalha e, vergonhosamente, descobriu que ele tampouco tinha a agilidade dos demais guerreiros; quando atacou, ele escorregou na poça de sangue de um soldado e cambaleou antes que pudesse empunhar sua espada. Ele lembrou-se de estar de bruços no chão e de ter tentado se levantar, para não ser pisoteado pelos soldados e cavalos.

Godfrey lembrou-se de ter recebido um forte coice de cavalo na cabeça, o qual provavelmente tivesse sido o que o nocauteou. Depois disso, tudo tinha sido escuridão.

Godfrey pôs a mão em um lado de sua cabeça e sentiu uma enorme protuberância no lugar onde o cavalo o tinha chutado. Ele

tinha vergonha de ter sido derrubado por um cavalo e por não ter sido abatido com sua espada em punho, por outro cavaleiro. Mas, pelo menos, ao contrário dos outros ao seu redor, ele havia poupado sua vida.

Era a manhã do dia seguinte e uma névoa fria soprava do Canyon, Godfrey estremeceu percebendo que ele havia estado ao ar livre durante a noite toda. Ele sentou-se no meio do mar de corpos, era uma cena chocante na primeira luz da manhã. À distância, ele viu as tropas de Andronicus, patrulhando. Chegou até ele o ruído característico de uma espada brandindo no ar e perfurando a carne; Godfrey esticou o pescoço e viu um soldado do Império a cerca de cinquenta metros de distância, andando de um corpo para o outro, erguendo a espada e mergulhando-a em cada corpo para certificar-se de que estivesse morto. O soldado era metódico, ele ia de cadáver em cadáver e ele agora estava indo na direção de Godfrey.

Godfrey engoliu em seco, seus olhos se arregalaram ao perceber que ele havia escapado da morte uma vez, mas não estava prestes a escapar dela de novo. Ele tinha de pensar rápido, ou ele acabaria *realmente* morto.

O que Godfrey carecia em habilidades de luta, ele compensava com sagacidade. Ele não tinha o treinamento de seus irmãos, mas ele tinha uma capacidade única para sobreviver. Enquanto crescia, ele sempre encontrava uma saída para tudo e agora, mais do que nunca, era hora de aproveitar suas habilidades.

Godfrey examinou rapidamente os corpos ao seu redor, então ele viu o cadáver de um soldado do Império, o qual tinha mais ou menos seu tamanho e altura. Ele olhou por cima do ombro para certificar-se de que o soldado que patrulhava não estivesse olhando, depois ele se arrastou para a frente apoiado sobre suas mãos e joelhos e chegou até o cadáver. Ele rapidamente despojou o cadáver de toda a sua armadura, movendo-se tão discretamente quanto podia, rezando para não ser detectado.

Godfrey tirou sua própria armadura, seu corpo praticamente congelou quando foi exposto ao ar frio do inverno, então ele vestiu-se com a armadura do inimigo da cabeça aos pés, usando até mesmo o cinto, o qual tinha uma espada curta e um punhal; em

seguida, ele estendeu a mão e agarrou o escudo. Ele até mesmo se esticou e pegou o capacete, o qual por sorte ocultava metade de seu rosto com sua forma semicircular. Ele conseguiu fazer tudo isso o mais rápido possível, sempre olhando sobre o ombro a cada poucos segundos para ver se o outro soldado do Império estava se aproximando. Felizmente, enquanto se aproximava o soldado não estava olhando em sua direção.

Godfrey rapidamente se virou e ficou deitado de costas, segurando o escudo do soldado do Império sobre ele de modo que o brasão — um leão com um pássaro em sua boca — ficasse claramente visível. Ele fechou os olhos, fingindo dormir e orou.

O soldado que patrulhava se aproximou dele e parou. Godfrey, de olhos fechados, rezava para que ele caísse. Ele sabia que o próximo segundo seria decisivo para que ele vivesse ou não. Se ele ouvisse o som metálico do aço cortando o ar, ele saberia que seria morto, que seu truque havia sido descoberto. Mas se ele sentisse que o soldado o cutucava, de alguma maneira, ele saberia que seu ardil tinha funcionado.

Godfrey esperou o que pareceu uma eternidade, o soldado estava de pé ao lado dele, debatendo.

Finalmente, ele sentiu a ponta de uma bota, empurrando-o sobre o ombro.

Interiormente, Godfrey suspirava de alívio; externamente ele fingia estar sendo acordado. Ele foi abrindo os olhos e piscou-os lentamente, fingindo estar desorientado.

“Você está vivo.” Disse o soldado do Império. “Que bom. Você está ferido? Consegue caminhar?”

Godfrey sentou-se lentamente, não era difícil fingir dor, sua dor era bem real; ele estendeu a mão e tocou o vergão em sua face, então ele permitiu que o soldado do Império o ajudasse a levantar-se. Suas pernas estavam duras, assim como o resto do seu corpo, mas ele podia andar.

“Eu sinto muito, senhor, Eu não tinha visto suas divisas.” O soldado disse com admiração, ficando, de repente, em posição de sentido.

Godfrey olhou para trás surpreso, sem entender. Então logo ele percebeu: o uniforme que ele tinha roubado. O soldado do qual ele tinha despojado sua armadura devia ter sido um oficial.

Godfrey assumiu imediatamente o papel, com medo de ser descoberto.

“Eu o perdoo por esta vez.” Disse ele. “Mas da próxima vez que você se dirigir ao seu superior, faça isso da maneira correta. Está me entendendo?” Godfrey disse, expressando o tom de voz mais duro e autoritário que ele podia.

“Sim, senhor!” Respondeu o soldado.

Godfrey ficou ali, olhando para o soldado. Ele tinha de pensar rápido. Ele sabia que tinha de continuar desempenhando bem o papel; um movimento em falso e ele seria descoberto.

“Deseja que eu consiga uma enfermeira para atendê-lo, senhor?” Perguntou o soldado.

“Não. Eu não tenho necessidade de uma. Sou um oficial, é bom que não se esqueça. Nós sofremos apenas ferimentos leves.”

“Sim, senhor.” Disse o soldado.

A mente de Godfrey dava voltas. Ele não podia simplesmente ir embora. Seria muito arriscado. E se alguma coisa que ele fizesse delatasse a sua artimanha?

“Aí está você.” Ouviu-se uma voz.

Godfrey se virou e viu vários oficiais do Império aproximando-se. Com seu capacete posto e sua viseira baixa, eles provavelmente não o haviam reconhecido.

“Reunião de oficiais.” Disse uma voz.

O grupo de oficiais do Império se aproximou, um deles colocou a mão em suas costas e guiou-o, juntamente com os outros.

Godfrey encontrou-se marchando com o grupo de oficiais do Império, percorrendo o seu caminho através do campo de cadáveres, em direção ao portão externo de Silésia, dirigindo-se ao acampamento de Andronicus. Ele estava com medo de olhar por cima do ombro para verificar e ver se aquele soldado estava observando-o, dando-lhe uma segunda olhada, pensando se não havia cometido um erro. Então, ao invés disso, ele dobrou o ritmo e seguiu aqueles homens, maravilhado com aquela volta ímpar do

destino. Ele se perguntava por quanto tempo ele conseguiria manter a farsa. Uma parte dele queria virar-se e correr, mas se ele o fizesse, ele sabia que nunca escaparia. Além disso, para onde ele iria correr? Toda a cidade havia sido escravizada. Parecia não existir nenhum lugar seguro, para o qual ele pudesse ir.

Eles logo passaram pelo portão exterior e afastaram-se de Silésia, ao fazer isso, surgiu diante deles a enorme extensão de um milhão de homens que compunham o exército de Andronicus, todos acampados em barracas. Godfrey engoliu em seco com temor diante da visão. Ele foi levado mais e mais profundamente atrás das linhas inimigas e ia misturando-se com os outros enquanto se dirigia para o coração do acampamento de Andronicus; ninguém parecia olhar para ele com suspeita.

Ele havia sobrevivido. Ele os havia enganado. Ele tinha conseguido manter a farsa.

Mas por quanto tempo ele poderia mantê-la?



## CAPÍTULO TREZE

Erec cavalgava com Brandt e dezenas de homens do Duque, todos eles atravessaram os portões de Savária e logo a ponte levadiça fechou-se atrás deles com um golpe. A cidade ficou protegida apenas pelos poucos soldados que permaneceram ali para ficar de guarda. Todos eles avançavam pela estrada em direção ao Leste. Centenas deles marchavam levantando poeira em meio a um grande barulho enquanto prosseguiam em sua viagem para a Ravina Oriental.

Eles cavalgavam sincronizados e formavam um grupo determinado e destemido que marchava por suas vidas, à luz do amanhecer. Todos sabiam o que estava em jogo e estavam totalmente preparados para lançar-se contra o impossível. Todos estavam preparados para tentar defender sua pátria, apenas uns cem homens, contra um milhão de homens do exército de Andronicus. Erec sabia que todos eles provavelmente estivessem dirigindo-se para a morte. Mas era para isso que todos eles tinham nascidos e sido criados: para arriscar suas vidas a cada dia; para proteger e defender aqueles deixados para trás. Na mente de Erec isso era um privilégio. Era para isso que ele — que todos eles tinham vivido suas vidas: para mostrar coragem.

Erec estava agradecido por estar avançando contra o inimigo, por estar dando a cara, em vez de ficar esperando com ansiedade dentro de seus próprios portões que o inimigo se aproximasse. Ele não sabia se eles iriam viver ou morrer, e de certa forma, isso não importava. O que mais importava era que eles tivessem a chance de enfrentar o inimigo com honra, com coragem e em um confronto de glória.

Erec sentia uma sensação de segurança, sabendo que dessa vez, Alistair estava a salvo em Savária, atrás dos portões do Duque, na segurança do castelo, a centenas de quilômetros de distância das linhas de frente. Ele poderia mergulhar na batalha com tranquilidade, sabendo que não precisava preocupar-se com ela.

Eles cavalgaram por um bom tempo, o único som que se ouvia era o pisotear de seus cavalos. As nuvens de poeira eram uma constante e o pó delas cobria o rosto de Erec, seu cabelo e seu nariz, enquanto o primeiro sol subia bem alto no céu. Erec perdeu-se, como sempre fazia, na grande cacofonia de centenas de cascos de cavalos, de esporas tilintando em seus ouvidos, de espadas chacoalhando em suas bainhas. Era um som ao qual ele estava acostumado desde a sua juventude. Ele sentia-se como em casa.

Os sóis já estavam altos no céu e as pernas de Erec começaram a doer. A estrada se elevou e eles chegaram ao topo da Colina Oriental; eles fizeram uma pausa e a partir daquele ponto de observação estratégico eles puderam olhar para o campo ao Leste que se estendia abaixo deles.

Todos pararam, o Duque e Brandt ficaram ao seu lado e então, Erec apontou.

“Lá!” Disse Erec.

Diante deles se via uma enorme cadeia de montanhas, que se estendia infinitamente de Norte a Sul. Ela formava uma barreira natural, bloqueando a passagem entre o Leste e o Oeste e só havia um caminho que a atravessava: uma ravina estreita, uma ínfima brecha, grande o suficiente para caber talvez seis homens lado a lado, ela talvez tivesse uma centena de metros de profundidade e estava no meio da cordilheira. Era o único caminho que aqueles que provinham do Oeste poderiam usar para chegar até Savária sem ter de escalar a montanha íngreme. Era uma passagem para os viajantes e um ponto de engarrafamento para os soldados. Era o caminho mais rápido e direto que um exército poderia percorrer. Isso caso esse exército não tivesse nada a temer. Um exército cauteloso, no meio de um conflito contra um inimigo forte, não tentaria usá-lo; mas um exército enorme, sem nada a temer, bem que poderia. Era o lugar perfeito para uma emboscada.

Eles não podiam ver além da cordilheira e não tinham nenhuma ideia de quão perto o exército de Andronicus estaria; eles tampouco sabiam se ele estaria viajando naquela direção.

Erec estava revigorado; Eles tinham chegado primeiro do que Andronicus ali. Agora, eles tinham uma chance de lutar.

“ADIANTE!” Erec gritou.

Os homens do Duque gritaram em uníssonos em resposta e esporaram seus cavalos, todos eles foram descendo a colina a galope, cobrindo o solo rapidamente.

Eles chegaram à base da ravina rapidamente.

“O que fazemos agora?” O Duque perguntou a Erec, respirando com dificuldade, enquanto todos eles se permaneciam ali montados em seus cavalos.

“Nós devemos dividir os nossos homens.” Erec respondeu.

“Metade de um lado e metade do outro. Então devemos dividir estes grupos novamente, metade tomando posições no topo da montanha e a outra metade aqui embaixo. Aqueles que estiverem na parte alta podem criar uma avalanche a um sinal nosso. Então, quando a luta estiver espessa, eles podem se juntar a nós aqui embaixo.”

O Duque assentiu com a cabeça em aprovação.

“Também devemos distribuir os arqueiros ao longo do caminho...” Acrescentou ele. “... A cada seis metros, em cada elevação, assim cobrimos todos os ângulos.”

Erec acenou com a cabeça em aprovação.

“E lanças e piques abaixo.” Brandt interferiu. “Para criar uma parede de sangue.”

O Duque gritou as ordens e ao fazê-lo, todos os seus homens se dispersaram com uma grande alegria, galopando e tomando posições em cima e na parte de baixo da face da montanha, ao longo de toda a borda da ravina e embaixo, bem na sua borda.

Erec desmontou e aproveitou a oportunidade, antes da tempestade, para caminhar dentro da ravina vazia, Brandt e o Duque se juntaram a ele. Erec ia devagar, olhando para as paredes, sentindo a sua rocha, examinando-a. Estava mais escuro ali dentro e seus passos ecoavam. Ele esticou o pescoço e olhou para as centenas de metros de altura acima e viu seus homens começarem a assumir seus postos. Era uma queda acentuada a partir dali e até mesmo a menor rocha que fosse lançada desde tal altura, seria mortal.

Diante de Erec estava o túnel longo e estreito formado pela ravina. A luz do sol brilhava do outro lado, talvez a uma centena de

metros de distância. Naquele momento, tudo estava estranhamente quieto; Erec não via nenhum sinal dos homens de Andronicus. Ele se perguntava como um lugar podia ser tão pacífico quando, em breve, ele ficaria cheio de derramamento de sangue.

Aparentemente, Brandt e o Duque, ambos ao lado dele, estavam se sentindo do mesmo jeito.

“Talvez eles venham por este caminho.” Brandt disse, sua voz ecoou no silêncio.

“Talvez eles tenham seguido outra rota.” O Duque acrescentou.

Mas Erec ficou ali, com as mãos nos quadris, sentindo o cheiro da batalha no ar, um cheiro que ele conhecia desde a infância. Os pêlos de seus braços se arrepiaram ligeiramente, como sempre faziam antes de um conflito. Ele tinha um sexto sentido para a batalha, desde que ele se entendia por gente.

Ele abanou sua cabeça lentamente.

“Não...” Disse ele. “Se há uma coisa, da qual vocês podem ficar seguros, é de que a guerra está vindo ao nosso encontro.”



## CAPÍTULO QUATORZE

Romulus estava em uma alta colina ao Norte de Neversink, observando o horizonte em um acesso de raiva. Comandante de todas as forças do Império na ausência de Andronicus e segundo general, o mais poderoso depois do próprio Andronicus, Romulus era conhecido por não cometer enganos. Ele era apenas um pouco mais baixo do que Andronicus, mas sua compleição era quase duas vezes maior, sua cara era rechonchuda, ele tinha uma mandíbula enorme e ombros tão grandes que o seu pescoço quase desaparecia dentro deles. Ele tinha lábios grandes e brutais, olhos negros chispantes, orelhas enormes e chifres menores do que os de Andronicus. Ele não usava um colar de cabeças encolhidas, como Andronicus fazia. Ele não precisava. Quando ele encontrava seus inimigos, ele arrancava suas cabeças com as próprias mãos e era conhecido por mantê-las no ar e olhar nos olhos do cadáver longamente, pelo tempo suficiente para memorizar cada face. Ele marcava os rostos de seus inimigos em sua mente daquela maneira e ele nunca se esquecia de nenhum deles. Ele tinha na cabeça um vasto catálogo de todos os rostos dos homens que havia matado e às vezes, no meio da noite, ele ficava acordado durante horas delineando os contornos de seu rosto e então ele sorria largamente. Isso lhe dava uma sensação de calidez interior e às vezes, o ajudava a adormecer.

Mas Romulus não tinha o hábito de dormir muito. Ele vivia para a batalha, para emboscar seus inimigos no meio da noite, em seu próprio território. Ele era ainda merecidamente famoso por ser, pelo menos, tão feroz quanto Andronicus. A maioria das pessoas achava que ele era ainda mais brutal. E era isso que aborrecia Romulus: ele era superior a Andronicus, ele sabia disso em seu coração. O mesmo sucedia com as pessoas. Não havia uma única pessoa no Império a quem ele respondesse, exceto Andronicus. E se não fosse por Andronicus, ele seria o líder do Império.

Romulus odiava ser o número dois. Ele tinha suportado isso apenas porque estava esperando o melhor momento, porque ainda

não havia chegado o tempo apropriado para um golpe. Andronicus era muito paranóico, tinha muitos espiões e realizava muitas checagens para salvar-se de seus próprios homens.

Porém, agora que Andronicus havia deixado o Império para invadir o Anel, Romulus havia detectado uma oportunidade. Pelo menos por enquanto, ele, Romulus, era o governante *de facto* do Império no país; agora todas as forças voltavam sua atenção para ele, enquanto Andronicus estava lá fora travando sua guerra tola, seguindo sua obsessão de dominar o Anel. Tinha sido um equívoco tolo e Romulus estava determinado a fazê-lo pagar um alto preço por isso.

Romulus sorriu largamente: ele estava preparando o seu golpe e quando Andronicus voltasse, Romulus teria a cabeça dele em uma bandeja. Primeiro, ele faria Andronicus ajoelhar-se diante dele e admitir sua superioridade. Depois ele teria de admitir, para que todo o Império pudesse ouvir, que Romulus era o mais feroz dos dois.

Por enquanto, porém, Romulus tinha assuntos mais urgentes em sua mente. Aquela estúpida espada, a antiga Espada do Destino, a qual tinha sido uma pedra no sapato do Império por séculos, tinha estado tão perto de seu alcance. Ele tinha enviado um contingente de homens para matar os ladrões do Anel antes que eles pudessem lançá-la no lago. Mas tudo tinha resultado terrivelmente errado. Seus homens os haviam capturado a tempo, mas eles foram emboscados pelos dragões. Não havia nada que Romulus pudesse ter feito, a não ser ficar lá, à distância, vendo como aquelas criaturas horríveis levavam seu tesouro, a espada. Eles batiam suas asas, voando alto no horizonte, com a espada reluzente em suas garras.

Enquanto Romulus estava ali em um acesso de ira, ainda imóvel, ele via os dragões voando para longe, avançando cada vez mais ao Norte, seus gritos vitoriosos cortavam o ar. Centenas de homens estavam atrás dele prendendo a respiração, todos sabiam muito bem que era melhor não proferir nenhuma palavra até que ele estivesse pronto para mover-se.

Enquanto observava o último do bando de dragões desaparecendo no horizonte, Romulus respirou fundo. Seria uma marcha longa e difícil se ele decidisse segui-los e avançar

profundamente na Terra dos Dragões. Ele perderia muitos homens ao enfrentar aquelas feras. Ele poderia perder todos eles. Fazia séculos que o Império tinha ousado enfrentar os dragões.

No entanto, ele não tinha escolha. Aquela espada era o que ele precisava para estabelecer sua legitimidade, para fazer todo o Império ver que ele, Romulus, era o primeiro e único grande líder; a espada era o que ele precisava para derrubar Andronicus. Com ela nas mãos, ele poderia deixar bem claro que ele — e não Andronicus — era o único. No entanto, ele temia que sem a espada, o seu povo não juntaria forças contra Andronicus e seus homens. Ele só tinha uma chance de derrubar Andronicus e ele não podia correr nenhum risco.

“MARCHEM!” Romulus gritou, assim que ele fez isso, os seus homens começaram a seguir, em uníssono, sem fazer uma só pergunta, uma longa viagem para o Norte, para a Terra dos Dragões.

O cantochão começou, a cacofonia de armaduras e armas, ia ecoando pelo caminho até a montanha, enquanto todos eles marchavam como um só. Romulus examinava o horizonte, enquanto ele prosseguia, observando o vestígio final dos dragões no céu. Ele teria de encontrar a espada, ou ele faria com que todos os seus homens morressem tentando.



## CAPÍTULO QUINZE

Thor e os outros estavam ao lado das águas cintilantes de Neversink, olhando para os corpos. Ele pensava. Dragões. Todos aqueles homens, abatidos por dragões. A espada roubada, levada para longe. Por um lado, ele se sentia aliviado ao saber que ela não estava perdida no lago; no entanto, ele também sentia um temor ainda mais profundo sabendo para onde ela tinha sido levada. Ela continuava perdida, só que de uma forma diferente. Os dragões eram uma força indomável e viviam tão longe. Como eles poderiam arrancar a espada deles? Será que sua missão ali havia fracassado? Uma parte dele não podia evitar sentir que sim.

Ainda assim, Thor sabia que não tinha escolha. Eles estavam em uma missão e tinham feito o voto de cumpri-la. Não havia como recuar; sua honra o impedia de fazer isso. Eles teriam de fazer o que fosse preciso para encontrar a espada e levá-la para casa.

“Então o que faremos agora?” Reece perguntou finalmente, em nome de todos os que estavam ali, em silêncio.

Thor virou-se para seu velho amigo.

“Não temos escolha.” Respondeu Thor. “Nós seguiremos a espada.”

“Até a Terra dos Dragões?” O’Connor perguntou nervoso.

Thor assentiu com a cabeça, sombriamente.

“Você está maluco.” Disse Indra.

Todos eles se voltaram para ela.

“Atravessar aquele deserto foi loucura. Mas isso que você está propondo é uma sentença de morte garantida. Por que simplesmente não nos jogamos de um penhasco agora e acabamos logo com isso? A Terra dos Dragões é uma terra de cinzas e fogo. Uma terra de morte. Você nunca vai conseguir chegar até ela. E se você conseguir isso, o que você vai fazer? Enfrentar um ninho de dragões? Basta um deles para incinerar você num piscar de olhos. Você realmente acha que pode simplesmente ir lá e arrancar deles o seu tesouro mais valioso? Dragões são gananciosos com seus

tesouros e eles não vão compartilhá-lo com ninguém sem que haja mortes.”

Thor suspirou.

“Você pode estar dizendo a verdade.” Ele reconheceu. “Eu não vou discutir isso. Mas não importa. Estamos em uma missão. Fizemos um voto e devemos cumprir o nosso voto, sem importar para onde ele nos conduza. Não se trata de vida ou morte. Trata-se de coragem.”

Indra balançava a cabeça sem parar.

“Há um limite para a sua loucura que eu posso aturar. Eu vim com vocês enquanto vocês seguiam seu mapa bobo; eu até segui vocês pelo deserto. Mas até aqui cheguei. Eu valorizo a minha vida. Eu sinto muito. Eu não vou me aventurar a encontrar uma morte certa.”

Thor acenou com a cabeça, em resposta.

“Eu entendo.” Disse ele. “Nós não vamos reter você.”

Elden olhou para Indra e Thor conseguiu detectar uma tristeza em seu rosto.

“Então você está nos abandonando?” Ele perguntou. “É isso?”

Ela acenou com a cabeça em resposta e Thor pôde detectar a mesma tristeza em seus olhos.

“Vocês não precisam fazer isso.” Disse ela. “Vocês não precisam se matar.”

“Nós *devemos* fazer isso.” Elden respondeu. “É assim que nós somos.”

Ela olhou para ele seriamente por um longo tempo e finalmente, ela disse:

“Eu compreendo.”

Indra se aproximou, estendeu a mão e tocou o rosto de Elden, então ela surpreendeu a todos quando se inclinou e o beijou.

Ela acariciou o rosto dele com a palma da mão e em seguida ela se afastou lentamente, virou-se e foi embora. Em poucos minutos ela estava perdida na floresta, fora do alcance da vista. Ela nunca olhou para trás.

Elden parecia perturbado, ele estava morto de vergonha.

Thor e os outros desviaram o olhar, dando-lhe um pouco de privacidade. Todos haviam perdido algo naquela viagem; todos eles

compreendiam.

Cada um deles estava ali, perdido em seus pensamentos, a gravidade da etapa final de sua jornada estava pesando sobre eles.

*A Terra dos Dragões*, Thor pensou.

Ele se perguntava se eles, alguma vez, poderiam alcançá-la. E se eles, alguma vez, poderiam escapar dela com vida.

\*

Agora havia apenas cinco: Thor, Reece, O'Connor, Elden e Conven. Todos marchavam com Krohn ao seu lado. Com Conval morto e Indra ausente, eles sentiam a ausência. Thor não podia deixar de sentir como seu grupo ficava cada vez menor. Ele tinha um frio sinistro em seu estômago desde que apenas eles cinco tinham deixado Neversink, desde que eles se separaram de Indra. Ela era a garota mais destemida que ele havia conhecido, no entanto, até ela estava com medo de ir por aquele caminho. Isso não podia augurar nada de bom.

Eles seguiram para o Norte, conforme Indra havia instruído, seguindo uma trilha áspera através das colinas; eles já tinham estado marchando por horas, sempre rumo ao Norte, as colinas subiam e desciam em fileiras cada vez maiores de falsos picos. Cada vez que eles chegavam ao topo de mais um, Thor tinha certeza de que não haveria mais picos; porém sempre aparecia outro no horizonte. Eles continuaram assim, subindo e descendo por horas, todos respirando com dificuldade, todos exaustos.

Até aquele momento, Thor não estava nem mesmo certo de que eles estivessem seguindo a trilha correta. Tudo o que eles tinham ao prosseguir era alguma carcaças que apareciam ocasionalmente, ao lado da estrada. A estrada era pontilhada de vez em quando pelos esqueletos, ora de pessoas ora de animais, Thor não sabia bem ao certo, cada esqueleto lhe causava mais frio na barriga. Quanto mais longe iam, mais esqueletos encontravam e a sensação de mau agouro se intensificava. Thor estava cada vez mais certo, com cada passo que dava, de que todos estavam marchando para a morte.

A tristeza pesava sobre todos. Conven estava perturbado com a dor, estava fora de si, de uma forma que Thor jamais havia visto. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar e apesar de que suas

lágrimas finalmente tinham parado, agora elas tinham sido substituídas por uma sensação silenciosa de devastação. Ele parecia um homem arruinado pela dor, parecia desequilibrado. Thor ficou assustado quando olhou nos olhos dele: Conwen não parecia estar mais ali com eles novamente.

Elden também estava desanimado desde que Indra os havia deixado. Era evidente que ele se importava com ela, mais do que ele havia deixado transparecer. Ele andava com seu maxilar contraído e o rosto carrancudo. Ele também parecia perdido em outro mundo. Sobravam apenas Reece e O'Connor, os quais caminhavam um de cada lado de Thor, segurando o punho de suas espadas, nervosos. Sua caminhada interminável também tinha afetado todos eles, todos estavam com os olhos fundos, devido ao medo constante e ao cansaço. Eles não se pareciam com os mesmos rapazes que tinham iniciado aquela busca. Todos se viam envelhecidos. Thor se perguntava se ele pareceria tão cansado como os demais.

Os joelhos de Thor tremiam a cada passo que ele dava, ele não podia evitar perguntar a si mesmo se aquela jornada acabaria algum dia; se para começar a história, não tinha até mesmo sido um erro começar aquela aventura.

A Terra dos Dragões. Ele mal conseguia acreditar na loucura deles cinco, marchando para enfrentar um exército de dragões naquelas condições e ainda atrever-se a de alguma forma, tirar a espada das suas garras. Aquela era uma missão que nem mesmo um exército totalmente equipado poderia esperar alcançar. Como eles poderiam ter sucesso? Ele não tinha ideia. Sua honra, porém, exigia que ele tentasse. Se ele viveria ou não, em sua mente, não era o que mais importava. Ele não voltaria como um fracassado. E ele não voltaria como um covarde. Uma lição que Argon uma vez ensinou-lhe ficou marcada em sua mente, como um mantra: *às vezes, é mais difícil se retirar, do que seguir em frente. Às vezes, a única saída é PROSEGUIR.*

A única coisa que dava algum consolo a Thor era pensar em Gwen. Ele sentia o anel de sua mãe no fundo de sua camisa, então estendeu a mão para assegurar-se de que ele ainda estava lá. Ele pensava em Gwen constantemente, cada vez mais durante aqueles

dias e isso o ajudava a prosseguir. Ele queria estar longe daquele lugar horrível, de todas aquelas criaturas terríveis, longe dos monstros, dos soldados e dos escravos, para simplesmente estar de volta ao Anel, de volta para o lado de Gwendolyn. Agora ele sentia que tudo era cada vez mais, como um sonho distante, como uma fantasia que nunca tinha sido real, para começar. Ele mal podia imaginar poder estar de volta em um mundo de paz, estar junto de Gwen, rindo, despreocupado, simplesmente deitado em um campo de flores e olhando para o céu. Isso parecia parte de outra vida.

Todos eles subiram mais um pico, aquele era mais inclinado do que o resto, todos chegaram ofegantes ao topo da colina, eles haviam subido quase em linha vertical, até que a grama cedeu o lugar às rochas. Tudo tinha se convertido mais em um exercício de escalada, em lugar de uma caminhada, e quanto mais alto eles subiam, mais forte ficavam as rajadas de vento e mais frio o ar se tornava. Quando chegaram ao topo da colina, Thor rezou para que aquela fosse a última subida; ele não sabia como eles poderiam descer e subir mais colinas novamente.

Eles chegaram ao topo e todos pararam surpresos com a visão diante deles. Eles tinham chegado ao cume e a vista era surpreendente. O terreno se cortava abruptamente abaixo deles em um ângulo agudo, despencando centenas de metros abaixo. E lá embaixo, estendia-se uma paisagem inteiramente nova. Não havia mais grama à vista, nem rochas, montanhas, colinas ou árvores. Em vez disso, a paisagem era inteira e chocantemente branca. Ela resplandecia totalmente. Parecia um deserto, ou uma praia, formada por minúsculas pedras de cascalho branco. A luz que ela refletia era tão brilhante que Thor teve que apertar os olhos. A paisagem parecia estender-se até o fim do mundo.

O único que variava naquela paisagem infinita eram os enormes buracos na terra, os quais a pontilhavam a cada cem metros. Gigantescos buracos negros que se abriam, deixando cicatrizes na paisagem.

Thor virou-se para os outros, admirado, havia surpresa no olhar de todos eles. Ninguém sabia o que pensar da paisagem.

Thor se ajoelhou, pegou alguns das pedrinhas brancas e finas na palma da mão e as sentiu ao tato; ele viu como elas se desmanchavam em seus dedos. Ele teve um palpite, então ele as levou à boca e tocou-as com a ponta da língua.

Era tal como ele suspeitava.

“Sal.” Disse Thor. “Tudo isso é sal.”

Todos eles olhavam para a paisagem abaixo com mais respeito e uma enorme admiração.

“Isso foi o que disse Indra.” Disse Reece. “Os campos de sal estavam no caminho para a Terra dos Dragões.”

“Mas ele se entendem infundavelmente.” O’Connor disse olhando para a paisagem. “É como um deserto. Se nós entrarmos nele, será que realmente poderemos atravessá-lo? É muito grande. E nós estamos exaustos. Além disso, não há nenhum abrigo, em lugar nenhum.”

“E o que dizer desses enormes buracos?” Perguntou Reece.

“Eu, da minha parte, não estou de humor para entrar em outro deserto.” Disse Elden.

“Que escolha nós temos?” Thor perguntou. “Não há como voltar atrás.”

Thor fechou os olhos e ouviu a voz de Argon.

*Às vezes, a única saída é prosseguir.*

Thor estava se sentindo exatamente igual aos outros, mas ele sabia que tinha de ser forte e confiante. Pelo bem de todos eles.

Thor olhou para a descida abrupta e sabia que não seriam capazes de descer pelo sedimento fino. Eles não tinham escolha senão deslizar-se para baixo. Era uma queda acentuada e embora ela eventualmente se curvasse para cima, ele ficou ali parado, ele tinha de admitir que relutava em dar o primeiro passo. Ele podia ver as expressões nos rostos dos outros e percebeu que eles estavam relutantes, também. A descida era tão íngreme, era quase como pisar a borda de um penhasco.

De repente, Conven adiantou-se e sem hesitar, pulou pela borda. Thor não podia acreditar: ele fez isso sem emoção e sem hesitação, como se fosse um suicida.

Conven nem sequer gritou quando despencou direto para o lado do penhasco de sal. Seus pés e costas raspavam contra o sedimento fino como a areia, levantando uma enorme nuvem branca de poeira e fazendo com que Thor o perdesse de vista. A nuvem de poeira continuou por todo o caminho até a montanha, por centenas de metros, até que em um dado momento o precipício começou a curvar-se e finalmente, Conven parou de deslizar.

Houve alguns momentos de silêncio, enquanto Thor e os outros se olhavam com espanto, esperando que a enorme nuvem de poeira evaporasse, para poder ver se Conven tinha sobrevivido.

Thor olhava por entre a nuvem de poeira, e de repente, ele viu um movimento. Conven se levantou, limpou-se e começou a marchar, de costas para eles, simplesmente como se nada tivesse acontecido.

Thor engoliu em seco. Ele temia por Conven; ele parecia desequilibrado.

Thor não gostava das alturas, ele vacilava enquanto olhava para baixo.

Thor se aproximou e pegou Krohn, ele estava ganindo, Thor segurou-o em seus braços.

“Acho que é agora ou nunca, meu velho amigo.” Disse Reece.

Thor acenou de volta, mas nenhum deles se moveu.

“Lembra daquela vez que você mergulhou no mar vermelho?” Reece lembrou e então riu. “Ele estava cheio de monstros.”

Thor sorriu ao recordar; parecia que isso havia sucedido há séculos.

“Que maneira de começar A Centena.” Thor respondeu.

De repente, todos eles em forma simultânea, se aproximaram da borda e saltaram.

Todos eles gritaram ao mergulhar no ar; Thor sentiu o vento correndo em volta dele, empurrando seu rosto, parecia que ele estava mergulhando em queda livre até o âmago da terra.

Por fim, Thor sentiu que seus pés e logo depois suas costas faziam contato com o sal fino e arenoso enquanto o penhasco começava a formar uma curva gradual para cima. Felizmente, ele estava usando roupas grossas, caso contrário, ele tinha certeza de

que teria queimado sua pele. Ele sentiu o atrito contra seu corpo inteiro, o qual tornou-se mais intenso quando gradualmente a montanha curvou-se para fora.

Thor viu-se caindo de cabeça para baixo, enquanto a curva da montanha se acentuava mais e mais; ele começou a tossir quando ficou preso em uma enorme nuvem de sal, havia sal em seus olhos, em seus cabelos e boca. Por um momento ele sentiu que não conseguia respirar.

Por fim, Thor caiu e se deteve, ele estava abalado e raspado, mas ileso. Ao redor dele, não muito longe, os outros caíram e se detiveram também. Todos eles se detiveram ali, em meio a uma enorme nuvem de poeira branca. Levou alguns segundos para que a poeira baixasse o suficiente e Thor percebesse que todos haviam conseguido descer, vivos e sem ferimentos, incluindo Krohn.

Aos poucos, todos começaram a sacudir a poeira e ficar de pé. Thor coçava a cabeça enquanto se juntava aos outros. Ele virou-se e olhou para cima, ele ficou chocado: a descida parecia incrivelmente alta.

Eles se viraram e começaram a longa marcha através dos campos de sal, tentando alcançar Conven. Ele já estava muito à frente e não olhava para trás.

\*

Eles caminhavam por toda a paisagem monótona, indo cada vez mais para o Norte, serpenteando entre os buracos. Eles passavam por mais e mais esqueletos agora, todos espalhados aleatoriamente. Thor não podia deixar de se perguntar como todos aqueles animais — ou pessoas — tinham morrido. Ele imaginava o que os havia matado — e quando. A maioria dos ossos parecia velha, mas alguns pareciam frescos. Isso o deixava inquieto. Ele não podia evitar a sensação de que todos eles estavam caminhando diretamente para uma grande armadilha.

Thor olhou por cima de um dos buracos no chão e caminhou até sua borda. Ele parou e olhou.

Os outros se reuniram ao redor e todos eles se inclinaram e olharam para baixo, eles viram apenas escuridão.

“O que é isso?” O’Connor perguntou.

Quando ele proferiu as palavras, elas ecoaram e reverberaram.  
"Parece algum tipo de túnel." Disse Reece.

"Talvez eles sejam as minas de sal, das quais Indra falou." Disse Thor.

"Mas quem mineraria em um lugar como este?"

Thor se virou, observou a paisagem e percebeu que em algum momento, alguma indústria havia estado ali, havia esgotado os recursos da terra e logo depois havia abandonado o lugar. Aqueles buracos eram tudo o que restava.

Eles continuaram a sua caminhada, marchando através da paisagem infinita. Os sóis já estavam altos no céu há um bom tempo e Thor estava morrendo de fome, de sede e cansaço. Ele se perguntava, mais uma vez, em que parte daquele lugar eles poderiam se abrigar. É claro que eles não poderiam descansar em um dos buracos, que pareciam cair diretamente em poços sem fundo. Ele também duvidava que pudessem dormir no chão de sal, imaginando que tipo de criaturas poderia andar por ali à noite.

Antes que Thor pudesse terminar esse pensamento, de repente, ele ouviu um chiado estranho, seu estômago se contraiu quando ele se virou e viu um grupo de criaturas estranhas, se aproximando à distância. Havia talvez umas dez delas e quando elas chegaram mais perto, sua aparência se tornou mais nítida: elas pareciam jacarés em miniatura. Elas deslizavam sobre seus estômagos e depois se erguiam sobre suas patas dianteiras, movendo-se alternadamente, às vezes rastejando e às vezes deslizando. Eles tinham línguas compridas, tão longas como seus corpos e a cada poucos metros sua pele grossa se inflava da mesma forma que a pele de um baiacu, as pontas afiadas da pele ficavam mais protuberantes e logo se retraíam. Elas tinham quatro olhos e tudo em seu corpo tinha uma coloração branca, brindando-lhes uma camuflagem perfeita naquele terreno de sal; exceto seus olhos, que eram de um roxo brilhante.

"O que diabo é aquilo?" Perguntou O'Connor.

Krohn rosou de volta, o pêlo de suas costas foi ficando arrepiado. Todos os rapazes pararam abruptamente, todos exceto

Conven, que continuou andando casualmente em direção a elas como se ele não tivesse medo de nada no mundo.

“Conven, eu não faria isso.” Disse Thor.

Mas Conven continuou marchando. Ele puxou a espada com ar casual, o som metálico cortou o ar, então ele saiu para encontrar a criatura mais próxima que avançasse em direção a ele.

Conven levantou sua espada, mas antes que ele pudesse baixá-la, a criatura mais próxima a ele, de repente olhou para cima, abriu a sua boca, e estendeu sua mandíbula revelando várias fileiras de dentes.

“Conven, cuidado!” Reece gritou.

A criatura esticou o pescoço para trás, abriu suas mandíbulas e esguichou um líquido desde o fundo de sua garganta; o líquido jorrou pelo ar e atingiu os olhos de Conven.

Conven gritou, apertando os olhos enquanto ele deixava cair sua espada e cambaleava para trás.

“Eu não consigo ver nada!” Gritou ele.

As criaturas se aproximaram e Thor engoliu em seco, percebendo que tinha uma batalha em suas mãos.

Ao observar o que tinha acontecido com Conven, Thor sabia que tinha de agir rapidamente, do contrário, todos ficariam cegos.

“Levantem seus escudos!” Thor gritou.

Ele pegou seu escudo e os outros fizeram isso também, todos eles se agacharam e cobriram seus rostos. As criaturas se inclinaram para trás e emitiram um chiado e então o líquido foi pulverizado sobre o metal, falhando os olhos deles por um triz. Thor podia ouvir o veneno ácido corroendo o metal do escudo.

Quando os jatos de veneno pararam, todos eles baixaram seus escudos e avançaram. Thor brandiu sua espada contra a criatura mais próxima e decepou sua cabeça, enquanto Elden levantou bem alto o seu machado e o desceu sobre uma das criaturas diante dele, cortando-lhe a cabeça; Reece arremessou sua lança na cabeça de outra e O’Connor levantou seu arco e disparou contra outra acertando em cheio sua garganta aberta.

Mas tão rapidamente como eles mataram as quatro primeiras, quatro mais apareceram correndo para frente e lançando veneno em

seus olhos. Todos eles rapidamente levantaram seus escudos e então atacaram novamente.

Mas aquelas criaturas eram inteligentes; dessa vez elas se retiraram, deslizando-se para trás, Thor e os outros golpearam apenas o ar. Krohn saltou para a frente rosnando e as criaturas lançaram seu veneno sobre ele. Porém, Krohn era muito rápido, ele conseguiu esquivar-se do veneno, agachou-se e logo saltou bem alto, conseguindo atacar e fechar suas presas sobre a garganta da criatura. Ele rosnava enquanto a criatura se contorcia até morrer, ali, na hora.

Outra criatura saltou para Krohn, cujas costas estavam expostas, ela mordeu sua pata traseira; Krohn gritou e Thor saltou para a frente e tentou golpeá-la, mas a criatura era muito rápida e se retirou antes que Thor pudesse atingi-la. Krohn, enfurecido, virou-se e lançou-se sobre várias outras criaturas, matando mais três, mas ele não foi rápido o suficiente para evitar a cauda de outra criatura que o chicoteou com força na parte de trás de sua outra pata, fazendo-o gritar e rolar várias vezes, ganindo e mancando. Thor percebeu que a cauda daquelas criaturas tinha ferrões.

Finalmente, o efeito cegante do jato de veneno parecia ter se dissipado em Conven. Ele piscava enquanto as lágrimas rolavam de seus olhos, mesmo assim ele se abaixou, pegou sua espada e correu em direção às criaturas restantes. Ele levantou o escudo, bloqueando o jato de veneno de várias delas e avançou loucamente.

Mas elas eram muito rápidas para ele, todas recuavam de seus selvagens golpes de espada. Elas haviam aprendido muito rapidamente.

Thor percebeu que tinha uma intensa batalha em suas mãos. Ele não sabia como eles iriam matar o grupo de criaturas restantes.

Foi quando ele ouviu o barulho. Era um chiado enorme, quando Thor olhou para o horizonte, o coração dele foi parar na boca do estômago: ele viu aparecerem centenas daquelas criaturas, todas deslizando por seu caminho. Thor percebeu repentinamente, porque havia tantos esqueletos no terreno: aqueles bichos certamente matavam tudo o que cruzasse o seu caminho.

Conven voltou para o lado do grupo e os cinco se enfrentaram com as criaturas, mantendo-se firmes, preparando-se para a destruição iminente.

“E agora?” Perguntou O’Connor.

Antes que Thor pudesse responder, houve grande estrondo abaixo da terra, ele foi ficando cada vez mais forte, até que sacudiu o chão sob eles, fazendo com que todos cambaleassem. O ruído se intensificou e de repente, todas as criaturas diante deles se viraram e saíram correndo na direção oposta, deslizando em unidade, em meio a uma grande cacofonia de sons sibilantes. Em instantes, elas desapareceram da vista.

“Um terremoto?” Perguntou Reece.

Thor estava aliviado ao ver que as criaturas tinham ido embora, mas ele tinha uma sensação de temor em relação ao que poderia tê-las assustado. Todos eles se entreolharam, perplexos.

Ouviu-se um grande grito, um grito tão alto que quase rompeu os tímpanos de Thor, então emergiu de um dos buracos ao lado dele, uma criatura diferente de todas as que Thor já tinha visto. Parecia uma serpente monstruosa, o seu corpo tinha quinze metros de largura e era dez vezes mais comprido. De cor branca, ela tinha uma cabeça chata, seus olhos eram apenas fendas e seu rosto estava cheio de fileiras e mais fileiras de dentes afiados. Ela gritava e berrava enquanto se erguia do chão tão alto que bloqueava o céu. Em seguida, a fera arqueou-se, abriu sua mandíbula incrivelmente ampla e mergulhou-a em direção ao solo pegando e devorando dezenas daquelas criaturas. As criaturas chiavam e gritavam enquanto a fera as pegava no ar e as balançava em sua boca, sacudindo-as enquanto eram mastigadas. O sangue roxo delas escorria pela boca e pelo corpo da fera.

A serpente deve ter comido uma dúzia delas de uma só vez. Thor podia ver o contorno de seus corpos se contorcendo dentro da serpente enquanto eles deslizavam pela garganta dela.

Thor olhou para cima com verdadeiro temor, percebendo agora que provavelmente, teria sido melhor que eles enfrentassem centenas daquelas criaturas do que aquele único e enorme monstro.

A serpente torceu seu horrível rosto, ela virou-se e voltou seus olhos para Thor e para os outros, enquanto abria sua mandíbula e gritava.

Ela veio descendo violentamente, bloqueando os dois sóis, abrindo sua boca e mergulhando-a para engolir a todos de uma vez. Ela descia incrivelmente rápido e Thor percebeu que em alguns instantes, todos eles estariam mortos.

Thor sentiu um tremendo calor percorrer seu corpo, então ele ficou parado onde estava, levantou a palma da mão, fechou os olhos e deixou que a energia fluísse através dele. Ele lembrou-se das palavras de Argon.

*Não lute contra a natureza. Não resista a qualquer coisa. Permita que ela seja o que é. Não tente controlá-la. Torne-se um com ela. Faça o que ela faria.*

As palavras de Argon ecoavam na cabeça de Thor e finalmente, ele sentiu como se estivesse ganhando algum controle sobre seus poderes. Ele notou que sempre que estava entre a espada e a parede, sempre que já não tinha outra escolha a não ser usar seus poderes ou morrer, seus poderes voltavam para ele.

Thor levantou a palma de sua mão mais alto, tentando manter a calma e sentir a natureza da criatura; era uma natureza intensa, monstruosa, com a intenção de matar a todos. Thor não tentou resistir. Em vez disso, ele sentiu a sua energia fundir-se com a da criatura. Quando ele levantou a mão, ela repentinamente lançou uma esfera de luz que se erguia no ar, como um raio de luz branco que emanava dele e ia direto para o rosto de criatura.

A luz encontrou a criatura e conseguiu mantê-la afastada, detida a poucos metros deles e paralisada no ar justo antes que ela pudesse engoli-los. Thor sentia todo o seu corpo tremendo devido ao esforço e ele não sabia por quanto tempo ele ainda poderia detê-la.

Conven gritou e avançou para o ataque, pulando para dentro da boca da criatura, erguendo a espada e aplicando golpes no céu da boca dela. A criatura gritava.

Os outros seguiram o exemplo, Reece espetou-a no nariz com sua lança, Elden cortou a no rosto com seu machado, enquanto

O'Connor disparava uma flecha após outra em seus olhos. A criatura parecia mais irritada do que ferida e não estava nem perto de morrer.

Os braços de Thor estavam tremendo, ele sentia que seu controle sobre a fera estava diminuindo rapidamente. Por fim, Thor sentiu-se perdendo controle; seu poder simplesmente não era forte o suficiente e ele não podia detê-la por mais tempo.

A luz deixou de irradiar da palma de Thor e a fera se afastou imediatamente, levantando sua cabeça no ar. Conven ainda estava ali, dentro de sua boca, apontando sua espada para o paladar da fera e quando ela subiu mais alto no ar e tentou engoli-lo, a única coisa que o mantinha vivo era sua espada que estava entalada verticalmente na boca da criatura. Quando a serpente apertou as mandíbulas, tentando esmagar Conven, a espada começou a dobrar-se.

Conven finalmente demonstrava ter medo em seus olhos, enquanto ele estava pendurado no ar, entre as fileiras de dentes da fera, sua espada se dobrava diante de seus olhos e a boca da fera começou a fechar-se.

Thor estava exausto por seu esforço, mas ele se obrigou a tentar novamente; de alguma forma, ele apelou para uma última parte de si mesmo, recorrendo a qualquer que fossem as reservas de energia que tivesse. Ele não sabia se poderia ter feito isso por si mesmo, mas o fato de ver seu amigo em perigo provocou outra explosão de energia nele.

Thor gritou e levantou a palma da outra mão, outra luz, uma luz amarela, veio fluindo por ela. Assim que a fera se livrou da espada em sua boca, a luz a golpeou e Thor usou seu poder para forçá-la a abrir totalmente suas mandíbulas. Elas continuaram abrindo-se e assim Conven foi poupado da morte, ele saiu da boca da fera e foi caindo pelo ar, aterrissando no chão salgado com um baque.

A serpente, enfurecida por ter perdido uma refeição, levantou o pescoço e gritou, em seguida ela virou-se e se concentrou em Thor. Ela avançou diretamente para ele, claramente querendo esmagá-lo.

Thor fechou os olhos e levantou as palmas das mãos, invocando a sua última reserva de força. Desta vez, uma luz azul disparou,

cobrindo todo o corpo do animal. Thor ergueu as mãos mais e mais e quando ele fez isso, a criatura foi içada, ela foi elevando-se cada vez mais, até que seu corpo inteiro saiu do buraco. Ela se estirou em toda a sua extensão, suas centenas de metros de comprimento estavam cobertos por uma substância gosmenta e provavelmente nunca tinham visto a luz do dia. A fera balançava furiosamente no ar, como se fosse uma minhoca arrancada de debaixo da sua pedra.

Em um último exercício de esforço, Thor jogou as mãos para a frente, direcionando sua energia, toda a que ele tinha; quando ele fez isso, a fera deu um grito, foi lançada pelos ares e desabou para o lado, impactando violentamente contra o chão. Ela gritava e fazia um barulho horrível enquanto se contorcia sobre suas costas, até que finalmente parou de se mover.

Ela estava morta.

Thor dobrou os joelhos, caindo por causa do esforço extremo. Seus poderes eram mais fortes do que jamais haviam sido, mas ao mesmo tempo, ele não tinha a resistência para mantê-los.

De repente, houve um tremor ao redor deles, o mesmo tremor que tinham ouvido quando o animal tinha saído de seu buraco. Ao redor deles, até onde era possível ver, o chão começou a tremer. Eles se viraram e trocaram um olhar de pânico, eles perceberam que os monstros estavam prestes a surgir de todos os buracos da paisagem.

Milhares deles.

“Vocês vão ficar parados aqui o dia todo?” Disse uma voz que Thor logo reconheceu.

Thor se virou para ver, com imenso alívio, Indra. Ela estava galopando em direção a eles montada em uma besta laranja que se assemelhava a um camelo, mas era mais alta, mais larga e tinha uma grande, cabeça chata. Ela puxava mais cinco delas, por uma corda, levantando poeira enquanto avançava direto para eles.

“MONTEM! AGORA!” Gritou ela.

Sem hesitar, Thor e os outros montaram os animais, Thor agarrava Krohn junto a ele. Todos eles partiram juntos, a galope, correndo através do campo de sal, evitando com dificuldade os buracos.

Enquanto eles prosseguiam, milhares de monstros iam surgindo dos buracos, um por um, gritando, subindo no ar, apontando para eles. Mas as criaturas que os rapazes montavam eram rápidas, mais rápidas do que qualquer cavalo que Thor já tinha montado antes. Elas eram tão rápidas, que Thor mal conseguia respirar, enquanto cavalgavam. Era evidente que elas tinham sido treinadas para cavalgar naquele terreno, para evitar aqueles buracos, evitar aqueles monstros e as bestas faziam isso com muita destreza. Enquanto cavalgavam, Thor aferrava-se a sua vida, os monstros estalavam os dentes ao redor deles e só falhavam porque as bestas que os rapazes montavam eram mais rápidas do que eles; elas iam ziguezagueando para todos os lados, para evitar os ataques.

Eles mal conseguiam evitar um ataque após outro, um monstro após outro, enquanto seguiam avançando, afastando-se cada vez mais dos campos de sal.

Quando eles finalmente abriram o perímetro, deixando os monstros para trás, Indra se virou e sorriu-lhes.

“Vocês realmente acharam que eu deixaria um bando de idiotas como vocês morrer no meu próprio quintal?”



## CAPÍTULO DEZESSEIS

Sarka estava sentada ali, na sala de estar humilde de sua choupana, com as pernas cruzadas e com as costas contra a parede, ela observava Gareth. Com os olhos turvos, ela o havia estado observando durante toda a noite, enquanto ele segurava o punhal contra a garganta de sua irmã. Ela estava esperando por sua oportunidade. Ela sabia que em algum momento ele cederia ao cansaço e cochilaria. Ela, porém, não faria o mesmo.

Sarka adorava sua irmã mais do que qualquer coisa e estar sentada ali, impotente e assistindo enquanto aquele rei de meia tigela irrompia em sua casa e tomava como refém a sua irmã mais nova a havia deixado doente. Aquele tinha sido um dos piores sentimentos de sua vida e ela ficou ali, determinada a fazer algo, sem importar se ele era rei ou não. Ela não recuaria com temor e deferência como seu pai; ela seria valente e arriscaria sua vida para salvar sua irmã.

Seu pai, um total estúpido que nunca tinha sido muito brilhante, sempre tinha sido muito duro com ela, ele sempre insistia em dizer que ele sabia o que era certo, enquanto ela não. Ele a tinha castigado um pouco antes, logo depois que Gareth tinha levado a irmã como refém e havia lhe advertido que era melhor que ela não fizesse algo precipitado. Ele argumentou que se ela desse um passo em falso sua irmã poderia morrer e o mesmo ocorreria com ela. Além disso, seu pai tinha argumentado que era um sacrilégio levantar a mão contra o rei — fosse ele um rei corrupto ou não.

Sarka, como de costume, ignorou a lógica de seu pai e suas ameaças. Ele havia estado errado demasiadas vezes em sua vida e mesmo que ela fosse apenas uma camponesa, ela ainda tinha seu orgulho e não estava disposta a sentar-se passivamente, esperando que Gareth decidisse o que fazer. Afinal, esperar também era arriscado, Gareth podia romper sua palavra e matar sua irmã. Esse era o risco que seu pai estava disposto a correr, seu estúpido pai, que sempre confiava em todo mundo; mas aquele não era um risco que ela iria correr. Gareth tinha levado sua irmã como refém,

apontando-lhe com um punhal e ele iria pagar por isso. Ela não lhe daria a chance de tomar uma decisão.

A primeira luz da aurora penetrou através da janela e assim Sarka pôde ver claramente que os olhos de Gareth estavam fechados e que o punhal que ela esteve observando durante toda a noite, estava escorregando. Ela segurou secretamente a corda de cânhamo que tinha tomado dos estábulos do pai no meio da noite, boa o suficiente para cumprir com seu propósito. Ela era jovem e talvez não fosse tão forte como aquele homem, talvez fosse até ingênuo da sua parte acreditar que ela poderia derrubar um rei, um homem que tinha evadido todo tipo de tentativa de assassinato, mesmo assim ela estava decidida. E ela teria o fator surpresa a seu lado.

Sarka estava sentada ali, seu coração batia acelerado no peito e ela sabia que tinha chegado o momento. Era agora ou nunca.

“Psiu!” Ela sussurrou para sua irmã.

Não houve resposta.

“Psiu!” Ela sussurrou novamente.

Larka finalmente abriu os olhos e olhou para ela. Havia medo e terror em seus olhos, enquanto ela estava ali sentada no colo de Gareth.

Sarka fez um sinal para que ela ficasse calma e não se movesse. Ela lentamente levantou a corda e fez um gesto indicando o que estava prestes a fazer. Sarka esperava que ela entendesse. Sua irmã mais nova chorava, as lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas ela balançou a cabeça lentamente, parecendo entender.

Havia chegado a hora.

Sarka ficou de pé, suas pernas estavam mais rígidas do que ela tinha previsto, as coisas não estavam funcionando tão rapidamente como ela teria gostado e parecia que ela estava movendo-se em câmera lenta enquanto percorria a cabana humilde, segurando a corda na frente dela. Ela movia-se rapidamente e enquanto percorria toda a casa, sua irmã seguiu sua indicação, ela saltou para a frente, para fora dos braços de Gareth.

Os olhos de Gareth se abriram, arregalados de susto, mas antes que ele pudesse incorporar-se e agarrar Sarka, ela já estava em cima dele, não lhe dando tempo para reagir. Ela chutou o punhal de

mão frouxa dele e o punhal saiu rolando pelo chão da choupana; quando Gareth voltou-se para pegá-lo, ela desceu sobre ele com a corda, enrolando-a firmemente em volta do torso dele dando várias voltas e amarrando-o bem apertado.

Gareth lutava e se contorcia, o peso dele era quase demasiado para Sarka, mas ela conseguia segurar a áspera corda de cânhamo metida em suas palmas, enquanto ela o sujeitava de cara contra o chão. As pernas dele fraquejaram embaixo dela e isso era tudo o que ela poderia fazer para segurá-lo no lugar.

“Ajudem-me!” Sarka gritou.

Sua mãe e seu pai vieram correndo, eles ficaram de pé ao lado dela, seu pai olhava para baixo com os olhos arregalados de medo, enquanto balançava a cabeça.

“O que você fez?” Ele perguntou para ela. “Você sabe muito bem que não deve por as mãos sobre o rei!”

“Cale a boca e me ajude!” Gritou ela.

Seu pai simplesmente ficou ali, porém, com as mãos nos quadris, balançando a cabeça, recuando diante da autoridade como sempre tinha feito.

“Eu não posso encostar um dedo no rei. E você tampouco deveria.”

Sarka ficou vermelha de raiva, mas felizmente Larka veio correndo e ajudou-a, ela agarrou a outra ponta da corda e ajudou-a amarrar Gareth. Sarka imediatamente deu um nó apertado, atando os braços de Gareth atrás das costas. Então ela pegou o outro pedaço de corda e entregou-o a Larka, ela enrolou a corda várias vezes em volta dos tornozelos de Gareth e deu um nó que ninguém podia desfazer. Ele se queixava, gemia e começou a xingá-las, então Sarka se aproximou e amarrou outro pedaço de corda ao redor de sua boca, abafando assim seus ruídos.

As duas irmãs inclinaram-se para trás, respirando com dificuldade, examinando sua obra: Gareth estava seguro.

Sarka estava emocionada. Ela tinha conseguido. Ali estava Gareth, seu rei, atado pelas mãos dela, sob seu controle. E sua irmã estava livre e segura. Ela estava exultante.

Sua irmã se virou e a abraçou, chorando, Sarka abraçou-a de volta, balançando-a gentilmente, sem querer soltá-la.

“Eu estava tão assustada.” Larka repetia sem parar.

“Você está bem agora.” Disse Sarka.

Sarka se inclinou para frente, meteu um joelho nas costas de Gareth e fez uma careta para ele. Ela pegou o punhal do chão e levantou-o. Havia chegado a hora de que ele pagasse por tudo e ela estava determinada a dar fim à vida dele de uma vez por todas.

“Você se atreveu a apontar com um punhal para minha irmã.” Ela sussurrou para ele. “Agora você sabe o que se sente.” Disse ela, descendo o punhal para a nuca dele. Gareth grunhiu, seus gritos foram abafados pela corda.

Sarka levantou a mão para acabar com ele, quando de repente ela sentiu uma mão forte e corpulenta agarrar-lhe o pulso; ela olhou para cima e viu seu pai de pé ali, olhando para ela carrancudo.

“Você é uma menina tola.” Disse ele. “O ex-rei vale muito mais para nós vivo do que morto. Eu posso entregá-lo em troca de um resgate, para o exército de Andronicus. Eles pagariam uma boa quantia de dinheiro por ele. O dinheiro que eu ganhar poderá nos manter bem vestidos e alimentados durante anos. Você quase arruinou um futuro glorioso para todos nós.”

O coração de Sarka bateu acelerado, com raiva.

“Você não sabe do que você está falando.” Disse ela. “Andronicus não vai pagar nada por ele. Eles vão matá-lo ou deixá-lo livre. Nós o temos agora. Esta é a nossa chance. Temos de matá-lo antes que ele cause mais danos.”

Mas seu pai puxou-a bruscamente, ele fez isso com tanta força que arrancou o punhal das mãos dela e a fez ficar de pé.

“Você é muito jovem para entender os assuntos dos homens.” Ele repreendeu.

Em seguida, seu pai se abaixou, pegou Gareth por suas cordas e o fez ficar de pé. Ele olhou para Gareth de cima a baixo, como se ele fosse um item à venda.

“Você deve valer um bom dinheiro.” Disse ele.

“Não papai!” Sarka gritou, em um acesso de raiva, enquanto ela o observava atravessar a casa, levando Gareth para fora da porta.

“Não o deixe ir!”

Sarka correu para a porta e viu o pai sair, levando Gareth orgulhosamente até o grupo mais próximo de soldados do Império, os quais estavam em uma patrulha.

Todos os soldados pararam diante da visão, em seguida, eles se viraram e olharam para Gareth de cima a baixo.

“Eu capturei o ex-rei MacGil.” Seu pai anunciou orgulhosamente. “Dê-me cem dinares de ouro e ele é seu.”

Os soldados se viraram, se entreolharam e em seguida caíram na risada. Finalmente, o líder dos soldados avançou, puxou sua espada, pegou Gareth, puxou para mais perto e o inspecionou. Satisfeito, ele se virou e jogou-o para os outros, eles o agarraram.

O soldado se virou e sorriu para o pai de Sarka.

“Por que não pagar-lhe com um punhado de aço em vez disso?” Disse o homem.

Antes que seu pai pudesse reagir, o homem deu um passo adiante e enfiou a espada em seu coração.

“Papai, não!” As meninas gritaram de horror, enquanto observavam o rosto de seu pai se contorcer em estado de choque, então o sangue jorrou-se de seu peito quando ele caiu de joelhos.

“De todos os modos, obrigado pelo presente.” Acrescentou o soldado. “Eu mal posso esperar para contar a Andronicus o que eu apanhei.”



## CAPÍTULO DEZESSETE

Godfrey, vestido com a armadura mal ajustada do inimigo, caminhava desajeitadamente, sentindo-se exposto e tentando parecer natural. Ele percebeu, tarde demais, que o cadáver que ele tinha despojado era de sua mesma altura, porém era muito mais magro do que ele; ele amaldiçoou a si mesmo por beber tantas cervejas em sua vida enquanto ele sentia sua barriga e ombros sobressaindo da armadura. Ele só esperava que ela não o delatasse.

Apesar disso, ao olhar para si mesmo e para os outros, Godfrey ficou surpreso ao ver o quanto ele se parecia com um soldado do Império; especialmente com a viseira de seu elmo baixa; nem sequer ele poderia dizer que havia alguma diferença entre ele e um dos homens de Andronicus. As armas em seu cinto eram de boa qualidade também, ele tinha uma espada longa e outra curta, um punhal, uma lança curta e um mangual, tudo de um preto brilhante e amarelo, com a marca do Império. A princípio, ele se preparou para ser descoberto enquanto marchava; mas à medida que avançava, ele percebia que ninguém olharia duas vezes para ele. Então ele começou sentir-se cada vez mais relaxado. Apesar do frio, ele suava dentro da armadura e não tinha ideia de para onde estava indo, mas pelo menos ainda estava vivo e estava tendo sucesso com sua farsa.

Se havia algo de bom naquilo tudo, era o fato de que os soldados olhavam para Godfrey com respeito, vários ficavam em posição de sentido quando ele passava e eles viam suas divisas de oficial. Enquanto Godfrey prosseguia, ele não podia deixar de sentir seu ego cada vez mais inflado, ele realmente começava a apreciar a ideia de ser respeitado. Ele começou a deixar-se levar por tudo aquilo e sentir-se como um verdadeiro oficial. Era um papel divertido de representar e não era muito difícil para Godfrey entrar no personagem. Ele não era um bom guerreiro, mas ele sempre tinha sido um grande ator; as frequentes peças na taverna haviam lhe

ensinado bem. Na verdade, ele sempre havia desejado ter sido o filho de um ator, em vez de ser o filho de um rei.

“Senhor.” Disse um soldado, correndo até ele. “Agora que o cerco foi vitorioso, todos os oficiais estão sendo enviados para fora. Os carros estão sendo carregados enquanto falamos e eu fui ordenado a reunir os oficiais restantes. Por aqui, senhor.”

Godfrey engoliu em seco por trás de sua viseira, percebendo que não tinha outra escolha, senão ir junto ou então entregar-se. Ele se virou e marchou com o soldado, fazendo o seu caminho percorrendo o campo ocupado por milhares de soldados que vagavam em todas as direções, perguntando-se a cada passo o que fazer.

Godfrey viu-se conduzido até a parte de trás de um longo carro de tropas, o qual estava aberto na parte de trás e era puxado por vários cavalos. Na parte de trás estavam sentados dezenas de oficiais, todos se acotovelavam e conversavam animadamente. Godfrey hesitou na base do mesmo, quando o soldado fez um sinal para que ele embarcasse. Enquanto ele permanecia ali, lentamente as brincadeiras foram diminuindo e todos os olhos caíram sobre ele. Ele sabia que se não fizesse um movimento, logo ele seria descoberto.

Ele se virou para o soldado.

“E para onde vai este carro, exatamente?” Ele perguntou ao soldado.

“Vai nos levar para casa, finalmente.” Um dos oficiais disse. “De volta para os navios e de volta para o Império. Finalmente, terminamos nossa missão aqui nessa estrebaria.”

Godfrey engoliu em seco. Ele não podia entrar naquele carro, não podia permitir ser levado através do mar, para o Império. Essa ideia lhe causou um frio na boca do estômago. Ele tinha de pensar rápido.

Enquanto permanecia ali, imobilizado pelo pânico, um oficial inclinou-se para baixo do carro e com a mão aberta agarrou o antebraço de Godfrey e puxou-o com força, levantando-o pelos três degraus de acesso à parte de trás do carro. O oficial sorriu e deu um tapinha nas costas dele.

A porta traseira do carro bateu com força atrás dele, ouviu-se o som de um cavalo sendo chicoteado e logo eles partiram, o carro

entrou em movimento, chacoalhando ao longo da estrada de terra.

Enquanto Godfrey era levado, ele começou a entrar em pânico; Tudo tinha acontecido tão rapidamente, ele mal sabia o que estava acontecendo. Ele estava sentado ali na borda do carro, suando, olhando em volta para os outros soldados, todos eles pareciam ignorá-lo enquanto passavam um odre de vinho, bebiam bastante e riam entre si. À sua volta, ele via o acampamento do Império levantando.

Godfrey tinha de pensar rápido. Ele tinha de sair daquele carro. Ele o estava levando para cada vez mais longe de Silésia, com cada solavanco.

Eles passaram por dois soldados do Império, os quais estavam arrastando um cativo de Silésia e então, de repente, Godfrey bolou um plano. Era arriscado, mas ele não tinha outra escolha. Era naquele momento ou nunca.

Godfrey levantou-se de repente, saltou do carro em movimento, aterrissou na lama ao lado dele, rolou e em seguida ficou de pé. O carro parou, todos os oficiais ficaram olhando, então Godfrey deu um show ao correr para os dois soldados e com sua voz mais autoritária, ele gritou para eles, alto o suficiente para que os outros ouvissem:

“E para onde vocês acham que vão levar este escravo!?” Gritou ele.

Atrás dele, Godfrey podia sentir todos os olhos dos oficiais cravando em suas costas. Ele sabia que era melhor atuar bem; do contrário a cabeça que iria rolar seria a dele.

Os dois soldados do império se viraram e olharam para ele, confusos.

“Nós temos ordens de levá-lo para o engenho de escravos, senhor.” Disseram eles.

“Bobagem!” Godfrey gritou. “Esse não é um escravo comum. Eu mesmo o capturei! Ele é um oficial de Silésia. Você não vê as divisas dele?”

Os dois soldados olhavam para o cativo, confusos.

“Que divisas?”

Godfrey deu um passo à frente e agarrou o cativo bruscamente, ele girou-o e apontou para uma pequena mancha nas costas dele.

Então, antes que os soldados pudessem examiná-lo mais de perto, Godfrey se aproximou e golpeou os soldados no rosto.

“Será que eles não ensinam nada no treinamento?” Ele gritou. “Este escravo deveria ser levado para Silésia, para ser interrogado. Será que eu devo fazer tudo sozinho?”

Godfrey sentia os olhares dos oficiais que estavam no carro atrás dele, ele rezava para que isso funcionasse. Ele virou-se para eles peremptoriamente e acenou com a mão, então ele disse com uma voz irritada:

“Prossigam sem mim. Eu embarcarei no próximo carro. Eu devo levar meu cativo de volta ao seu devido lugar e corrigir os erros destes soldados ignorantes, ou então será minha a cabeça que vai rolar.”

Godfrey não esperou por uma resposta: ao invés disso, ele se virou, pegou os dois soldados pelo braço, junto com o escravo e liderou todos eles, marchando com firmeza em direção aos portões de Silésia.

O coração de Godfrey martelava em seu peito enquanto ele dava os primeiros passos, esperando e rezando para que seu papel tivesse sido convincente e para que os oficiais não o perseguissem. Ele também esperava que os dois soldados não lutassem contra ele, que eles fossem estúpidos e estivessem intimidados o suficiente para segui-lo.

*Por favor, Senhor. Ele rezava. Permite que isso funcione.*

Aquele era o teste mais importante de suas habilidades de ator, o papel mais importante que ele já tinha representado.

Depois do que pareceu uma eternidade, para grande alívio de Godfrey, finalmente ele ouviu o som do carro partindo atrás dele. Os policiais voltaram a rir e as rodas começaram a desaparecer.

E os dois soldados diante dele nem sequer olharam para trás.

“Eu lamento muito, senhor.” Disse um soldado. “Eu não tinha ideia.”

Godfrey sorriu internamente, então ele acelerou o passo e os empurrou mais bruscamente.

“É claro que não.” Disse ele. “É por isso que você é um soldado — e *eu* sou um oficial.”

\*

Godfrey marchava de volta pelos portões de Silésia com os dois soldados do Império e seu prisioneiro, ele passou por milhares de soldados do Império, alguns dos quais olhavam em sua direção, mas a maioria deles estava ocupada. A cidade havia se convertido praticamente em escombros e quando Godfrey reingressou nela ele teve um bom vislumbre da situação pela primeira vez e seu coração ficou ainda mais apertado. Ele viu pela primeira vez, toda a devastação à sua volta, a opressão de seu povo. A extensão de sua derrota havia chegado ao auge. As chamas ardiavam por todos os lugares, a cidade estava em ruínas, os escravos estavam atados e eram chicoteados enquanto eles classificavam os escombros.

Godfrey viu as cruzes e ele ficou horrorizado ao ver Kendrick lá no alto de uma delas, ao lado de Atme, Brom, Kolk, Srog e vários outros. Isso o deixou doente. Ele queria correr para eles e libertar todos de uma vez. Mas aquele não era o momento.

O mais urgente na mente de Godfrey era livrar-se daqueles dois soldados que ele estava acompanhando, especialmente antes que eles percebessem que algo estava errado. Ele tinha de terminar de representar o seu papel e enquanto ele prosseguia um plano veio à sua mente.

“Para onde vamos agora, senhor?” Um dos soldados perguntou.

“Não faça perguntas!” Godfrey retrucou. “Dirija-se ao seu superior apenas quando for solicitado!”

“Sim, senhor. Desculpe-me senhor.”

“Apenas siga-me e cale a boca.” Acrescentou Godfrey. “Nós vamos entregar este escravo exatamente no lugar onde ele deve estar.”

Enquanto eles passavam, os escravos de Silésia olhavam para Godfrey com temor, Godfrey percebeu que ele estava representando o papel muito bem, especialmente para os soldados do Império ao redor deles, os quais continuavam a bater continência para ele. Ele encontrou-se mais alto, andando mais erguido, realmente mergulhado no papel. Ele piscou e por um momento quase se esqueceu de que não era um oficial do Império.

Godfrey percebeu que isso era tudo o que lhe tinha feito falta em toda a sua vida: uma boa armadura e o posto de oficial. Talvez, se seu pai tivesse lhe proporcionado isso, ele teria evitado completamente as tavernas.

Ironicamente, era para uma taverna que ele estava indo agora. Godfrey serpenteava entre os becos de Silésia, os quais ele tinha memorizado em poucos dias, ele levava o grupo para a taverna que tinha frequentado com Akorth e Fulton. Se ele conhecia bem aqueles dois — e ele os conhecia como se fossem seus irmãos — eles tinham encontrado uma maneira de evitar o conflito e sobreviver. Eles provavelmente tinham escapado esgueirando-se pelos cantos, escondidos em latas de lixo, ou tinham feito tudo o que era necessário para escapar. Se ele os conhecia bem, de alguma forma eles encontrariam seu caminho de volta para lá, para a taverna e já estariam enchendo a cara de cerveja, indiferentes a tudo lá fora, como se a guerra nunca tivesse acontecido. Segundo a experiência de Godfrey, mesmo nas cidades completamente saqueadas, as tavernas eram deixadas intactas pelos soldados. Afinal de contas, os soldados conquistadores queriam uma bebida, também. Essa geralmente, era a *primeira* coisa que eles queriam, então destruir as tavernas só prejudicaria sua causa.

Representando bem o seu papel, Godfrey deu um passo adiante, colocando-se diante dos soldados, então ele chutou a porta da taverna, abrindo-a bruscamente, sua viseira estava baixa e ele sentia uma onda de autoridade. Ele estava mergulhando fundo no papel e realmente começou a se sentir como se fosse um oficial do Império, caminhando pomposamente em uma taverna clandestina numa cidade conquistada.

Godfrey entrou na taverna e tal como ele suspeitava, ele encontrou o lugar abarrotado com os sobreviventes de Silésia: os vagabundos que tinham encontrado uma maneira de sobreviver. O bando desleixado estava sentado curvado sobre a barra, a qual, tal como Godfrey suspeitava, havia sido deixada intocada pelos conquistadores. O local estava um pouco menos lotado do que estivera antes da guerra, mas não muito. A saída intempestiva de Godfrey de lá e sua entrada para o exército evidentemente não tinha

servido de exemplo para nenhum um deles. Aquelas pessoas eram como eram, elas não mudariam facilmente. Godfrey não podia culpá-las: ele sentiu seus joelhos ficarem fracos com o cheiro da cerveja forte, ele queria uma cerveja mais do que nunca em sua vida.

Quando Godfrey e seu grupo invadiram a sala, ela caiu em um silêncio mortal, todo mundo se virou, olhou para ele com medo e recuou. Eles saíam correndo do seu caminho enquanto Godfrey marchava junto com os outros, direto para o bar. O coração de Godfrey se regozijou de alívio quando ele viu quem ele estava procurando. Ele viu ali, as figuras de Akorth, sempre tão gordo, e Fulton, alto e magro, ambos estavam debruçados sobre a barra, com as costas voltadas para eles.

Com todo o tumulto, eles se viraram e seus olhos se arregalaram com medo, quando Godfrey se aproximou.

Godfrey sorria para si mesmo. Era óbvio que eles não tinham ideia de que ele era seu velho amigo.

“Alto aí!” Godfrey ordenou aos soldados do Império, como um tom de voz tão alto e autoritário quanto ele podia expressar, os dois soldados pararam e ficaram em posição de sentido enquanto seguravam o escravo.

“Esses dois homens serão os guardas do escravo.” Godfrey disse aos soldados do Império, apontando para Akorth e Fulton.

Akorth e Fulton olharam para ele, confusos.

“Guardas?” Akorth perguntou. “Nós?”

“Senhor?” Um dos soldados perguntou. “Eu não entendo.”

“Não é para você entender!” Godfrey gritou para o soldado. “Tire as algemas do escravo e você vai entender.”

Os dois soldados do Império trocaram um olhar confuso e hesitaram. O coração de Godfrey martelava enquanto ele esperava que eles não percebessem que algo estava errado.

Mas, finalmente, cada um deles seguiu as ordens; eles meteram as mãos em seus bolsos, extraíram suas chaves e começaram a libertar o escravo.

Assim que eles fizeram isso, Godfrey virou-se para Akorth e Fulton, os quais olhavam para ele com espanto, então ele levantou

rapidamente a viseira. Quando ele fez isso, os olhos dos dois se arregalaram em choque.

Godfrey silenciosamente fez sinal com os olhos, dizendo-lhes o que fazer. Felizmente, eles foram rápidos para compreender.

Akorth e Fulton imediatamente estenderam as mãos, agarraram suas canecas, deram um passo à frente e golpearam com elas as cabeças dos soldados do Império. Os soldados caíram no chão, em seguida, todos os outros fregueses de Silésia juntaram-se e os chutaram várias vezes até que eles finalmente pararam de se contorcer.

Godfrey tirou o capacete e todos os outros clientes o reconheceram. Eles soltaram um grito de alegria.

“Seu filho da mãe!” Akorth disse.

“Você é ainda mais habilidoso do que eu pensava.” Fulton acrescentou.

“Há muitas maneiras de se ganhar uma guerra.” Godfrey sorria.

“Mas eu não entendo.” Disse Akorth, olhando para os soldados. “Por que você os trouxe aqui?”

“Eu achei que esses dois eram mais ou menos do seu tamanho.” Godfrey disse.

Eles olharam para ele, perplexos.

“Ponham suas armaduras.” Godfrey disse. “Eu preciso de sua ajuda. E venham comigo.”



## CAPÍTULO DEZOITO

Thor montava o animal semelhante a um camelo, Krohn estava em seu colo. Reece, O'Connor, Conven, Elden e Indra cavalgavam ao lado dele, o grupo avançava através da vasta extensão dos campos de sal, levantando nuvens de pó branco, como tinha estado fazendo por horas. Impulsionados pela adrenalina e pelo medo daqueles monstros, nenhum deles tinha sequer pensado em reduzir a marcha enquanto galopavam por horas, ziguezagueando dentro e fora do perigo. Eles mal conseguiam evitar um buraco após outro, enquanto uma sucessão de monstros surgia e tentava abocanhá-los. Felizmente, os animais que eles montavam eram bem treinados e rápidos o suficiente para salvar suas vidas. Thor mais uma vez olhou para Indra com gratidão; eles não teriam sobrevivido se ela não tivesse aparecido, no exato momento em que ela o fez.

Fazia horas que eles haviam passado pelo último buraco no chão do deserto e ainda assim, nenhum deles tinha desacelerado, devido ao medo. Mas agora o segundo sol começava a se pôr, não havia sinal de perigo há horas, então finalmente, lá na frente, eles viram a primeira estrutura no horizonte, a primeira forma naquela paisagem vazia que quebrava a monotonia do nada.

Todos pararam e ficaram ali montados em seus animais, respirando com dificuldade, olhando para a estrutura, juntos.

"O que é aquilo?" Perguntou O'Connor.

"Uma cidade." Respondeu Indra.

"Mas quem poderia viver ali?" Perguntou Elden.

Indra sorriu.

"Eu." Disse ela.

Todos eles se viraram e olharam para ela, surpresos.

"Não vivo mais, é claro." Disse ela. "Mas é o lugar onde eu cresci."

Thor olhou para ela com admiração, aquela pequena cidade no horizonte, no meio do nada.

"Eu faria a todos um convite formal." Disse ela. "... Mas eu não tenho uma pena nem um pergaminho."

Indra gritou, apertou o animal com os calcanhares e avançou a galope. Todos fizeram o mesmo e correram para alcançá-la.

A distância foi diminuindo e a cidade de Indra ficou visível. Thor estava animado por encontrar uma cidade real naquela paisagem desolada e sua mente voava imaginando como a cidade poderia ser; quem moraria lá; como seria o seu povo. Ele também se perguntava como eles poderiam sobreviver ali, no meio do nada.

Essa pergunta logo foi respondida quando todos eles se aproximaram do muro da cidade. Então, Thor viu por si mesmo: a cidade estava abandonada. A pequena cidade estava composta por apenas algumas dezenas de pequenas casas, todas construídas com uma substância branca e dura que parecia ser sal seco; a maioria delas estava dilapidada e em ruínas. A cidade não tinha uma alma vivente.

Um vento solitário açoitava tudo, formando bolas de espinheiros que rolavam sobre si. Todos os membros do grupo desaceleraram para uma caminhada enquanto seguiam Indra através da cidade. Thor estava à procura de qualquer sinal de vida.

“Não há ninguém aqui.” Elden finalmente disse.

“Houve uma vez.” Disse Indra. “O Império veio e levou todos embora, como escravos. Eu jurei nunca mais voltar. O local já era ruim o suficiente, mesmo quando éramos livres. Era terrivelmente chato, outra pequena cidade sufocante na borda do Império. Era a vida mais maçante e monótona que vocês poderiam imaginar. De certa forma, o Império nos fez um favor ao tirar todos nós daqui. Viver aqui era pior ainda do que ser um escravo.”

Thor foi surpreendido pela franqueza de Indra e por sua força. Ela descrevia as coisas tal como ela as via, ela não tinha papas na língua.

“O único que salva esta cidade...” Disse Indra enquanto todos eles continuavam a caminhar através dela montados em seus animais. “... É o fato de que estas paredes mantêm os insetos afastados durante a noite e retardam o vento. À noite, o vento pode ficar muito ruim. E as casas proveem sombra sobre as nossas cabeças. Fora isso, não há nada mais para resgatar neste lugar.”

“Mas eu não entendo...” Disse Elden, enquanto eles continuavam a percorrer a cidade, as portas das casas estavam tortas, penduradas em suas dobradiças, os objetos haviam sido abandonados nas ruas, mostrando claramente que o povo tinha deixado o lugar às pressas. “... Por que esta cidade foi construída aqui, para começar? Quero dizer, nós estamos no meio do nada. Que justificativa poderia haver para que alguém vivesse aqui?”

“Bem ali.” Ela disse, gesticulando com seu queixo.

Todos eles se viraram e olharam e ali, ao lado da cidade, havia várias dezenas de pequenas cavernas. Grandes fileiras de rochas se levantavam do chão, nas quais estavam perfurados enormes buracos que desapareciam em algum lugar lá dentro. As soleiras da entrada eram todas brancas e parecia que haviam estado cobertas de sal por anos.

“As minas de sal.” Indra explicou desmontando de seu animal e conduzindo-o pelas rédeas. Todos eles seguiram o exemplo e desmontaram também. Thor baixou Krohn suavemente e em seguida esticou as pernas doloridas. Depois de tantas horas, era bom estar de pé novamente.

“As pessoas se mudaram para cá, pela mesma razão que se mudam para outros lugares.” Indra acrescentou, enquanto todos eles andavam a pé. “... Dinheiro. Houve um boom na extração de sal quando eu era jovem. As pessoas vieram aqui e extraíram o sal até que suas unhas caíram. Elas usavam picaretas, pás, formões, qualquer coisa que elas pudessem ter em suas mãos. Este era o lugar onde os melhores sais se encontravam. Todos fizeram mais dinheiro do que você pode imaginar.”

Ela balançou a cabeça.

“Quando as minas foram esgotadas e o sal perdeu valor, a vida tornou-se cada vez mais difícil. A maioria das pessoas foi embora. Mas não a minha família. Meu pai...” Disse ela, balançando a cabeça. “... Foi teimoso até o fim. Ele continuou insistindo em que os bons tempos voltariam e que as coisas seriam como antes. Ele recusava-se a ver a realidade diante de si. Ele se recusou a ir embora. Eu estava prestes a fugir. Aí foi quando o Império veio.”

Indra avançou e chutou uma tigela vazia, enviando-a para bem longe através da paisagem.

“É irônico que eu me encontre aqui novamente. É também a única cidade entre as montanhas e a Terra dos Dragões. Eu disse a mim mesma que eu nunca pisaria nela novamente. No entanto, aqui estou eu.”

Eles seguiram seu exemplo quando ela amarrou o animal a um poste, cada um deles amarrou o seu. Thor se aproximou dela.

“Você salvou nossas vidas lá. Thor disse, enquanto os outros se reuniam ao redor. “Nós temos uma grande dívida para com você.”

“E não foi a primeira vez.” Reece acrescentou.

“Nós encontraremos um jeito.” Disse O’Connor.

Indra abanou a cabeça.

“Vocês não me devem nada.” Disse ela. “Depois de tudo, vocês me salvaram do tédio. O que eu estaria fazendo de volta aqui? Descobrir outro lugar para ir, outra coisa para fazer. Eu tenho sido uma escrava por tanto tempo que eu nem me lembro de como viver a vida. Pelo menos vocês são interessantes. Vocês são simplesmente imprudentes o suficiente para serem divertidos. Mesmo com essa missão estúpida de vocês.”

Elden se aproximou e abaixou a cabeça, envergonhado. Thor podia vê-lo ruborizar.

“Eu da minha parte...” Ele disse baixinho para ela. “... Estou muito feliz por você ter voltado.”

Ele olhou para ela e sorriu e então pela primeira vez, Thor podia ver o garotinho dentro dele. Era dissonante, justaposto com sua enorme estrutura muscular.

Indra sorriu e em seguida, virou-se.

“Você não está tão mau assim.” Disse ela.

De repente, Indra caminhou abruptamente pelo pequeno pátio no centro da cidade, ela parecia nervosa e rapidamente mudou de assunto.

“O segundo sol vai se pôr em breve.” Disse ela. “Vai ficar mais escuro do que o breu aqui. Ajudem-me, apanhem lenha e leite. O sol se põe rápido aqui fora, então sigam-me.”

Eles seguiram-na até o outro lado da cidade, de volta para o deserto, o qual, daquele lado das muralhas da cidade, estava pontilhado com estranhos cactos, cada um deles tinha cerca de dez metros de altura e as mais variadas cores.

“O que são essas plantas?” Perguntou O’Connor.

“Qurum.” Disse ela. “A madeira do interior do Qurum é seca e perfeita para fazer fogo.” Ela se aproximou de um deles enquanto eles seguiam. “... Se você conseguir retirar os espinhos. Posso pegar seu machado?” Ela perguntou para Elden.

Elden avançou sem hesitar, ele era orgulhoso demais para deixá-la fazer isso e querendo se exhibir, ele levantou o machado e cortou um lado do Qurum, cortando todos os espinhos de uma vez e deixando um lado nivelado e plano. Ele expôs a madeira marrom escura da parte de dentro, mas logo depois começou a vazar um líquido branco por todo o chão.

Indra abanou a cabeça.

“Você é muito impaciente.” Disse ela. “Agora você estragou tudo.”

“O que você quer dizer?” Ele perguntou. “Eu cortei os espinhos, tal como você disse.”

Ela balançou a cabeça.

“Você cortou demasiado profundo. Está vendo o líquido? Isso é leite Qurum. Queremos recolher isso. Agora ele foi desperdiçado. Quando você cortar os espinhos, corte apenas rente o suficiente.”

O Qurum lentamente parou de vazar, em seguida, diante de seus olhos ele murchou e caiu no chão.

Indra caminhou para outra planta, a poucos metros de distância e dessa vez ela pegou o machado da mão de Elden, o levantou bem alto e cortou o lado de um Qurum. Ela fez isso com perfeita precisão, cortando apenas os espinhos; dessa vez o Qurum não murchou.

Indra foi girando habilmente em torno do Qurum, cortando os espinhos em todos os quatro lados, logo depois ela cortou a base, separando-a do chão. Ela entregou o machado de volta a Elden, em seguida estendeu a mão e levantou o Qurum. Ele parecia um grande tronco.

“Seu punhal.” Ela disse, estendendo a mão.

Thor se adiantou e colocou um punhal na mão de Indra, então ela estendeu a mão e fez um pequeno buraco no meio do Qurum; quando ela fez isso, um leite branco começou a borbulhar.

“Seu capacete, rápido.” Disse ela.

Ela pegou o capacete de O’Connor, virou-o de cabeça para baixo e recolheu todo o leite enquanto ele fluía. Logo ela tinha uma grande bacia cheia de leite.

“Você pode beber isso?” Thor perguntou, examinando o leite.

Ela assentiu com a cabeça.

“É doce.” Ela respondeu. “E nutritivo. É uma refeição completa em apenas alguns goles. Ele também tem qualidades. Ele relaxa você. Ele também pode deixar você em um estado alterado se você beber muito. Tal como sucede quando você bebe vinho. Você vai se sentir bem.” Disse ela, sorrindo. “Nós chamamos isso de soro da verdade. Porque normalmente quando as pessoas o bebem, elas dizem o que está em sua mente. Mesmo que elas não queiram.”

Ela virou-se e entregou o Qurum para Elden.

“É pesado.” Disse ela. “Você pode aguentá-lo.”

“Isso não é pesado.” Disse ele. “Posso aguentar mais do que isso.”

Ela sorriu.

“Bom, então comecem a trabalhar. Vamos precisar de cerca de dez deles para poder resistir durante a noite. Os rapazes se espalharam, cada um indo para outro Qurum, eles usaram suas espadas e punhais para retirar os espinhos e trazer os troncos de volta.

Enquanto Thor trabalhava cortando o seu, ele olhou para Conven de pé ao lado dele e viu que seus olhos estavam vermelhos; Thor podia ver como ele estava distraído. Conven mal tinha dito uma palavra desde que seu irmão havia morrido e suas ações pareciam desesperadas e irresponsáveis, Thor temia por seu estado de espírito. Thor ficou ao lado dele, supostamente para ajudá-lo com seu Qurum, mas o que ele realmente queria era ver se poderia ajudá-lo.

Thor ficou ali por um tempo, raspando os espinhos do outro lado do Qurum de Conven; Conven mal pareceu notar ou se importar. Depois de algum tempo Thor perguntou: “Você está bem?” Conven

balançou a cabeça, sem olhar nos olhos de Thor, enquanto ele continuava a cortar o Qurum.

Thor limpou a garganta. Ele queria saber o que dizer para fazer com que Conven se sentisse melhor.

“Eu amava Conval também, como se ele fosse um irmão.” Disse Thor.

Conven continuou cortando, sem nenhuma reação.

Thor tentou novamente.

“Eu lamento muito que ele já não esteja entre nós.” Disse Thor. “Eu não posso imaginar o sofrimento pelo qual você está passando. Eu só quero que você saiba que eu estou aqui. Nós todos estamos aqui para você.”

Conven continuou a olhar para baixo, recusando-se a encontrar os olhos de Thor. Ele continuou com o corte e por um tempo Thor achava que ele não iria responder. Então, finalmente, ele disse, em voz baixa e rouca:

“Ele gostava de você.”

Thor olhou para Conven surpreso e Conven finalmente levantou os olhos cor de fogo e olhou de volta para Thor.

“Você é uma das poucas pessoas que ele admirava.” Conven acrescentou.

Thor abanou sua cabeça.

“Eu sinto que o decepcionei.” Disse Thor. “Eu nunca deveria ter confiado em meus três irmãos. Se eu não tivesse feito isso, talvez ele estivesse vivo hoje.”

Conven abanou sua cabeça.

“Você não o decepcionou.” Disse ele. “*Eu* o decepcionei.”

Thor não entendeu o que ele queria dizer com isso. Conven estendeu a mão e ficou brincando com o punhal, observando-o enquanto ele brilhava na última luz do sol.

“Mas tudo bem.” Conven acrescentou. “Porque de qualquer maneira, eu vou me juntar a ele em breve.”

Thor olhou para Conven com preocupação; ele estava prestes a dizer-lhe algo, quando de repente, Conven se virou e saiu correndo, dirigindo-se a outro Qurum.

Thor percebeu que não deveria pressioná-lo mais; Era evidente que Conven queria ficar sozinho.

Thor se virou e foi para outro Qurum, um amarelo, ele levantou sua espada para cortá-lo tal como ele tinha feito com os outros, quando de repente a voz de Indra ecoou:

“ESSE NÃO!” Ela gritou em pânico.

Todos os outros pararam e olharam para Thor, então ele se virou com a espada ainda no ar e olhou para Indra. Ela veio correndo até ele e puxou seu pulso, olhando para ele com medo.

“Não toquem os amarelos.” Disse ela, olhando para ele e para o Qurum com preocupação.

“Por que não?” Ele perguntou.

“Eles são venenosos.” Disse ela. “Se for cortado, ele borrifará um líquido. A pessoa que o cortar morrerá em aproximadamente dois segundos.”

Thor se virou e olhou para o Qurum amarelo situado inocentemente diante dele e engoliu em seco. Será que os perigos do Império nunca cessavam?

\*

Thor estava sentado com os outros ao redor da fogueira crepitante, as chamas se moviam em todas as direções, enquanto as rajadas de vento frio atravessavam a noite do deserto. Thor estava agradecido pelo calor. Indra tinha razão: o deserto ficava estranhamente frio à noite e o vento era muito forte. Ele tinha pensado que era um exagero juntar todos aqueles troncos, mas agora ele percebia que eram absolutamente necessários. A fogueira ardente era a única coisa que podia mantê-los aquecidos do frio gelado daquele deserto desolado.

O grupo estava sentado e todos os membros estavam amontoados diante das chamas, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, cada um segurava uma pequena tigela de leite de Qurum em seu colo. Thor tinha tomado o primeiro gole momentos atrás e o líquido tinha subido direto a sua cabeça. O leite grosso e doce não somente havia enchido o estômago, satisfazendo todos os seus desejos imediatamente, mas ele também o fez sentir-se relaxado. Ligeiramente embriagado. Era como se ele tivesse bebido um odre

inteiro de vinho. Ele se sentia cálido e leve e seu corpo inteiro se sentia relaxado. Mas também era uma sensação diferente da provocada pelo vinho: ao contrário de estar bêbado, ele também sentia, estranhamente, mais clareza e presença de espírito. Era uma sensação estranha: estar relaxado, deixar a mente vagar e estar presente.

Thor poderia dizer pelos olhos vidrados de todos os outros que eles estavam sentindo o mesmo. Todos eles se inclinaram um pouco para trás e ficaram olhando para as chamas, relaxados. Thor deixou Krohn beber de sua taça e desde então Krohn ficou ao seu lado, apoiando a cabeça em seu colo, sem se mexer, tal como ele costumava fazer. Seus olhos estavam abertos também, olhando para o fogo.

Elden sentou-se ao lado de Indra, ambos estavam bem próximos um do outro, com suas pernas quase se tocando. Thor podia ver que Indra estava começando a se sentir mais relaxada em relação a Elden. Thor olhava para eles e via que os dois já pareciam ser um casal, era como se eles se estivessem feitos perfeitamente para estar juntos. Thor se perguntava se todos eles conseguiriam voltar ao Anel, e em caso afirmativo, se Indra iria com eles, se ela e Elden acabariam juntos. Ele esperava que sim.

Apenas Conven parecia nervoso. Ele se absteve de tomar o líquido. Em vez disso, sentou-se ali, com a mandíbula tensa, olhando para as chamas com uma intensidade que assustava Thor. Ele parecia estar perdido em outro mundo, parecia ter mergulhado fundo em um mundo de dor. Thor se perguntava se algum dia ele voltaria a eles, se ele voltaria a ser o mesmo Conven que ele tinha sido. Os outros o viam assim também e Thor surpreendeu Reece olhando-o com preocupação. Eles trocaram um olhar, mas nenhum dos dois sabia o que fazer ou dizer para fazer com que Conven se sentisse melhor.

Indra olhou para Conven e estendeu a mão, ela entregou outra tigela para Elden e sussurrou algo em seu ouvido. Elden assentiu, inclinou-se e segurou a taça em direção a Conven, quem estava sentado ao lado dele.

Mas Conven nem sequer olhou para ela.

“Você deveria beber.” Elden disse, sua voz cortou o silêncio em meio ao crepitar das chamas. “Temos um longo dia pela frente amanhã. Agora é hora de descansar.”

Mas Conven, ainda olhando para as chamas, abanou sua cabeça bruscamente, então Elden colocou a tigela no chão, claramente demonstrando ter empatia com a dor de Conven.

Elden limpou a garganta.

“Conven.” Disse ele. “Eu já lhe contei sobre como eu entrei para a Legião? Sobre como eu deixei a minha aldeia?”

Conven lentamente abanou sua cabeça, ainda sem olhar para ele.

Elden pigarreou várias vezes e em seguida respirou fundo, agora era ele quem olhava fixamente para as chamas.

“Meu pai, para que você tenha uma ideia, era um ferreiro. Eu era o seu aprendiz. Ele queria que eu seguisse seus passos. Mas eu não queria. Eu queria ser um guerreiro. Para treinar com a Legião. Eu não podia imaginar uma vida na minha aldeia, sendo um ferreiro toda a minha vida, à mercê de servir aos outros. Eu gostava do martelo e da forja, mas isso não era o suficiente para mim. Eu precisava de algo mais importante.

“O problema era que o meu pai estava metido em uma grande dívida com o nosso senhorio. Um tal senhor Tribble. Meu pai era um homem bom, decente, trabalhador e ele sempre pagava suas dívidas. Mas a nossa aldeia era pequena e havia um limite para a quantidade de negócios que tínhamos. Nós não estávamos perto de nenhuma estrada importante e os negócios raramente passavam. Meu pai tentou tão duro quanto pôde ser próspero. Ele trabalhava mais do que você poderia imaginar. Mas, mesmo assim, isso era suficiente apenas para pagar a nossa comida e nosso aluguel. Mas o Sr. Tribble continuava aumentando o aluguel a cada ano, de maneira exorbitante e nós simplesmente não conseguíamos acompanhar os aumentos.

“Com o tempo, as dívidas do meu pai para com Mister Tribble foram ficando cada vez maiores. E quando chegou a hora de eu deixar a nossa aldeia para me juntar a Legião, eu não tive permissão para isso. O Senhor Tribble proibiu meu pai de me deixar ir. Ele

insistia em que eu continuasse a trabalhar como seu aprendiz para saldar as dívidas, ou então ele iria despejar meu pai da nossa casa.

“Meu pai ficou furioso. Ele me disse para ir, ele queria que eu fosse feliz acima de tudo. Mas eu não podia. Ele precisava de mim. E eu sabia que aquele era o meu lugar. Então eu fiquei para trás, para ajudá-lo a pagar ao Senhor Tribble, o qual já possuía quase toda a cidade e era mais rico do que você poderia imaginar. Isso foi o que me impediu de me juntar.”

Elden ficou em silêncio, olhando para as chamas.

“Mas eu não entendo?” Conven disse, finalmente saindo de seus devaneios e virando-se para Elden. “Você ingressou na Legião. O que aconteceu?”

Elden olhou muito tempo para as chamas, limpou a garganta e finalmente continuou.

“Um dia, o senhor Tribble veio a nossa casa. Já não era mais suficiente para ele espremer cada última moeda de nós, com juros. Não era suficiente para ele proibir-me de sair e me juntar a Legião. Não era suficiente que meu pai não fizesse mais que trabalhar para pagar o aluguel. Um dia, ele decidiu que queria mais. Ele decidiu que queria tomar a nossa casa e transformá-la em uma taverna. Ele apareceu um dia e anunciou que tínhamos de empacotar tudo e entregar a casa até a luz da manhã. Nós estávamos na rua. Ele não se importava para onde iríamos. Isso foi tudo. Ele se virou e saiu.

“Meu pai se derrubou diante de mim. Ele chorava e chorava, como um homem quebrado. E aquele foi o momento que mudou minha vida. Eu não podia ver meu pai assim. Eu não podia mais suportar a injustiça de tudo.

“Eu saí correndo para fora da nossa casa, montei em nosso cavalo e persegui o senhor Tribble. Eu o ultrapassei na estrada, nos arredores da cidade e eu o confrontei. Eu puxei-o para baixo de seu carro e meu objetivo era tentar raciocinar com ele, fazê-lo entender. Meu objetivo não era machucá-lo, mas quando eu o puxei para baixo, ele pegou um punhal e cortou meu rosto. Ele me deixou uma cicatriz.” Elden disse, apontando para a cicatriz que corria debaixo de seu olho, iluminada pelas chamas da fogueira. Thor sempre quis saber sobre a cicatriz, mas nunca tinha perguntado.

Elden limpou a garganta.

“E então Mr. Tribble levantou o punhal e apontou para o meu coração. Mesmo eu estando desarmado e sem tê-lo atacado. Meu instinto de defesa se apoderou de mim. Eu redirecionei sua mão para longe de mim e quando isso aconteceu, ele acabou apunhalando a si mesmo no estômago. Eu nunca vou esquecer a expressão dele quando ele olhou nos meus olhos, morrendo, deixando este mundo. Eu o segurei em meus braços por cerca de um minuto até que ele caiu aos meus pés. Ele foi o primeiro homem que eu matei em minha vida.”

Elden suspirou, franzindo a testa, parecia que ele estava revivendo tudo enquanto falava.

“Acontece que os homens da lei estavam fora patrulhando e eles me viram, segurando o senhor Tribble com o punhal em seu estômago enquanto ele morria. Eles tocaram as cornetas e vieram correndo para mim. Se eles me pegassem, eu sabia que seria metido em uma masmorra para sempre.”

“Então, o que você fez?” Conven perguntou, finalmente saindo de seus devaneios e interessando-se pela história.

“Eu não fiquei ali, esperando.” Disse Elden. “Eu não podia. Sem importar o que eu dissesse em minha defesa, eles iriam culpar-me. Então, eu pulei sobre meu cavalo e continuei cavalgando e nunca voltei. Eu cavaleguei por todo o caminho até a próxima cidade e cheguei lá justamente quando o exército estava indo ali para fazer o Alistamento. Eu fiquei com os outros garotos e como eu era bastante mais alto do que todos eles, eu tinha a certeza de que seria selecionado. Graças a Deus eu fui. Isso salvou minha vida. Se algum dia eu voltasse para minha cidade natal, eu provavelmente seria preso.”

Houve um longo silêncio depois que Elden terminou e todos eles ficaram olhando para as chamas.

“E o que aconteceu com o seu pai?” Perguntou Conven.

Elden abanou sua cabeça.

“Eu não sei. Eu não o vejo desde aquele dia.”

Elden suspirou.

“Eu nem sequer sei por que estou contando essa história.”  
Acrescentou ele.

Indra sorriu.

“Eu avisei a todos vocês. É o leite Qurum. Ele acelera o sangue e incita as pessoas a falar sobre os seus pensamentos mais profundos.”

Todos eles se viraram e ficaram olhando para as chamas que crepitavam na noite, até que um silêncio caiu sobre eles. Conven não necessariamente parecia mais feliz do que antes, mas ouvir a história parecia ter ajudado a tirá-lo de sua tristeza.

“Todos nós sentimos a sua perda. “Reece disse a Conven. “Mas você não é o único que perdeu um ente querido. Cada um de nós aqui, todos nós perdemos alguém a quem queríamos muito. Eu...” Disse ele, baixando a cabeça e em seguida, fazendo uma pausa, como se estivesse relutando. “Bem... eu... eu nunca disse isso a ninguém antes, mas eu perdi o meu querido primo.”

“Seu primo?” Thor perguntou.

Lentamente, Reece assentiu, olhando tristemente para as chamas.

“Meu pai, o Rei MacGil, era o mais velho de três irmãos. Seu irmão mais novo, o Lorde MacGil, vive com seus quatro filhos nas Ilhas Superiores. As Ilhas Superiores são parte do Anel, mas estão separadas pelo Tartuvian. Eles não estão muito longe, talvez a cinquenta milhas da costa. Vocês já estiveram lá?”

Os outros balançaram a cabeça. Thor lembrou-se vagamente de ter ouvido falar das Ilhas Superiores uma vez, quando ele era criança.

“Elas são um lugar inóspito e desolado.” Continuou Reece. “De mares tempestuosos. Com mais chuva do que sol e sempre há um vento constante. É um belo território situado à beira de penhascos, mas não é para os de coração mole. Eles dizem que as Ilhas Superiores produzem um tipo diferente de homem. E é lá que os outros MacGils vivem.

“Quando eu era mais jovem, nós costumávamos visitá-los. Muitas vezes. Meu pai e seus irmãos eram muito unidos. Tão unidos quanto os irmãos podem ser. E eu era muito apegado aos meus primos.

Lorde MacGil tinha três meninos e uma menina. A menina, Stara, tem a minha idade. Ela é a garota mais bonita e nobre que já conheci. Por dentro e por fora. Quando eu era mais novo, nós fomos criados como se fôssemos verdadeiros irmãos.”

Reece suspirou, olhando fixamente para as chamas, parecendo oprimido pela história.

“Em algum ponto ao longo do caminho...” Reece continuou: “... Meu pai e seu irmão mais novo se desentenderam. Aparentemente, segundo os rumores, seu irmão tornou-se ambicioso. Afinal, ele era o próximo na linha de sucessão ao trono e ele tinha novos conselheiros sussurrando em seu ouvido. Ele começou a elaborar um plano para derrubar o meu pai. Ou, pelo menos, isso foi o que os espiões do meu pai disseram-lhe.

“Nós nos visitávamos cada vez menos e em nossa última visita lá, o clima já estava tenso. Isso me partiu o coração. Como vocês veem, eu nunca disse a ninguém, mas eu estava apaixonado por Stara. E ela estava apaixonada por mim. Nós tínhamos prometido que quando crescêssemos, nós nos casaríamos. E a cada ano eu a via e nós renovávamos esse voto, o nosso amor um pelo outro nunca diminuiu.”

Reece respirou fundo.

“Uma noite, no castelo do Lorde MacGil, enquanto ele estava hospedando-nos, seu filho mais velho morreu. E foi então que tudo mudou.”

“Como?” Thor perguntou.

“Todos nós estávamos em um banquete e serviram uma taça de vinho ao Lorde MacGil, no entanto, seu filho mais velho bebeu o vinho em seu lugar. Ele tombou morto na hora. O vinho estava envenenado e o veneno tinha sido preparado para Lorde MacGil. Dado o clima político, Lord MacGil supôs que seu irmão mais velho estava por trás de tudo. Ele nos fez ir embora e depois daquela noite, ele nunca mais falou com o meu pai de novo, além disso, ele proibiu sua família de falar conosco também.

“Todos nós partimos apressadamente, no escuro da noite e nunca mais voltamos para as Ilhas Superiores. Eu nunca mais vi meus primos novamente. E eles tampouco vieram visitar-nos, nunca mais.”

Reece suspirou.

“O curioso é que eu era tão unido ao meu primo que morreu; ele era como um irmão mais velho para mim. Tanto ele como Stara... Eu ainda vejo o rosto dela todas as noites. Eu quero falar com ela novamente. Para dizer a ela que nós não tínhamos nada a ver com tudo o que aconteceu. Mas eu sei que eu nunca vou poder fazer isso. É por essa razão que eu jamais olhei para nenhuma outra garota desde então. Não até que eu conheci Selese, então, pela primeira vez, eu fui capaz de ver o rosto de outra mulher que não fosse Stara.”

Todos eles se permaneceram em um silêncio pesado enquanto o vento soprava através do deserto, atizando o fogo. Thor olhou para seus irmãos e percebeu que cada um era castigado por seu próprio desespero silencioso. Ele não era o único; nem tampouco Conven. Eram todos jovens, mas todos eles de alguma maneira tinham algum pequeno sofrimento, pesando em suas vidas. Thor percebeu que alguns simplesmente escondiam isso melhor do que outros.

Thor queria refletir sobre isso mais um pouco, mas seus olhos começaram a se fechar e ele se deixou levar pelo cansaço. Afinal, o dia seguinte traria consigo a parte mais difícil de sua missão e, talvez fosse o seu último dia.



## CAPÍTULO DEZENOVE

Gwendolyn cavalgava ao lado de Steffen, os dois avançavam sozinhos pela trilha sinuosa da floresta, tal como haviam estado fazendo durante horas, através das profundezas do bosque. Ao prosseguir em sua jornada sem fim, eles reduziram a velocidade, fazendo os cavalos trotar, enquanto passavam debaixo de árvores altas, com galhos retorcidos, os quais se curvavam e se entrelaçavam, formando arcos sobre sua cabeça e bloqueando a vista do céu. Era uma paisagem surreal e Gwendolyn sentia como se estivesse no meio de um conto de fadas. Ou no pesadelo de alguém.

A única coisa que iluminava a floresta era a luz fraca de um raio de sol, em algum lugar distante. A Floresta do Sul. Era uma floresta de tristeza, um lugar que ela temia desde criança. Dizia-se que estava cheia de ladrões e canalhas, que era um lugar ao qual até mesmo os cavaleiros honrados tinham medo de ir — para não mencionar uma mulher praticamente sozinha. No entanto, Gwen continuava recordando a si mesma que pelo menos ela tinha escapado de Silésia, que pelo menos ela ainda estava viva.

“Majestade?” Steffen perguntou pela terceira vez.

Ela olhou ao redor, saiu de seu devaneio e viu Steffen. Ela estava tão grata por sua presença. Ele era como uma rocha protetora para ela, a única pessoa no mundo com quem ela podia contar para estar sempre ao seu lado.

“Vossa Majestade se encontra bem?” Ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça em resposta, vagamente consciente de que ele havia tentado falar com ela.

Gwen estava impressionada por já ter conseguido chegar tão longe. Ela fechou os olhos e lembrou-se de sua fuga do castelo, lembrou-se de que Steffen a tinha conduzido através dos túneis secretos. Ela não sabia dizer por quanto tempo eles rastejaram e estiveram agachados, sacudindo e matando as aranhas que caíam sobre suas costas. A escuridão do túnel parecia não ter fim e houve

muitos momentos em que ela teve a certeza de que Steffen tinha escolhido o caminho errado.

Por fim, o túnel tinha ascendido, serpenteando para cima cada vez mais, até chegar ao topo, Gwen ficou admirada ao ver que agora eles empurravam o solo e a grama. Eles emergiram para encontrar-se em algum lugar em um campo coberto de grama, a quilômetros de distância de Silésia. Steffen tinha conseguido. Os dois estavam longe de qualquer lugar, sem tropas do Império à vista. Gwen estava grata pela luz solar e grata pelo ar fresco e frio no rosto.

Logo depois que eles subiram à superfície, Steffen deu um assobio e por trás de uma caverna surgiram dois belos e reluzentes cavalos.

“Elas são de propriedade de Srog.” Steffen tinha explicado para Gwen depois que cada um havia montado um dos garanhões. “Esta era uma escapatória destinada ao Rei e a Rainha, em caso de emergências. Srog me instruiu a usar os cavalos. Ninguém mais pode usá-los agora; nós fomos os únicos a sair.”

Eles galoparam em direção ao Sul por quilômetros, com destino à Torre de Refúgio, em algum lugar do outro lado do Anel. Os dois iam avançando, sozinhos, através das planícies. Eles avançavam mais e mais enquanto o dia se transformava em noite e a noite em dia, praticamente sem fazer nenhuma pausa. Eles seguiam por territórios isolados, cavalgando por lugares onde eles sabiam que o império de Andronicus não estaria. Eles atravessaram quase todo o Anel, evitando as grandes cidades e vilas, atravessando as planícies, até que finalmente haviam entrado na grande floresta do Sul há apenas umas horas

Agora, eles se sentiam exaustos e tinham reduzido a marcha a um trote suave. Finalmente, eles se sentiam longe de Silésia e fora do alcance de Andronicus o suficiente para reduzir o ritmo. Eles também se sentiam extremamente cautelosos naquela floresta, eles queriam ir mais devagar e estar vigilantes.

Enquanto prosseguiam, os dois examinavam o bosque e suas árvores retorcidas, olhando com cautela para os seus arredores, sempre em guarda. O bosque era muito espesso como para poder ver através dele e Gwen sentia um arrepio na nuca. Ela imaginava

todos os tipos de criaturas olhando para ela. As aves de inverno grasnavam enquanto eles andavam. Gwen tinha uma sensação ruim que aumentava cada vez mais. Ela se perguntava se eles tinham cometido um erro ao tentar escapar assim.

Mas Gwen percebeu que ela deveria estar agradecida por ter escapado com vida; por ter chegado tão longe e por ter Steffen junto dela. Eles estavam perto da Torre de Refúgio agora e eles só tinham de manter o curso. Ainda assim, aqueles últimos quilômetros eram os mais difíceis. A cada passo, ela sentia um crescente sentimento de perigo. Ela tinha estado em muitos bosques em sua vida e aquele bosque não lhe proporcionava nenhum sentimento de segurança. Havia uma razão pela qual as tropas do Império não tinham entrado nele e um motivo pelo qual nenhum dos homens do rei jamais havia feito o mesmo. Ele era muito espesso, muito propício para uma emboscada. Todos o contornavam, mesmo que isso significasse a adição de dias a uma viagem. Mas não era o caso dela: ela não podia. Aquele era o caminho mais direto para a Torre de Refúgio e o melhor caminho para evitar ser detectada pelo Império.

“Vossa Majestade não precisa fazer isso.” Steffen disse.

Gwen olhou para ele fixamente, perdida em seus pensamentos.

“Fazer o quê?” Perguntou ela.

“A Torre de Refúgio.” Disse ele. “Afastar-se completamente do mundo. Há pessoas que a amam. Silésia não é mais segura, porém existem outros lugares onde Vossa Majestade pode se esconder, outros lugares onde pode esperar até que os homens de Andronicus partam. Mas a Torre... é para sempre. Aqueles que entram nela jamais saem. É uma torre de freiras, condenada ao silêncio.”

Gwen deu de ombros. Ela sentia que sua vida tinha acabado de todas as maneiras, ela sentia que a melhor parte de sua vida tinha sido roubada dela por Andronicus e McCloud.

“Se não for esta prisão será outra.” Respondeu ela. “... É apenas uma questão de escolha. Todos nós vivemos em nossas próprias masmorras privadas.”

Eles caíram de volta em um profundo silêncio enquanto os dois caminhavam. Gwen podia sentir que Steffen queria rebater seus

argumentos, mas ele freou sua língua mostrando-lhe respeito.

Gwen pensou ter ouvido um graveto estalar e no mesmo instante Steffen levantou a mão repentinamente, parando e fazendo sinal para que ela também parasse.

“O que foi isso?” Perguntou ela.

“Silêncio.” Steffen disse, olhando ao seu redor, ouvindo.

Gwen sentiu seu coração martelar ao ouvir outro graveto estalando.

Ela virou-se lentamente e ficou paralisada ao ver que um grande grupo de meliantes se aproximava, eram mais de uma dúzia de homens. Eles surgiam de todos os lados do bosque, cada um parecia mais desesperado do que o outro. Suas roupas eram esfarrapadas, seus rostos e unhas estavam cobertos de sujeira, todos eram barbudos e já haviam perdido vários dentes. Todos eram homens em seus vinte anos e estavam equipados com armas rudimentares em seus cintos. Eles se viam muito magros e tinham um olhar alucinado em seus olhos escuros e cruéis. Gwen podia ver que todos eles tinham más intenções.

“Isso parece um traje real para mim.” Um deles gritou para o outro. Seu sotaque era rude e áspero, o sotaque do Sul. O tom de sua voz provocou um calafrio em Gwendolyn.

“Com certeza.” Respondeu o outro. “O que nós temos aqui? Alguma nobre dama da corte?”

“Eu juro que já vi essa cara.” Disse outro. “Parece um MacGil.”

“Não pode ser.” Disse outro. “A esta altura, todos os MacGil devem estar mortos. A menos que esta aqui seja um cadáver.”

“O cadáver mais bonito que eu já vi na vida.”

A multidão de rufiões caiu na gargalhada e a ansiedade de Gwen aumentava, à medida que eles se aproximavam dela.

“Eu estou dizendo a verdade.” Insistiu um deles. “*Nem todos* estão mortos. A filha. A garota.”

Todos eles estudaram Gwendolyn mais seriamente.

“Não pode ser.” Disse um deles. “Ela está em Silésia.”

“Talvez ela tenha escapado.” Disse outro.

Gwen se sentia cada vez mais incômoda enquanto eles a examinavam. Ela desejou não estar usando o manto real que Srog

Ihe dera, nem as jóias reais, os anéis em seus dedos, suas pulseiras e nem seus colares. Ela percebeu que devia ser um alvo ambulante para aquelas pessoas.

“Se vocês chegarem mais perto, vão se arrepender disso.” Steffen advertiu colocando-se ao lado de Gwen. Sua voz era fria como o aço.

O grupo caiu na gargalhada.

“O que nós temos aqui? Um anão corcunda fazendo a guarda da senhora... é isso?”

“O que aconteceu, eles ficaram sem guardas normais?”

Mais risadas.

“Minha nossa, você deve realmente ser difícil de aguentar, se conta apenas com este homenzinho para Ihe cuidar.” Disse outro, balançando a cabeça.

“Eu não vou avisá-los de novo.” Steffen ameaçou, sua voz assumiu uma seriedade mortal.

Vários deles puxaram punhais de suas cinturas.

“Você pode começar a ir tirando toda sua roupa.” Um deles disse para Gwendolyn.

Gwen hesitou, havia medo nos olhos dela, seu olhar ia de Steffen para os bandidos, ela não sabia bem o que fazer.

“Faça isso agora, ou eu mesmo vou fazer isso por você.” Disse um deles.

“Isso mesmo, faça isso rápido, para que possamos deixar de conversa e nos divertir um pouco com você.”

Todos eles se aproximaram rindo, então, finalmente, Steffen entrou em ação.

Com a velocidade da luz, tão rápido que surpreendeu até mesmo Gwendolyn, Steffen levou a mão às costas, extraiu um arco curto e com sua pontaria certa ele lançou quatro flechas, as quais atravessaram a garganta de quatro deles, matando-os na hora.

Gwen não hesitou. Ela meteu a mão nos arreios e tirou o mangual que estava guardado ali, ela o girou bem alto e viu quando a corrente dele voou pelo ar e a bola de metal cheia de puas golpeou o rosto de um dos meliantes que vinha se aproximando dela.

A bola impactou contra o olho do meliante e ele gritou e caiu no chão.

Antes que pudesse girar o mangual novamente, Gwen sentiu umas mãos ásperas em suas costas, em seguida, ela sentiu que estava sendo puxada para trás e arrancada de seu cavalo, ela saiu voando pelo ar e desabou no chão, sem fôlego. Mais dois ladrões pularam sobre ela, arrancando as suas jóias e puxando seu manto. Ela lutava contra eles, mas era inútil.

Steffen cavalgava ao lado dela e saltou pelo ar, caindo sobre um deles, prendendo-o contra o chão, rolando com ele. O outro ladrão, porém, continuou a segurar Gwendolyn sujeitando-a contra o chão; ele agarrou o braço dela e torceu-o em torno das costas, então ele virou-a e empurrou-a de bruços no chão. Ele estendeu a mão, agarrou as calças dela e começou a puxá-las para baixo.

“Agora garota, eu vou fazer sexo com você.” Disse ele.

Quando o bandido soltou Gwendolyn momentaneamente para agarrar as calças dela, ela aproveitou a oportunidade: Gwen levou a mão a sua cintura e pegou um pequeno punhal de prata que Godfrey lhe dera há muito tempo, em seguida, ela virou-se e o meteu na garganta de seu agressor.

Os olhos do atacante se arregalaram enquanto o sangue escorria para o chão. Gwen enfiou o punhal ainda mais profundamente, sentindo a raiva tomar conta dela, sentindo-se vingada não só daquele homem, mas também de McCloud; Andronicus; Gareth, contra todos os homens que a haviam prejudicado.

“Não, você não vai.” Gwen respondeu.

Quando ele caiu morto, Gwen retirou o punhal, limpou-o em sua roupa e colocou-o de volta em sua cintura, sem sentir nem uma pitada de remorso. Ela se perguntava se estaria ficando sem remorsos, ou insensível — ou ambas as coisas. Ela esperava que não.

Gwen olhou e viu Steffen lutando com um ladrão, enquanto rolava pelo chão, várias vezes, então ela se preparou para correr até ele e ajudá-lo.

Mas enquanto Gwen tentava apoiar-se sobre suas mãos e joelhos, ela sentiu, de repente, o forte chute da ponta metálica de uma bota

atingir sua têmpora. Ela gritou e caiu de costas, todo o seu mundo era dor, ele dava voltas, ela ficou vendo estrelas.

A última coisa que ela viu antes que seu mundo escurecesse por completo, foi o rosto mais feio que já tinha existido. Ele sorria enquanto seu dono levantava a palma de sua mão, bem alto, para desc -la com força sobre sua bochecha.



## CAPÍTULO VINTE

Kendrick estava pendurado ali, no alto da cruz, sentindo a força da vida esvair-se dele. O segundo sol já estava há muito tempo no céu. Seus pulsos e tornozelos estavam inchados por estarem amarrados com cordas grossas à madeira. A dor era insuportável, seus membros se estiravam por estar pendurados ali horas e horas. Ele mantinha a cabeça baixa e tentava não olhar mais ao redor, ele não desejava ver mais destruição; mas ele ouviu gemidos e não se conteve. Ele olhou em volta e viu todos os seus amigos pendurados nas cruces que estavam ao lado dele. Srog estava de um lado, Atme de outro e ao lado dele Brom, Kolk e muitos outros cavaleiros que Kendrick apreciava muito. Pelo menos, ele disse para si mesmo, eles ainda estavam vivos, ou agarrando-se à vida. Eles não estavam mortos, assim como as pilhas de corpos abaixo.

Kendrick havia tentado falar com eles, mas eles tinham estado muito fracos ou desidratados demais para responder. Todos pareciam mais mortos do que vivos.

Kendrick ouviu o estalo dos chicotes e olhou ao redor para ver o quadro de devastação, no qual sua amada cidade havia se convertido. Os sobreviventes que permaneceram foram todos escravizados e eram levados por capatazes do Império, eles estavam sendo chicoteados e forçados a arrastar pedras enormes e a mover uma pilha após outra, enquanto limpavam escombros. Silésia tinha rapidamente se transformado em uma cidade ocupada por escravos. Uma estátua de Andronicus já se elevava até o céu, o emblema do Império — um leão com um pássaro em sua boca — já havia sido colocado sobre os portões da cidade e a bandeira do Império já ondulava acima dele. Todos os vestígios da independência daquela cidade já haviam sido borrados. Agora tudo havia sido totalmente incorporado ao Império.

Houve uma comoção, Kendrick lambeu os lábios rachados e virou-se para ver um grupo de soldados do Império abrindo caminho por entre a multidão. Ele ficou chocado ao ver que atrás deles, não

estava outro senão o próprio Andronicus, elevando-se sobre os demais soldados. Os soldados a sua frente mantinham acorrentado a um homem que Kendrick reconheceu depois de vários instantes. Era seu meio-irmão. Gareth.

Os olhos de Kendrick se arregalaram e ele olhou por segunda vez, ele pensou que estava vendo coisas. Ele não estava. Ali, em carne e osso estava Gareth, magro, com a barba crescida e com um aspecto desleixado. Ele estava sendo levado pelos soldados do Império, suas correntes chacoalhavam enquanto ele caminhava arrastando os pés.

Eles chegaram e pararam diante de Kendrick. A multidão ficou em silêncio enquanto Andronicus surgiu ao lado de Gareth e colocou uma mão enorme em volta do seu pescoço magro, cobrindo-o completamente, suas longas unhas raspavam a base da garganta de Gareth.

Andronicus sorriu.

“Identifique quem é quem entre esses cativos.” Disse Andronicus. “E nós vamos poupar sua vida.”

Todos eles olharam para Kendrick e para os outros nas cruzes.

“Eu o farei com o maior prazer.” Disse Gareth. “Eu vou identificar todos e muitos mais. Eu não tenho amor por nenhum deles; seus inimigos são meus inimigos também.”

Andronicus sorriu para Gareth.

“Você é insolente.” Disse ele. “E tem sangue-frio, mesmo para com a sua própria família. Você é um homem a quem eu admiro. Eu gosto de você. Libertem-no.” Andronicus acenou para os guardas e eles correram e tiraram as algemas de Gareth.

Gareth sacudiu os grilhões, deu um passo à frente todo pomposo e caminhou direto para Kendrick, apontando com um dedo longo e magro para o rosto dele.

“Este é Kendrick.” Disse ele. “Meu ex-irmão. Ou meio-irmão. Na verdade, ele é um bastardo. Ele é o líder do Exército Prata. Um homem importante.” Disse ele enquanto se virava e apontava para outro lugar. “E aquele homem ao lado dele é Kolk, o líder da Legião; aquele outro é Brom, o general do exército e também está Atme, outro herói do Exército Prata.”

Gareth continuou falando, despejando os nomes; cada nome que ele pronunciava, desatava um incêndio no estômago de Kendrick. Ele mataria Gareth por isso, se ele algum dia ele tivesse a chance.

Finalmente, Gareth terminou. Ele voltou para o lado de Andronicus com um sorriso de satisfação no rosto.

Andronicus sorria, um ronronar profundo provinha de algum lugar de sua garganta, ele colocou a outra mão no ombro de Gareth.

“Bom trabalho.” Andronicus disse. “Você será recompensado.”

Gareth ficou ali, enfunado de orgulho.

“Que cargo você vai me dar? Tenha em mente que eu sou um rei, afinal de contas. Você poderia me proclamar Rei do Anel. Isso seria muito apropriado.”

Andronicus ria com gosto.

“Eu vou recompensá-lo com a posição de escravo. Você vai ser o rei dos catadores de esterco.”

Gareth ficou de queixo caído, totalmente horrorizado.

“Mas você disse que iria me recompensar!”

“Isso é uma recompensa.” Disse Andronicus. “Eu estou poupando sua vida.”

Gareth, com pânico em seus olhos, de repente virou-se e saiu correndo do grupo; seu corpo magro o ajudou a perder-se no meio da multidão.

“ATRÁS DELE!” Andronicus gritou para seus soldados, os quais estavam atônitos.

Seus homens saíram correndo atrás dele, mas em poucos instantes, Gareth encontrou um pequeno buraco numa parede de pedra e enfiou-se nele. Ele era magro o suficiente para se espremer pelo caminho: uma espécie de passagem secreta. Quando os soldados do Império chegaram até a parede, eles não podiam caber dentro dela.

“Se você o perderem, vocês morrerão!” Andronicus gritou.

Os soldados saíram em disparada, correndo por todo o caminho ao longo da parede.

Andronicus, com o rosto vermelho, voltou sua atenção para Kendrick e para os outros. Ele deu um passo à frente e olhou para todos eles atentamente.

Depois de uma espera interminável, ele se aproximou de Kolk.

“Vamos começar por ele.” Andronicus ordenou. “Nós vamos matar apenas um por dia.” Ele sorriu. “Eu gosto de prolongar meu prazer.”

Andronicus estendeu o braço e tomou uma lança da mão de um de seus assistentes, então ele aproximou-se e, de repente, traspassou Kolk direto no coração.

“NÃO!” Kendrick gritou quando ele viu a boca de Kolk jorrar sangue. Kolk gritou de dor e finalmente, inclinou a cabeça para o lado, ele já estava morto.

Andronicus, deixando a lança ainda incrustada nele, virou-se para os seus homens, logo todos eles começaram a se afastar.

“Amanhã, escolheremos outro.” Disse ele.

Kendrick lutava por tudo o que era mais sagrado, mas ele não podia afrouxar as cordas. Ele se inclinou para trás e gritou aos céus, jurando vingança para Kolk; para o seu povo; para todos eles. Um dia, de alguma forma, ele mataria Andronicus.



## CAPÍTULO VINTE E UM

Thor acordou de madrugada, apertando os olhos sob a luz ardente do primeiro sol da manhã, o qual era como uma enorme e ofuscante bola no horizonte, não havia nada na paisagem que o protegesse dela. Thor levou as mãos aos olhos e sentou-se lentamente.

O deserto ainda estava fresco no início da manhã, o calor ia aumentando a cada segundo; seus irmãos de armas estavam ali, ao redor dele deitados, dormindo aquecidos pelas brasas já quase apagadas da fogueira. Krohn estava deitado com a cabeça em seu colo, dormindo como uma pedra.

Todos se encontravam ali, todos exceto um. Thor percebeu que Conven estava faltando; ele se virou rapidamente e olhou em volta, procurando por ele e finalmente o viu, a cerca de vinte metros de distância dos outros. Ele estava sentado com as pernas cruzadas, de costas para eles, olhando para o sol enquanto ele se levantava no horizonte.

Alarmado, Thor correu até ele. Enquanto se aproximava, ele viu seus olhos olhando diretamente para o sol, eles estavam vermelhos. Conven ainda parecia dominado pelo pesar, era como se ele não estivesse totalmente ali com eles. Ele olhava para o horizonte com um olhar perdido e Thor tentava imaginar a profundidade de sua tristeza.

“Conven?” Ele perguntou.

Depois de alguns segundos, ele finalmente virou-se e olhou para Thor, seu rosto era inexpressivo.

“É hora de ir-nos.” Disse Thor.

Conven levantou-se lentamente, sem dizer uma palavra e caminhou até seu animal, o qual estava amarrado a um poste. Thor virou-se e o seguiu, logo os outros começaram a levantar-se também, todos observavam cheios de curiosidade.

Conven não era a mesma pessoa que Thor uma vez conhecera e apesar de si mesmo, Thor estava começando a se perguntar se

Conven se tornaria uma carga para eles. Ele não compreendia o que Conven estava sofrendo. Ele era imprevisível. Além disso, Thor não sabia como ele iria reagir em um momento de perigo, ou ainda se ele colocaria todos eles em risco.

Mas ele não tinha escolha. Logo, todos eles montaram em seus animais, deram um adeus apressado àquela cidade solitária e partiram antes de o sol nascer, já que era necessário ganhar tempo antes que todos eles fossem escaldados pelo calor do dia.

\*

Os seis montaram seus animais e saíram trotando pela paisagem de sal, todos seguindo o exemplo de Indra. Thor estava feliz por deixar aquele lugar. Ele entendia muito bem a ansiedade que Indra sentiu ao voltar para sua cidade natal. Ele tampouco queria ficar preso ali.

Thor ainda estava um pouco tonto devido à bebida da noite anterior, ele tentava sair do torpor. Aquele leite Qurum era poderoso e ele tinha dificuldade para lembrar exatamente quando ele tinha caído no sono.

“Que tão longe é a Terra dos Dragões?” Reece perguntou a Indra.

“Nós ainda não entramos no túnel.” Disse ela.

“Túnel?” Perguntou O’Connor.

“A única maneira de chegar à Terra dos Dragões é através do Grande Túnel. Ele conecta os Desertos de Sal com as Montanhas de Fogo. Nós o chamamos de o Túnel da Morte. Eu nunca ouvi falar de alguém que pudesse atravessá-lo e sair vivo.” Ela suspirou. “Mas este é o caminho que você escolheu. Você sabia que não ia ser fácil.”

Eles continuaram andando em silêncio e Thor sentia a ansiedade entre eles enquanto se dirigiam para as intermináveis extensões de sal. O sol subia cada vez mais alto. Era como se estivessem viajando para a morte.

Depois de horas de não ver absolutamente nada diferente no horizonte, surgiu diante deles uma única e enorme montanha. Em sua base via-se a boca de um grande túnel, ele tinha cerca de cem metros de diâmetro, sua enorme abertura se expandia na escuridão.

Ao se aproximarem, os animais começaram a pisotear o chão e a resistir. Thor podia sentir o quanto eles estavam agitados.

Indra desmontou ao chegar à entrada do túnel e os outros fizeram o mesmo.

“O que vai ser dos animais?” Elden perguntou, chegando ao lado dela.

Ela balançou a cabeça.

“Nenhum animal vai entrar neste túnel.” Ela respondeu. “Eles sabem que não lhes convém.”

Indra ficou ali, segurando as rédeas e olhando para seu animal melancolicamente. Ele se inclinou para baixo e com sua cabeça enorme fez um barulho semelhante a um gemido e esfregou o nariz contra o pescoço dela.

Ela soltou a corda e deu um tapa nas costas da besta, então ela virou-se e fugiu, os outros animais fizeram exatamente o mesmo.

Thor virou-se junto com os outros e ficou observando os animais enquanto eles iam embora, levantando uma nuvem de poeira branca ao desaparecer no horizonte. Ele engoliu em seco. Agora eles estavam por conta própria.

Thor se virou e olhou para a entrada do túnel, tentando enxergar na escuridão. Ele sabia que era possível que eles nunca saíssem dele.

Indra levantou um punhal, deu um passo à frente para a parede da caverna e com o seu punhal ela raspou grandes pedaços de rocha amarela. Ela segurou uns pedaços contra a parede e golpeou-os com o cabo de seu punhal e a rocha revelou um núcleo branco e brilhante. Ela entregou uma pedra para cada um dos homens.

Thor segurou a pedra em sua mão, ele ficou surpreso com o seu peso, era uma pedra amarela e áspera, com um núcleo brilhante.

Indra deu o primeiro passo para dentro da caverna e quando ela fez isso, Thor ficou maravilhado ao ver que a pedra lançava um brilho. Ela irradiava a luz de várias velas.

“Cada um segure a sua bem alto e assim o túnel não estará tão escuro.” Disse Indra.

“Quanto tempo elas duram?” O’Connor perguntou quando todos eles começaram a entrar na caverna.

“Eu não sei.” Disse Indra. “Ninguém nunca as usou o tempo suficiente para poder dizer.”

\*

O túnel escuro retinia com os barulhos estranhos de animais e insetos, com a vibração das asas, os gritos, ruídos e arrulhos das criaturas escondidas que ecoavam em todas as direções. Eles marchavam continuamente, segurando suas pedras brilhantes diante de si. Thor ouviu o barulho de algo sendo esmagado sob seus pés e quando ele baixou a pedra, ela iluminou milhões de insetos que rastejavam aos seus pés e eram esmagados sob suas botas. De vez em quando ele os sacudia, enquanto os insetos tentavam subir por suas pernas.

Krohn, ao lado de Thor, rosnava para os insetos, ele inclinou-se tentou abocanhar um deles, ou ainda agarrá-lo entre as patas.

*Graças a Deus temos as pedras brilhantes.* Thor pensou; sem elas seria como caminhar na escuridão absoluta e Thor, como sempre, estava agradecido a Indra, já que as rochas iluminavam o caminho. Ainda assim, era difícil enxergar algo além do seu alcance de poucos metros e Thor só podia imaginar o que estava à espreita nos cantos profundos daquele lugar. Ele não podia deixar de sentir que estava sendo vigiado, era como se as criaturas, quaisquer que fossem, estivessem ganhando tempo. Uma parte dele estava contente por não poder ver muito bem.

Eles marchavam sem cessar, todos eles respirando com dificuldade devido ao esforço, porém mais ainda devido à ansiedade. As pernas de Thor se cansaram e ele se perguntava se aquilo alguma vez acabaria.

Houve uma vibração repentina de asas e Thor sentiu que algo roçava o seu rosto.

“Globas!” Indra gritou. “Abaixem-se!”

A caverna subitamente foi iluminada por milhares de pequenas criaturas que brilhavam no escuro; elas pareciam morcegos, mas eram maiores e suas cabeças eram completamente incandescentes e brancas. Havia milhares delas, vibrando suas asas em uma grande cacofonia e descendo sobre eles.

Antes que Thor pudesse sequer tentar evitá-los, ele sentiu que seu rosto havia sido arranhado e gritou de dor. Ele sacou a espada e começou a brandi-la freneticamente contra eles, em todas as

direções e os outros se juntaram a ele. Alguns morcegos caíram, mas cada vez mais deles arranhavam o rosto, o pescoço e as mãos deles. Thor finalmente desistiu e seguiu os passos de Indra: como ela, ele se jogou no chão e se enrolou como uma bola, abraçando os joelhos, com o rosto no chão. Os outros seguiram o seu exemplo e se enroscaram no chão, ao lado dele.

Thor sentia um milhão de garras arranhando sua cota de malha nas costas, a parte de trás de sua cabeça, seu pescoço e seus braços. Mas ele ficou enrolado ali embaixo, assim como Indra e então ele orou. Por um momento, ele pensou que todos seriam arranhados até a morte.

Ouviu-se um rugido súbito que ficou ecoando nas paredes, então, de repente, os animais voaram, todo o bando deu um grito estridente e voou para longe.

Após alguns momentos, a vibração das asas finalmente desapareceu, o terrível bater de asas deixou os ouvidos de Thor e ele podia ouvir seus pensamentos novamente. Ele ouviu-se respirando com dificuldade, assim como os outros, todos em pânico. Pouco a pouco, todos se levantaram, gratos por estarem vivos.

Mas o rugido se ouviu novamente e Thor sentiu um aperto na boca do estômago. O ruído provocou-lhe um calafrio na espinha; era um rugido profundo, sombrio, como o rugido de um leão.

“O que foi isso?” Perguntou Reece.

“Eu não faço ideia.” Disse Indra.

“Seja o que for, não parece feliz.” Disse O’Connor.

O rugido veio de novo, mais alto e mais perto desta vez, agora soava ainda mais como o rugido de um leão. Todos eles seguravam suas armas diante deles, suando com medo. Thor sentia o sangue escorrendo dos arranhões de seu pescoço e cabeça e enquanto ele estava ali ele sentia a terrível sensação de esperar, de olhar para a escuridão e não poder ver nada.

Thor sentiu o chão tremer debaixo deles e ele já não podia esperar mais. Ele estendeu a mão para trás, colocou a pedra brilhante em sua funda e atirou-a para o mais longe que pôde. A pedra ia subindo pelo ar e enviava um raio de luz, iluminando o

túnel. Depois de percorrer cerca de cinquenta metros, finalmente ela iluminou o que estava se aproximando.

Thor desejou que isso não tivesse acontecido.

Parado ali, havia um enorme animal semelhante a um leão, porém ele era três vezes mais alto e mais largo. Ele tinha uma tromba que pendia de sua cara, como a de um elefante, mas ele tinha dentes de cada lado dela e um chifre em sua testa. A criatura estava coberta de pêlos amarelos e se erguia sobre duas patas, duas patas musculosas e enormes. Em lugar de dedos nos pés ela tinha duas garras. Ela se inclinou para trás, levantando seus enormes bíceps e exibindo seus músculos salientes, então rugiu de novo, erguendo sua tromba e revelando suas presas.

“Um Monger das Cavernas!” Indra sussurrou com temor.

“Com isso, eu entendo que ele não é amigável.” Disse O’Connor. Indra abanou a cabeça.

“Não muito.” Ela respondeu.

O Monger das Cavernas rugiu de novo e de repente, ele avançou soando como uma manada de elefantes.

Todos eles ficaram ali, paralisados de medo, se perguntando o que fazer, quando de repente Conven correu e avançou para a besta. Conven correu direto para ela, como se estivesse esperando morrer.

Quando Conven ergueu a espada, o Monger das Cavernas, movendo-se com uma velocidade enganosa, se aproximou e o golpeou fazendo-o voar através da caverna e chocar-se contra a parede. Conven caiu mole, no chão da caverna.

O animal correu para Conven e ergueu uma garra para acabar com ele, então Thor entrou em ação. Ele sabia que não havia tempo para chegar até Conven, mas ele pensou rapidamente; ele deu um passo para frente, levantou a espada e lançou-a. Ela saiu voando pelos ares, girando sobre si mesma, atravessou a caverna e se alojou no braço do monstro.

O Monger das Cavernas deu um grito estridente, em seguida virou-se e voltou seus olhos para Thor. O monstro avançou e saltou no ar até Thor, apontando para a garganta dele.

Quando o animal veio para ele, Thor levantou a palma da mão, invocando a sua energia. Uma luz amarela disparou da mão de Thor e ele foi capaz de parar a fera em pleno ar, justo a sua frente. Mas Thor não era forte o suficiente para impedir a fera de golpeá-lo. A fera estendeu a mão e deu-lhe um safanão na lateral de seu corpo, isso fez com que Thor saísse voando pela caverna e chocasse contra a parede oposta.

Krohn atacou a fera e afundou suas presas nos pés; dela; o Monger das Cavernas gritou fortemente, em seguida ele levantou Krohn no ar e abriu a sua boca para comê-lo.

O'Connor mirou e disparou várias flechas na boca aberta da fera, fazendo-a largar Krohn; Elden ergueu o machado, avançou em direção à fera e cortou uma das garras dela. A fera gritava enfurecida, ela agarrou O'Connor com uma mão, apertou-o e levantou-o bem alto. O'Connor ficou pendurado ali, com as pernas balançando, olhando para a morte de frente.

Reece tomou seu mangual, girou-o bem alto e com ele impactou a cabeça da fera, fazendo-a soltar O'Connor. A fera gritou e voltou seus olhos para Reece. Ela abriu as suas mandíbulas largas com suas presas salientes e baixou-as para Reece. Thor podia ver que Reece estava prestes a morrer.

Thor ignorou a tremenda dor de cabeça que sentia e concentrou-se. Ele teve de evocar o seu poder. Ele forçou-se a tornar-se ainda mais forte do que era. Ele viu o rosto de Argon, o rosto de sua mãe e logo ele viu o rosto de Gwendolyn. Ele sentiu sua energia percorrendo seu corpo, dando-lhe forças.

Thor se levantou e ergueu as duas mãos, determinado a fazer a energia funcionar.

Uma luz azul irradiou de suas mãos e percorreu a caverna, ela atingiu a fera bem em seu peito. A fera parou e gritou. Thor levantou os braços e quando ele fez isso, ficou admirado ao ver que ele estava conseguindo realmente levantar a fera no ar.

A fera gritou e ficou agitando seus braços e pernas no ar. Mas ela se encontrava longe do chão e não havia nada que ela pudesse fazer.

Thor, em uma última explosão de esforço, balançou seus braços e com isso ele fez a fera girar no ar. Thor afastou os braços para trás, jogou-os para a frente e então a besta saiu voando como um meteoro através da caverna, gritando e dando voltas sobre si mesma, até que finalmente colidiu com a parede da caverna e desabou. Uma pedra enorme veio rolando e caiu em cima dela, esmagando-a.

Tudo ficou em silêncio. A fera estava morta.

Os outros se viraram e olharam para Thor, com um olhar de crescente respeito e admiração.

Thor caiu de joelhos, enfraquecido pelo esforço. Ele estava ficando mais forte, ele podia sentir isso. Ele também podia controlar melhor seus poderes. Mas ele ainda não tinha a resistência de que precisava. Aquele confronto o havia deixado extenuado. Se outra fera aparecesse naquele momento, ele estaria impotente. Ele precisava ficar mais forte.

Reece e O'Connor vieram para o lado de Thor e cada um deles o agarrou pelo ombro e o sustentavam entre eles enquanto caminhavam. Todos eles estavam feridos, picados e caminhavam com dificuldade. O grupo continuou a caminhar lentamente através da caverna, na escuridão, seguindo em direção a qualquer perigo que estivesse por vir.



## CAPÍTULO VINTE E DOIS

A noite caiu, fria e negra e encontrou Kendrick pendurado na cruz, ele perdia e recobrava a consciência, atormentado por sonhos conturbados. Ele viu seu pai, o rei MacGil, rodeado por uma luz branca e sorrindo para ele; ele viu sua irmã, Gwendolyn, sendo arrastada; ele viu seu irmão mais novo, Reece, em um pequeno barco à deriva no mar. E ele viu Corte do Rei ardendo em chamas.

Kendrick abriu os olhos lentamente, estremeando de dor e exaustão. Ele estava desorientado e não sabia se estava dormindo ou acordado. Ele pestanejou e enxergou à sua frente, iluminado por tochas esporádicas, o pátio interior de Silésia. A cidade que antes era brilhante e majestosa, agora era um monte de escombros, estava cheia de cadáveres e os seus cidadãos haviam sido convertidos em escravos. Com a maioria das pessoas dormindo, a atividade não era tão frenética como tinha sido durante o dia, mas ainda assim, Kendrick podia ouvir o som distante produzido pelos homens de Andronicus enquanto chicoteavam seu povo. Alguns deles eram forçados a trabalhar até tarde da noite.

Os soldados invasores estavam sentados ao redor do pátio, formando pequenos círculos em volta das fogueiras que marcavam a noite. Eles se inclinavam, esfregavam as mãos, compartilhavam vinho e riam uns com os outros, enquanto tentavam se aquecer. Eles usavam peles caras, peles que tinham saqueado dos silesianos. Enquanto Kendrick estava pendurado na cruz, preparando-se para outra rajada de vento frio, ele se deu conta de que estava vestindo apenas uma camisa e calça leves. Ele, assim como os outros, tinha sido despojado de sua melhor armadura e peles e tinha sido deixado ali para congelar até a morte, se a dor não o levasse primeiro. Seu queixo batia e suas mãos estavam azuis, mas nada disso importava mais. Ele estaria morto em breve.

Kendrick reuniu energia suficiente para virar-se, então ele viu ao seu lado a figura rígida de Kolk, agora um cadáver, com seus olhos abertos em sua angústia de morte, seu corpo ainda estava perfurado

com a lança. Isso enfureceu Kendrick, era vergonhoso, era o ato de um inimigo sem honra. Eles deveriam ter tido a decência de tirar seu corpo dali e dar-lhe um enterro apropriado. Em vez disso, eles o deixaram naquela cruz, um bravo guerreiro, crucificado como um criminoso comum, para que todos pudessem olhar estupidificados. Kendrick sabia que no dia seguinte ele seria o próximo, mas ele não se importava com isso; o que o preocupava eram seus outros amigos lá em cima, especialmente Atme, que estava pendurado a poucos metros de distância e por quem ele não podia fazer absolutamente nada. Kendrick olhou para eles, mas sob a luz fraca ele não poderia dizer se eles estavam vivos ou mortos.

Kendrick fechou os olhos, tentando se concentrar em fazer a dor ir embora. Mas a dor persistia. Às vezes ela ia e vinha, de modo que ele se esquecia por alguns instantes o quanto seus membros doíam. Mas na maior parte do tempo, a dor era intensa e estava sempre presente. Ele tinha pequenos períodos de sono, mas mesmo durante o sono ele sentia dor. Quando ele fechava os olhos, ele tentava forçar a si mesmo a voltar a dormir, para retirar-se dos horrores do mundo, para anestesiá-la dor, mesmo que fosse apenas por pouco tempo.

Kendrick fechou os olhos, por sua a mente começaram a desfilar imagens. Ele se via como um menino, com seu melhor amigo Atme, os dois lutando na Legião; ele se viu com a garota que amava, ele já não conseguia mais lembrar o nome dela, em um barco a remo, quando ele era mais jovem; ele viu sua primeira batalha, sua primeira vitória, sua própria surpresa por suas habilidades; viu-se sentado à mesa com seu pai, o rei MacGil, Gwendolyn, Godfrey, Reece e até mesmo Gareth, todos eles jovens, todos eles felizes. Ele viu a corte do rei brilhar, majestosa, inexpugnável.

E então Kendrick viu seu pai, em pé diante dele, rodeado por uma luz branca. Seu pai estendeu a mão. Parecia jovem e saudável, um guerreiro corajoso e valente, exatamente como Kendrick lembrava. Ele sorria.

“Meu filho.” Ele disse com orgulho.

As palavras encheram o coração de Kendrick de calidez. Kendrick sempre desejou mais do que tudo ser considerado como filho de

MacGil.

“Você é meu primogênito.” Disse ele. “Meu filho legítimo.”

Kendrick quis tocar a mão de seu pai, mas seus dedos estavam fora de alcance.

“Nós estaremos juntos em breve.” MacGil disse. “Mas sua hora ainda não chegou. Você deve lutar. Você é um guerreiro. Não desista. *Nunca* desista. Lute. Lute por mim!”

Kendrick sentiu uma mão em seu pulso e a princípio, ele pensou que era a mão de MacGil.

Mas então, ele abriu os olhos e olhou para baixo e viu que na verdade havia uma mão em seu pulso. Ele ficou surpreso ao ver uma mulher jovem e bonita ali, talvez ela tivesse uns vinte e poucos anos, ela pousava uma mão suave em seu pulso. Ela parecia estar tomando o pulso de Kendrick, com os olhos fechados como se estivesse ouvindo. Então ela abriu os olhos e olhou para ele. Ela tinha os olhos mais bonitos que ele já tinha visto. Eles eram amendoados, tinham um leve tom de avelã e realçavam sua face. Sua pele era morena, a cor da pele típica da raça do Império.

Uma mulher do Império, ele percebeu. Ele se perguntava o que ela estava fazendo. Será que Andronicus a havia enviado? Estaria ela prestes a matá-lo? Pelo seu sorriso e seu toque gentil, ele não podia imaginar que ela estivesse. Mas o que ela estava fazendo ali, de pé ao lado dele, segurando seu pulso? Ele se perguntou se ainda estava sonhando.

“Você está vivo.” Disse ela, parecendo surpresa. Ela tinha a voz mais doce que ele já tinha ouvido; ele ansiava por ouvir aquela voz novamente. Ele queria que ela continuasse falando e nunca mais parasse.

“Quem é você?” Ele tentou perguntar, mas as palavras saíram desordenadas, sua voz falhou, sua garganta estava seca.

“Sandara.” Respondeu ela.

Ela olhou para ele com esperança, como se estivesse feliz por vê-lo vivo. Ela estendeu a mão, na qual segurava um manto de pele preto. Ela conseguiu subir na cruz e colocá-lo sobre os ombros trêmulos dele. Era a pele mais suave e mais luxuosa que ele já havia sentido e Kendrick nunca apreciou tanto uma peça de roupa como

aquela em sua vida. Ele sentiu-se imediatamente aquecido em torno de seus ombros e peito.

“Por que você está me ajudando?” Ele perguntou.

“É minha missão curar os doentes.” Disse ela.

“Mas você trabalha para o Império.” Disse ele.

Ela olhou ao redor com cautela.

“É verdade.” Disse ela. “Mas não durante a noite. Eles não veem tudo o que eu faço. Eu não gosto de ver ninguém doente. Seja do Império ou não. Sem importar se a cor de sua pele é igual à minha ou não.”

Kendrick olhou para ela, seu coração se sensibilizou com gratidão e apreço. Ela tirou um odre cheio de líquido e levou-o aos lábios dele e ele bebeu avidamente ao sentir a água fluir em sua boca. Ele bebeu e bebeu como se fosse um homem atravessando um deserto, sem ter visto água durante séculos. Ele percebeu o quanto estava desidratado.

Finalmente, ela afastou o odre.

“Não beba tanto de uma vez.” Disse ela. “Seu corpo deve habituar-se de novo.”

Então ela pegou outro odre pequeno e colocou-o em sua boca e ele sentiu o sabor do vinho doce. Era mais forte do que qualquer vinho que ele tinha provado e subiu-lhe direto à cabeça. Ele sentia-se mais leve, seu corpo formigava e sua dor diminuiu.

“Não é o melhor remédio...” Disse ela. “... Mas por enquanto, ele vai aliviar a sua dor.”

“Eu não sei como lhe agradecer.” Disse ele, sentindo-se renovado pela primeira vez em dias. A dor foi diminuindo e finalmente, ele foi capaz de pensar com clareza. “Eu tenho uma grande dívida para com você.”

Ela olhou para baixo para o chão, triste.

“Eu receio que você não viva para poder pagar essa dívida.” Disse ela. “Eu ouvi dizer que o Grande Andronicus mandará executar todos vocês amanhã.”

Kendrick sentiu um buraco no estômago, no entanto, ele já sabia que isso era verdade.

“Então por que se preocupa em me ajudar?” Ele perguntou.

“Todos são merecedores de ajuda.” Respondeu ela. “Cada momento da vida é precioso.”

Ela olhou para ele com os olhos molhados de lágrimas e ele ficou comovido ao ver o quanto ela se importava com ele, um total estranho. Ele sentiu uma conexão com ela mais forte do que ele poderia expressar e desejou mais do que tudo poder estar livre daquela cruz, para abraçá-la. Ele estava triste ao pensar que em poucas horas ele não estaria vivo para ver o rosto dela novamente.

“Sua bondade significa muito para mim.” Disse ele. “Por estes farrapos que eu estou usando, você jamais poderia dizer isto, mas eu já fui uma pessoa importante.” Disse ele. “É uma pena que você não me conheça por quem eu sou.”

Ela sorriu para ele.

“Não importa quem você é.” Disse ela. “Você é uma pessoa importante para mim agora.”

Kendrick olhou para ela e perguntou.

“Por que você escolheu logo *a mim* para ajudar?” Ele perguntou. “Você me deu seu único manto de pele.”

Ela corou no meio da noite. Ela olhou para baixo e não respondeu.

“Eu não sei.” Ela respondeu.

“O que os homens de Andronicus fariam com você se eles a pegassem curando o inimigo?”

Sandara se virou e olhou com cautela por cima do ombro; felizmente, os soldados do Império estavam distraídos, reunidos ao redor das fogueiras e não prestavam atenção a ela.

“Eles me matariam.” Respondeu ela.

O coração de Kendrick cresceu dentro do peito.

“Se alguma vez eu conseguir sair daqui, eu encontrarei você. E eu vou recompensá-la.”

“Não há nada para recompensar.” Disse ela.

Ela se virou para ir embora. Kendrick não suportava vê-la ir-se, ele tinha de pensar rápido para mantê-la ali, então ele deixou escapar a primeira coisa que lhe veio à mente.

“Você é casada?” Ele perguntou.

Ela olhou para ele, depois olhou para baixo e mesmo na penumbra, ele podia sentir que ela ruborizava.

Kendrick odiava ser tão direto, tão indelicado, mas ele sabia que aqueles poderiam ser seus últimos momentos na Terra e ele não tinha tempo para usar boas maneiras. Ele *tinha* de saber.

“Não meu senhor, eu não sou.” Ela finalmente respondeu. Ela olhou para ele de forma significativa. “Mas mesmo que você fosse um homem livre, seria proibido para alguém da minha raça casar-se com algum de vocês. Isso resultaria em morte.”

“Eu não dou importância às regras e penalidades.” Disse Kendrick. “Minha senhora, se eu conseguir sair daqui vivo, eu irei ao seu encontro. Não vá para longe. Fique no Anel.”

Ela baixou a cabeça.

“Eu devo ir para onde o grande Andronicus me ordenar.” Disse ela.

De repente, ela virou-se e correu de volta para a escuridão.

Kendrick ficou observando-a até vê-la desaparecer, então ele fechou os olhos, visualizando seu rosto, seus olhos, a cor de sua pele, a curva de seus lábios.

*Sandara. Sandara. Sandara.*

Ele repetiu o nome dela várias vezes em sua mente, como um mantra. Isso lhe deu uma razão para sobreviver.

Ele iria sobreviver, ele decidiu. Sem importar o que acontecesse, ele iria sobreviver.



## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Justo quando Thor pensou que a viagem através do Grande Túnel nunca acabaria, ele e todos os demais, exaustos e cansados, saíram para a sombria luz cinza do dia. Eles entrecerraram os olhos devido à luz forte e levantaram as mãos para protegê-los até mesmo contra as grossas nuvens cinzentas que passavam. Eles haviam se acostumado tanto à escuridão que parecia que haviam saído da caverna para entrar diretamente em um dos sóis.

Thor estava feliz por estar livre da caverna. Eles haviam estado marchando durante todo o dia e toda a noite, através de uma cacofonia interminável de ruídos. Depois de seu confronto com aquele monstro, eles foram assediados e tiveram de lutar contra pequenos animais por todo o caminho, até alcançar a saída. Quando eles cruzaram para o outro lado, parecia que todos tinham saído ao encontro da liberdade.

Uma rajada de vento frio golpeou o rosto deles, Thor se inclinou para trás e respirou fundo, sentindo-se como um rato que saía de um buraco. Quando seus olhos se ajustaram à luz, ele piscou várias vezes, maravilhado com o que via diante de si.

A caverna terminava em um caminho sinuoso, branco e luminoso que serpenteava em toda sua extensão elevando-se até uma cordilheira alta. Era possível ver, até onde a vista alcançava, os picos das montanhas, os quais pareciam esticar-se até o fim do mundo, muitos deles tingidos de vermelho. À distância, Thor viu uma grande explosão de lava jorrar pelos ares, ele viu uma nuvem de cinzas negras subindo e sabia que a trilha levava para longe, para além do topo das montanhas.

“As Montanhas de Fogo.” Disse Indra. “O famoso caminho para a Terra dos Dragões. Dizem que é um caminho pavimentado com ossos.”

Thor olhou para baixo e sentiu a textura incomum do caminho branco e resplandecente sob seus pés. Quando o examinou bem, ele viu que Indra estava certa: a estrada era de fato um conjunto de

ossos, que encaixavam entre si e serpenteavam em toda sua extensão, até onde os olhos podiam ver.

“Os ossos de quem?” Perguntou O’Connor.

Todos eles trocaram um olhar nervoso e Krohn gemeu ao lado deles.

Eles continuaram marchando lentamente, prosseguindo ao longo da trilha que serpenteava por todo o trajeto, elevando-se mais e mais até o alto da cordilheira. Thor olhou para cima e viu que à medida que a trilha avançava, ela se tornava incrivelmente íngreme. Ele se perguntou como eles iriam conseguir percorrê-la. Eles já estavam esgotados. Mas eles não tinham escolha. Aquele era o caminho para a Terra dos Dragões e eles deveriam ir para onde a trilha os levasse.

“Por aqui!” O’Connor exclamou.

O’Connor correu para algo que brilhava ao lado da estrada, ele estendeu a mão e pegou uma pequena moeda de ouro.

“O que é isso?” Elden perguntou, aproximando-se dele.

“Há algo aqui, também!” Reece exclamou enquanto corria e pegava um punhal dourado e ornamentado, o qual estava abandonado na beira da estrada.

“Eu não tocaria isso, se fosse vocês.” Indra exclamou.

Eles se viraram e olharam para ela.

“Os dragões prezam os seus tesouros.” Disse ela. “E os guardam zelosamente. Estes são os despojos daqueles que tentaram cruzar o seu caminho. Todos morreram. Estes são os seus ossos e este é o tesouro, são os troféus dos dragões. Essa é sua maneira de vangloriar-se: eles são tão confiantes, que podem deixar seus tesouros espalhados em qualquer lugar. Isso também é um aviso.”

Thor se virou e olhou para a trilha da montanha, até onde ele podia ver, ela reluzia com os tesouros: jóias de valor inestimável; moedas, bem como armas, escudos e armaduras espalhadas por toda parte.

“Nós podemos tomar o que vemos aqui, levar para casa e ficar ricos pelo resto de nossas vidas!” Elden comentou.

Indra abanou a cabeça.

“Retornar é a parte mais difícil.” Disse Indra.

“O tesouro que queremos é o mais valioso de todos e aquele de que mais precisamos.” Disse Thor. “A Espada Destino. Não devemos nos distrair. Eu trocarei de bom grado tudo isto pela Espada.”

“Mesmo assim, nós podemos pegar tudo o que pudermos carregar.” Disse O’Connor.

“Eu seria cuidadosa com isso.” Disse Indra. “Você acabará provocando os dragões.”

Thor estudava o tesouro e debatia sobre o que fazer.

“Cada um de vocês pegue apenas alguns itens que mais prezarem.” Disse Thor. “Nós não queremos nos demorar. Deixem que o resto fique onde está. Nossas vidas e nossa missão são mais importantes do que as riquezas. E de qualquer maneira, estes são os objetos de homens assassinados. Muitos devem ser objetos assombrados.”

Eles continuaram seu caminho e enquanto avançavam, apanhavam várias peças do tesouro e as examinavam, às vezes, eles as guardavam consigo e às vezes as descartavam. Thor sentia que cada vez que ele encontrava uma peça da qual gostava muito, a apenas alguns metros depois ele logo encontraria outra que era ainda mais valiosa, então, ele trocava uma pela outra. O que ele mais valorizou foi uma funda preciosa, com seu cabo esculpido em marfim, seu receptáculo bordado com ouro e complementada com um saquinho cheio de pedras de ouro, próprias para atirar. Ele guardou-a cuidadosamente em sua cintura. Thor também encontrou um punhal do qual ele gostou muito, seu punho era de ouro e estava adornado com imagens e inscrições numa língua que ele não conseguia entender. O punhal reluzia, sua lâmina era tão afiada que cortou o dedo dele simplesmente ao tocá-lo. Ele guardou o punhal também, logo depois ele encontrou uma luva de ouro brilhante, cravejada de rubis e quando ele deslizou sua mão dentro dela, ele pôde sentir seu poder. Ele decidiu usá-la.

A única outra coisa que ele tomou foi um colar. Assim que ele o viu, ele pensou em Gwendolyn. O colar tinha uma corrente de ouro de excelente quilate e um coração de ouro brilhante, cheio de diamantes e rubis. Ele enfiou-o no fundo do seu bolso, junto com

seu anel e prometeu a si mesmo viver o tempo suficiente para poder dá-lo a ela.

Os outros encontraram tesouros inestimáveis, também. O'Connor encontrou um arco de ouro e uma aljava de flechas com ponta de ouro, os quais ele pendurou no ombro, trocando-os pelo arco e flechas que ele tinha antes. Reece encontrou um escudo feito de platina, o qual era mais brilhante do que o sol, logo ele o jogou sobre suas costas. Elden encontrou um machado novo, com um cabo revestido de couro e cuja uma lâmina de dois gumes era feita de platina, ela era tão um brilhante que era possível ver o seu reflexo nela. Indra encontrou um anel de ouro, o qual ela enfiou no bolso, apesar de suas próprias advertências. Apenas Conven não participava, ele marchava pela estrada, olhando para o horizonte, como se ele não se importasse com mais nada no mundo.

Krohn ganiu e quando Thor olhou para ele, viu que Krohn estava empurrando uma peça de joalheria com o focinho. Thor ajoelhou-se e viu que era uma coleira, talvez ela tivesse sido de um cão, a coleira estava decorada com rubis e safiras. Krohn choramingou novamente, então Thor percebeu que Krohn queria usá-la.

Thor levantou-a e Krohn abaixou a cabeça como se quisesse colocá-la. Thor abotoou a coleira em torno de seu pescoço e Krohn se inclinou e lambeu Thor em agradecimento.

Thor olhou para Krohn, era admirável ver como a jóia brilhava e se destacava em meio ao seu pêlo todo branco. Ela fazia Krohn parecer mais nobre, mais poderoso. A jóia lhe convinha perfeitamente.

Todos continuaram caminhando, subindo cada vez mais alto pela trilha sinuosa da montanha. O vento que soprava cada vez mais forte e a elevação do terreno dificultavam ainda mais a respiração. Thor logo se encontrou perguntando se eles realmente chegariam ao cume. Os picos pareciam estender-se até o fim do mundo.

“Eu não vejo nenhum dragão.” O'Connor disse finalmente para Indra.

“Não se preocupe.” Ela respondeu. “Você vai vê-los em breve.”

Ouviu-se um ruído grave e distante, semelhante a um rosnado e o chão tremeu sob os pés deles. Todos pararam e escutaram. Thor

reconheceu o som de imediato, ela já o havia ouvido antes, quando estava na Centena. Era o rugido de um dragão.

Ele tornava tudo real, Thor engoliu em seco, percebendo como sua missão era realmente uma loucura.

Eles continuaram marchando e justo quando Thor estava começando a sentir que não podia dar mais um passo adiante e suas pernas tremiam, eles finalmente chegaram ao cume do pico mais alto. Todos eles ficaram ali, ofegantes, contemplando a vista. A visão era de tirar o fôlego.

Ali abaixo deles se estendia um imenso vale com vulcões por todos os lados. A lava jorrava, enchendo o ar com o seu vermelho cintilante, enviando ondas de calor tão fortes que aqueciam o dia frio até mesmo ali onde eles estavam. Rios de lava fluíam por todos os lugares, a terra e o céu estavam negros com a fuligem e as cinzas.

Bem mais distante, no horizonte, se elevavam colunas de chamas e fumaça. Houve um grande estrondo, em algum lugar fora da vista.

O covil dos dragões. Thor podia sentir o seu poder mesmo ali onde ele se encontrava.

A visão diante deles parecia uma das grandes maravilhas do mundo. Thor tinha o mesmo sentimento que havia tido quando viu o Canyon pela primeira vez. Tudo era mágico, misterioso, sedutor e perigoso.

Outra rajada de vento os golpeou, essa havia sido forte o suficiente para fazê-los perder o equilíbrio, Thor e os outros se entreolharam. Eles também ficaram grudados ao chão, hesitantes em dar o próximo passo.

Finalmente, Conven avançou, começando a descer a trilha, a qual se inclinava suavemente através da vasta paisagem, serpenteando ao redor dos campos de lava, em direção ao distante covil dos dragões.

Thor e os outros o seguiam, enquanto marchavam continuamente. Thor sentia um crescente sentimento funesto, ele tinha a sensação de que todos estavam sendo vigiados.

Houve um barulho súbito, um grande bater de asas, então Thor olhou para cima e viu no alto do céu, um enorme dragão, voando,

circulando. Felizmente, parecia que ele não havia detectado a presença deles, mas o ruído provocado pelo bater das asas era tão alto que Thor podia ouvi-lo, mesmo onde estava. As asas eram tão grandes que encobriam o céu e, vista desde onde eles estavam, aquela fera imensa e primitiva parecia mágica. Invencível.

Thor não podia acreditar o quão perto eles estavam, depois de todo aquele tempo, depois de finalmente se aproximar do covil dos dragões, o lugar de descanso final da espada. Thor podia sentir a energia da espada mesmo dali. Ele estava contente ao sentir que ela estava definitivamente ali, ao alcance. Seu coração acelerou.

Thor também sentiu uma tremenda energia vibrando dentro dele, ele sabia ainda que estava em um lugar muito poderoso, tanto física como espiritualmente. Ele nunca tinha experimentado nada como isso antes e sentia-se superado pela sensação. Ele sabia que uma tremenda batalha os aguardava. E ele sabia que a batalha seria mais espiritual do que física.

Todos os rapazes olhavam com espanto enquanto o dragão voava.

“Como se supõe que vamos lutar contra isso?” Perguntou O’Connor. “Você acha que as nossas armas serviriam para alguma coisa?”

“Sem mencionar as chamas.” Disse Indra. “Elas vão nos incinerar em minutos.”

“Nós devemos ter fé.” Disse Thor. “Estamos em uma missão maior que nós mesmos.”

Eles continuaram marchando e enquanto eles prosseguiam, de repente, um pequeno vulcão ao lado deles entrou em erupção, lançando lava e fagulhas pelo ar. Um fluxo de lava derramou-se ao redor deles e eles mal puderam esquivá-la enquanto corriam para fora do caminho.

Quanto mais eles avançavam, mais daqueles pequenos vulcões entravam em erupção e a lava se tornava mais intensa; eles tinham de evitá-la a cada poucos metros. Eles ainda tinham um bom caminho para percorrer até chegar ao final dos campos.

À medida que eles prosseguiam, iam ficando cada vez mais nervosos. De repente, todos pararam quando ouviram um rosnado

terrível atrás deles. O barulho parecia o rosnar de um tigre, porém com fogo em sua garganta. Thor ficou com as costas totalmente arrepiadas.

Thor virou-se lentamente e o mesmo fizeram os outros, ele ficou horrorizado com a visão: um pequeno vulcão explodiu, a lava jorrou pelos ares e quando ela atingiu o chão, tomou a forma de uma grande criatura, ela era duas vezes maior do que um gorila, feita inteiramente de labaredas de fogo. A criatura inclinou a cabeça para trás e rugiu, ela balançou seus braços e expeliu chamas e lava por toda parte. Uma pequena bola de fogo chamuscou o braço de Thor, ao passar roçando por ele, fazendo-o gritar de dor.

Todos eles se jogaram no chão enquanto as chamas e pequenos pedaços de lava voavam por toda parte.

“Meu escudo!” Reece gritou.

Reece correu para a frente dos outros com o seu novo escudo de platina e quando ele o segurou diante deles, todos se refugiaram atrás dele, então o escudo se expandiu magicamente, tornando-se grande o suficiente para cobrir a todos.

Pedaços de lava ricocheteavam, soando como uma chuva de granizo, produzindo chiados e amassando o escudo, exalando um cheiro acre de enxofre e fumaça.

O monstro, enfurecido, gritou novamente e o solo chiou quando ele investiu diretamente contra eles.

Conven saltou de detrás da segurança do escudo, levantou a espada bem alto e lançou-se contra o monstro; ele se aproximou de forma imprudente e desferiu um golpe de espada bem na barriga dele. Mas o monstro ficou ali imperturbável. Conven olhou para baixo e ficou horrorizado ao ver a espada que antes estava em suas mãos derreter-se, dobrar-se e logo cair mole no chão.

O'Connor levantou-se e disparou contra o monstro com as flechas de ouro de seu novo arco, mas quando as flechas se aproximavam do monstro, todas elas também derretiam e caíam em chamas pelo solo.

Elden levantou-se e arremessou o machado, o qual girou sobre si mesmo e atravessou a criatura, para logo depois queimar-se, ficar totalmente negro e cair do outro lado, já derretido.

Thor colocou uma bola de ouro na sua funda, inclinou-se para trás e atirou, mas a criatura simplesmente levantou a mão e pegou a bola de ouro no ar e o ouro fundiu-se em uma poça aos seus pés.

O monstro moveu a mão para trás e golpeou o rosto de Conven. Conven tropeçou e caiu no chão, gritando, segurando seu rosto. O golpe havia deixado a marca de uma queimadura em um lado de seu queixo. Então, o monstro levantou o punho para descê-lo sobre o pescoço exposto de Conven e Thor sabia que o monstro iria queimá-lo vivo.

Thor se aproximou, estendeu a mão e fechou os olhos. Ele sentiu a natureza ardente daquele monstro. Em vez de combatê-lo, ele tentou se tornar um com ele. E então, ele quis que sua mão enviasse gelo para ele.

Thor abriu os olhos para ver um fluxo de gelo emanar e voar dele, cobrindo o monstro justo antes que ele pudesse atacar Conven. O monstro gritou quando, pouco a pouco o gelo foi se derramando sobre ele e congelou-o no seu lugar.

Então, finalmente, o animal se despedaçou e derreteu-se formando uma poça de água aos pés deles.

Os outros se voltaram para Thor com um olhar de gratidão e alívio e Thor, exausto, caiu de joelhos, seu braço estava ardendo de dor com a queimadura e estava sem forças pelo uso de sua magia. Ele notou que, lentamente, estava se tornando mais capaz de controlá-la. Mas ele também sentia que isso lhe custava um alto preço. Ele ainda não era capaz de controlar a sua resistência e sentia que toda sua energia havia sido sugada dele.

Reece e O'Connor se aproximaram e o levantaram, ajudando a carregá-lo enquanto todos eles continuavam a sua marcha.

Eles continuaram apressadamente pelos campos sinuosos de lava, seguindo a estrada de ossos, tentando ficar o mais longe possível das correntes de lava. O cheiro de enxofre ficou mais forte no ar, assim como as nuvens de cinzas escuras, os trovões constantes e as explosões de fogo. Thor sabia, até certo ponto, que aqueles sons não eram mais apenas dos vulcões: agora enquanto eles se aproximavam, Thor percebia que ele também estava ouvindo o som da respiração dos dragões.

A trilha ondulava para cima e para baixo, serpenteando entre os campos de lava, finalmente, ela os levou a um cume, até um lugar onde a terra caía abruptamente diante deles. Então, Thor viu algo que ele sabia que permaneceria com ele para o resto de seus dias, sem importar quantos dias de vida ainda lhe restassem.

Diante deles estava um grande mar de fogo e lava, lançando fagulhas, borbulhando e impossível de atravessar. Além dele estava uma terra composta por areias negras e enxofre, havia ali uma enorme caverna cavada em um penhasco antigo. E ali, enchendo e escurecendo o céu, batendo as asas, gritando e rugindo, havia centenas de dragões. Todos eles disparavam chamas de suas bocas, todos estavam cheios de fúria, com sede de sangue. Dezenas mais deles se aninhavam no interior da caverna, guardando sua entrada.

“O covil dos dragões” Disse Indra.

Eles o haviam encontrado. E em algum lugar, dentro da caverna, estava a Espada do Destino.



## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Godfrey marchava rapidamente durante a noite, percorrendo as ruas da periferia de Silésia, Akorth e Fulton o seguiam. Ao olhar para seus compatriotas, seus olhos o enganaram e ele teve de olhá-los mais detidamente, era difícil perceber que eles eram os seus amigos: os uniformes do Império que eles usavam eram tão convincentes, especialmente com as viseiras de seus elmos baixas. Até mesmo ele, seu amigo de longa data, tinha dificuldade para reconhecê-los.

Enquanto marchavam em direção ao desconhecido, Godfrey estava orgulhoso de si mesmo e também um pouco chocado: ele não tinha ideia de que o seu plano, o qual ele estava improvisando e evoluía à medida que avançava, chegaria tão longe, tal como havia sucedido. Akorth e Fulton e ele próprio, pensava Godfrey, eram os heróis mais insólitos, os únicos membros do exército de Silésia que ainda estavam de pé, deslizando através da noite, os três sozinhos, vestido com aqueles uniformes ridículos, contra milhões de homens do exército de Andronicus. Tudo era tão absurdo que se Godfrey fosse um observador externo, ele estaria rindo daquela situação.

Mas a situação era real e ele estava metido nela, a vida e a morte estavam em jogo. Godfrey não estava rindo e seus amigos tampouco. Todos eles marchavam rigidamente, eles estavam apavorados enquanto passavam pelos campos de soldados do Império, os quais patrulhavam todos os lugares, reunidos em torno de fogueiras, com as costas contra o vento, tentando se aquecer. Os três caminhavam com seus peitos estufados, tentando caminhar com atitude, tentando agir como se pertencessem e estivessem em uma missão de grande importância.

Com cada passo que dava, o coração de Godfrey martelava devido ao medo de ser descoberto. Ele estava com medo de que alguém notasse o seu uniforme apertado, suas divisas tortas e a direção que eles estavam seguindo, ou ainda que os parassem para perguntar para onde os três estavam indo naquela hora da noite. Ele

aumentou o ritmo e o mesmo fizeram seus amigos. Godfrey podia sentir que eles estavam tão nervosos quanto ele.

Akorth e Fulton também fediam a cerveja e isso o deixava nervoso; ele se perguntava se um soldado típico do Império beberia tanto quanto aqueles dois e se isso não os delataria. Ele tinha certeza de que a cerveja que eles tinham bebido estava ajudando a acalmar os nervos, mas Godfrey não havia ingerido cerveja e isso o deixou com inveja. Ainda assim, ele estava feliz por ter companhia, ele sabia que iria precisar deles se tivesse alguma chance levar a cabo o que ele estava prestes a tentar.

Godfrey avançava, dando voltas, entrando e saindo das ruas, determinado a salvar seu irmão Kendrick. Ele o havia visto junto com os outros no início do dia, todos pendurados nas cruzes e isso tinha partido seu coração. Godfrey sempre tinha tido um carinho especial por Kendrick, ele era um dos poucos cavaleiros que não tinham sido condescendentes com ele, que não tinham feito com que ele se sentisse inferior a eles. Depois de encontrá-lo, Godfrey tinha formulado um plano e ficou fazendo hora, esperando com Akorth e Fulton até que a noite caísse, até que eles pudessem fazer sua jogada. Finalmente, havia chegado a hora.

“Isso nunca vai dar certo, você sabe disso?” Disse Akorth arrotando cerveja ao lado dele e caminhando cambaleante.

“Provavelmente essa seja a coisa mais estúpida que eu já fiz.” Disse Fulton. “Apesar de eu admitir que me sinto quase como um herói. É uma sensação muito boa, eu tenho de reconhecer.” Disse ele sorrindo e revelando a falta de um dente.

“*Quase* é a palavra chave.” Disse Akorth. “Você é apenas um bêbado trapalhão e idiota metido num uniforme do inimigo, tal como eu. Isso não faz de você um herói. Isso só lhe dá mais coragem. O que também é igualmente estúpido. Todos nós devíamos estar de volta na taverna, reunidos junto ao fogo com um pouco de cerveja quente. Em vez disso, aqui estamos nós, congelando nossos traseiros por nada.”

“Calem a boca vocês dois!” Godfrey disse sussurrando.

Eles desaceleraram para uma caminhada, quando um grupo de soldados do Império passou por eles. Os soldados olharam para eles

de cima a baixo com cautela e Godfrey rezou para que eles não notassem nada fora de ordem, ou ainda para que não vissem como eles tremiam.

Eles viraram uma esquina, mas antes que o fizessem, Godfrey viu quando os soldados se viraram para trás e olharam por cima dos ombros, como se estivessem hesitando. Mas então, finalmente, eles continuaram andando. Godfrey deu um suspiro de alívio. Foi por um triz. Talvez os soldados tivessem assuntos de maior importância para resolver; talvez eles não tivessem certeza ou, talvez, eles estivessem simplesmente com muito frio.

“Escutem bem vocês dois.” Godfrey sussurrou ríspidamente. “Parem com esse bate-boca. Vocês têm razão: é uma imprudência. E eu não sei o que diabos eu estou fazendo. Mas eu sei como sobreviver. E vocês também. Então, parem de falar, sigam-me e façam o que eu lhes mandar. Senão, vocês podem dar a volta e ir para casa agora. Vocês podem até sobreviver hoje, mas vocês realmente acham que estarão vivos daqui a um mês?”

Os dois se entreolharam, depois ficaram em silêncio e continuaram a andar ao lado de Godfrey.

Eles atravessaram uma praça cheia de escombros e Godfrey ficou despedaçado ao ver a destruição ao seu redor; ao ver todo o seu povo atado, escravizado; ao ver todos os cadáveres. Ele percebeu o quão sortudo ele era por não estar ali junto com os outros.

Eles entraram no pátio e a ansiedade de Godfrey aumentou. Havia mais soldados ali, espalhados em pequenos grupos, reunidos em torno das fogueiras. Mas lá, no outro extremo, nas sombras, ele viu o que ele tinha ido buscar: uma fileira de cruzes, na qual estavam atados os soldados mais importantes — incluindo Kendrick.

“Mantenham a cabeça baixa enquanto marchamos, mas não muito.” Godfrey sussurrou para os outros enquanto eles marchavam através do pátio, passando pelas fileiras de soldados. “Atuem com naturalidade, como se vocês fossem daqui. Sigam o meu conselho.”

Eles assentiram de volta nervosamente.

Godfrey dobrou seu ritmo, tentando evitar marchar muito rápido e passar despercebido, enquanto eles se dirigiam para a fileira de cruzes, até a cruz de Kendrick.

Kendrick estava pendurado ali, curvado sobre a cruz, gemendo, com os olhos fechados. Ele parecia mais morto do que vivo.

Godfrey murmurou para ele.

“Kendrick!”

Godfrey sussurrou várias vezes, perguntando-se se ele estaria morto, quando, finalmente, Kendrick ergueu o queixo e abriu os olhos ligeiramente. Seus olhos pestanejaram várias vezes.

Kendrick olhou para ele desorientado, então Godfrey percebeu que devido ao seu uniforme, Kendrick achava que ele era um soldado do Império.

Godfrey levantou a viseira, revelando-se.

Os olhos de Kendrick se arregalaram de surpresa.

“Nós viemos para tirar você daí.” Godfrey disse. “Você entendeu?”

Kendrick assentiu rapidamente, então Godfrey subiu na cruz, puxou seu punhal, chegou por trás dele e cortou as cordas que atavam seus tornozelos e pulsos.

“Comecem a trabalhar com os outros!” Godfrey ordenou a Akorth e Fulton. Eles entraram logo em ação, seguindo o seu exemplo, cortando as cordas dos outros soldados.

Enquanto Godfrey cortava a corda final, Kendrick de repente, desprendeuse da cruz, caiu sobre Godfrey e despencou junto com ele. Brom, Srog e Atme caíram sobre Akorth e Fulton e todos eles desabaram no chão.

Godfrey não tinha previsto isso, nem tinha calculado o quanto Kendrick era pesado. Kendrick estava em cima dele, gemendo, mole como uma boneca de pano. Godfrey levantou-o, arrastou-o sobre os pés e passou braço pelo ombro dele, seu coração palpitava fortemente devido à emoção e ao medo de serem descobertos antes que pudessem escapar.

“Você está bem?” Godfrey perguntou.

Kendrick acenou com a cabeça.

“Não se preocupe comigo.” Disse Kendrick. “Salvem os outros.”

Akorth e Fulton arrastavam Brom, Srog e Atme e quando Godfrey se preparava para baixar mais homens, uma voz ecoou repentinamente.

“Ei, vocês aí!”

Godfrey se virou e seu coração deu um pulo ao ver um grupo de soldados do Império, do outro lado do pátio, correndo até eles.

“O que significa isso? Quem mandou vocês baixarem esses prisioneiros?” Perguntaram eles.

“CORRAM!” Godfrey gritou.

Godfrey, Akorth e Fulton começaram a correr, arrastando consigo Kendrick, Brom, Srog e Atme.

“Por aqui!” Ouviu-se uma voz.

Enquanto Godfrey corria, ele olhou e viu ali, ajoelhada ao lado do muro de pedra, uma bela mulher de pele morena, ela era da raça do Império. Ela gesticulava freneticamente para ele para que ele a seguisse e entrasse em uma pequena passagem secreta escondida na pedra. Godfrey hesitou, perguntando-se se deveria confiar nela, mas então, ele ouviu os gritos dos soldados atrás dele e sabia que não tinha escolha.

Godfrey guiou os outros até a mulher, todos eles se meteram na passagem secreta nas sombras escuras da parede de pedra. Quando todos eles estavam dentro, ela rapidamente fechou a grade de metal atrás deles.

Eles encontraram-se dentro de um pequeno quarto escuro, escondido atrás da parede, Godfrey se ajoelhou ao lado da mulher, olhou para fora e conteve a respiração quando ele viu quando o grupo de soldados passou correndo, cruzando o pátio, procurando por eles. Os soldados não viram para onde eles tinham ido. Seu plano havia funcionado.

“Quem é você?” Perguntou Godfrey, mais agradecido do que jamais estivera em toda sua vida.

“Sandara.” Respondeu ela. “E você tem sorte de ainda estar vivo.”



## CAPÍTULO VINTE E CINCO

Thor acordou quando a primeira luz irrompeu no horizonte, lançando um brilho vermelho-sangue misterioso sobre os campos de cinzas, sobre o vale de vulcões em erupção, ao seu redor. Tinha sido uma das noites mais angustiantes de sua vida. Todos tinham decidido acomodar-se, para descansar até o amanhecer, quando os dragões deixassem o seu covil.

Durante toda a noite, os sonhos de Thor haviam sido povoados pelos ruídos das explosões dos vulcões, pelas explosões de fogo e pelo calor escaldante dos fluxos de lava ao redor deles. Mais de uma vez ele tinha sido despertado por sonhos, nos quais ele estava dormindo na borda de um dos sóis, só para ver um fluxo de lava vindo em sua direção e rolar para fora do caminho.

Era difícil respirar ali também, as nuvens eram bem mais espessas, as cinzas estavam por todos os lugares; ele estava quase com falta de ar no momento em que despertou. Havia cinzas em seus ouvidos, olhos, nariz, bochechas e cobrindo suas mãos. Thor olhava para os rostos de seus companheiros e via que eles estavam cobertos de cinzas também. Ele poderia dizer que nenhum deles tinha dormido bem; todos pareciam sem dormir e nervosos.

Então se ouviu outro rugido distante, o chão tremeu e os ruídos angustiantes dos dragões começaram novamente. A primeira luz trouxe um coro de gritos, uma grande cacofonia ecoava no ar. Todos eles se viraram e olharam para o cume; eles observavam o horizonte e viam um dragão após outro elevar-se pelos ares, saltar para fora da caverna e pular pela borda do penhasco, suas longas garras ficavam penduradas enquanto eles batiam as asas, voando cada vez mais alto, gritando e arqueando seus pescoços. As criaturas tinham centenas de metros de comprimento, algumas eram pretas, outras eram de cores como verde, roxo ou escarlate e estavam cobertas de escamas antigas. Elas voavam perto umas das outras e logo se distanciavam, elas estavam constantemente entrando e saindo de uma intrincada formação.

Um dragão após o outro saltava do penhasco, decolando organizadamente, como um exército. Ao longe, um deles voou em picada e respirou, enchendo o céu com chamas. A princípio, Thor se perguntava por que o dragão estaria voando assim.

Então Thor percebeu o que estava acontecendo. Ele ficou chocado ao ver, no horizonte, um contingente do exército de Andronicus liderado por Romulus. Lá, do outro lado do mar de lava, marchavam centenas de homens, com seus escudos erguidos, caminhando para o covil dos dragões. Os dragões já os haviam visto.

Gritos horríveis foram ouvidos quando os dragões mergulharam direto para eles e lançaram labaredas de fogo, queimando-os diretamente através de seus escudos. Os escudos derretiam e os soldados gritavam enquanto ardiavam em fogo; todos entraram em pânico e corriam uns contra os outros, entrando em combustão. Era um verdadeiro caos.

O resto do exército de Romulus continuou a marchar para a frente e as linhas traseiras adiantaram-se e atiraram lanças nos dragões que estavam voando baixo. Mas as lanças apenas ricocheteavam nas espessas escamas.

Mais dragões mergulharam em voo rasante. Eles pegavam os soldados com suas garras e voavam com eles, para o alto, brincando com eles, deixando-os cair gritando, logo depois, eles mergulhavam no ar e os capturavam novamente. Eles faziam isso uma vez após outra, até que finalmente, quando eles se cansavam do jogo, sobrevoavam os vulcões e deixavam cair os soldados dentro das crateras. Os homens gritavam enquanto despencavam pelo ar e eram engolidos pelas chamas.

Os homens de Romulus estavam sendo liquidados. Por fim, eles deram a volta e fugiram. Mas os dragões não iriam deixá-los ir. Eles os perseguiram e fizeram chover fogo sobre eles, incinerando quase todos eles.

“Agora é a nossa chance.” Disse Thor, voltando-se para os outros. “Todos os dragões deixaram o covil. Eles estão ocupados. Devemos chegar rapidamente até a Espada, antes que eles voltem.”

“Mas como?” Perguntou Reece. “Não podemos atravessar esse mar de lava.”

Thor sabia que eles estavam certos. Eles não podiam atravessar aquele mar. Mesmo que eles tivessem um barco, ele se derreteria em instantes.

Thor fechou os olhos, ele necessitava recorrer ao seu poder agora mais do que nunca. Ele se permitiu sentir a energia daquele lugar. Para poder fundir-se com ela.

Ao fazer isso, Thor sentiu uma energia muito diferente. A energia de um dragão. Isso o fez abrir os olhos e ficar arregalado, em choque, quando uma corrente de energia começou a percorrê-lo desde os dedos das mãos até os dedos dos pés. Ele sentiu um formigamento, uma pulsação nas pontas dos dedos e quando ele abriu os olhos, ele viu um dragão solitário que havia permanecido na caverna. Ele era menor do que os outros, roxo escuro e tinha grandes olhos vermelhos e brilhantes.

Ele se virou e olhou diretamente para Thor. Thor sentiu seu nome: Mycoples. Era um dragão-fêmea. Thor sentia que ela falava diretamente com ele.

De repente, Mycoples deu um grito e levantou voo, vindo diretamente na direção deles.

“Um dragão ficou para trás!” Indra gritou. “Ele vem ao nosso encontro! Estamos fritos!”

“Não, não estamos.” Respondeu Thor calmamente. “Não tentem machucá-lo.”

Os outros lhe fizeram caso, Reece baixou sua lança e O’Connor o seu arco.

Thor sentiu a tremenda energia do dragão fluir através dele e sentiu um novo poder, irradiando de seu corpo. Ele ergueu as mãos para o alto, para o céu e virou as palmas das mãos para cima. Ele sentiu Mycoples vindo na direção deles, sentiu que a chamava. Sentiu que ela *queria* vir, como se estivesse esperando por ele. Ele sentiu que sua conexão com aquela fera era mais forte que qualquer outra que ele já tivera com qualquer outra criatura, em toda sua vida.

Mycoples gritava enquanto se aproximava. Todos os amigos de Thor prepararam-se temerosos quando ela mergulhou, mas Thor não estava assustado. Ele sabia que ela não iria cuspir fogo, sabia

que ela não iria atacar. Ele a conhecia melhor do que ele conhecia a si mesmo.

Mycoples desceu lentamente para o chão, batendo suas asas enormes, pousando justo diante de Thor. O chão tremeu quando ela aterrissou.

Mycoples virou-se e olhou para Thor, sua língua longa se movia e se retraía. Seus brilhantes e expressivos olhos vermelhos encontraram os de Thor e ele se sentia como se estivesse conhecendo alguém de outra vida.

Mycoples virou-se e olhou para o lado, orgulhosamente. Ela ficou ali, como se estivesse esperando.

“Sigam-me.” Thor disse para os demais.

Thor pulou nas costas de Mycoples sem medo, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Todos os outros se entreolharam, atônitos. Todos ficaram ali, paralisados, eles estavam atordoados demais para poder mover-se.

Então, todos eles, um de cada vez, seguiram Thor e saltaram sobre as costas de Mycoples, Indra levava Krohn consigo.

Quando todos já estavam sobre Mycoples, Thor inclinou-se e acariciou o pescoço dela. Suas escamas eram grossas, lisas e a sensação do toque delas o eletrizou. Thor se inclinou e sussurrou no ouvido dela.

“Amiga querida.” Disse ele. “Leve-nos até sua casa.”

Mycoples se moveu abruptamente e saltou para o ar.

Ela disparou em linha reta para cima e Thor agarrou-se com toda sua força, assim como os outros; eles gritavam e se aferravam com suas vidas. Mycoples finalmente se estabilizou, batendo suas asas enormes enquanto sobrevoava o mar de lava. Eles estavam completamente à sua mercê; se ela decidisse deixá-los, eles estariam todos mortos em um instante. No entanto, Thor jamais tinha confiado tanto em alguém ou em alguma coisa em sua vida, como ele confiava em Mycoples.

Dali de cima, Thor tinha a vista mais incrível da Terra dos Dragões, espalhando-se abaixo deles, enquanto eles olhavam para baixo. Ela era desolada e angustiante, porém era incrivelmente

bonita. Era de fato uma terra de fogo e poder, iluminada pelo sol vermelho-sangue da primeira luz.

Quando se aproximaram do covil, Thor acariciou o pescoço de Mycoples e ela voou para baixo, para a direita, dirigindo-se para a boca da caverna e posicionando-se na entrada. Todos eles desmontaram.

“Espere por nós.” Thor sussurrou para Mycoples antes de sair. Ela ronronou, piscando lentamente e batendo suas asas uma vez, como se entendesse.

Thor virou-se junto com os outros e todos eles correram para dentro da caverna. Não passaria muito tempo antes que os outros dragões voltassem e cada segundo contava.

Thor ficou estarelecido. A caverna estava cheia de montanhas de tesouro, torres de moedas de ouro, jóias, baús de tesouro, armas — tesouros de todo tipo que poderiam encontrar. Era como um túnel de tesouros sem fim, a luz reluzia em tudo e enquanto eles percorriam a caverna Thor tinha de perscrutar a si mesmo e resistir ao impulso de parar examinar os tesouros e estender a mão para agarrar algo.

Eles corriam sem parar, Thor sentia a energia da Espada do Destino bem adiante, puxando-os até ela.

Eles viraram uma curva respirando com dificuldade e finalmente, ali, no fundo da caverna, situada bem no centro, sobre um pedestal especial, eles viram a Espada.

A Espada do Destino.

Todos pararam no meio do caminho, respirando com dificuldade, todos olhando com os olhos arregalados de surpresa. Estavam todos muito atônitos para poder dizer uma só palavra.

“E agora?” Perguntou O’Connor.

“E se ninguém puder erguê-la?” Perguntou Elden. “Como nós a levaremos de volta? Foi preciso uma dúzia de ladrões só para carregá-la.”

“Diz a lenda que apenas um MacGil, o verdadeiro MacGil, pode erguê-la.” Disse Thor. “Há um MacGil entre nós.”

Todos eles se viraram e olharam para Reece.

Mas Reece ficou ali e abanou sua cabeça.

“Eu não sou o primogênito.” Disse ele. “Eu não posso ser rei. Não é possível que eu seja o Escolhido. Eu sou apenas mais um MacGil.”

“Mesmo assim, você é um MacGil.” Thor insistiu. “Você deve tentar.”

Os estrondos dos dragões se ouviram à distância, sacudindo a caverna. Eles estavam começando a voltar.

“Depressa.” Disse O’Connor. “Nós não temos muito tempo.”

Reece se adiantou rapidamente, correu para a espada, levantou as duas mãos e tentou erguê-la com todas as suas forças.

Ele grunhia e gemia com o esforço, mas nada aconteceu. A espada não se moveu.

“Nós não temos nada a perder.” Disse Indra. “Por que todos nós não tentamos?”

Thor olhou para trás por cima do ombro, vigiando a boca da caverna, enquanto todos os outros correram liderados por Elden.

Todos tentaram erguer a espada, um de cada vez: primeiro Elden, logo O’Connor e por último Conven. Até mesmo Indra tentou.

Mas ela não se movia.

Todos juntos tentaram.

Mesmo assim, ela não se movia.

“Venha, ajude-nos!” Elden gritou.

Thor correu até a Espada e quando ele se aproximou dela, aconteceu a coisa mais estranha: todos os outros recuaram de repente, como se a energia da espada os estivesse repelindo. Eles abriram um amplo círculo para Thor.

Thor se aproximou, colocou uma mão sobre ela frouxamente então ele sentiu uma corrente de energia fluir através dele, tal como nenhuma outra que ele já tinha experimentado. Era como se ele estivesse segurando o sol. Era como se ele soubesse, pela primeira vez, o que significava estar vivo.

Uma intensa energia atravessou o braço, o ombro e todo o seu ser, quando Thor se inclinou para trás e de repente, sem nenhuma dificuldade, ele ergueu a espada bem alto, sobre sua cabeça.

Todos os demais olharam para ele com admiração e reverência. Uma intensa luz dourada emanava dele, ela era ainda mais brilhante do que o tesouro e iluminava a gruta, envolvendo todos eles. Todos

os seus amigos, em forma simultânea, ficaram de joelhos diante dele.

Thor não conseguia entender o que estava acontecendo. Era tudo muito surreal.

Ali estava ele, segurando a Espada do Destino: a espada que apenas um MacGil, apenas o Escolhido, poderia erguer.

Quem era ele?



## CAPÍTULO VINTE E SEIS

Erec estava na base da ravina, sozinho diante do exército do Duque, olhando para o estreito túnel escuro, esperando. Ele ficou ali, com as mãos na cintura, fingindo uma calma aparente para todos os olhos que estavam sobre ele, mas no fundo, ele estava ansioso. Seu sexto sentido lhe dizia que os homens de Andronicus estavam por perto. Ele não podia apenas ficar sentado em seu cavalo esperando. Ele tinha de estar de pé, no chão, bem na frente, antes de todos os outros. Era assim que ele era.

Erec tinha repassado em sua cabeça, inúmeras vezes, as posições de seus homens, ele tinha ensaiado sua estratégia, já havia tentado pensar em todos os cenários, em tudo o que poderia dar errado. Ele sentia-se confiante, preparado. Todos os homens do Duque tinham se instalado em suas posições, esperando por horas, todos confiando nele.

Mas já havia passado muito tempo. Seria possível que ele estivesse errado? Dúvidas fugazes percorriam sua mente. E se o exército de Andronicus não marchasse por aquele caminho? E se os soldados fossem mais cautelosos do que ele pensava e tivessem contornado a ravina? E se eles estivessem atacando Savária, que agora se encontrava desprotegida? E se ele tivesse, pela primeira vez em sua vida militar, calculado mal? Todas as vidas daquelas pessoas dependiam dele. E junto com elas, a vida de Alistair.

Erec disse a si mesmo que ele tinha de parar de duvidar e confiar em seus instintos. Ele havia feito sua escolha e precisava vê-la posta em prática. Embora ele nunca tivesse encontrado Andronicus ou seus comandantes anteriormente, ele sentia como se ele já os conhecesse. Ele sempre conseguia pensar como os outros comandantes pensavam, ele tinha o dom de colocar-se nos sapatos deles. Além disso, ele conhecia a topografia do Anel melhor do que ninguém, especialmente melhor do que qualquer invasor.

O que era irônico, considerando que o próprio Erec era originalmente um estranho. Ele havia sido criado nas ilhas do Sul e

havia chegado para o seu treinamento com os MacGil ainda garoto. Talvez porque ele se sentisse um estranho desde o início, ele tinha sentido a obrigação de não subestimar o Anel como faziam aqueles que tinham sido criados ali; a diferença deles, ele guardou em sua memória cada canto e recanto, cada contorno, cada montanha, vale e ravina, especialmente desde uma perspectiva militar. Ele sabia como os homens avançavam, onde eles descansavam e sabia quando eles se retiravam. Ele havia estudado toda a história, todas as grandes batalhas. Ele sabia como as batalhas tinham sido vencidas e como elas tinham sido perdidas.

E todo esse conhecimento prévio lhe indicava que era por aquela ravina que os homens de Andronicus iriam avançar.

À medida que o tempo passava e os sóis ficavam mais altos no céu, os homens do Duque ficavam mais impacientes e começavam a perder a disciplina; Erec já podia ouvi-los tossindo, espirrando e remexendo-se junto com seus cavalos. Ele sabia que o tempo estava ficando curto.

Foi quando tudo começou. Começou com um leve tremor, tão leve que ele mal podia senti-lo nas solas dos pés. Então ele soube que eles estavam vindo.

Erec virou-se e montou em seu cavalo, ao lado do Duque e Brandt, na frente de todos os homens. Os olhos de todos os homens estavam voltados para ele.

“Eles estão vindo.” Erec disse ao Duque, olhando direto para a ravina.

“Eu não ouço nada.” O Duque respondeu.

“Nem eu.” Disse Brandt. “Você tem certeza?”

Erec assentiu com a cabeça, olhando para a frente.

“PREPAREM-SE!” Erec gritou para os homens. “**TODOS EM SEUS POSTOS!**”

Os homens se moveram rápido, ocupando suas posições finais, enquanto Erec ficou ali, mantendo-se firme orgulhosamente, bem no centro da ravina, rodeado por várias dezenas de guerreiros. O grupo deles seria o suficiente para incitar o inimigo, para dar-lhes a garantia de vir para a frente e entrar na ravina. Se o inimigo estivesse sob a direção de um bom comandante, ele avançaria, indo

para uma matança fácil. Porém, se estivesse sob o mando de um grande comandante, ele hesitaria, sentiria o perigo e se retiraria.

Pela experiência de Erec, não havia muitos grandes comandantes. O poder e uma sucessão de vitórias geralmente embraveciam os comandantes, tornando-os imprudentes e induzindo-os a cometer erros de cálculo. Mesmo os maiores comandantes se tornavam presa fácil da arrogância e vítimas da armadilha da impetuosidade. Uma vez que a vitória estivesse em seu sangue, Erec sabia, era difícil para eles imaginar a derrota.

Era com isso que Erec estava contando: até aquele momento, os homens de Andronicus seriam incapazes de imaginar qualquer coisa que não fosse a vitória.

Erec sentiu um tremor diferente, o chão vibrava, as pedrinhas ao redor se moviam, pequenas pedras começaram a deslizar para baixo, pelo penhasco. Erec viu o pânico nos olhos dos homens do Duque quando à distância, no outro extremo da ravina, surgiu o exército de Andronicus.

No início, eles puderam ter um vislumbre de mais ou menos uma centena de homens. Mas à medida que se aproximavam, outros milhares ficavam à vista. O exército era tão grande como um mar e tal como Erec tinha antecipado, todos eles estavam indo direto para a ravina. É claro que eles a cruzariam. Com um exército daquele tamanho, quem jamais iria impedi-los? Por que se preocupar em escalar penhascos com todos aqueles homens? A escalada somente faria com que eles perdessem dias. Um exército daquele tamanho não tinha nada a temer e a ravina era a rota mais direta.

Erec manteve-se firme, mesmo que uma parte dele desejasse dar a volta e correr, enquanto centenas de soldados de Andronicus cavalgavam orgulhosamente pela ravina. Eles já o haviam visto e não vacilaram.

Um soldado cavalgava na frente deles, ele parou, levantou a mão e fez um sinal para que os outros parassem atrás dele. Pela sua aparência, via-se que ele era seu comandante, um grande guerreiro com chifres salientes em sua cabeça e uma expressão carrancuda que dizia a Erec que ele já tinha visto demasiadas batalhas.

Os soldados atrás dele se detiveram de imediato quando o seu comandante, o qual estaria talvez a uns cinquenta metros de distância de Erec, fez uma careta. De repente, ele olhou ao seu redor, desconfiado, ele examinava os contornos da ravina, olhava para as paredes e para o topo. Erec apenas rezou para que seus soldados estivessem bem escondidos lá em cima, tal como ele havia ordenado e que nenhum deles estivesse espiando ao redor. Estavam todos, ele sabia, aguardando o seu comando.

O comandante olhou em todas as direções, como se pressentisse que algo estava errado. Ele era um comandante melhor do que Erec esperava. Então, o comandante fez uma longa pausa.

O coração de Erec acelerou, ele se perguntava se o comandante iria ordenar aos seus soldados que dessem a volta. Se ele fizesse isso, sua estratégia estaria perdida.

Por fim, o comandante voltou novamente sua atenção para Erec. Ele baixou a mão e irrompeu em um galope, avançando direto para ele. Interiormente, Erec sorria. Tal como tinha previsto, aquele comandante tinha cedido a sua arrogância.

Os soldados do Império, atrás dele, deixaram escapar um grande grito e avançaram diretamente para Erec, diminuindo a distância.

“MANTENHAM-SE EM SEUS POSTOS!” Erec ordenou aos seus homens, enquanto todos os seus cavalos empinavam nervosamente.

Os soldados do Império chegaram mais perto, avançando talvez uns trinta metros.

“AGUENTEM!” Erec gritou novamente.

Quando eles chegaram a cerca de vinte metros de distância, Erec gritou:

“TOQUEM AS CORNETAS!”

As cornetas soaram para cima e para baixo pela montanha e em perfeita sincronização, todos os homens de Erec apareceram no topo do penhasco e começaram a empurrar pedras ao longo da borda da ravina. Dezenas delas vieram rolando para baixo do penhasco, esmagando e matando soldados do Império.

Mas aconteceu algo que Erec não esperava: a ravina estreitava-se demais para o fundo e os enormes rochedos ficaram entalados a uns bons três metros do chão. Isso poupou alguns dos homens do

Império de uma morte instantânea, além de deixar espaço suficiente para que eles pudessem continuar a avançar pela ravina, passando por baixo dos rochedos. A estratégia de Erec tinha atrasado os homens de Andronicus, mas não os havia detido.

Agora, eles tinham uma batalha em suas mãos.

Erec se inclinou e atirou a sua lança e seguindo seu exemplo, seus homens lançaram suas lanças também; elas voaram ao redor dele, ferindo a barragem de soldados e derrubando vários deles de seus cavalos. No entanto, mais e mais soldados do Império continuavam avançando e se espalhando em uma enxurrada interminável, então Erec desembainhou a espada e arremeteu contra eles junto com Duke, Brandt e vários outros.

A distância entre eles se reduzia, Erec desembainhou a espada e avançou direto para o grosso dos soldados. Erec era mais forte e mais rápido do que qualquer guerreiro e o primeiro contra quem ele se lançou foi o comandante. Ele brandiu sua longa espada, descaradamente, bem um alto sobre a cabeça de Erec; Erec levantou seu escudo, bloqueou o golpe habilmente e enfiou sua espada no estômago do homem, tudo isso em um só movimento.

Sem hesitar, Erec cortou a cabeça do comandante do Império e ela rolou para o chão, diante deles.

Apesar disso, o exército do Império continuou avançando.

Ao lado dele, Brandt ergueu a lança e abateu dois soldados do Império, enquanto o Duque girava a corrente de seu mangual e derrubava dois homens de seus cavalos. Os homens do Duque restantes se juntaram, os melhores homens foram para a linha de frente, todos correram para ajudar.

Porém mais homens do Império continuavam a aparecer, irrompendo pela ravina. Erec sabia que não podiam segurá-los por muito tempo. Eles precisavam rolar aqueles rochedos para baixo do penhasco e bloquear a entrada.

“FLECHAS!” Erec gritou.

Ao seu sinal, as flechas começaram a chover sobre os homens, elas provinham do topo da ravina e derrubaram a próxima formação de soldados do Império.

E a seguinte.

E a seguinte.

Os cadáveres se empilhavam e tornava-se mais difícil para os homens do Império poder passar. No entanto, seus homens continuavam chegando.

Erec ouviu o súbito ruído de rosnados, foi quando ele viu uma matilha de lobos selvagens sendo solta pelo Império. A matilha avançou pelo meio da ravina, passou sobre o grupo de cadáveres e saltou no ar.

“LOBOS!” Erec gritou para os outros.

Os lobos meteram suas presas nas pernas dos cavalos, fazendo-os perder o equilíbrio, empinar e derrubar os homens do Duque no chão. Ao lado de Erec, seu amigo Brandt foi ao chão, então ele rolou para fora do caminho rapidamente quando o cavalo do Duque tombou e por pouco não o esmagou. Os soldados caíam ao redor deles e imediatamente eles se viram todos ocupados com os lobos que rosnavam ferozmente.

Todos com exceção de Erec. Ele montava seu fiel companheiro Warkfin, um verdadeiro cavalo de guerra. Warkfin não cedia diante dos lobos como os outros cavalos faziam. Em vez disso, Warkfin se inclinava e quando os lobos se aproximavam, calmamente e sem nenhum medo, ele girava e chutava os lobos, um de cada vez, esmagando suas costelas. Quando os lobos caíam, Warkfin os pisoteava, matando-os imediatamente.

No entanto, mais lobos e homens continuavam chegando através da abertura estreita entre a pedra entalada e o chão. Erec sabia que algo tinha de ser feito. Eles tinham de fazer com que o rochedo terminasse de cair, para poder bloquear o passo do Império. O caminho era muito estreito e congestionado para entrar com cavalos ali; o trajeto teria de ser feito a pé. Erec sabia que só havia uma maneira de fazer com que isso acontecesse.

Erec jamais seria capaz de deixar uma missão arriscada como aquela para os outros, ele saltou de Warkfin e preparou-se lançar-se na ravina sozinho e tentar fazer o impossível. No exato segundo em que seus pés tocaram o chão, um lobo arremeteu contra ele rosnando, o lobo pulou em direção a sua garganta; mas os instintos

de Erec estavam bem afinados e ele se esquivou, puxou a espada e matou o animal no ar.

Então, Erec estendeu o braço e retirou dos arreios de Warkfin, a única arma de que ele precisava: seu martelo de guerra. Ele o ergueu com as duas mãos e avançou para o meio da batalha, na ravina. Mas não antes de balançar o martelo e esmagar um lobo que estava prestes a atacar seu amigo Brandt, o qual se encontrava com as costas expostas.

Erec avançou diretamente para o fluxo constante de soldados do Império, em direção à pedra. Ele estava em franca desvantagem numérica. Erec balançava o machado freneticamente e abatia soldados pela esquerda e pela direita, embora ele pagasse um alto preço por isso, sofrendo inúmeros golpes e ferimentos leves. A estreiteza da ravina trabalhava a seu favor, impedindo-o de ser completamente cercado por muitos homens ao mesmo tempo.

Ainda assim, era difícil prosseguir. Erec lutava com todas suas forças, mas muitos homens continuavam entrando sem cessar e ele estava sendo empurrado para trás. A pedra estava longe e a maré da batalha estava virando. Erec viu-se perdendo a força e sabia que em alguns momentos, ele estaria completamente exausto.

\*

Alistair passeava pelos corredores do castelo do Duque, suas entranhas se retorciam, dizendo-lhe que algo andava mal. Ela mal podia suportar ficar ali sabendo que Erec estava lá fora, lutando por todos eles. Ficar recolhida atrás da segurança das muralhas de um castelo não era parte de sua natureza. Ela havia ficado para trás somente porque tinha prometido isso a Erec, só porque ele tinha insistido muito para que ela fizesse isso. Mas ela já não podia suportar isso por mais tempo.

Ela sentia que Erec estava em grande perigo. Que ele precisava dela. Ela tinha de fazer alguma coisa. Afinal, Alistair não era uma mulher qualquer, não era uma esposa comum. Ela era filha de um rei e a esposa de um nobre guerreiro. Orgulho e lealdade corriam em suas veias e nada mudaria quem ela era.

Decidida, Alistair atravessou a sala e saiu apressada de seu quarto, em direção aos corredores do castelo.

“Minha senhora!” Disse um assistente, com surpresa. “Aonde vai? Se supõe que a senhora deve ficar aqui detrás da segurança desses portões. Eu fui instruído para cuidar da senhora!” O soldado disse nervoso, marchando rapidamente ao lado dela, pelo corredor, tentando alcançá-la.

Ela o ignorou, continuando a caminhar com passo firme, totalmente determinada.

“O Duque pediria minha cabeça se ele descobrisse que eu a deixei ir embora!” O soldado confessou. “Eu tenho de protegê-la de uma invasão!”

Mas Alistair marchava mais rápido, atravessando a porta do final de mais um corredor. Finalmente, ela se virou para ele.

“Eu não preciso de sua proteção.” Ela disse com firmeza. “Nem da de ninguém.”

Então ela se virou e correu por outro corredor, tomando a longa escada de pedra em espiral descendo dois degraus de cada vez, até que finalmente ela saiu correndo para o pátio, o soldado corria atrás dela.

Alistair correu para o seu cavalo, montou-o e o esporou com força. O cavalo lançou-se em um galope, correndo pelo pátio de Savária, através do portão arqueado que se encontrava aberto, sob os olhares chocados dos guardas restantes. Parecia que eles não sabiam como reagir, era como se estivessem discutindo ao fechar os portões, mas eles estavam duvidosos.

Alistair não lhes deu tempo para decidir: ela irrompeu pelos portões, saindo para o campo aberto. Ela cavalgava sozinha por toda a paisagem vazia, galopando para algum lugar no horizonte, para algum lugar aonde Erec havia ido.

Ela não iria parar por nada até que ela encontrasse Erec e fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance para salvar a vida dele.



## CAPÍTULO VINTE E SETE

Kendrick estava sentado, encolhido contra a parede, escondido dentro da passagem por baixo de Silésia, Godfrey, Akorth, Fulton, Brom, Atme, Srog e Sandara estavam com ele. Os oito haviam estado ocultos ali durante a noite toda, escondendo-se da enorme quantidade de forças do Império que estavam a sua procura. Durante toda a noite Kendrick escutou os passos dos soldados que passavam apressados, ansiosos para encontrá-los. Mas eles estavam muito bem escondidos, graças a Sandara.

Todos haviam passado a noite ali, se recuperando. Kendrick conseguiu dormir pela primeira vez, estendendo os membros cansados e o mesmo fez o resto do grupo. Sandara lhes havia dado água e vinho e tinha aplicado várias pomadas em suas feridas, para ajudar a curá-las. Embora estivesse dolorido e rígido, Kendrick estava começando voltar a ser ele mesmo. Era surreal estar ali e sentir-se vivo novamente. Ele tinha estado convencido de que jamais desceria da cruz com vida.

Kendrick agora olhava para seu irmão Godfrey com muito mais respeito. Ele estava sentado, meio arriado contra a parede, ao lado de Akorth e Fulton. Kendrick jamais pensou que aquelas seriam as três pessoas no mundo que o ajudariam com o seu resgate. Kendrick sabia que Godfrey não tinha as habilidades marciais de um guerreiro, mas ele devia admirá-lo pelo que ele tinha: astúcia e habilidades de sobrevivência supremas. Afinal, de todos eles, Godfrey era o único que tinha conseguido sobreviver e libertá-los. Ele também tinha um coração valente. Disfarçado como um soldado inimigo, Godfrey poderia ter fugido; em vez disso, ele arriscou-se a morrer ao voltar para salvar todos eles. Isso elevava o conceito de Godfrey aos olhos de Kendrick, quem o considerava agora como um guerreiro igual a qualquer um de seus compatriotas do Exército Prata. E Kendrick devia sua vida a ele.

“Eu devo agradecer a você.” Kendrick disse inclinando-se para Godfrey.

Godfrey olhou para ele, surpreso.

“Você é meu irmão.” Godfrey disse. “Não deve me agradecer por coisa alguma. Além disso, nós não fizemos muito.”

“Você está errado.” Disse Kendrick. “Você fez algo tremendamente importante. Você demonstrou bravura e coragem. A maioria dos homens em sua posição teria se virado e corrido. Mas você voltou por nós.”

Godfrey deu de ombros.

“Eu esquivei meus deveres toda a minha vida.” Disse ele. “Isso era o mínimo que eu podia fazer.”

“A parte mais difícil de tudo foi não poder tomar um trago.” Akorth entrou na conversa, sorrindo.

“Isso de ser herói é duro.” Fulton meteu-se na conversa. “Se isso viesse acompanhado de algumas jarras de cerveja, poderia ser até mais tolerável.”

Kendrick não pôde deixar de sorrir.

“Não se preocupem.” Disse Brom inclinando-se para eles. “Se nós conseguirmos sair daqui vivos, eu vou fazer com que vocês tenham uma taverna inteira exclusivamente para vocês.”

“Você é um sonhador.” Akorth disse. “Nós estamos completamente cercados. Há milhares de soldados lá fora. Não temos para onde ir. Como vamos sobreviver a isso?”

“Nós não conseguiremos.” Fulton respondeu sacudindo a cabeça. “Nós vamos definhar neste túnel como um bando de ratos e morrer aqui.”

“Ou isso...” Akorth disse. “... Ou então morrer.”

Kendrick se remexeu agitado, ele próprio havia lutado contra os mesmos pensamentos durante toda a noite.

Kendrick olhou para Sandara, que estava sentada contra a parede olhando calmamente para baixo. Ela era ainda mais bonita na penumbra da caverna sob a luz fraca da tocha, do que quando ele a tinha visto enquanto estava na cruz. Seu coração batia mais rápido enquanto ele olhava para ela.

“Você nos ajudou da mesma maneira.” Ele disse para ela. “Você arriscou sua vida pelo inimigo.”

“Vocês não são meus inimigos.” Disse ela. “Eu sirvo a Andronicus por obrigação, não por vontade própria.”

“Mesmo assim, você se arriscou a morrer.” Disse Kendrick. “Por todos nós.”

Sandara baixou seus olhos.

“Eu fiz o que qualquer outra pessoa teria feito.” Disse ela.

Kendrick sentiu seu coração inclinando-se por ela, ele sentia uma atração muito mais forte por ela, do que ele havia sentido por outro alguém em sua vida. Ele se perguntava se ela sentiria algo por ele também.

“Se nós sairmos daqui...” Ele disse para ela. “... Eu vou encontrar uma maneira de recompensá-la.”

Ela abanou lentamente a cabeça.

“Não, meu senhor.” Disse ela. “O senhor já fez isso. O senhor permitiu-me tomar medidas para finalmente fugir do exército de Andronicus. Eu deveria ter feito isso há muito tempo. Eu posso morrer com o resto de vocês. Mas pelo menos agora eu vou morrer como uma mulher livre e não como uma escrava.”

“O que é toda essa conversa sobre a morte?” Atme trovejou. “Eu não sei o que vocês têm a dizer, mas eu não planejo morrer hoje.”

“Nem eu.” Kendrick meteu-se na conversa dele.

“Nem eu.” Disseram Srog e Brom.

“Eu estou bem com a ideia de não morrer.” Disse Fulton levantando a mão, de acordo. “Afinal de contas, eu ainda não tive toda a minha cota de cerveja nesta vida. Eu não estou pronto para ir para o céu ainda.”

“Céu?” Akorth riu. “Você não acha que é muita presunção da sua parte?”

Fulton ficou vermelho.

“Bem, se eu tiver de ir para o inferno, eu tenho certeza de que logo atrás de mim, vem você. Respondeu ele.

“Eu estou abrindo meu próprio caminho para o inferno.” Akorth replicou.

“Por que todos nós não abrimos nosso caminho juntos?” Kendrick perguntou.

Todos se viraram para ele, ouvindo a seriedade em sua voz e ficando em silêncio.

“O que quer dizer?” Godfrey perguntou.

“Eu quero dizer que eu, da minha parte, não pretendo ficar deitado aqui para morrer como um cão. Também não estou preparado para terminar minha vida rendendo-me a Andronicus para que ele possa nos torturar.”

“Nem eu!” Atme retrucou.

Kendrick sentiu-se encorajado, ele endireitou-se sentindo uma nova força crescer dentro dele.

“Então eu digo que lutemos!” Disse Kendrick.

“Lutar?” Akorth perguntou atônito.

“Nós todos podemos até morrer...” Disse Kendrick. “No entanto, nós morreremos juntos. De pé. Agora é o nosso momento, antes que esmoreçamos. Nós vamos sair, surpreendê-los e matar o maior número de soldados do Império que pudermos. E aconteça o que acontecer, vamos sair em uma última carga de valor!”

Os outros aplaudiram, ficando de pé de um salto, então cada um tomou suas armas.

Sandara levantou-se e acenou com a cabeça solenemente para Kendrick. Ela caminhou até ele, colocou as mãos na testa dele, inclinou-se e beijou-a.

“Que os deuses estejam ao seu favor.” Disse ela. “Nesta vida e sempre.”

Ela atravessou a sala, desenroscou os parafusos e abriu a porta da câmara secreta para eles.

Kendrick liderava o grupo enquanto eles irrompiam pela câmara secreta. Eles saíam do buraco escuro para a luz brilhante da manhã, entrando no pátio de Silésia. Kendrick avançava com os olhos semicerrados, protegendo-se contra o sol forte. Havia um grande grupo de incautos soldados do Império diante deles e o grupo investiu com um grande grito de guerra; antes que os soldados conseguissem descobrir o que estava acontecendo, eles já haviam sido abatidos, todos eles. Uma dúzia de soldados já havia morrido rapidamente.

Centenas de prisioneiros de Silésia estavam por perto, atados uns aos outros, assistindo tudo. Kendrick teve uma ideia.

“LIBERTEM NOSSOS IRMÃOS!” Kendrick gritou.

O grupo de homens correu para eles e cortou suas cordas, libertando um cativo após outro.

Os homens se libertaram com um grito, eles correram e pegaram as armas dos soldados caídos e dos corpos deitados no campo de batalha. O grupo ia crescendo a cada segundo, cada pessoa libertava alguém cativo. Logo seu número aumentou para mais de uma centena de homens.

O principal acampamento de soldados do Império, do outro lado do pátio, mal havia começado a perceber o que estava acontecendo. Ao som dos gritos, eles começaram a virar-se. Era evidente que eles não estavam esperando que acontecesse algo assim. Eles ficaram parados ali, chocados.

“ATACAR!” Kendrick gritou.

Centenas de silesianos, liderados por Kendrick, soltaram um forte grito, correram pelo pátio com as armas erguidas e a vingança em seus olhos; Srog, Brom, Atme, Godfrey, Akorth e Fulton corriam ao lado deles, atravessando o pátio, em direção ao grupo distante de soldados do Império, o qual agora estava dando a volta e investindo contra eles.

Kendrick sabia que não tinha chance de ganhar. Mas ele não se importava mais. Essa era sua causa. Honra. Glória. Valor. Ele tinha fogo em suas veias e estava preparado para lutar a batalha de sua vida.



## CAPÍTULO VINTE E OITO

Thor empunhava a Espada do Destino com uma mão e agarrava-se ao pescoço do dragão com a outra, enquanto todos eles subiam pelo ar, correndo para bem longe do covil dos dragões. Iam junto com ele, montados nas costas de Mycoples, Reece, O'Connor, Elden, Conven e Indra que segurava Krohn. Todos eles estavam carregados com as novas armas que haviam encontrado e Thor levava consigo a maior arma de todas.

Thor estava controlando Mycoples, inclinando-se e sussurrando em seu ouvido e ela estava ouvindo. Thor sentia como se ele a tivesse conhecido por toda sua vida e ele também percebia dentro de si uma capacidade incrível de controlá-la. Para Thor, de certa forma, era como se ele e o animal fossem uma só carne.

Enquanto voavam, um milhão de pensamentos percorria a mente de Thor. Tanta coisa havia acontecido tão rapidamente, ele mal conseguia processar tudo. Ali estava ele, voando nas costas de um dragão, o qual ele mal conseguia entender. Parecia surreal. Como era possível que ele tivesse o poder de invocá-lo? De controlá-lo? Seria porque Thor tinha algum poder especial? Ou porque ele tinha alguma conexão especial com aquela fera? Ou eram ambas as coisas?

O mais importante: quem era ele? Como ele foi capaz de empunhar a Espada do Destino? Ele agarrou-a por desespero, era óbvio que ele não esperava que fosse capaz de erguê-la. Mas desde que ele tinha feito isso, ele não podia soltá-la. A energia dela borbulhava através dele como um rio. A lenda afirmava que apenas um MacGil poderia empunhá-la. Será que isso significava que ele, Thor, era um MacGil? Como isso era possível? A lenda estaria errada?

Isso também significava que ele era o Escolhido. Mas escolhido para quê, exatamente? Como poderia ele, um simples pastor da periferia do Anel, chegar a ser o Escolhido? Ele, um simples rapaz? Ele se perguntava se não haveria um erro.

Enquanto Thor refletia sobre o quão longe eles tinham chegado, em tudo o que tinham feito para atravessar o Império, ele sentia uma sensação de vitória indescritível por ter avançado tanto; por realmente ter encontrado e recuperado a espada e por estar voltando com ela. Ele mal podia compreender. No exato momento em que tudo parecia mais sombrio, de alguma forma, eles tinham prevalecido.

*A única saída é prosseguir.*

Thor olhou para baixo enquanto eles voavam, olhou para a bela paisagem vista de cima. Abaixo havia rios de lava, vulcões vomitando fogo e cinzas no ar. Quando eles estavam lá embaixo tudo tinha sido ameaçador; agora, vista lá de cima, a paisagem era pitoresca, era como uma pintura enorme desdobrando-se abaixo deles. Eles voavam através das nuvens que iam e vinham. Quanto mais eles avançavam, mais as nuvens de cinzas e enxofre davam lugar ao céu aberto e colunas claras de nuvem.

Eles voavam tão rápido, Thor praticamente perdia o fôlego. Eles iam para o Leste, em direção ao seu lar e Thor só esperava que eles pudessem voltar ao Anel a tempo, para salvar o seu povo. Pela primeira vez em muito tempo, ele se permitiu pensar em Gwen. Pensar *realmente* nela. Poder realmente imaginar estar com ela novamente. Ele tinha medo de acariciar essa ideia antes, já que ele havia pensado que suas chances de retorno eram impossíveis. Mas agora, pela primeira vez, parecia que isso poderia realmente acontecer. E ele se permitiu acreditar mais uma vez.

De repente, ouviu-se um rugido distante, ele provinha de algum lugar atrás deles. O coração de Thor foi parar na boca do estômago quando ele se virou e viu um exército de dragões, voando, correndo atrás deles. Havia dezenas deles, pretos, vermelhos e verdes. Eles gritavam, lançavam fogo e estavam furiosos. Thor não sabia se era porque eles tinham tomado a Espada do Destino, ou porque eles tinham roubado o seu tesouro, ou ainda porque Mycoples os havia traído. Fosse o que fosse, eles pareciam estar determinados a tomar vingança.

“Mais rápido!” Thor gritou no ouvido de Mycoples. Suas asas bateram mais forte e Thor sentiu-se impulsionado para a frente.

O terreno mudou abaixo deles quando eles começaram a voar cada vez mais rápido, logo a paisagem se converteu em uma mancha, um borrão. Eles deixaram a Terra dos Dragões, sobrevoaram os picos das montanhas, deixaram atrás a trilha de ossos e sobrevoaram o grande túnel. Os campos de sal apareceram abaixo, brancos e brilhantes, porém logo ficaram para trás, logo mais eles estavam atravessando colinas verdes e em seguida, pântanos, montanhas, cordilheiras e lagos...

Eles avançavam sem parar e Thor sentia como ele se estivesse assistindo a toda a viagem, a toda a sua vida, passando por baixo deles naquele momento.

Eles finalmente chegaram à selva, onde haviam desembarcado pela primeira vez no Império, ela era uma enorme massa verde abaixo deles, aderindo-se à costa do mar Tartuvian. Thor olhou para baixo e viu as ondas quebrando na praia. O ar era mais quente ali.

“Nosso barco não está mais!” O’Connor gritou atrás dele, Thor olhou para a costa vazia e percebeu que ele estava certo.

“Nós já não precisamos dele agora!” Thor gritou de volta.

Houve outro rugido, então Thor se virou e viu que os dragões estavam se aproximando. Eles estavam lançando fogo contra eles e apesar de ainda estar fora de seu alcance, Thor sentia uma urgência crescente.

“Mais rápido!” Thor sussurrou para Mycoples.

Mycoples bateu as asas ainda mais rápido e avançou novamente. Thor podia sentir sua respiração ofegante, enquanto ela empregava toda a energia que tinha. Thor esperava que ele não estivesse exigindo demais dela. Abaixo deles passou o Tartuvian, uma vasta extensão de amarelo e azul. Eles iam passando por ele velozmente. Thor foi capaz de detectar as pequenas cristas de suas ondas. O ar ficava mais úmido enquanto eles seguiam. Logo depois, eles sobrevoaram uma frota de navios do Império, os quais pontilhavam o oceano com suas velas enormes. Thor viu os homens, eles eram minúsculo, vistos dali de cima eram como formigas, ele viu como todos eles pararam de remar e olharam com espanto para o dragão que sobrevoava suas cabeças. Sem dúvida, aqueles soldados estavam em seu caminho para causar estragos no Anel.

“PARA BAIXO!” Thor ordenou.

Mycoples mergulhou direto para o grupo de navios e quando eles se aproximaram, Thor sussurrou: “FOGO!”

Mycoples soprou sobre as velas, um fluxo constante de fogo saiu de sua boca e assim que ela fez isso, um navio após o outro se iluminou quando suas velas de lona começaram a pegar fogo. Os grandes navios de madeira explodiam em bolas de fogo e Thor podia ver todos os homens abaixo abandonando o barco e jogando-se na água.

Mycoples ascendeu e continuou voando para o Leste, em direção ao Anel.

Thor olhou para trás e viu que a manobra lhes havia custado algo de sua preciosa vantagem: os dragões que vinham atrás deles estavam ainda mais perto. As nuvens de fumaça preta das velas tinham obscurecido sua trilha um pouco, mas Thor sabia que não seria por muito tempo.

“MAIS RÁPIDO!” Thor ordenou.

Eles se lançaram para frente, a umidade do ar os açoitava enquanto eles entravam e saíam das nuvens. Eles iam tão rápido que Thor mal podia respirar.

Finalmente, Thor avistou a costa do Anel no horizonte. Ele viu a faixa litorânea e mais além, a floresta e em seguida, a extensão aberta e profunda do Canyon. Seu coração disparou ao ter de volta sua terra natal diante de sua vista.

Houve um súbito rugido e então, Thor sentiu o calor atrás deles, ele virou-se e viu que os dragões estavam ainda mais perto, respirando fogo, suas chamas estavam tão perto que quase tocavam a cauda de Mycoples. Ele viu os enormes e grotescos rostos dos outros dragões, muito perto. Ele podia sentir seu cheiro de enxofre ali mesmo onde estava.

Mycoples, apesar de seus melhores esforços, simplesmente não tinha a energia para voar mais rapidamente. Thor sabia que se eles não pudessem ir mais rápido, eles estariam todos mortos em apenas alguns segundos.

“Por favor, Mycoples.” Thor sussurrou. “Faça isso por mim. Só um pouquinho mais rápido. Só uma última explosão de velocidade.”

Thor sentiu que Mycoples acelerou uma última vez, com todas as suas forças, levando-os até o último trecho do Tartuvian, logo eles se encontraram sobrevoando a areia, a floresta, e em seguida, a enorme garganta do Canyon.

Thor olhou para o Canyon desde sua perspectiva e a vista era de tirar o fôlego. Ele apareceu como um enorme abismo escancarado na terra, atingindo a parte inferior do mundo, mais vasto do que ele jamais poderia imaginar, era como se fossem dois mundos separados. Sua névoa serpenteante brilhava com as mais variadas cores. Thor podia sentir sua energia mágica enquanto voavam sobre ele.

Eles sobrevoaram o Canyon e finalmente chegaram a sua borda, cruzando o limiar do Anel. Então, Thor sentiu a Espada do Destino vibrar em sua mão. Ele segurou-a bem alto e quando ele fez isso, de repente, ele sentiu uma parede invisível erguer-se e fechar-se atrás deles.

Ele percebeu que a parede era o escudo. A Espada tinha regressado e agora o escudo havia sido restaurado.

Thor olhou para trás, o exército de dragões vinha atrás deles e estava bem perto. Eles lançaram mais labaredas de fogo. Thor preparou-se, percebendo que todos estavam prestes a ser engolidos pelas chamas.

Mas quando eles cruzaram a fronteira com o Anel e o escudo se ativou, as chamas atingiram a parede invisível, a poucos metros atrás deles e foram bloqueadas em pleno ar. Os dragões também pararam abruptamente e lançaram um grito horrível, quando todos colidiram com o escudo invisível na borda do Canyon. Eles pararam em pleno voo, gritando de dor, saltando para longe dele.

Os dragões estavam enfurecidos, eles voavam em círculos e lançavam chamas contra o escudo. Mas as chamas simplesmente eram repelidas por ele e os dragões não podiam chegar mais perto. Eles rugiam de frustração, mas eles não podiam entrar.

Thor e os outros aplaudiram. Pela primeira vez desde que toda a saga tinha começado, desde que ele e os outros tinham assumido sua missão, ele se sentia seguro. Eles estavam em casa.

Thor se aproximou e sorriu enquanto acariciava o pescoço de Mycoples.

“Bom trabalho, minha amiga.” Disse ele.

Mycoples ronronou em resposta, esticando o pescoço para trás e levantando suas asas. Thor sabia que ela entendia.

Tudo começou a processar-se no turbilhão que era a mente de Thor. Eles estavam em casa. Eles estavam seguros. O escudo havia sido restaurado.

Agora, era hora de encontrar Gwendolyn.

\*

Ao regressar, Thor sentia que era como se ele tivesse estado fora do Anel por uma eternidade. Sem notícias desde sua partida, ele se perguntava o que teria acontecido em sua ausência. Com o escudo inativo durante todo esse tempo, ele temia o que poderia ter sobrevivido. Ele se perguntava: será que Gwendolyn ainda estava na Corte do Rei? A Corte do Rei havia estado a salvo de ataques? Gareth ainda estaria no poder, e Gwendolyn estaria a salvo dele?

Sabendo que o escudo tinha estado inativo por tanto tempo e depois de ter visto todas aquelas frotas de navios do Império no mar, Thor supôs o pior. Ele temia que Andronicus tivesse invadido. E se ele tivesse, Thor concluiu que o primeiro lugar que ele iria atacar seria a Corte do Rei. Thor só esperava que Gwendolyn ainda estivesse segura lá dentro.

Thor dirigiu Mycoples através dos campos familiares do Anel, em direção à Corte do Rei. Enquanto voavam, ele apreciava a paisagem desde uma perspectiva totalmente nova. Ele notou as muitas referências familiares e se sentia tão feliz por estar em casa. Ele rezou para que não precisasse sair de suas fronteiras novamente.

Quando passaram sobre uma colina, ele avistou a Corte do Rei. Thor tinha estado ansioso, ele desejava vê-la com entusiasmo. Mas quando eles a viram, seu coração despencou.

O que outrora havia sido a gloriosa Corte do Rei, o lugar mais mágico e inexpugnável do mundo, agora era apenas um casco, um casco queimado cheio de escombros e completamente arrasado. Suas muralhas permaneciam intactas, embora elas estivessem chamuscadas e algumas de suas seções estivessem desmoronando.

Os seus portões foram arrancados e as estátuas e bandeiras dos MacGils tinham sido todas derrubadas. O coração de Thor ficou apertado ao ver que o lugar delas agora estava ocupado por uma enorme estátua de Andronicus e a bandeira do Império.

Ao se aproximarem, Thor percebeu que não havia soldados MacGil ou cidadãos em lugar nenhum. Havia ali apenas soldados do Império, eles estavam em todos os lugares. Era evidente que a Corte do Rei tinha sido saqueada e agora era uma cidade ocupada.

Thor estava sem palavras. A Corte do Rei. O bastião da força de todo o Anel. Destruída. O que isso pressagiava para o resto do Anel? Thor não queria admitir, mas era óbvio que isso só poderia significar uma coisa: que eles haviam sido derrotados durante sua ausência. E que provavelmente, Gwendolyn e os outros tinham sido capturados. Ou pior ainda, tinham sido mortos.

Thor sabia da inclinação de Andronicus para a selvageria e ele estava gemendo por dentro ao pensar no que poderia ter acontecido com Gwen. Ele fechou os olhos e tentou afastar aquela ideia de sua mente; mas uma parte dele já tinha um sentimento sombrio. Gwen teria morrido no ataque à Corte do Rei? Ela estaria ali em algum lugar? E se não estivesse? Andronicus havia causado tanta destruição na Corte do Rei, que outra parte do Anel poderia ser segura agora?

Thor sussurrou para Mycoples e ela voou em picada para dar uma olhada mais de perto. Thor dirigiu-se ao acampamento de soldados do Império, o qual estava ocupando a cidade. Enquanto eles desciam, centenas de homens de Andronicus, os quais ocupavam o Portão Real, se viraram e olharam para cima. Quando eles avistaram o dragão, todos os seus rostos paralisaram de terror.

Eles se viraram e tentaram correr, mas não havia lugar para onde ir. Mycoples lançou fogo contra eles e dentro de instantes, centenas deles estavam mortos.

Era uma pequena vingança para Thor. Pelo menos ele tinha matado aqueles homens que ousaram ocupar aquela cidade sagrada. Mas o que mais importava para ele era poder encontrar Gwendolyn viva e ilesa.

Eles efetuaram um voo rasante e circularam a cidade várias vezes. Mas em nenhum lugar havia qualquer sinal de humanidade. Era como se todo mundo que tinha existido alguma vez naquele lugar, estivesse morto ou desaparecido. Thor queria aterrissar e buscar Gwendolyn, mas ele sabia que seria inútil fazer isso antes que eles encontrassem algum sinal de vida.

Eles seguiam voando em círculos, uma vez após outra. Thor sentia-se cada vez mais desesperado. Ele não sabia onde Gwen poderia estar. Ele começou a se perguntar se Gwen não teria fugido da Corte do Rei em algum momento e se assim fosse, ele se perguntava para onde ela poderia ter ido.

Ouviu-se um grito súbito no alto do céu e Thor olhou para cima e avistou seu velho amigo Estopheles guinchando e voando em círculos acima deles. Ele batia as asas e guinchava desesperadamente, parecia que estava tentando dar uma mensagem a Thor.

Thor fechou os olhos e ouviu; ele sentiu como se o falcão estivesse incitando-os a segui-lo para algum lugar. Estopheles virou-se e saiu voando e Thor disse a Mycoples para segui-lo.

Eles voaram sobre o campo, em direção ao Norte e Thor se perguntava para onde Estopheles os estava guiando.

“Para onde vamos?” Reece perguntou atrás dele. “A Corte do Rei foi destruída. Meus irmãos e irmã estão lá atrás. Devemos salvá-los!”

“Não.” Disse Thor. “A Corte do Rei já não existe mais. Estopheles está nos levando para outro lugar. Eu sinto que nos leva até eles. Devemos segui-lo.”

Eles voavam sem cessar ao longo da borda do Canyon, indo até o Norte. Como o clima esfriou, eles se perderam de Estopheles enquanto entravam e saíam da névoa do Canyon, Thor estava começando a se perguntar se eles estavam indo na direção certa, quando finalmente, eles o alcançaram.

Ali, situada na ponta do Canyon, havia uma cidade enorme, vermelha.

Silésia.

Thor tinha visto pinturas dela quando era criança, mas nunca a tinha visto pessoalmente. A visão dela o deixou sem fôlego. A cidade

era mágica, coberta pela névoa esvoaçante do Canyon, com as suas duas cidades, uma na borda do Canyon e outra construída dentro do próprio Canyon. Parecia que ela havia pousado na borda do mundo.

Ainda mais surpreendente era o fato de que ela estava ocupada pelo exército de Andronicus. Devia haver um milhão de soldados acampados lá embaixo, cobrindo o chão como gafanhotos até onde a vista alcançava, enchendo toda a cidade. Era diferente de tudo o que Thor já tinha visto.

Aquela cidade, ao contrário da Corte do Rei, não havia sido completamente destruída, nem estava desabitada, como a Corte do Rei. Em vez disso, lá embaixo, Thor viu que havia centenas de MacGil e silesianos, vivos, amarrados uns aos outros, escravizados por Andronicus.

Ele viu também, quando olhou com atenção, algo que lhe deu esperança: havia um pequeno grupo de soldados, atacando um grupo enorme de soldados do Império. Eles estavam superados em número, enfrentando um vasto exército de soldados do Império que entrava pelos portões. Eles estavam lutando bravamente e aguentando firme até o momento, mas Thor pôde ver em seguida que eles estavam em desvantagem numérica e logo seriam dominados.

Quando eles voaram mais perto, Thor olhou para baixo e viu Kendrick liderando o grupo. Seu coração acelerou.

“PARA BAIXO!” Thor gritou.

Mycoples mergulhou e voou tão baixo que ela quase roçou a cabeça de Kendrick com suas garras. Em seguida, ela esticou o pescoço para trás, abriu a boca e soprou fogo contra os soldados do Império, vez após vez.

Centenas de soldados do Império arderam em fogo, gritando, colapsando ao encontro da morte.

Mycoples continuou voando, erguendo-se sobre os portões da cidade e em seguida, mergulhando e lançando fogo contra os milhares de soldados do Império acampados do lado de fora. Thor abria alas no meio da multidão, destruindo regimentos inteiros em segundos.

Os soldados do Império que não tinham sido abatidos entraram em pânico e fugiram correndo para as colinas. Todo o exército começou a correr como um bando de gazelas em debandada, para cada vez mais longe de Silésia. Muitos eram pisoteados até a morte em meio ao caos.

Thor deu a meia volta e Mycoples voou sobre Silésia, logo depois ela desceu e pousou no centro do pátio.

Eles aterrissaram diante das faces perplexas de Kendrick e dos outros, todos eles ficaram em pânico ao ver um dragão. Em seguida, o pânico transformou-se em alívio quando perceberam que o dragão não iria causar-lhes nenhum dano. Finalmente, o pânico se transformou em emoção e gratidão, quando todos viram que era Thor quem estava ali, desmontando do dragão, junto com os outros, depois de ter retornado do Império.

Thor desmontou do dragão e empunhou a Espada do Destino. Ele a levantou bem alto, sobre sua cabeça, uma luz irradiava dela. Os rostos de todos aqueles ao redor dele ficaram imóveis devido a enorme surpresa e admiração.

Ainda havia centenas de soldados do Império que haviam permanecido dentro do pátio, Mycoples ronronou e Thor sentiu que ela queria atacar.

“Não.” Thor disse para ela. “Eu agora tenho isto.”

Thor arremeteu contra eles, levantando a Espada do Destino bem alto, ele saiu correndo para o pátio sozinho, para enfrentar as centenas de soldados do Império restantes.

Enquanto ele ia à carga, empunhando a espada, ele se sentia diferente, de uma maneira que jamais havia sentido antes em sua vida. Era como se a espada fosse uma parte dele, como se ela estivesse levantando-o na batalha, fazendo com que cada passo que ele dava fosse mais leve e mais rápido. Ele não se sentia como se estivesse dominando a espada, ele sentia que era a espada que o estava dominando.

Thor foi ao encontro do inimigo e balançou a espada, assim que ele fez isso, uma luz mágica brilhou dela. A espada parecia estender-se para fora de sua mão e ele matou uma dúzia de homens com um único golpe. Ele levantou a espada uma e outra vez, lançando-se

diretamente contra o grosso do exército, balançando-a implacavelmente.

Em poucos minutos, ele tinha matado todos os homens. Centenas deles, todos os corpos, encontravam-se aos seus pés, mortos. E Thor não estava nem mesmo cansado, pelo contrário, a espada o enchia de energia.

Thor se virou e caminhou de volta para o seu povo, o qual estava parado ali no pátio, observando a cena, completamente estupefato.

Eles ficaram lá, boquiabertos, enquanto Thor se aproximava deles, caminhando sozinho, segurando a espada ao seu lado. Kendrick, Brom, Atme, Srog, Godfrey e os outros, dezenas de membros do Exército Prata, todos eles famosos guerreiros, olhavam para ele com admiração.

Thor ficou ali, segurando orgulhosamente a espada acima de cabeça, em sinal de vitória.

Em uníssono, todos os homens levantaram suas espadas e deram um grande grito de alegria:

“THORGRIN!” Eles gritaram fortemente.



## CAPÍTULO VINTE E NOVE

Erec arremeteu contra o grosso dos soldados na ravina, os quais estavam todos amontoados ombro a ombro, ele balançava o seu martelo de guerra e o girava de lado para bloquear golpes, enquanto lutava contra dez homens ao mesmo tempo, usando toda a sua capacidade adquirida em cada treinamento que ele já havia recebido. Ele estava mais do que exausto, mas ele não iria desistir. Ele só precisava ganhar mais alguns metros para cortar seu caminho através daquela multidão e chegar ao rochedo entalado. Se ele pudesse derrubá-lo, ele poderia bloquear a ravina e poupar todos os seus homens da maré do Império. Sem isso, eles nunca poderiam ganhar.

Erec lutou com toda sua energia, girando e balançando, abaixando-se, pulando, chutando, dando cotoveladas e até cabeçadas. Ele recebeu um grande número de golpes, socos, chutes e cotoveladas, os escudos caíam sobre ele, tentando esmagá-lo, golpes de espada eram desferidos contra ele e bloqueados por sua armadura. Ele estava perdendo o vigor enquanto lutava e avançava para os soldados, sem nunca perder de vista o rochedo. Ele lutava durante cada centímetro.

A poucos metros de distância, Erec ficou atravancado. Ele estava simplesmente exausto demais para lutar contra a maré de homens e ele sentiu que estava prestes a perder terreno.

*Por favor, Deus. Eu estou disposto a morrer neste dia. Apenas deixe-me chegar ao rochedo antes. Apenas me dê uma última carga de força.*

Erec apelou para todos os anos de treinamento que ele tinha. Ele pensou no Rei MacGil e seu coração ardia com o desejo de vingança. Vingança não apenas para si mesmo. Mas para todos os MacGils. Para todo o Anel.

Erec lançou um grande grito de guerra e juntou uma última reserva de forças de algum lugar dentro dele, de um lugar que ele não conhecia. Ele gritou e correu para a frente, derrubando dois

homens de uma vez e abrindo caminho pelos últimos metros até chegar ao rochedo.

Ao chegar até ele, Erec levantou o martelo de duas mãos bem alto e desceu-o com força sobre o centro do rochedo.

Ouviu-se o forte barulho de uma rachadura, quando a pedra começou a dividir-se.

Erec repetiu o golpe várias vezes e finalmente o rochedo partiu-se ao meio. Ele golpeou-o pela última vez e a enorme pedra veio abaixo como uma grande pilha de escombros e poeira, enchendo a ravina e bloqueando-a completamente. A maré de soldados do Império parou. Finalmente, a ravina estava bloqueada.

Ouviu-se um grande grito de alegria e vitória, lançado pelos homens de Erec, os quais estavam atrás dele e haviam presenciado a cena.

Mas de repente, Erec sentiu uma dor terrível nas costas. Era a sensação do aço perfurando sua carne.

Erec caiu de joelhos, em agonia. Ele se voltou e viu um dos soldados do Império próximo aos escombros. Ele tinha se escondido em um canto e Erec não o havia detectado.

Então, ouviu-se um grito, era Brandt, ele correu e esfaqueou o atacante de Erec no coração, matando-o e poupando Erec de mais ferimentos.

Ainda assim, Erec sentiu o sangue quente derramando, ele já sentia que a força da vida estava deixando seu corpo.

“Erec!” Brandt exclamou preocupado.

Brandt estendeu a mão, agarrou Erec e o levantou, ele passou o braço por cima do ombro de Erec e vários dos soldados do Duque correram para ajudar. Todos eles levaram Erec para fora da ravina, Erec sentia a dor a cada passo.

Erec estava deitado ali, o sangue escorria pela sua boca, ele respirava com dificuldade, os homens do Duque o deitaram no chão. Era muito doloroso para ele fazer qualquer movimento. Ele sentia que seu corpo estava ficando mais frio e sabia que não viveria muito mais tempo.

Um cavalo vinha avançando e quando Erec olhou para cima, ele podia jurar que havia visto Alistair, desmontar e aproximar-se. Ele se

perguntou se não estaria vendo coisas. Alistair? Como ela poderia estar ali?

Ela se ajoelhou ao lado de Erec e o envolveu em seus braços. Erec podia sentir seu amor por ele enquanto ela chorava, as lágrimas dela escorriam pelo seu rosto.

Ela tomou o rosto dele entre suas mãos, inclinou-se e beijou-lhe a testa.

“Meu senhor.” Disse ela tristemente.

Erec sentiu o mundo ficar mais leve, mais branco, a última coisa que ele viu foi Alistair, olhando para ele com seus olhos amáveis e compassivos. Ele a viu levantar as mãos e viu uma intensa luz azul irradiar delas. Era a luz mais intensa que Erec já tinha visto, então ele viu quando Alistair fechou seus olhos e colocou as mãos sobre seu ferimento.

Quando ela fez isso, ele sentiu todo o seu corpo encher-se de luz e calor. Ele sentiu suas feridas curando-se dentro de si, sentiu que estava voltando da morte.

Todos os soldados olhavam para Alistair enquanto a luz intensa ficava cada vez mais brilhante e encapsulava a ambos em uma esfera mágica e luminosa.

Erec, sentindo-se mais forte a cada segundo, olhou para os olhos místicos de Alistair e se perdeu neles. Então ele se sentiu a deriva em um sono reparador, ele teve energia suficiente para um último pensamento que foi:

*Quem é ela?*



## CAPÍTULO TRINTA

Gwendolyn abriu os olhos lentamente, sua cabeça latejava devido ao hematoma em sua têmpora, a qual havia sido golpeada pelos ladrões. Ela olhou em volta e percebeu que estava sentada no chão da floresta e amarrada em uma árvore, com cordas grossas. Ela se contorcia, mas as cordas não afrouxavam. Sentado em frente a ela, talvez a dez metros de distância, estava Steffen, ele também estava atado a uma árvore.

Ela ouviu o riso abafado que vinha de algum lugar, então se virou e viu um grupo de doze ladrões, debruçados sobre uma pequena fogueira na floresta, assando algum tipo de animal de pequeno porte, talvez um coelho. Eles empurravam punhados de comida em suas bocas, mastigavam com a boca aberta, bebiam vinho e riam. Eles riam às gargalhadas, dando cotoveladas entre si, todos eram claramente, indivíduos muito vulgares.

“Majestade...” Steffen sussurrou com preocupação. “... Se encontra bem?”

Ela balançou a cabeça lentamente para trás, tentando orientar-se.

“Eu lamento tê-la decepcionado.” Ele disse olhando para o chão envergonhado.

“Você lutou bravamente.” Disse ela. “Nós estamos superados em número.”

“Eu tenho um plano.” Disse ele. “Siga a corrente.”

De repente, os ladrões se viraram em sua direção.

“O que temos aqui?” Um deles gritou. “A rainha e o anão estão despertos! Bom dia, bela adormecida!”

O grupo explodiu em um coro de risos grotescos, levantou-se abruptamente e começou a avançar pomposamente na direção deles. Gwen podia ver os punhais balançando ostensivamente em seus cintos. Alguns usavam os punhais para retirar pedaços de comida dos dentes e logo depois cuspiam no chão da floresta.

Um deles aproximou-se de Gwen e chutou fortemente o seu tornozelo, enquanto outro chutava Steffen nas costelas.

“Você dois podem falar o quanto quiserem.” Um deles disse, com o sotaque bruto do Sul do Anel. “Mas vocês não vão a lugar nenhum. Vejam só, nós vamos terminar esta refeição e quando terminarmos de beber o nosso vinho, nós vamos ter o prazer de torturar cada um de vocês. Mas, primeiro, vamos ter uma longa noite de prazer com você, minha senhora.” Disse um deles, dando um passo para trás e tirando o chapéu em uma reverência exagerada que fez rir a todos eles.

“Eu vou ser o primeiro.” Disse um deles.

“Não, você não vai.” Disse outro. “Você foi o primeiro da última vez. Agora é a minha vez.”

Os dois começaram a empurrar um ao outro e a xingar-se mutuamente. Em seguida os dois caíram no chão, lutando entre si; finalmente, um deu um soco no outro, deixando-o nocauteado e logo levantou-se. Ele era um brutamontes enorme, barrigudo e careca e lambia os lábios enquanto olhava para Gwendolyn.

“Você agora vai ser minha.” Ele disse para ela.

“Vocês podem até abusar de nós...” Steffen repente gritou. “Mas esse seria o maior erro de suas vidas.”

Todos se viraram para ele e então irromperam em gargalhadas.

“E por que seria assim, nanico?” Perguntou um deles. “Você vai fazer alguma coisa a respeito?”

“Não se trata do que eu vou fazer.” Steffen disse. “Trata-se do que vocês vão perder.”

Os ladrões se entreolharam com seus rostos brutos e estúpidos, boquiabertos e confusos.

“Perder?” Perguntou um deles.

“Vejam bem.” Steffen disse. “Gwendolyn aqui não é apenas uma princesa. Ela é uma rainha. A Rainha de todo o Reino Ocidental do Anel. Ela tem riquezas suficientes a sua disposição para fazer de todos vocês reis, pelo resto de suas vidas.”

Todos os ladrões se entreolharam, em seguida se viraram e olharam para Gwendolyn com mais respeito. Eles pareciam inseguros.

“E como é que ela vai produzir esse ouro?” Um deles perguntou. “Ela vai sacudir as árvores e o ouro vai cair?”

Todos eles caíram na risada.

Steffen limpou a garganta, determinado.

“Nós estamos em nosso caminho para a Torre de Refúgio.” Disse Steffen. “Eu tenho certeza de que vocês sabem disso. Não fica muito longe daqui. Os assistentes da Rainha estarão esperando para nos receber. Eles têm arcas de ouro lá. Mais do que suficiente para comprar seu resgate e ainda mais. Isso caso ela permaneça ilesa. Se nós chegarmos lá machucados, seja do jeito que for, ou se nós nunca chegarmos, eu asseguro que todos vocês não vão obter nada. Vocês decidem. Levem-nos à Torre e vocês se tornarão homens ricos; façam-nos dano e vocês permanecerão na floresta como ladrões e mendigos pelo resto da vida.”

Todos os ladrões se olharam com uma expressão nova. A princípio, ela era de incerteza; mas logo depois ela mudou para ganância.

“Ele está mentindo.” Disse um deles.

“E se não estiver?” Respondeu outro. “E se o anão estiver certo?”

“Eu posso usar esse tipo de ouro.” Disse um deles.

“Eu também.” Disse outro.

“Esqueça o ouro.” Gritou o homem grande. “Eu não preciso de mais ouro. O que eu quero é ter essa garota. Fazia muito tempo que eu não via um exemplar assim tão bonito. Talvez eu até nunca mais veja.”

Ele começou a caminhar em direção a Gwendolyn, tirando o cinto, então, de repente, um dos outros ladrões, um barbudo e cabeludo, puxou um punhal esgueirou-se atrás dele e segurou o punhal contra sua garganta.

“Não toque a garota.” Ele advertiu, o careca ficou quieto, com medo do punhal. “Nós vamos atrás do ouro.”

O grandalhão cedeu diante da autoridade do barbudo, engoliu em seco e deu um passo para trás.

O líder deles, um indivíduo cabeludo, virou-se e apontou com a ponta de seu punhal para Steffen.

“Pelo seu bem, é melhor que suas palavras sejam verdade. Se não forem, eu mesmo vou cortar seus testículos e vocês dois servirão de alimentos para os ursos.”

\*

Gwendolyn e Steffen estavam com os pulsos amarrados com cordas enquanto eram conduzidos pelo grupo de uma dúzia de ladrões. Eles iam lado a lado e eram empurrados enquanto marchavam tropegamente, aproximando-se da Torre de Refúgio. Todos eles saíram do bosque e entraram na clareira que rodeava a torre. A torre era imaculada, antiga e misteriosa, estava construída com uma pedra preta e brilhante. Ela era estreita, talvez tivesse apenas uns trinta metros de diâmetro e elevava-se por centenas de metros de altura para o céu. Era uma estrutura mágica no meio do nada.

Gwen sentiu a energia irradiando dela. Aquele era claramente um lugar sagrado.

A única entrada construída na torre era uma porta preta e arqueada, sem inscrições e sem trinco.

Os ladrões os empurraram para a clareira e se aproximaram da porta, até que finalmente, o chefe e seu bando pararam a cerca de vinte metros de distância.

“Nós não vamos nos aproximar mais.” Disse ele para Steffen. “... Até que sua gente saia com o ouro. Você tem um minuto. Caso contrário, nós vamos matá-la e vamos matar você também.”

Steffen engoliu em seco, então ele olhou para Gwendolyn. Ela assentiu com a cabeça, compreendendo.

“Eu vou convocar meus atendentes.” Disse ela para os ladrões.

Gwen recordou o que Argon tinha dito a ela, sobre como convocar os Guardiões da Torre. Ela se inclinou para trás e gritou:

“Guardiões da Torre!” Exclamou ela. “Eu vim aqui para entrar em suas muralhas!”

Gwendolyn esperou em silêncio, aguardando, rezando para que Argon estivesse certo. Senão, ela estaria morta.

Conforme o tempo passava, o coração de Gwen acelerava em seu peito. Ela estava com medo de que todo seu esforço tivesse sido inútil, medo de que sua garganta fosse cortada em qualquer momento.

De repente, para seu imenso alívio, uma porta foi aberta.

Sete cavaleiros caminharam para fora. Eles usavam uma armadura composta por brilhantes placas negras que os cobria da cabeça aos pés; seus rostos estavam cobertos por viseiras com um nariz longo e pontudo. Os sete caminharam em silêncio, em perfeita formação, lado a lado. Eles usavam luvas cobertas de safiras, a única variação em sua armadura toda negra. Todos pararam simultaneamente e ficaram em posição de sentido.

Os ladrões se entreolharam, perplexos.

“Que diabo é isso?” Perguntou um deles.

“Oh Guardiães da Chama!” Gwendolyn gritou, lembrando-se de tudo o que Argon havia lhe ensinado. “Eu estou aqui para me recluir dentro destas paredes.”

Aquelas eram as palavras sagradas que Argon tinha lhe ensinado a pronunciar. Eram as palavras que asseguravam a entrada para a Torre de Refúgio. Argon tinha lhe falado sobre aqueles homens que estavam de guarda: os sete cavaleiros. Os Guardiães da Chama. Eram sete cavaleiros mágicos que segundo a lenda, guardavam a torre durante séculos. Eles estavam preparados para impedir a entrada de todos e quaisquer inimigos que se atrevessem a atacá-los. Ao recitar aquelas palavras, Gwen tornava-se imediatamente um habitante da Torre. E isso convertia os Sete Cavaleiros em seus protetores juramentados.

Quando Gwen acabou de pronunciar as palavras, os cavaleiros caminharam para a frente em total silêncio e marcharam até os ladrões em perfeito sincronismo.

“Afastem-se!” Exclamou um ladrão com voz trêmula.

Os ladrões foram ficando cada vez mais nervosos, eles se remexiam e puxavam as cordas de Steffen e Gwen. Um deles levantou um punhal e segurou a lâmina perto da garganta de Gwen.

Os cavaleiros continuaram chegando mais perto.

“Cheguem mais perto e a garota morre!” Gritou um ladrão. Mas sua voz tremeu com medo.

Enquanto os cavaleiros se aproximavam, eles levantaram as viseiras de seus rostos.

A visão provocou o medo no coração dos ladrões. Até mesmo Gwendolyn estava com medo.

Porque por trás das viseiras não havia nada. Nenhum rosto. Nenhum corpo. Nada.

Os cavaleiros mágicos avançaram, ergueram suas espadas com a rapidez de um relâmpago e atacaram os ladrões. Gwen piscava os olhos, aturdida.

Quando ela abriu os olhos, tudo o que restava em torno dela eram os corpos ensanguentados dos ladrões, aos seus pés.

Gwen sentiu que suas mãos estavam livres, então ela virou-se e percebeu que os cavaleiros tinham cortado suas cordas e as de Steffen. Então os cavaleiros recuaram e ficaram em posição de sentido, esperando ao lado dela, como se aguardassem um comando.

Gwen sabia que eles estavam esperando por ela. E ela sabia que era hora de ir.

Ela se virou e olhou para Steffen e ele olhou para ela, ainda chocado.

“Eu acho que é aqui que nós dizemos adeus.” Ela disse enquanto se virava e examinava a porta aberta para a torre, com um sentimento de apreensão. Era tudo tão definitivo. Era como se ela nunca mais fosse sair.

“Eu creio que sim, Majestade.” Disse Steffen tristemente.

Steffen estendeu a mão, pegou uma das mãos dela e beijou-a, curvando a cabeça.

“E o que vai ser de você?” Perguntou ela.

“Não se preocupe, Majestade.” Disse ele, voltando-se para a densa floresta. “Eu já cumpri com meu dever. Vossa Majestade chegou aqui sã e salva. Eu sobreviverei. Eu sempre consigo sobreviver. Mas saiba de uma coisa: Eu a esperarei. Se algum dia Vossa Majestade deixar este lugar, eu a estarei esperando para estar ao seu serviço novamente, pelo resto dos meus dias.”

Gwen assistia enquanto ele ia desaparecendo na floresta. Então ela virou-se e caminhou em direção à porta aberta da torre. Os cavaleiros iam atrás dela, acompanhando-a e em poucos instantes, ela estava lá dentro, com a porta batendo atrás dela. O significado daquele fechamento ecoou em todos os ossos de Gwen. Ela não

podia evitar sentir que era como se tivesse entrado para sempre em uma tumba.



## CAPÍTULO TRINTA E UM

Thor marchava rapidamente pela cidade baixa de Silésia, acompanhado pelos MacGils: Kendrick, Reece e Godfrey, os três irmãos estavam unidos novamente e eram seguidos por Srog, Brom, Atme e vários outros soldados. Thor segurava a Espada do Destino junto a ele e um pequeno grupo de homens se uniu ao seu grupo e o conduzia até o esconderijo da ex-rainha, a mãe de seus amigos MacGils.

Kendrick tinha colocado Thor a par do que havia ocorrido desde que ele tinha partido. As imagens dos eventos percorriam a mente de Thor: a invasão de Andronicus: a destruição da Corte do Rei; o cerco de Silésia; Gwen sendo proclamada rainha... A única coisa que Kendrick ainda não tinha lhe dito era a resposta da pergunta que ele mais queria fazer: o que havia acontecido com Gwendolyn?

Quando Thor perguntou a Kendrick e Godfrey, cada um deles tinha baixado os olhos e desviado o olhar. Eles não lhe disseram nada. Quando ele perguntou por que, eles tampouco lhe responderam. E quando ele perguntou-lhes onde ela estava, tudo o que lhe disseram foi que quando a viram por última vez, ela ainda estava escondida na cidade baixa e que havia rumores de que tinha escapado. Para onde, eles não sabiam. Eles haviam dito que a ex-rainha sabia, então Thor tinha insistido em que o levassem até ela, de imediato.

O fato de que eles não iriam responder-lhe colocava um peso no peito de Thor. Por suas expressões, ele sentiu que algo de ruim tinha acontecido com Gwen e ele precisava saber o que era. Ele sentia-se oprimido pela culpa, por não ter estado ali ao lado dela, atravessando juntos todas as adversidades. O único que ele precisava, desesperadamente, era saber que ela estava viva, sã e salva. Só então ele descansaria tranquilo.

Eles marchavam através do castelo inferior, repleto de cadáveres de soldados do Império que tinham sido abatidos pelos silesianos que haviam sido libertos logo depois que Thor tinha repellido os

invasores. Eles correram até as escadas do palácio e marcharam pelos corredores, Kendrick e Srog lideravam o caminho, até chegarem à câmara da rainha. Todos pararam diante da porta, agora guardada por soldados de Silésia, eles fizeram uma pausa, os soldados abriram passo e então eles entraram.

A rainha estava à janela, toda vestida de preto, parecendo triste e mais envelhecida do que Thor jamais a havia visto. Ela virou-se lentamente e o encarou, com o rosto sério, impassível.

Thor examinou-a e imaginava. Ali estava ele empunhando a Espada do Destino. Será que isso significava que ele, Thor, era um MacGil? Isso significaria que a mulher em pé diante dele era sua mãe?

Esse pensamento o fez estremecer. Ele sabia o quanto ela o odiava. Seria por que de alguma maneira ele estava conectado com sua linhagem?

Os olhos da rainha imediatamente pousaram sobre a espada nas mãos de Thor e eles se arregalaram de surpresa.

“Eu preciso de respostas.” Thor disse-lhe abruptamente e com firmeza. “Eu preciso ver Gwendolyn imediatamente. Onde ela está? Ela está a salvo? Por que todo esse mistério em torno dela?”

A rainha se virou e olhou para os outros que estavam ao redor de Thor e em seguida, ela limpou a garganta.

“Todos vocês, deixem-nos a sós.” Disse ela.

A comitiva retirou-se da sala, com exceção de Kendrick, Reece e Godfrey, os quais trocaram um olhar confuso.

“O que é que você tem a dizer para Thor que você não pode dizer na frente de seus próprios filhos?”

Godfrey perguntou.

A rainha acenou com a cabeça.

“Esse não é assunto de vocês.” Disse ela firmemente. “Deixem-nos a sós agora.”

Os três lentamente se viraram e saíram, fechando a porta atrás de si.

Thor e a rainha ficaram ali, sozinhos, um de frente para o outro. O coração de Thor batia ainda mais enquanto ele estava diante dela,

querendo saber que calamidade terrível poderia ter sobrevindo a Gwen.

Thor não suportou mais: ele correu em direção a ela e gritou: "Responda-me! Onde ela está? Ela está viva?"

A rainha acenou com a cabeça sombriamente.

"Sim, ela está viva."

O coração de Thor foi invadido por um grande alívio. Isso era tudo o que ele precisava ouvir.

"Onde está ela?" Insistiu ele.

"Longe daqui." Respondeu ela. "Ela fugiu para a Torre de Refúgio. Nos confins do Sul do Anel."

Thor olhou para ela, totalmente confuso.

"A Torre de Refúgio?" Ele perguntou.

"É um lugar para aqueles que necessitam recuperar-se da calamidade. Para aqueles que decidem fazer um juramento e retirar-se desse mundo."

Thor deu passo à frente e agarrou o pulso da rainha em um gesto de frustração.

"Não dê mais voltas! Diga-me!" Gritou ele, sua voz ficou ecoando pelas paredes.

A rainha baixou os olhos e Thor pôde ver que eles estavam úmidos. Ela respirou fundo.

"Gwendolyn foi atacada." Ela disse categoricamente. "Estuprada. Pelos homens de Andronicus."

Ao ouvir suas palavras, Thor soltou o pulso dela, ele ficou boquiaberto, em estado de choque, sua respiração ficou cortada em seu peito. Ele ficou parado ali, todo o seu corpo ficou frio e ele mal podia respirar.

"Ela não é mais a Gwendolyn que você conheceu." Disse ela. "Ela está amargurada. Com o espírito e a alma abatidos. Ela vive. Mas seu espírito não."

Thor ficou parado ali, sua mente dava voltas, aturdida com a notícia. Ele queria ferir a si mesmo, meter sua espada em seu próprio coração. Ele estava tão oprimido pela culpa, por não estar ali para poupá-la daquela tragédia.

“Ela anseia por você.” Disse a rainha. “Mas ela acredita que devido ao que aconteceu com ela, você vai deixar de amá-la.”

Thor enrubesceu.

“Isso é ridículo.” Disse ele. “É claro que eu a amo. Eu a amo da mesma maneira. Eu a amo ainda mais do que antes. Por que isso mudaria meus sentimentos por ela? Que tipo de homem você acha que eu sou?”

“Eu disse a ela.” Disse a rainha. “Mas ela não acreditou em mim.”

Thor abanou sua cabeça.

“Meu amor por ela é tão forte quanto sempre foi. É ainda mais forte.”

“Mas você não estava aqui para dizer isso a ela com suas próprias palavras, não é mesmo?” Perguntou a rainha. “Então ela se foi. Para ingressar na Torre.”

“Então eu vou encontrá-la!” Thor disse já se preparando para partir.

“Ela não vai ouvi-lo.” Disse a rainha. “Aqueles que entram na Torre jamais saem. Eu receio que Gwendolyn esteja perdida para você.”

“*Nada* está perdido, jamais.” Disse Thor. “Você é uma mulher derrotada. Uma viúva. Uma pessimista. Eu sou jovem e forte. Meu amor por ela vai trazê-la de volta.”

A rainha sorriu ironicamente.

“E você é um otimista.” Ela respondeu. “Além de ingênuo. Você não entende a perspectiva de uma mulher.”

“Eu não necessito entender.” Disse Thor. “Eu sei quem Gwendolyn é. Eu sei quem eu sou. E eu sei o que nós temos. Nós podemos superar tudo isso. Isso não quer dizer nada.”

Thor não queria ouvir mais as imprecisões daquela mulher amargurada; ele virou-se e preparou-se para sair da sala, foi quando de repente, algo lhe ocorreu, então ele virou-se para encarar a rainha.

“Por que não quer que Gwendolyn e eu estejamos juntos?” Insistiu ele.

A princípio, ela olhou para ele sem expressão, mas logo depois ela desviou o olhar.

Thor deu um passo adiante, precisando saber. Ele sabia que havia algo que ela estava escondendo dele.

“A Espada.” Ele pressionou-a, sentindo-a pulsar na palma da sua mão. “A lenda diz que apenas um MacGil pode erguê-la.”

Ela se recusava a olhar para ele, então ele sentiu que estava ficando mais perto da verdade.

“É isso então? É por isso que não me quer perto dela? Eu sou um MacGil? O rei MacGil era meu pai? Gwendolyn é minha irmã?”

A rainha olhou diretamente para ele e, finalmente, virou-se.

Thor deu um passo adiante, a ponto de perder a paciência.

“RESPONDA- ME!” Ele gritou agitado com tantas emoções misturadas.

A rainha olhou para ele lentamente, em silêncio.

“O rei MacGil era o meu pai?” Thor repetiu lentamente, desesperado para saber.

Ela olhou para ele, os olhos dela eram vazios e frios.

“Não.” Ela finalmente disse, sem rodeios.

Thor ficou paralisado, ele foi pego totalmente de surpresa. Ele não esperava aquela resposta. Ele ficou profundamente aliviado ao saber que não estava aparentado com Gwendolyn, isso era algo que ele havia estado temendo desde que tinha sido capaz de manejar a espada. Ele sentiu que finalmente estava conhecendo a verdade.

“Então quem é?” Ele insistiu.

Ela desviou os olhos.

“Eu tenho o direito de saber quem é meu pai, seja ele quem for. Por favor. Diga-me.” Ele rogou baixinho, exausto.

Ela o fitou por um longo tempo e finalmente, proferiu uma palavra que fez os joelhos de Thor enfraquecer, uma palavra que mudaria sua vida para sempre:

“Andronicus.”





**JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!**



### **UM RITO DE ESPADAS**

#### **Livro #7 DA SÉRIE: O ANEL DO FEITICEIRO**

Em UM RITO DE ESPADAS (Livro #7 da série: O Anel do Feiticeiro), Thor luta com o seu legado, travando uma batalha interna para chegar a aceitar aquele que é seu pai enquanto deve decidir se revela seu segredo e que curso de ação ele deve tomar. De volta para casa no Anel, com Mycoples ao seu lado e a Espada do Destino em suas mãos, Thor está determinado a vingar-se do exército de Andronicus, libertar a sua pátria e, finalmente, propor casamento a Gwendolyn. Mas ele chega a descobrir que há forças ainda maiores do que a sua e que elas podem simplesmente colocar-se em seu caminho.

Gwendolyn retorna e se esforça para se tornar o governante que está destinada a ser, usando sua sabedoria para unir as forças díspares e expulsar Andronicus de uma vez por todas. Reunida com Thor e seus irmãos, ela se sente agradecida por uma trégua na violência e pela chance de comemorar sua liberdade. Mas as coisas mudam rapidamente, demasiado rapidamente e antes que ela perceba, sua vida é virada de cabeça para baixo novamente. Sua irmã mais velha, Luanda, presa de uma feroz rivalidade com ela, está determinada a lutar pelo poder, enquanto o irmão do Rei MacGil chega com seu próprio exército para tomar o controle do trono. Com espiões e assassinos por todos os lados, uma aguerrida Gwendolyn descobre que ser rainha não é tão seguro quanto ela pensou.

O amor de Reece por Selese finalmente tem a chance de florescer. Mas ao mesmo tempo, seu antigo amor reaparece e ele se vê dividido. Mas os tempos ociosos são logo superados pela batalha e Reece, Elden, O'Connor, Conven, Kendrick, Erec e até mesmo Godfrey devem enfrentar e superar as adversidades juntos se quiserem sobreviver. Suas batalhas os levarão para todos os cantos do Anel e derrubar Andronicus e salvar-se da destruição completa se convertem em uma corrida contra o tempo. Enquanto poderosas e inesperadas forças batalham pelo controle do Anel, Gwen percebe que ela deve fazer o que for preciso para encontrar Argon e trazê-lo de volta.

Em uma chocante reviravolta final, Thor aprende que, embora seus poderes sejam supremos, ele também tem uma fraqueza oculta — uma que poderá levá-lo a sua queda final.

Será que Thor e os outros liberarão o Anel e derrotarão Andronicus? Será que Gwendolyn se tornará a rainha que todos precisam que ela seja? O que será da Espada do Destino, de Erec, Kendrick, Reece e Godfrey? E qual é o segredo que Alistair está escondendo?

Com sua ambientação em um mundo sofisticado e sua caracterização de época, UM RITO DE ESPADAS é um conto épico sobre amigos e amantes, rivais e pretendentes, sobre cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, sobre atingir a maioria, corações partidos, decepção, ambição e traição. É uma história de honra e coragem, de destinos, de feitiçaria. É uma fantasia que nos leva a um mundo que nunca esqueceremos e que vai interessar a todas as idades e gêneros.



**UM RITO DE ESPADAS**  
**Livro #7 DA SÉRIE: O ANEL DO FEITICEIRO**





[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Amazon !](#)









[Ouçá](#) os livros da série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)  
[Audible](#)  
[iTunes](#)





Livros de Morgan Rice

**O ANEL DO FEITICEIRO**

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

**TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA**

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

**DIÁRIOS DE UM VAMPIRO**

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)





## **Sobre Morgan Rice**

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!